

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO:  
Conhecimento e Inclusão Social em Educação

Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi

**“MAS ELES TINHA QUE PÔR TUDO AÍ, Ó! ISSO TÁ ERRADO, UAI...  
SEIS... EU VOU MANDAR UMA CARTA PRÁ LÁ, QUE ELE NÃO TÁ  
FALANDO DIREITO, NÃO!”:**  
**Mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA,  
apropriando-se de práticas de numeramento escolares**

Belo Horizonte  
Faculdade de Educação  
Universidade Federal de Minas gerais  
2021

Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi

**“MAS ELES TINHA QUE PÔR TUDO AÍ, Ó! ISSO TÁ ERRADO, UAI...  
SEIS... EU VOU MANDAR UMA CARTA PRÁ LÁ, QUE ELE NÃO TÁ  
FALANDO DIREITO, NÃO!”:**

**Mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA,  
apropriando-se de práticas de numeramento escolares**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Educação Matemática

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Conceição  
Ferreira Reis Fonseca

Belo Horizonte  
Faculdade de Educação da UFMG  
2021

G878m  
T  
Grossi, Flávia Cristina Duarte Póssas, 1989-  
"Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado, uai... Seis... Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!" [manuscrito] : mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento escolares / Flávia Cristina Duarte Póssas Grossi. - Belo Horizonte, 2021. 304 f. : enc, il., color.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca.

Bibliografia: f. 266-280.

Apêndices: f. 281-299.

Anexos: f. 300-304.

1. Educação -- Teses. 2. Educação de adultos -- Teses. 3. Alfabetização de adultos -- Teses. 4. Aprendizagem de adultos -- Teses. 5. Idosos -- Mulheres -- Educação -- Teses. 6. Envelhecimento -- Mulheres -- Teses. 7. Idosos -- Mulheres -- Leitura -- Teses. 8. Idosos -- Mulheres -- Escrita -- Teses. 9. Matemática -- Estudo e ensino -- Teses. 10. Capacidade matemática -- Teses. 11. Educação de adultos -- Relações raciais -- Teses. 12. Educação de adultos -- Relações de gênero -- Teses.

I. Título. II. Fonseca, Maria da Conceição Ferreira Reis, 1962-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**  
Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**"MAS ELES TINHA QUE PÔR TUDO AÍ, Ó! ISSO TÁ ERRADO, UAI... SEIS... EU VOU MANDAR UMA CARTA PRÁ LÁ, QUE ELE NÃO TÁ FALANDO DIREITO, NÃO!": Mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento escolares.**

### **FLÁVIA CRISTINA DUARTE PÔSSAS GROSSI**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 26 de maio de 2021, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca - Orientador  
UFMG

Prof(a). Alda Britto da Motta  
UFBA

Prof(a). Filipe Santos Fernandes  
UFMG

Prof(a). Lúcia Helena Alvarez Leite  
UFMG

Prof(a). Lúcia Fernanda Pinheiro Barros  
UESC

Professora Dra. Rosimar de Fátima Oliveira  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação:  
Conhecimento e Inclusão Social - FAE/UFMG

Belo Horizonte, 20 de agosto de 2021.

*Dedico esta tese aos meus familiares e amigas/os, que me acompanharam, torceram por mim e não mediram esforços para que eu concluísse o meu processo de doutoramento.*

*À minha orientadora, com quem compartilhei este trabalho, aprendi a estudar e a escrever bonito, confidenciei desafios e alegrias da vida, e com quem partilhei muito afeto.*

*Às mulheres que dão vida, voz e boniteza a este trabalho, com quem aprendi a ressignificar meu próprio processo de envelhecimento aos trinta e dois anos de idade.*

*A todas as mulheres e a todos os homens que vivenciaram, e ainda vivenciam, diferentes processos de envelhecimento e que não tiveram acesso a algum tipo de escolarização, seja pela ausência de oportunidades ao longo da vida ou por não terem sobrevivido à pandemia causada pela Covid-19.*

## AGRADECIMENTOS

*“Só Deus pode pagar ocê tudo, tudo que ocê tá fazendo pela gente... Cês tá fazendo muito pela gente. Eu acho que a gente merece, né?” (Dona Cecília, 91 anos).*

Sou grata a todas as pessoas que, em algum momento, estiveram comigo e se fizeram presentes nessa longa jornada de vida, de trabalho, de doutorado e de produção desta tese. Envolvida e atravessada profundamente por um sentimento de gratidão, tomo emprestado os agradecimentos de Dona Cecília e agradeço, a *todas* e a *todos* por *tudo* o que fizeram por mim. Há momentos que, humildemente, *eu (não) acho que eu mereço, né?*

Muitos acreditam ou se esperançam (ou não) em forças superiores, espirituais, invisíveis ou energéticas... Essas forças, eu as considero e as chamo de *Deus*. Agradeço por ser aquela luz que aquece o meu espírito e me impulsiona a ser melhor a cada dia. Obrigada por, simplesmente, ser meu amigo invisível, mas tão vivo e tão presente!

Aos meus pais e irmão, *Ilza, Haroldo e Fernando*, que me ensinaram a ser uma mulher valente e corajosa e por me apoiarem nas minhas aventuras acadêmicas com tantas orações, palavras de encorajamento, almoços e lanches maravilhosos. Agradeço por me incentivarem e por investirem tempo, amor, cuidado, preocupação, atenção, conversas à mesa e recursos financeiros para que eu chegasse até aqui. Essas poucas linhas não são capazes de expressar o quanto sou grata por vocês existirem e por serem parte de mim. Amo vocês!

Ao meu esposo *Álvaro*, por ser o parceiro com quem decidi partilhar minha vida, meus sonhos, meus projetos, meus desafios, minhas angústias, minhas risadas e meu amor. Obrigada por me impulsionar, me encorajar e acreditar em mim... O modo como você encara a vida, com tanta leveza e paciência, me encanta.

Ao meu sobrinho *Pedro*, por ser o xodó da “*Titiááá...*” Obrigada por alegrar meus dias com suas brincadeiras, seus pedidos (“*Titiááá..., brinca comigo?*”) e suas gargalhadas envolventes... Agradeço pelo “*esforço que teve para não pegar esse coronavírus...*” Sua ingenuidade e sua sinceridade me fizeram e fazem reviver a criança que existe em mim.

À minha querida orientadora *Ção*, por tanta dedicação, generosidade, sabedoria e competência durante o desenvolvimento e a escrita da *nossa* tese. Seu comprometimento com a vida, com as pessoas mais vulneráveis, com a família, com a educação, com suas/eus alunas/os, com suas/eus orientandas/os e com as pessoas com quem convive e sua dedicação como mulher, filha, esposa, nora, mãe, sogra, amiga, professora, educadora, orientadora e pesquisadora muito me inspiram, e me ensinam... Agradeço por acreditar no meu potencial, por respeitar o meu tempo e minhas ideias com tanta delicadeza, por se preocupar comigo e com a minha família, por ouvir minhas inquietações, pelas gargalhadas compartilhadas, por me orientar com tanta firmeza, sabedoria e altruísmo, por me ensinar a fazer pesquisa com qualidade, ética e compromisso e por partilhar tantos conhecimentos e tantas *ilhas desconhecidas* que vão além do que está escrito nesta tese... Tenho muito orgulho de ter sido sua orientanda... Você é uma pessoa incrível!

À família da *Ção*, *Sérgio*, *Zé*, *Luciana*, *Chico* e às queridas *Vovós*, que também me acolheram com tanto carinho e partilharam comigo histórias, cafés, almoços, lanchinhos da tarde, receitas, placares de jogos e preciosas caronas... Agradeço pela compreensão de vocês, quando o almoço ou o lanchinho “*da vó*” atrasavam, porque *Ção* e eu estávamos trabalhando, e quando as manhãs, tardes, noites, finais de semana e feriados foram dedicados à conclusão deste trabalho. *Sérgio* e *Ção*, vocês têm a virtuosidade de nos permitir *tornar nossa* a sua família!

À família GEN, *Celeste*, *Sônia*, *Denise*, *Paula Miranda*, *Viviane*, *Josiane*, *Paulinha*, *Ruana*, *Ana Rafaela*, *Fernanda*, *Aliene*, *Raquel*, *Diana*, *Ilaine*, *Felipe*, *Gabriel*, *Rodrigo*, *Gildelson*, *Edmara*, *Kyrleys*, *Juliana*, *Daniel*, *Thaís*, *Carla* e *Michelle*, com quem convivi e aprendi, em algum momento, ao longo desses quatro anos de doutorado. Agradeço os cafés, os almoços, as saborosas sobremesas e as boas risadas compartilhadas à mesa, sempre carregados de inquietações, reflexões, conhecimentos e experiências que o doutorado nos oportunizam, viabilizam, possibilitam, mas também interdita. Nossos encontros foram muito preciosos e regados de muito pão de queijo e café... Vocês são, as/os companheiras/os que também *tornei minhas/eus amigas/os*... Vocês são, realmente, GENiais!

Às amigas *Ilaine*, *Diana* e *Raquel*, com quem partilhei angústias, expectativas e muitas alegrias. Meninas, obrigada pelas conversas, pelo apoio, pela paciência, pelas mensagens de preocupação sempre carregadas com muito carinho. *Ilaine*, obrigada por me acolher em sua casa, por me ouvir, por ter me ensinado a apreciar a culinária japonesa e pelas caminhadas na Lagoa que sempre terminavam com saborosos lanchinhos e com boas gargalhadas... *Diana*,

obrigada pelas aulas de espanhol, pelas mensagens tão carinhosas e pela torcida direto da Colômbia... *Raquel*, obrigada por sua sensibilidade para com a vida, para com o próximo e para comigo. Que a distância não separe o que construímos ao longo desses anos...

Às companheiras *Alana, Cleide, Luciana, Luíza, Mariane, Nayara, Niusarte, Raquel, Renata, Thaís* e aos companheiros *Rodrigo, Gildelson, Warley, Fernando e Felipe*, pelos cafés e almoços que nos aproximaram, pelas conversas calorosas, algumas delas angustiantes, mas repletas de afetos que tivemos em disciplinas, nos seminários da linha de pesquisa e nos corredores da FAE. Partilhar com algumas e alguns de vocês a organização do *XXII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-graduação em Educação Matemática* foi fabuloso. Obrigada pela aventura de, *juntos*, fazermos esse evento acontecer. Vocês são demais!

Às *professoras e aos professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais*, que tive o privilégio de conhecer e conviver em disciplinas, cursos e palestras. Agradeço pelos conhecimentos e aprendizagens compartilhados em aulas maravilhosas. De modo especial, agradeço às professoras e aos professores do DEMAT da FAE/UFMG e da linha de pesquisa em educação matemática do PPGE, *Manuela, Samira, Ção, Maria Laura, Vanessa, Terezinha, Jussara, Keli, Ilaine, Carolina, Wagner e Filipe*, com quem compartilhei muitas reflexões e inquietações sobre o ensino e a aprendizagem da matemática escolar. Obrigada pelas disciplinas ministradas, pelas reuniões conduzidas e pelas conversas tão afáveis e carinhosas. Este texto carrega muito das compreensões que construí junto com vocês, a partir de suas colocações e provocações ao longo desse doutorado.

Ao *Programa de Incentivo à Formação Docente (PIFID)*, que me concedeu a oportunidade de atuar como monitora e professora na *Licenciatura em Educação do Campo*. Agradeço às/aos *professoras/es, coordenadoras/es, monitoras/es, licenciandas e licenciandos*, por terem contribuído significativamente para minha formação acadêmica e profissional. De modo especial e carinhoso, agradeço, às *formandas* e aos *formandos* da turma da Matemática 2020, *turma Vilarejo*, que com seus cantos e encantos me fizeram refletir sobre outras matemáticas e sobre outros modos de ser professora. Agradeço às professoras *Ção, Keli, Álida, Fátima e Isabel*, aos professores *Filipe, Wagner e Geraldo* e a tantas/os outras/os professoras/es por se engajarem na luta pela Educação do/no Campo.

À *professora Guita Debert* e ao *professor Filipe Fernandes*, que com suas provocações, reflexões e trocas no exame de qualificação contribuíram para a finalização deste trabalho. De modo especial, agradeço ao *professor Filipe* por colaborar com esta tese desde o seu início, quando era, ainda, apenas um projeto de pesquisa. *Filipe*, agradeço suas sugestões, seus conselhos e sua sensibilidade para com este trabalho e por contribuir de modo significativo para minha formação.

Às professoras *Alda Motta*, *Lucia Fernanda*, *Lucinha*, *Fernanda Silva* e *Denise Araujo* e ao professor *Filipe Fernandes*, que gentilmente aceitaram o nosso convite para ler esta tese e, assim, compor a banca de sua defesa. Obrigada pelas reflexões e sugestões que servirão para uma melhor compreensão de nosso objeto de estudo.

Ao diretor do Instituto Amigos do Bem Coletivo, *Luciano do ABC*, que viabilizou a realização desta investigação. Sua história, sua força, sua energia, sua sensibilidade para com as pessoas necessitadas e vulneráveis e sua disposição para auxiliá-las e por seguir lutando pela EJA, no município de Barroso, fizeram e fazem a minha admiração por você e por seu trabalho. Agradeço seu empenho e dedicação para com a população barrosense.

À professora *Vanessa*, por ter sido uma grande parceira desta investigação. Obrigada por elaborar e proporcionar atividades tão ricas em conteúdos, aprendizagens e conhecimentos. A seriedade e o compromisso com que conduziu suas aulas possibilitaram às mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, experiências e oportunidades para o protagonismo de novas vivências.

Às mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, *Ana Maria*, *Aparecida*, *Dona Cecília*, *Dona Idalina*, *Dona Irene*, *Dona Joana*, *Dona Leonídia*, *Dona Rosa*, *Dona Terezinha*, *Dona Zélia*, *Edilsea* e *Olga*, que protagonizam o papel principal desta tese. Obrigada pela acolhida carinhosa e por, gentilmente, me possibilitarem conhecer e partilhar suas histórias de vida e seus modos de envelhecer e de apropriar de práticas matemáticas escolares.

À corretora deste trabalho *Danúbia*, pelo empenho em corrigir a gramática desta tese. Agradeço por seu trabalho e sugestões.

Às/aos *servidoras/es* e às/aos *técnicas/os administrativas/os* da Faculdade de Educação e do PPGE/FaE, pelos auxílios e pelos sorrisos diários.

À *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* e ao *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)*, por financiarem esta tese em diferentes momentos. Espero que as/os governantes do nosso país reconheçam a importância de financiar pesquisas e pesquisadoras/es, ampliando recursos e investimentos na Ciência, na Educação, na formação de professoras/es, na formação de estudantes, na Educação Básica, no Ensino Superior e na EJA.

*E agora, Maria?*

*A festa acabou, o tempo passou, a casa esvaziou, os filhos se foram, a noite esfriou.*

*E agora, Maria? E agora, você?*

*O corpo reclama, a dor aparece, as rugas insistem, a pele envelhece.*

*Que dura rotina, malhar é preciso.*

*As roupas apertam, as dobras resistem, visíveis elas são.*

*E agora, Maria?*

*Menstruação já não há, marcando um ciclo no corpo vivido que já encerrou.*

*O medo aparece.*

*De afetar a libido, de não ser desejável aos olhos do amor.*

*O que mais trará essa fase da vida?*

*E agora, Maria?*

*A casa silente, sem vozes e risos.*

*As crianças cresceram, os jovens se foram fundar seu destino, formar gerações.*

*Só resta saudade dos tempos vividos, da alegria reinante que já não há mais.*

*E agora, Maria?*

*Que nostalgia, seus dias vão nublar, esperando o sol pra sua face brilhar?*

*A noite esfriou, a cama também, o ninho vazio só trouxe o amém?*

*A espera da noite, sem sonhos viver?*

*E agora, Maria?*

*Esse tempo precioso, novo ciclo anunciam e não queira despedir da plenitude, Maria.*

*A beleza madura requer um novo olhar pra dentro da alma e cada ruga valorizar.*

*Ressignificar histórias, vitórias contar e caminhar para o alvo.*

*Para onde, Maria? Qual seu alvo alcançar? Para onde, Maria?*

*A escolha é sua.*

*Para onde irá? Pra onde, Maria?*

*Ah, Maria, Deus traz vitalidade e renova o seu ser.*

*Não importa a idade, seu Espírito habita em você.*

*Refrigera a sua alma, faz seu sorriso aflorar.*

*Resgatando a alegria que os céus sempre têm para lhe dar.*

*Você é muito preciosa, Maria.*

*Em todas as fases da vida seu valor é inigualável.*

*Você é plena, Maria.*

*Plenitude que se eterniza na ativação da memória de cada momento vivido.*

*Em plenitude, nessa fase, é sua graça, é seu milagre.*

*Você é plena, Maria.*

Ilma Cunha

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender os modos pelos quais mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA) se apropriam de práticas de numeramento escolares. Consideramos essa apropriação como instância de sua expressão, e de sua continuada constituição, como mulheres de aprendizagens e de conhecimentos, de vivências e de cultura, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas. Analisamos suas participações nas interações discursivas que acontecem numa turma de alfabetização de um projeto alternativo de educação, conhecido como Instituto ABC (Instituto Amigos do Bem Coletivo), em Barroso, MG, que lhes oferece educação escolar, na modalidade EJA. Acompanhamos 12 mulheres alfabetizadas, durante o ano letivo de 2018, em observação participante, e em entrevistas semiestruturadas, a fim de conferir à pesquisa uma lógica de estudo etnográfico de sala de aula. O registro das aulas foi feito em áudio, em vídeo e em apontamentos em diário de campo; as entrevistas foram gravadas apenas em áudio. Focalizamos, em especial, as interações provocadas, intencionalmente, pela ação pedagógica da professora responsável pela turma em questão, ao trabalhar em sala de aula o gênero discursivo rótulo e as informações que ele veicula, em particular, aquelas que envolvem processos de apropriação de conceitos, ideias, procedimentos, regras e valores relativos à leitura e ao registro do sistema linguístico de datação dos prazos de validade. Nas análises, tensionamos perspectivas sobre os processos de envelhecimento e envelhecimento feminino, bem como focalizamos as mulheres em processo de envelhecimento como público de projetos educativos. Além disso, identificamos processos de produção de significados nas táticas e ações sociais que as alfabetizadas assumem em seus posicionamentos discursivos *de* e *sobre* matemática nas interações na sala de aula, tensionando nossa compreensão sobre a relação que essas mulheres estabelecem com seu próprio processo de envelhecimento e com sua experiência escolar, como sujeitos coletivos. Assim, vemos que os processos de apropriação de práticas de numeramento escolares, protagonizados por essas mulheres, apresentam-se configurados não apenas em relações geracionais, mas também de gênero, raciais, econômicas e institucionais, estabelecendo, assim, possibilidades e interdições que demandam lutas e transgressões, confrontam referências e discursos, assim como marcam os modos de significar a cultura letrada.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Mulheres idosas e em processo de envelhecimento; Escolarização de pessoas idosas na EJA; Apropriação de práticas de numeramento escolares; Leitura e escrita de prazos de validade em rótulos; Aprendizagem.

## ABSTRACT

This study aims to understand how aging women, in the process of aging, literacy students at Youth and Adult Education Program (YAE) appropriate school numeracy practices. We consider this appropriation as an instance of their expression and their continuous constitution as women of learning and knowledge, of life experiences and culture, of memories and forgetfulness, of rights and expectations. We analyze their participation in the discursive interactions that take place in a literacy class of an alternative education project, known as ABC Institute, in the city of Barroso, Brazil, which offers YAE. We followed 12 women in literacy process, during the academic year of 2018, using participant observation, and semi-structured interviews, aiming to adopt ethnography as the research logic of this classroom study. The classes were recorded in audio and video and in field notes; the interviews were only recorded in audio. We focus on the classroom interactions intentionally caused by the teacher when working the discursive genre label and the information it conveys. In particular, we analyzed those involving appropriation of concepts, ideas, procedures, rules, and values related to read and register the linguistic system used to write expiration dates. In the analyzes, we tension perspectives on aging and female aging processes, and we look at aging women as educational projects subjects. Furthermore, we identified processes of meaning production in the tactics and social actions, students assume in their discursive positions *of* and *about* mathematics when interacting in the classroom. It tensions our understanding about the relationship these women, as collective subjects, establish with their own aging process and their school experience. Thus, we see the processes of appropriation of school numeracy practices carried out by these women as established through generational relations, as well as in gender, racial, economic and institutional relations. These provide possibilities and interdictions, which demand struggles and transgressions, confronting references and discourses, marking the ways of signifying literate culture.

**Keywords:** Aging; Elderly and aging women; Schooling of elderly people at YAE; Appropriation of school numeracy practices; Reading and writing expiration date on labels; Learning.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|           |                                                                      |
|-----------|----------------------------------------------------------------------|
| ABC       | Alfabetizando pelo Bem da Cidadania                                  |
| Anvisa    | Agência Nacional de vigilância Sanitária                             |
| BNCC      | Base Nacional Comum Curricular                                       |
| BPC       | Benefício de Prestação Continuada                                    |
| CAPES     | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior          |
| CBO       | Conselho Brasileiro de Oftalmologia                                  |
| CEB       | Câmara de Educação Básica                                            |
| CNE       | Conselho Nacional de Educação                                        |
| CNPq      | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico        |
| CONFINTEA | Conferência Internacional de Jovens e Adultos                        |
| CRAS      | Centro de Referência de Assistência Social                           |
| EJA       | Educação de Jovens e Adultos                                         |
| Encceja   | Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos |
| FaE       | Faculdade de Educação                                                |
| FUNDEB    | Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica             |
| IBGE      | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                      |
| INAF      | Indicador de Alfabetismo Funcional                                   |
| INPS      | Instituto Nacional de Previdência Social                             |
| INSS      | Instituto Nacional de Seguro Social                                  |
| IPCA      | Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo                        |
| IPTU      | Imposto Predial e Territorial Urbano                                 |
| LDB       | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional                       |
| LOAS      | Lei Orgânica de Assistência Social                                   |
| MEC       | Ministério da Educação                                               |
| ONU       | Organização das Nações Unidas                                        |
| PBA       | Programa Brasil Alfabetizado                                         |
| PIFID     | Programa de Incentivo à Formação Docente                             |
| PNAD      | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio                           |
| PPGE      | Programa de Pós-graduação em Educação                                |
| PSL       | Partido Social Liberal                                               |
| SEMED     | Secretaria Municipal de Educação                                     |

|         |                                                                                          |
|---------|------------------------------------------------------------------------------------------|
| SSVP    | Sociedade São Vicente de Paulo                                                           |
| TCLE    | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido                                               |
| UFJF    | Universidade Federal de Juiz de Fora                                                     |
| UFMG    | Universidade Federal de Minas Gerais                                                     |
| UFSJ    | Universidade Federal de São João del-Rei                                                 |
| UNESCO  | Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura                           |
| Vigitel | Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico |

## LISTA DE FIGURAS

|           |                                                                                                                                     |     |
|-----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1  | As alfabetizadas na EJA dão “ <i>um tchauzinho</i> ” para a câmera .....                                                            | 94  |
| Figura 2  | Cabeçalho do quadro de Organização das aulas observadas .....                                                                       | 116 |
| Figura 3  | Imagem da tabela de Organização das aulas observadas .....                                                                          | 118 |
| Figura 4  | Logo do Instituto ABC .....                                                                                                         | 127 |
| Figura 5  | Frente da sede do Instituto ABC .....                                                                                               | 135 |
| Figura 6  | Lateral da sede do Instituto ABC .....                                                                                              | 135 |
| Figura 7  | Desenho esquemático do interior da sede do Instituto ABC .....                                                                      | 136 |
| Figura 8  | Frente da sala de aula e lateral esquerda .....                                                                                     | 137 |
| Figura 9  | Frente da sala de aula e lateral direita .....                                                                                      | 137 |
| Figura 10 | Fundo esquerdo da sala de aula .....                                                                                                | 137 |
| Figura 11 | Fundo direito da sala de aula .....                                                                                                 | 138 |
| Figura 12 | Desenho esquemático da sala de aula .....                                                                                           | 139 |
| Figura 13 | Foto do rótulo do bolo de banana impresso na folha distribuída pela professora .....                                                | 169 |
| Figura 14 | Edilsea retira o primeiro envelope do quadro contendo a informação validade .....                                                   | 110 |
| Figura 15 | Com o auxílio da professora, as estudantes localizam o prazo de validade no rótulo impresso do bolo de banana industrializado ..... | 174 |
| Figura 16 | As estudantes analisam os rótulos nas embalagens dos produtos .....                                                                 | 187 |
| Figura 17 | Dona Joana observa a embalagem do macarrão .....                                                                                    | 212 |
| Figura 18 | Dona Cecília retira o latão de cerveja da gôndola .....                                                                             | 242 |
| Figura 19 | Dona Cecília faz a leitura do prazo de validade na embalagem da massa de tomate .....                                               | 243 |
| Figura 20 | Dona Cecília faz a leitura do prazo de validade na embalagem da cerveja .....                                                       | 243 |
| Figura 21 | Dona Cecília e Olga se aproximam da lata de cerveja .....                                                                           | 243 |
| Figura 22 | Dona Terezinha faz a leitura do prazo de validade do adoçante .....                                                                 | 247 |
| Figura 23 | Dona Joana faz propaganda do supermercado .....                                                                                     | 249 |
| Figura 24 | Dona Cecília ensina as colegas a fazer canudos de doce de leite .....                                                               | 255 |

## LISTA DE QUADROS

|           |                                                                                                                                                                       |     |
|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1  | Perguntaram se eu morava na cidade de Barroso e quem eram meus pais<br>.....                                                                                          | 103 |
| Quadro 2  | <i>“Isso nunca aconteceu comigo na escola e, agora, no final da vida, aparece essas coisas.”</i> .....                                                                | 104 |
| Quadro 3  | <i>“Na minha casa ninguém me manda.”</i> .....                                                                                                                        | 106 |
| Quadro 4  | Dona Joana disse que mostrará para os filhos quando eles forem na casa dela .....                                                                                     | 106 |
| Quadro 5  | Ela entendeu que as imagens serão transmitidas na TV .....                                                                                                            | 106 |
| Quadro 6  | Conteúdos e atividades das aulas durante o ano letivo de 2018 .....                                                                                                   | 110 |
| Quadro 7  | Legenda de cores dos marcadores sociais e das discussões relacionadas à escolarização de pessoas em processo de envelhecimento identificados nos eventos .....        | 120 |
| Quadro 8  | <i>“Agora eu te pergunto, em que ano que nós tá?”</i> .....                                                                                                           | 131 |
| Quadro 9  | <i>“A hora que nós formar, nós morre.”</i> .....                                                                                                                      | 133 |
| Quadro 10 | Perfil das mulheres alfabetizadas na EJA .....                                                                                                                        | 143 |
| Quadro 11 | <i>“Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: “Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?”</i> .....                                                                    | 170 |
| Quadro 12 | <i>“É igual fazer arroz, feijão e carrão.”</i> .....                                                                                                                  | 187 |
| Quadro 13 | <i>“Pois é ... E o macarrão? Sumiu?”</i> .....                                                                                                                        | 204 |
| Quadro 14 | <i>“Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!”</i><br>.....                                                                                | 207 |
| Quadro 15 | <i>“Porque não presta atenção nesses produtos. Tem validade também, né?”</i> .....                                                                                    | 222 |
| Quadro 16 | <i>“Da cerveja, cês não quer tirar a validade não?”</i> .....                                                                                                         | 232 |
| Quadro 17 | <i>“Tem doce diet, mas eu não gosto de doce diet. Eu gosto do verdadeiro... Chocolate é a melhor coisa que tem na vida... Mais melhor, é o que não é diet.”</i> ..... | 250 |
| Quadro 18 | <i>“A gente come aquele arroz o ano inteiro. Ele não sai da validade não? Pila, soca no pilão...”</i> .....                                                           | 259 |

# SUMÁRIO

## ABERTURA

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| <b>PASSAGEIRAS DA MANHÃ: DE CASA PARA A EJA</b> ..... | 20 |
|-------------------------------------------------------|----|

## CAPÍTULO 1

|                                                                                                                                              |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA</b> .....                                                                                              | 49 |
| 1.1 Aproximação do objeto .....                                                                                                              | 49 |
| 1.2 Mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA .....                                                                       | 57 |
| 1.2.1 <i>Envelhecimento</i> .....                                                                                                            | 62 |
| 1.2.2 <i>Envelhecimento feminino</i> .....                                                                                                   | 67 |
| 1.2.3 <i>Envelhecimento e Educação: aprendizagem e conhecimento, vivência e cultura, memória e esquecimento, direito e expectativa</i> ..... | 70 |
| 1.2.4 <i>Apropriação de práticas de numeramento escolares por mulheres em processo de envelhecimento</i> .....                               | 79 |

## CAPÍTULO 2

|                                                                                        |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>“TRABALHO” METODOLÓGICO</b> .....                                                   | 85  |
| 2.1 Um estudo etnográfico da sala de aula .....                                        | 85  |
| 2.2 A produção do material empírico .....                                              | 90  |
| 2.3 Preparação e início do trabalho de campo .....                                     | 99  |
| 2.3.1 <i>As negociações para a entrada da pesquisadora no campo</i> .....              | 99  |
| 2.3.2 <i>O início das observações e as questões éticas da pesquisa</i> .....           | 102 |
| 2.4 As aulas observadas .....                                                          | 110 |
| 2.5 O tratamento do material empírico .....                                            | 115 |
| 2.6 Identificação de eventos de apropriação de práticas de numeramento escolares ..... | 118 |

## CAPÍTULO 3

|                                                                     |     |
|---------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>O CAMPO E AS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA</b> .....        | 121 |
| 3.1 O Instituto ABC .....                                           | 122 |
| 3.1.1 <i>História e princípios do Instituto ABC</i> .....           | 122 |
| 3.1.2 <i>Organização e funcionamento escolar do Instituto</i> ..... | 128 |
| 3.1.3 <i>A sala de aula investigada</i> .....                       | 134 |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.2 As mulheres participantes da pesquisa .....                                                                                                                                                                                                                                                     | 140 |
| 3.2.1 <i>Caracterizando as mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA</i> .....                                                                                                                                                                                                   | 142 |
| 3.2.2 <i>As alfabetizadas na EJA do Instituto ABC</i> .....                                                                                                                                                                                                                                         | 145 |
| <br>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |     |
| <b>CAPÍTULO 4</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                   |     |
| <b>MULHERES EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO, ALFABETIZADAS NA EJA, APROPRIANDO-SE DE PRÁTICAS DE NUMERAMENTO ESCOLARES</b> .....                                                                                                                                                                      | 166 |
| 4.1 <i>“Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’”</i> : relações pragmáticas nas práticas de leitura de prazos de validade por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA .....                                                       | 169 |
| 4.2 <i>“Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado uai... Seis... Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!”</i> : localização, integração, elaboração e apreciação nas práticas de leitura de mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA ..... | 186 |
| 4.3 <i>“Nós dois tá com a cabecinha branquinha, né?”</i> : aprendizagens, conhecimentos, vivências, culturas, memórias, esquecimentos, direitos e expectativas na apropriação de práticas de numeramento por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA .....                     | 220 |
| <br>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |     |
| <b>CODA</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                         |     |
| <b>NA CERTEZA DE QUE NÃO TERMINAMOS POR AQUI..</b> .....                                                                                                                                                                                                                                            | 258 |
| <br>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |     |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                                                                                                                                                                                                                                                            | 267 |
| <b>APÊNDICES</b> .....                                                                                                                                                                                                                                                                              | 282 |
| <b>ANEXOS</b> .....                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 301 |

## ABERTURA

### PASSAGEIRAS DA MANHÃ: DE CASA PARA A EJA<sup>1</sup>

*Mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, falam de si<sup>2</sup>...*

*Ana Maria<sup>3</sup>, 56 anos*

*Eu tenho cinquenta e seis anos. Nasci na cidade de Dores de Campos e mudei pra Barroso, porque lá em Dores não tinha recursos. Aqui em Barroso tinha médico. De primeiro, as pessoas que passava mal tinha que vir pra cá.*

*A gente era doze irmãos. Agora tem cinco homens e três mulheres. Eu sou a caçula das mulheres. Tenho irmão que não mora em Barroso. Do meu pai eu lembro muito pouco, porque ele morreu de acidente, o ônibus passou por cima dele. Eu tinha sete anos. Ele vendia calçado, assim, com o próprio cavalo. Ele vinha em casa de cinco em cinco, de seis em seis meses. Minha mãe que cuidava da gente. Ela faleceu tem vinte e quatro anos. Depois eu fui morar com a minha irmã. Hoje, eu tenho a minha casa perto da dela.*

*Eu nunca trabalhei fora, só em casa. Agora, meus irmãos e minhas irmãs trabalharam. Hoje em dia, eu recebo a pensão da minha mãe e cuido das contas de casa.*

*Minha mãe e meu pai chegou a estudar, mas não puderam continuar porque era difícil. Os meus irmãos estudou, só eu que não, mas eu tinha vontade de estudar. Todos eles foram pra escola. Meu irmão caçula fez faculdade, mas não sei o curso que ele fez.*

*Minha mãe me matriculou no Grupo Santana [refere-se a uma Escola Estadual no Município de Barroso], porque a gente morava pertinho de lá e meu irmão me levava pra escola todos os dias. Só que eu dei hepatite e minha mãe me tirou da escola. Eu não pude continuar.*

*Nessa época, minha professora era a Terezinha e a gente ganhava livro pra escrever. Como eu não podia comprar lápis e caderno, porque tinha um pouco de dificuldade – meu irmão pagava aluguel pra gente –, aí a escola dava material.*

*As aulas eram boas, as pessoas conversava, fazia amizade. Quando tinha dever de casa, a minha irmã me ajudava. Quando eu saí da escola, eu tava na primeira série. Achei ruim de ter saído, porque eu ia aprender ao menos a ler um pouquinho.*

---

<sup>1</sup> Parafraseamos aqui o título do livro de Miguel Arroyo (2017): “Passageiros da noite: do trabalho para a EJA – Itinerários pelo direito a uma vida justa.”

<sup>2</sup> As narrativas que compõem a abertura deste trabalho foram construídas a partir de fragmentos de entrevistas e conversas realizadas com as mulheres participantes desta pesquisa. As informações sobre o roteiro das entrevistas e suas condições de produção serão apresentadas nos capítulos 2 e 3 desta tese.

<sup>3</sup> As/os participantes desta pesquisa autorizaram a utilização de seus verdadeiros nomes por meio de suas assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

*Antes de começar a estudar no Instituto ABC, foi umas três senhoras que eu não conheço na minha casa. Bateu na minha porta e falou: "Aí moça, estuda lá naquela escolinha lá embaixo. Vai ser bom procê, vai arejar a cabeça, vai ser bom procê". Ai eu falei: "Ah, não vou não". Depois, a Lourdes lá do Quintanilha [refere-se a um povoado da zona rural pertencente ao Município de Barroso], que já estudou no Instituto, é quem me trouxe pra cá. Ela é uma conhecida minha e falou assim: "Você vai, você vai, você vai". Eu falei: "Eu vou, eu decidi. Eu vou porque pelo menos o meu nome, eu vou aprender". Eu tenho dificuldade, mas quem sabe? Eu vou aprender.*

*Eu tava falando com uma pessoa que eu não conheço, que tudo tem o tempo de Deus, que Deus permite, né? Ele permitiu a pessoa me convidar preu vir pra aprender.*

*Voltei a estudar em dois mil e quinze, minha irmã foi que me trouxe. No primeiro dia, conversei com o Luciano<sup>4</sup>, mas eu ficava mais de cabeça baixa, eu ficava com vergonha. Depois que eu fui apanhando amizade, fui conversando. Eu cheguei aqui morrendo de vergonha e falei: "Quem que é o Luciano?" Ele falou: "É eu". Eu falei: "Eu nunca fui em escola não". Eu não sabia assinar o meu nome, o Luciano que me ensinou. Eu não conversava muito com as pessoas, eu ficava mais em casa. Agora eu já saio, já converso, comunico mais com as pessoas. Aqui eu encontrei uma família, eu tô aprendendo e fiz amizade.*

*Eu pejo pra aprender a ler e gosto de escrever. A professora é muito boa. Eu acho mais difícil copiar as palavras, porque tenho dificuldade. A aula de português é mais fácil e na aula de matemática, eu também gosto de escrever. Eu acho difícil as contas. Eu gosto das tarefas pra casa e tento fazer sozinha. Agora, das provas, eu gosto mais ou menos... Mas é muito bom aprender.*

*Quando não tem aula, acho ruim, porque a gente acostuma com as amizades que a gente faz. Nesse ano de dois mil e dezoito, aprendi muita coisa no Instituto. Eu acho que melhorei um pouco na escrita, apesar de ter um pouco de dificuldade. Pretendo continuar estudando, se Deus quiser! Eu quero aprender, tem que estudar mais. Minha família dá o maior apoio preu continuar. Eu falo com eles que eu vou sair, mas eles acha ruim.*



### ***Aparecida, 56 anos***

*Eu nasci no arraial Matias, do Município de Prados, hoje é chamado de Caxambu de Cima. Depois que arrumei um namorado e casei. Me mudei pra cidade de Dolores de Campos.*

---

<sup>4</sup> Luciano Nogueira é o nome social do fundador e atual diretor do Instituto ABC. Ele autorizou que seu verdadeiro nome fosse utilizado na pesquisa. No capítulo 3, contaremos parte da sua história que está diretamente associada à criação e à fundação do Instituto ABC.

*A minha infância foi pesada, porque a minha mãe me colocava pra trabalhar, mas trabalhar mesmo. Meus irmãos trabalhava fora pra ganhar dinheiro e ajudar em casa. A nossa bonequinha era de sabugo de milho. Depois a gente ganhou umas bonecas do povo rico: aquilo pra gente foi uma riqueza.*

*Meu pai aposentou trabalhando na prefeitura. A minha mãe trabalhava e se dedicava, colocando a gente pra trabalhar do lado dela. Tudo o que eu sei hoje e que eu sou hoje – a sinceridade, o capricho, a honestidade e o respeito –, a minha mãe ensinou muito. Ela não deixava a gente dar sopa: colocava a gente junto com ela. Agora, a minha irmã já pegou um tempo melhor, porque é mais nova do que eu. Eu sou a mais velha das minhas irmãs.*

*Meu pai não estudou e nem minha mãe. Mas a minha mãe sabia fazer conta. Ela falava com a gente: "Eu nunca fui numa sala de aula, mas eu sei fazer conta muito bem, ninguém me passa pra trás". Quando a gente chegava da escola, a mãe falava assim: "Ocê tá aprendendo pra burro? Eu tô vendo ocê quebrando a cabeça aí". Eu ficava assim: "Ai, ai. A professora passou essa conta aqui". A mãe falava: "Que conta que ocê tá em tempo de ficar doida aí, querendo chorar? Que conta que é?" A mãe ia lá e dava o resultado. Eu falava: "Mãe, a senhora nunca foi na escola". Ela falava assim: "Ocê me respeita. Eu nunca fui na escola não, mas eu sei fazer conta".*

*Toda a vida gostei bastante de estudar. Mas, depois, me faltou oportunidade. Eu estudei quando era criança. Eu estudei na zona rural, na Escola Estadual da Lagoa Seca, mas, naquele tempo, o aperto de vida não deixou a gente continuar. Saí da escola da zona rural quando ia começar a segunda série.*

*A gente tinha que andar muito a pé até chegar na escola, subia muito morro. A minha mãe era muito apertada, tinha uma vida muito difícil e eu faltava muito de aula pra ajudar em casa. Naquele tempo, a mãe tirava a gente muito da sala de aula pra trabalhar e comprar alimento, porque faltava alimento pra gente. Naquela época, não existia Conselho Tutelar que obrigava a mãe a deixar o filho ir pra sala de aula.*

*Como consequência da vida muito difícil, durante a semana, a gente ia duas ou três vezes na aula. A gente não podia ir todo dia, porque a mãe falava: "Eu tenho que buscar o capim pra nós vender"... Por resto, a minha mãe falou assim: "Cês não vão ter jeito de estudar mais não. Cês precisa trabalhar, tem conta pra pagar".*

*Uma vez ou outra, a gente ganhava um caderninho. A gente estudou com uns toquinho de lápis, porque a gente era muito pobre. A mãe da gente era muito pobre, não podia comprar. A gente colocava a borrachinha na ponta do lápis, mas acho que nem usa mais pôr a borracha na cabeça do lápis. Lembro até das merendeiras...*

*Meu irmão estudou muito, o Vicente, esse que morreu. Agora, o Antônio, meu irmão também, sabe ler um bocado, ele também estudou. Estudaram mais do que eu, porque era rapaz, podia ir pra rua à noite, estudou no Mobral. Eles ia pra escola andando, passava naqueles estradões à noite, fora de hora. Agora, eu, por ser filha mulher, a mãe não deixava estudar à noite. A mãe falava assim: "Não, ocê não vai não". Eu falava: "Mãe, deixa eu ir com Antônio?" Ela respondia: "Ocê não vai com os meninos não". Como a gente era menina, ela dizia: "Não, eu não confio. Eu não confio nesses meninos aí não". A gente era irmão, mas ela falava: "Eu não confio não, porque eles juntam com os colegas e deixa vocês soltas lá". A mãe toda vida trouxe a gente no cabresto.*

*Algum tempo passou e eu conheci meu atual esposo. A gente trabalhou junto na prefeitura da cidade de Barroso e foi aí que eu criei uma raiz. Eu trabalhei e paguei meu INPS<sup>5</sup>. Eu aposentei com trinta anos de contribuição. Tem dois anos que eu sou aposentada.*

*Tenho três filhos e todos moram em Barroso. Meus filhos estudou só o primeiro grau. Mas eles têm uma leitura muito boa, eles tirou carteira de moto e de carro. Um trabalha de balconista. O outro trabalha em empilhadeira, pega qualquer tipo de carro, tem a carteira de motorista dele e troca ela sem dificuldade. Meus filhos têm muita leitura, graças a Deus! Mas eu tive muitos obstáculos na vida. Tive um filho que adoeceu, ele surtou e foi internado na Fhemig [refere-se ao nome do manicômio na cidade de Barbacena]. Foi um momento difícil.*

*Hoje, eu sou evangélica, mas não uso saião. Eu uso batom, uso joia, vou em festa de aniversário dos outros, quando a pessoa é bastante íntima; só não bebo bebida de álcool. Eu não escondo da pastora da igreja: eu gosto de dar uns pulos no Carnaval, mas, assim, vestida de calça e blusa normal. Se tiver um forró de padre na rua, eu dou uma dançada. Eu sou da verdade. Eu não sou daqueles: "Ela tá com a bíblia lá, debaixo do braço, olha ela lá dançando forró". Não, eu não sou desses crentes, porque você sabe que tem crente que faz coisa pior.*

*Conheci o Instituto através do Luciano e de um professor. O Luciano abriu um ABC aqui na Praia [refere-se ao nome de um bairro da cidade de Barroso]. E aí, a gente que não sabia muito, ainda não sabe, mas sabia um pouco, a gente fez matrícula e começou a estudar. Eu estudei aqui na Praia achando bom, porque era pertinho da minha casa e vou te dizer que aprendi um tanto bom. Eu continuei, estudei, estudei, estudei... Era muito bom.*

*Muita gente falava: "Aparecida, ocê deve voltar pra sala de aula. Se eu fosse ocê, voltava. Ocê é ativa, ocê sabe conversar bem, ocê sabe expressar bem as palavras. Ocê aprende. Ocê tem condições de um dia ser alguém na vida". Eu falava assim: "Ah, mas alguém na vida eu já sou, porque eu sei lavar, passar, cozinhar, eu trabalhei fora muito tempo".*

*No ano passado, eu fui arrumar uma vaga no Instituto pro meu filho. Ele pegou a vaga e não foi. Eu falei assim: "Ah, gente! Sabe que eu sinto que eu acho que eu perdi umas letra, e eu vou voltar pra aula". Voltei e gostei. E o Instituto ABC, eu vou te falar, eu gosto, me ajudou bastante, porque antes eu era desanimada com a leitura.*

*Faz muito tempo que tô no Instituto. Mesmo com toda dificuldade, eu vinha da cidade de Dolores de Campos pra estudar na sede. É o primeiro ano que eu participo do Instituto na sede. Gosto da equipe maravilhosa e da minha turma. A professora é uma ótima pessoa, atenciosa, carinhosa e muito dedicada. Cada dia traz uma matéria diferente, uma atividade diferente pra gente. Até fico emocionada ao falar dela. Eu gosto e me divirto em todas as aulas. As contas eu sei fazer e gosto de aprender mais as letras. Gosto de fazer as provas e as tarefas pra casa. Eu fico empolgada nas provas, eu penso assim: "Ai meu Deus, será que esse ano vai dar pra passar? Esse ano eu vou passar".*

---

<sup>5</sup> O INSS surgiu a partir do Decreto nº 99.350, com a junção de dois outros institutos: o Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS) e o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Portanto, quando as estudantes falam sobre o INPS, elas estão se referindo ao INSS que anteriormente era conhecido como INPS. Disponível em: <https://artigos.toroinvestimentos.com.br>. Acesso em: 07 mai. 2021.

*Esse ano eu aprendi mais: a ler, a escrever, as letras que eu não sabia, o ésse e o érre, eu aprendi. Ano que vem, eu pretendo me engajar no curso de computação lá do Luciano. Vou fazer minha matrícula na Feliz Idade [refere-se a um programa da Assistência Social da Prefeitura Municipal de Barroso que atende mulheres de 60 anos ou mais de idade com atividades recreativas] pra ter mais o que contar, o que falar, porque eu penso assim, como já aposentei, se eu parar, eu fico velha. Se eu parar, eu envelheço. Tem gente que fala comigo: "Aparecida, ocê não parece que tem a idade que tem", porque eu ando muito, eu resolvo muita coisa. Eu não quero envelhecer depressa. Quem fica muito parado em casa e não faz uma atividade fica velho depressa, as ruga chega depressa. Eu não quero estar assim, eu quero estar sempre evoluindo.*

*Pretendo continuar estudando, porque eu quero aprender mais. Conforme for, se Deus me abençoar, eu vou tirar carteira de motorista. Às vezes tem gente aqui no bairro que fala assim: "Que isso, Aparecida? Ocê já tá velha, você ainda pretende estudar?" Eu falo assim: "Ó, quem sabe eu não vou chegar numa faculdade, vou andar nesses ônibus à noite pra baixo e pra cima" [refere-se a veículos que levam jovens e adultos, que fazem algum curso superior ou técnico, da cidade de Barroso para as cidades vizinhas]. Eu penso em voar longe como uma garça.*



### ***Dona Cecília, 91 anos***

*Eu tô com noventa e um anos. Nasci na cidade de Dolores de Campos. A roça que eu vivia pertencia a essa cidade.*

*O meu pai era lavrador. A minha mãe cuidava da casa e ajudava meu pai na roça. Lembro que meu pai estudou. Quando eu vim no mundo, ele já era estudado. Minha mãe também estudou.*

*A gente era treze irmãos. Como a gente morava na roça e lá não tinha escola, eu não estudei. Os meus irmãos estudou, meu pai não deixou os meninos sem estudar. As mulheres não podia, mas os homens sim. Mas, eles só começou a estudar quando mudamos pra Barroso, porque a escola era melhor.*

*Depois, meu pai comprou uma casa em Barroso e nos mudamos para cá. Eu já morava nessa casa quando minha mãe faleceu.*

*Casei com vinte anos. Meu casamento até que não foi muito ruim. Depois de dez anos, a gente começou a brigar. Eu larguei ele e depois arrumei outro boneco. Mas, todos eles morreu. Já tem muito tempo que tô viúva. Depois que os homens que eu gostava morreu, eu falei assim: "Eu não quero saber mais de homem nenhum" e fiquei sozinha.*

*Eu tenho quatro filhos e, hoje, moro com uma filha que também ficou viúva. Também tenho dez netos e onze bisnetos. Mas, todos os meus filhos estudou.*

*Depois que eu separei do primeiro marido, fui morar com a minha mãe. Eu peguei e falei assim: “Como é que a gente faz pra pagar o INPS?” Porque trabalhar em casa de família não dava certo e eu não podia sair, porque ficava só eu e a minha mãe, coitadinha. Ela não tinha muita saúde. Então, eu conversei com uma mulher da cidade que cozinhou bem e pedi: “Me ensina um negócio pra fazer pra eu pagar o INPS?” Ela falou: “Vou te ensinar a fazer canudo: você faz canudo, vende nos lugares e paga seu INPS”. Aí comecei a fazer pra vinte fregueses. Depois, eu fui largando, porque eu já estava quase acabando de pagar meu INPS. Dava muito serviço, Nossa Senhora! Vender canudo deu pra manter a casa e pagar o INPS.*

*Eu pagava as contas de casa e fazia compra. Mesmo sem saber ler, eu fazia as contas com dinheiro. Eu sempre fui esperta com dinheiro. Até hoje sou eu quem faz a despesa de casa. Faço compra com a minha filha, mas é ela que olha a data de validade, porque no supermercado, às vezes, eles coloca coisas vencidas. A gente tem que ficar esperto.*

*Eu decidi voltar a estudar porque eu fiquei chateada. Eu ia no banco, mas tinha que assinar com a minha impressão digital. Eu falava: “Um dia isso vai acabar”. Eu achava esquisito. Um dia, eu conversei com uma colega e ela disse: “Boba, tem a escola do ABC. Vamos lá. Eu estudo lá. Você quer ir?” Eu falei: “Ah, se você estuda, eu também vou”. Mas, ela saiu da escola e eu fiquei. Eu comecei a ir e gostei. Já tem quatro anos que eu estudo, comecei no mês de maio.*

*Todos os meus filhos gostou quando voltei a estudar. Eles falou assim: “Mãe, que beleza você ir pra escola. É bom pra memória”. Eu duvidei, mas aprendi um bocado de coisa e foi bom pra minha memória. É muito ruim ficar só presa dentro de casa, sem fazer nada.*

*Eu gosto do Instituto. Lá é uma beleza. Gosto muito da professora: ela ensina a gente com uma boa vontade! Lá eu aprendi a ler um pouquinho, escrever e fazer conta. Eu não sabia nada, não sabia nem assinar meu nome. Até pra contar dinheiro era uma penitência. Agora eu passo troco de dinheiro grande.*

*Um dia cheguei no banco, a moça que trabalhava lá me pediu pra assinar com a minha impressão digital. Eu falei: “Não, agora eu já sei ler e já sei escrever o meu nome”. Ela duvidou: “Eu não acredito”. Eu falei: “Já, quer ver?”. Ela respondeu: “Vou trazer o papel proê escrever”. Ela saiu da mesa do atendimento, trouxe um papel e eu escrevi. Ela ficou surpresa.*

*Eu gosto de tudo o que a professora dá na sala de aula; é só a gente prestar atenção, porque tem dia que a gente não tá com a cabeça boa. Quando a professora passa umas atividades pra fazer em casa, eu faço sozinha. Gosto de fazer prova, porque tem umas coisas que a gente acerta e outras não: tudo é divertimento. Eu sinto falta quando não tem aula.*

*Eu gosto muito de fazer conta. Teve um dia que eu quase furei o caderno de tanto futeicar, porque a conta não dava certo. Quando ela passa conta pra fazer na sala de aula, eu acerto; mas ela passa conta mais forte. Às vezes, parece que a matemática a gente aprendeu mais: acho mais fácil.*

*Português eu ainda tô meio ruim. Eu leio um bocadinho. Eu tava lendo muito bem, depois, eu não sei o que é, dá um problema na memória, então, eu trupico bastante. Eu tinha tanta vontade, assim, de aprender a ler corrente, mas tá sendo difícil. Mas a gente já sabe ler um bocadinho, sabe o que tá escrito no jornal, isso já é bom.*

*Mas que é muito bom estudar, é. A gente sai de casa, encontra com as colegas, uma hora brinca, outra hora a gente faz palhaçada. O Luciano me busca em casa e me traz todos os dias.*

*Esse ano eu fiquei doente e fiquei quase um mês sem ir no Instituto. Eu parei muito tempo, Nossa Senhora! Eu tive pneumonia e desmaiei, porque faltou oxigênio no meu cérebro. Eu tô com vontade de estudar mais um bocado, porque se eu parar, eu tenho medo de ficar doente.*



### ***Dona Idalina, 74 anos***

*Eu nasci em Bias Fortes, mas vim pra Barroso quando casei. Eu casei aos dezesseis anos. Eu vim pra cá aos dezesseis anos, já tô com setenta e quatro. Já tem sessenta e poucos anos que eu tô aqui.*

*Eu saí assim, nem preta nem branca, e nem morena direito, mas eu sou de uma raça africana. Sou por parte de minha mãe, meu avô. O meu avô era negro. Ele nasceu escravo; meu avô era escravo.*

*Eu acho que a minha mãe, eu tava com um ano quando a minha mãe morreu. Eu não lembro dela. Eu só lembro que diz que ela era uma mulher muito bonita, mas eles não tirava retrato na época. Aí, ela morreu, meu pai me tirou dela. Meu avô tinha arrumado uma família rica pra me adotar, porque não tinha filho nenhum, mas meu pai me pegou. Fiquei com a minha avó até meu pai arrumar outra mulher.*

*Meu pai chegou a pôr a gente na escolinha. Ia eu, um tio e uma tia. Nós começamos a ir na escola muito bem, mas tinha um riachozinho, que num calor desse, em vez da gente ir pra aula, a gente ficava no riacho o dia inteiro. Eu era a menor da turma, meu tio era três anos mais velho do que eu e a tia Francisca cinco anos mais velha do que eu. Ficava no riacho nadando o dia inteirinho. Dava a hora, a gente marcava no sol... A professora mandou falar com meu pai: "Por que que a gente não tava indo pra aula?" Ele tirou a gente da aula e não voltamos mais. Não deu tempo de aprender nada não.*

*Tadinho do meu pai, aquele ali não estudou foi nada. Na época que a gente foi criado, não tinha aula. Eu não sei como é que teve essa aula lá; que meu pai matriculou a gente.*

*Os pais da gente comprava caderno, lápis... A borracha era daquelas que ficava na cabecinha do lápis. Era muito bom a merenda que a vó arrumava pra gente, Nossa Senhora! A escola era lá em Bias Fortes, lá na roça.*

*Eu tive três irmãos, mas só uma está viva. Sou a caçula da minha mãe. Eles não estudou foi nada. Não sabia nem ler, nem o alfabeto eles sabia. Mas eram muito trabalhadores; a gente trabalhava muito mesmo.*

*Tem dezenove anos que eu sou viúva. Tem muito tempo. Mas, graças a Deus, porque tem muita mulher que não sabe nem ficar viúva. Elas querem ir pros bailes, querem dançar, querem namorar... Eu não, eu sou uma pessoa tranquila, sabe? Eu fiquei viúva com cinquenta e cinco anos. Da idade da minha menina, novinha, novinha, novinha... Com vinte e dois anos eu já tinha meus quatro filhos, tudo pititinho assim, um atrás do outro...*

*Eu aposentei depois que meu marido morreu, aí que eu aposentei. Mas eu, graças a Deus, eu trabalhei. Em Barroso cheguei a trabalhar fora. Eu fui ajudante de caminhoneiro. Trabalhei dez anos na estrada. A gente levava muita coisa: a gente levava queijo.*

*Agora, tenho três filhos, mas eu tive quatro. Eu perdi minha menina; também não revoltei, eu falei: "Deus sabe o que faz". Fiquei triste, ainda sou triste até hoje... Mas eu não sou uma pessoa revoltada não, graças a Deus: com Deus, com os outros, comigo... Neto, acho que eu tenho nove. Bisneto, eu acho que tenho seis.*

*Eu conheci o Instituto por uma comadre minha, a comadre Esperança, coitada! Ela tava estudando. Um dia, eu cheguei na casa dela e ela tava lá fazendo o deverzinho dela; falei: "Uai, comadre, ocê tá estudando?" Ela falou: "Tô". Aí, eu falei com ela assim: "Tem jeito docê arrumar pra mim?" Mas já tava no meio do ano, né? Mas mesmo assim, o Luciano, uma gracinha, arrumou um lugarzinho pra mim lá e eu entrei em agosto.*

*A Cidinha, minha filha, me incentivou muito, porque eu dormia muito de dia, porque todo mundo foi saindo, foi indo embora de casa. Eu me encantei demais com o chefinho. Mas eu encantei mesmo, eu fui estudar mesmo, sabe? Admiração que geralmente os alunos têm pelo professor: o interesse dele que ele tem pelos alunos, cuidado que ele tem.*

*Quando eu entrei no Instituto não sabia escrever; às vezes, nem o A eu sabia fazer direitinho. Essas letras aqui são muito difícil, né? O "que", o "gê", essas letras mais difícil que eu não sabia fazer, eu desmanchava muito, mas eu pensava: "Não, o Luciano é tão esforçado". E, às vezes, eu falo: "Ano que vem eu não vou estudar mais não". Mas quando eu chego lá, eu vejo o empenho do Luciano, o que ele organiza pra gente, é bom demais!*

*Quando eu comecei a estudar, não foi na sede não, foi lá na Associação do Sindicato; do lado de lá da ponte. E eu comecei, foi muito difícil. Eu quase desisti, porque não sabia nada. Eu não sabia nem escrever nada. Eu fazia, desmanchava, tornava a fazer, tornava a desmanchar... Eu tinha dificuldade pra escrever até o alfabeto, Nossa Senhora!*

*Nossa, tenho até vergonha de falar. Eu acho que tenho dez a doze anos que tô estudando. Mas eu gosto sim de estudar; só, às vezes, eu fico pensando: "Meu Deus, que vergonha, esse tempo todo na aula".*

*Com a Vanessa, eu acho que eu desenvolvi mais ainda, porque ela é demais, Nossa Senhora! Ela tem um jeito assim.... Eu não sei nem expressar direito. A paciência dela também ajuda muito, mas é o jeito dela colocar as letras, porque, por exemplo, tem palavras assim: com dois ésses – a gente tinha dificuldade –, com dois erres também – às vezes, tem dificuldade –.*

*Então, o jeito dela ensinar ajudou muito. Eu, graças a Deus, aprendi mesmo. Com ela eu desenvolvi mais um pouco.*

*Mas eu gosto, graças a Deus! Os meus remédios mesmo, graças a Deus, eu já leio como é que eu tenho que tomar, quantas horas eu tenho que tomar. Então, eu acho que eu desenvolvi um pouquinho.*

*Eu gosto de todas as aulas. Sabe, por quê? Teve uma vez que a Luciana, eu esqueço o nome dela, a Vanessa. Ela tava demorando demais, eu falei com ela assim: "Vanessa, ocê não vai dar prova não?" Ela falou: "Primeira aluna que eu vejo pedir prova". Nossa Senhora! Eu gosto muito de prova; continha, matemática, de português, aquela que tem que diminuir... Não tem nada na aula pra falar assim: "Eu não gosto"; eu gosto de tudo e de todos. Não tem como te falar: "Eu gosto mais dessa, mais dessa". Não. Eu gosto de todas, porque a professora dá com tudo, ela dá, assim, com garra mesmo. Sei lá, o jeito que a Vanessa dá aula, você não tem como discordar das aulas dela, porque ela põe carinho em tudo.*

*Eles falam que a aula de matemática é mais difícil, eu não acho não, porque a matemática eu tenho ela na cabeça aqui, sabe? Então, às vezes, eu fico fazendo na cabeça, assim, minhas contas.*

*Eu não sabia fazer conta de vai um, eu aprendi com a Vanessa, sabe? Aquela de tomar emprestado, eu ainda não sei; essa eu ainda não sei não. O dia que ela deu, eu não fui na aula não. Tem a de vai um, tem a de emprestar. Eu acho que a de emprestar eu tava aprendendo. Aquela de diminuir também, né? Você sabe que não tem nada difícil que eu estudei com a Vanessa? Não tenho que te falar: "Essa foi difícil, aquela foi difícil". Não sei, o jeito dela ensinar não tem dificuldade pro aluno.*

*Pra continuar estudando, vai depender desse joelinho aqui. Eu vou assim mesmo, porque acho que eu não consigo ficar em casa mais não. Eu já tô aqui pensando: "Eu vou comprar um caderninho pra mim". Vou fazer umas coisinhas nas férias: às vezes, eu costumo, assim, pegar uma palavra, aí eu vejo que tá faltando letra.*

*Formar, eu sei que eu não vou. Eu acho que enquanto o Luciano tiver ali no projeto, falando: "Vai ter aula", eu acho que vou continuar, e enquanto eu aguentar também, né?*



### ***Dona Irene, 78 anos***

*Eu sei que eu não nasci aqui [refere-se à cidade de Barroso] não. Eu acho que eu batizei aqui e fui embora lá pra Boa Vista.*

*Meu pai trabalhava na lenheira, pegava na lenheira, assim, com tropa. A minha mãe trabalhava, ajudava na roça, lavava roupa... Eu já era moça, já estava moça já, quando eles morreram.*

*Eu não sei se meu pai e minha mãe estudou não. Meu pai sabia ler, mas a mãe, ela não sabia não. Não sei se ela teve na escola lá na Boa Vista. Diz ela que não entrou na escola não, que ela vivia trabalhando fazendo cerca, fazendo isso, fazendo tudo... Ajudando a vó lá na Boa Vista. Assim, negócio de estudo, eu acho que ela não foi não.*

*Eu trabalhava na roça quando era pequena. Meu pai levava todo mundo pra roça. Desse tempo, eu fiquei desanimada andando no caminho da lenha. Eu catava lenha, acertava, amarrava, depois vinha embora. Mas eu não aguentava capinar não, capinava um bocadinho só. Não aguentava capinar não, tirar a tarefa. Não comia, mas pra sair pra ir na lenha eu tomava só um gole de café. Ocê acredita que um dia eu tomei o café e comi um pedacinho de pão e me deu saúde? Assim, eu fiquei animada. Aí, na hora que eu alimentei o café e comi o pão, me deu aquela coragem de pegar o pano pra fazer a rodilha pra ir embora.*

*Irmão eu tenho: era quatro homens e eu tenho uma irmã. É só nós duas de mulher. Tinha uma outra, mas a febre matou ela; febre de rato não deixou ela viver. Ela tava com um ano; foi embora com um ano. Se ela tivesse aí, ela podia me ajudar também, né? Cadê que ela tá aí pra me ajudar?*

*O irmão que mora aqui comigo estudou, o outro também estudou... Esse que mora aqui sabia ler. O outro sabia um bocadinho o nome dele e a conta; pai não queria deixar ele ficar sem estudar, e ele era armador. Pensa bem, ele estudou e aprendeu a ser armador, trabalhava de armador. Meus irmãos sabe ler, mas não foi pra faculdade não. O ofício deles não foi pra médico, não foi pra dentista, não foi pra nada. O ofício deles é de trabalhar fora e fichado; aqui era assim.*

*Quando era jovem, a gente namorava escondido do meu pai. Eu não achava muito bom não, mas nós namorava escondido dele, senão ele batia. Ele não gostava muito não. Eu ainda fico querendo namorar um pouco.*

*Ah, eu namorei um rapaz, mas ele era rapaz bobo. Eu ficava sentada e ele ficava em pé perto da mesa e ele conversava comigo. Mas ele ficou vagabundo, ele começou a ficar caçando moça, mãe solteira. Tive outro namorado, namorei um lá de Pernambuco. Aí, depois, duas mulheres vieram acompanhando ele lá de Pernambuco pra cá. Aí, eu achei ruim, não achei bom não. Eu não quis ele não, porque depois elas iam ficar junto com ele.*

*Nunca tive vontade de ter filho, mas tenho sobrinho.*

*Meu irmão fica aqui em casa, ele me ajuda aqui. Ainda é bom que ele ainda me ajuda também aqui, né? Porque se não fosse isso, como é que eu ia fazer? Aí ele me ajuda. Então, ele começou me ajudando aqui, comprando alimento pra mim, depois ele foi arrumar a casa dele e não pôde me ajudar mais não. Aí eu fui lá pro Bandeirantes [refere-se a um bairro da cidade de Barroso], porque eu tava sem nada.*

*Minha irmã começou a me ajudar. Ela chegou aqui de noite e viu que eu tava sem nada dentro de casa, não tinha nada, na lata não tinha nada. Ela falou: "Nossa, ocê não tem nada aqui não?" Ela gosta de olhar minhas vasilhas pra ver se tem as coisas. Ela olhou, viu que não tinha nada, eu falei: "Não tem nada mesmo não." Ela falou assim: "Ocê junta sua roupa e vamos lá pra casa". Cheguei lá na casa dela e fiquei morando lá.*

*Aí, acredita que uma dona, falou assim com a minha irmã: "Madalena, cadê a Irene? Ah, fala com ela, pra ela vir cá lavar umas vasilhas". Eu lavava as vasilhas dela, pouca: uns pratos, qualquer coisa. Depois, eu torcia pra ela dois tachos de roupa, eu não tava nem aguentando, porque eu tive anemia e aquela roupa tava me pesando... Eu não tava tendo coragem de arrumar aquela roupa dela não. Ela me dava trinta reais só, uai.*

*Depois, eu aposentei; o Luciano me ajudou. Aí arrumou pra mim, eu achei bom. Tinha gente lá no INPS, a gente esperou o povo lá. Aí, quando foi na hora, eu assinei meu nome, que eu já tava sabendo meu nome mesmo, que eu tava indo pro ABC, escrevi numas folhas lá, umas vinte folhas, não sei, é dez ou vinte que gasta, eu sei que eu deixei lá meu nome pra arrumar a aposentadoria pra mim.*

*Hoje, eu ajudo nas despesas de casa e não trabalho. Lá no INPS, em Barbacena, eles me ajuda, porque eu não sei mexer com máquina não. E não sei mesmo, de jeito nenhum. Mas aí, o moço começou a fazer coisa errada comigo, pegava o cartão, levava pra casa dele e me dava um pouco de dinheiro. Eu cheguei no banco e o cartão tava na casa dele. Aí, o povo do banco já começou a achar que ele tava fazendo coisa errada comigo. O moço falou: "Nós não vamo fazer rolo pra ele não, mas só que tem que eu vou fazer outro cartão procê e ocê deixa aquele cartão que tá com ele, porque não vai valer mais não".*

*Quando era criança, eu estudei. A professora dava letras, fazia número, dever... Nós fazia tudo: fazia a, e, i, o, u; aprendemo isso tudo lá. Ela punha tarefa pra gente fazer e eu fazia sozinha; eu era pelejante. Mas a professora queria me bater na sala e eu não aceitei. Falei: "Não". Eu voltei pra trás, vim embora e nunca mais fui na sala dela; nunca mais eu fui. Fiquei quieta aqui e não fui mais na escola não. Era o primeiro ano. Eu nunca mudei, assim, pro segundo ano não, só ficava no primeiro ano.*

*Eu queria entrar na escola outra vez. Eu falei: "Eu esqueci das letras, estou querendo entrar mais na escola". Aí, Deus ajudou que o Luciano arrumou esse negócio do ABC, eu peguei e entrei lá na Conferência [refere-se à Conferência da Sociedade São Vicente de Paula]. Aí, lá eu comecei a conhecer ele, porque ele falou: "Quem já teve na escola, se perdeu, não foi mais na escola, não quis ir na escola, às vezes a professora era ruim e coisa e saiu, pode voltar, porque não sabe das letras, já esqueceu, não sabe as letras mais". Aí, eu voltei pra sala...*

*Já tem bem tempo que eu tô no ABC. Eu gostei da escola e tô lá. Já peguei vários professores lá. Minha família não me incentivou a estudar, mas eles acha que tá bom. Eu gosto da professora e gosto de fazer amizade com ela. Não gosto de muita tarefa, mas gosto de fazer prova. Eu acho ruim quando não tem aula. Também gosto muito das colegas.*

*Eu gosto mais de aula de matemática, porque é melhor e a gente faz menos coisa. Tem uma conta mais difícil também, aquela de levar pra cima, aquela eu não acho muito boa não. Eu gosto dessa outra que é mais fácil: a de somar. Mas essa aqui: vai um e volta pra baixo; essa eu já não sou muito amante dessa conta não.*

*Eu faço sozinha a tarefa; quando é conta eu faço, mas quando eu fico assim querendo errar, a professora me ensina também quanto que dá embaixo. A conta é muito mais difícil do que a gente ler as letras, né? Eu acho a conta mais difícil um pouco.*

*A escola me ajudou, assim, na leitura. Quando entrei no Instituto, eu esqueci, assim, as letras. Saber o abc, agora eu já sei, já sei tudo. Esse ano eu aprendi bastante coisa.*

*Quero continuar estudando no próximo ano, porque eu acostumei lá agora e vou estudar até quando acabar a escola.*



***Dona Joana, 63 anos,***

*Eu tenho sessenta e três anos.*

*Em casa era onze irmãos. Hoje, ficou quatro mulheres e dois homens. Tudo nasceu em Barroso. Enquanto minha mãe era viva, a gente nunca mudou de cidade.*

*Meu pai era ferreiro. Fazia pá, enxada, tudo que era troço de ferro ele fazia; carro de boi, tudo. No final, ele já ficou meio doente, que ele tinha problema de coração, aí ele punha na forja pra queimar e a minha mãe é que batia pra ele, porque ele não aguentava de tanta falta de ar que ele tava. Minha mãe trabalhava em casa. Eles plantava roça, era muita coisa. Tinha uma fartura no tempo da minha mãe...*

*Eu não tenho grandes lembranças de quando era moça. Meus pais não me viu moça. Eu ia fazer doze anos quando minha mãe e meu pai morreu. Em casa era onze irmãos, mas, hoje, é quatro mulheres e dois homens.*

*Meus pais não estudou e não deixou a gente estudar... A que estudou lá foi trabalhar fora de Barroso. Os homens estudou um pouco, mas só que eu não tenho lembrança deles estudando, porque eles eram os mais velhos. Nem quando era criança estudei; minha mãe não deixava não.*

*Eu tinha vontade de estudar. Tinha duas meninas que morava perto, do lado da minha casa, e eu batia nelas, porque elas estudava, sendo que a minha mãe é que não me deixava estudar. Não tinha nada a ver. Elas não tinha culpa nenhuma. Eu achava assim: "Mas, por que que elas tão estudando e eu não?" Eu não queria aceitar que elas tava estudando e eu não; aí, eu batia nelas.*

*Quando eu fui morar com o Zé, eu cheguei lá com uma fome... Tinha uma panela de pedra que ele fazia o feijão, e naquela época eles usava tirar a lavagem dos pratos pra pôr pro cachorro, porque eles não dava comida igual a gente não. Eu tava com tanta fome, que eu peguei aquilo e comi sem saber que tava azedo. Não vi gosto de azedo, de tanta fome que eu tava. Aí, ele chegou: "Joana, você jantou?" Falei: "Jantei." "Qual feijão que você pegou?" Eu falei: "Esse da panela de pedra aqui." "Não, esse aí tá azedo, é pra pôr pro cachorro."*

*Depois, fui trabalhar na casa de gente rica em outra cidade. Mas voltei já com muita roupa bonita: short, porque lá a gente usava short, calça comprida... Eu fui a primeira que usei calça comprida aqui em Barroso. Uma amarela, sabe? Com uns tamancos de salto alto, que eu*

só usava salto, andava muito bem arrumada, porque eu morava e trabalhava na casa de gente rica.

Quando tava em Barroso saí e fiquei conhecendo o meu marido. Depois, eu engravidei com dezessete anos. Quando eu tava com vinte e seis anos, já tinha três filhos. Hoje, tenho seis filhos: três homens e três mulheres.

Então, eu tinha que trabalhar pra dar o sustento pra eles. Eu fui trabalhar e comprava o que dava; o que não desse, minhas patroas me davam pra cobrir, porque como que eu ia fazer compra pros meus filhos?

Depois, Deus ajudou que eu e o pai dos meus filhos combinou. Eu fui pra casa dele, levei meus móveis e fui prá lá. Aí, Deus ajudou que as coisas começou a melhorar através de alimentação. Agora, roupa, calçado, troço de aula, cama, mesa, banho, tudo, eu que sempre comprei.

Aí, depois que eu quebrei as pernas, eu parei de trabalhar. Trabalhava só em casa: arrumava a cama, varria a casa sentada, tinha dia que eu deixava de almoçar pros meus filhos jantar, porque se eu almoçasse, não sobrava pra eles jantar, sabe? Uma semana era semana de sopa de macarrão, a outra era de chuchu com angu, a outra era mingau de fubá...

Acho que vai fazer quatro anos que eu casei na igreja. Pra mim foi bom, porque eu gosto de participar da missa, da Santa Ceia, da comunhão. Como meu menino pagava meu INPS, eu aposentei e como eu tinha dinheiro, eu mesma que paguei a aliança, o aluguel da roupa, tudo foi eu que paguei. Aí, eu falei pro marido: "Que isso, eu te comprei? Eu estou doida." Falei com ele. Tem dia que me dá revolta...

Meus filhos estudou. Eu falei com eles: "Até a oitava série eu vou manter ocês." Eles estudou até o terceiro ano. Os gêmeos fizeram faculdade agora, depois que eles foram pro quartel. Um deles falou assim: "Mãe, vou sair da escola." Eu falei: "Porque, meu filho?" Eles começaram a trabalhar com onze anos tirando cascalho no rio, e quando não era cascalho no rio era areia...

Eu aprendi a ler, porque eu ensinava meus filhos a fazer dever, eles tava no terceiro ano. Aprendi a ler sozinha, fui pegando... Eu aprendi rápido, porque a cartilha me ensinou. Eu não largava ela. Portanto, tem uma delas que tá até suja de óleo, porque eu deixava ela aberta na mesa e ia fazendo o almoço e estudando. E, à noite, eu não parava pra ver televisão, aí eu ia estudar. Entrava pro quarto e ia estudar, ficava lendo. Só que escrever que era o mais difícil.

Conheci o Instituto na rodoviária. Aí eu convidei a Tereza, falei: "Vamos estudar?" Aí, nós começou a estudar lá. Depois, a gente estudou num salão, numa cozinha... A gente estudou com várias pessoas, depois eu saí.

Aí, eu parei. Eu fiquei treze anos sem voltar a estudar. Depois, a aula começou de novo, foi na parte da manhã, aí a Tereza me falou: "Joana, vai começar a aula. Você vai?" Aí, eu peguei e falei: "Vamos." Aí, a gente fez a matrícula e tamo lá até hoje. Fui prá lá esse ano.

Estudar no ABC me ajuda também na depressão, porque em vez de ficar em casa pensando só o que não presta, besteira, eu estando lá, estou escrevendo, estou ligada ali. Também gosto das duas aulas de português e de matemática. Também adoro colorir.

*Eu adoro tarefa. Nossa! Eu faço tudo. Se eu tiver dúvida na tarefa, aí eu começo a ler três vezes, pra descobrir o que que eu tenho que responder. Prova a gente faz, mas fica com aquele medo de não acertar... Só tira A, porque é fácil. Acho ruim quando não tem aula.*

*Esse ano no ABC, eu aprendi que a vida não é igual a gente pensa que é, porque eu pensava de um jeito, sabe? Eu falava assim: "Não vou aprender a ler, porque eu tô velha." No primeiro dia, eu fiquei com medo de ler. Pretendo continuar estudando, mas não sei se eu vou ter cabeça pra isso.*



### ***Dona Leonídia, 73 anos***

*Vou fazer setenta e quatro anos em março do ano que vem.*

*Meu pai tinha uma moda de registrar a gente mais velha um bocadinho, porque eu sou do dia vinte e sete de março e fui registrada no dia vinte de abril. Aí, quando eu fui casar que descobriu, porque no meu batistério tava dia vinte e sete de março. Eu fui batizada dia quatorze de abril, como é que eu ia nascer no dia vinte? Pelo batistério que eu descobri que eu fui registrada fora do dia.*

*Meu pai tinha retiro. A mãe toda vida foi doente. Meu pai era bravo e a mãe era bem enjoada também. Mas a mãe lia muito bem. Pai também sabia lê, mas era pouco.*

*Lá em casa era cinco irmãos: três mulheres e dois homens; morreu um, ficou quatro. A gente nasceu lá no Ribeirão [refere-se a uma comunidade pertencente ao Município de Prados].*

*Da minha infância, lembro da gente brincar com os primos. Lá era muito bom, dava muita gente na casa da minha mãe... Nós trabalhava muito também, nós trabalhava na roça: nós tirava leite... Tudo que meu pai ia fazer nós tava junto também. Gostava muito de pescar, a melhor coisa que eu gostava era de pescar. Quando eu pegava aquela fileira de peixe, não tinha coisa melhor. Todo dia, nós saía pra pescar.*

*Eu nunca estudei não, mas meus irmãos andou estudando. No Ribeirão não tinha escola, eles vinha aqui [refere-se à cidade de Barroso] a cavalo todo dia, do Ribeirão aqui. Eu nunca estudei, porque eu ficava com a minha mãe em casa, sabe? Minha mãe era muito doente; eu não largava ela não. Eu perdi as coisas pra não deixar ela. Eu aprendi a fazer comida sozinha, sem saber como é que fazia. Eu falo: "Acho que valeu, porque meus filhos todos são bons pra mim e tudo ajuizado"; Deus me deu em dobro!*

*Eu tinha vontade de estudar, mas não pedia. Não pedia por causa da minha mãe, porque tudo pra mim era minha mãe.*

*Quando meus pais morreu, eu já era grande, eu já era casada.*

*Eu vim pra Barroso depois que eu casei, solteira não. Ele me conheceu e me trouxe pra cá. Tem cinquenta e um anos que eu sou casada e tenho cinco filhos.*

*Todos os meus filhos estudou. Mas que formou mesmo foi só duas; as outras estudaram só até o terceiro ano. O Fernando [refere-se ao próprio filho] faltou só um ano pra formar. Até hoje eu cobro dele; por causa de oficina que ele parou. Tem duas filhas que são professoras, mas a Geisiane [refere-se a própria filha] não dá aula não. Ela tá trabalhando no hotel. Ela gosta de trabalhar no hotel e lá ela ganha mais do que professora, diz ela. Mas eu falei com ela que se ela fosse professora seria bom, porque entrou, não sai, né? Tem uma que faz doce e mora na roça e a Áurea [refere-se a própria filha] ajuda a vender doce.*

*Tenho nove netos verdadeiros e dois emprestados, porque a mulher do Fernando tem dois filhos, que a gente considera, sabe?*

*Eu conheci o Instituto, porque eu já ouvia falar. Aí, eu fui. Comecei. O Zé dando contra, todo mundo deu contra. Aí, a Leonora [refere-se à própria filha] falou assim: "Não, mãe, vai que vai ser bom pra senhora"; a Leonora me dá muita força, aí, eu fui.*

*Tem muito tempo que eu estudo. Já era pra ter desenvolvido mais. Eu falei: "Gente velha não desenvolve muito, né?" Eu gosto de estudar lá. Eu não vou, só quando eu não tô podendo mesmo, que os médicos fala assim: "A senhora tem que ficar quieta. Se ocê não ficar quieta, a senhora perde essa perna". Eu fico em tempo de ficar doida, por causa do diabetes, né? Tenho diabetes e pressão alta. Eu já enfartei uma vez. Eu tava com quarenta e quatro anos, na época que eu aposentei.*

*Estudar no ABC me ajuda muito. Refresca a cabeça da gente, não refresca? A gente não aguenta enjoadeza de homem dentro de casa qualquer hora... Ô bicho enjoado, né? Mas aqui, eu brigo é com o cigarro; ô cigarro danado!*

*Eu gosto de todas as colegas da minha turma. Gosto delas todas e tenho amizade com todo mundo. Sempre eu gosto de tá com as colegas. Gosto da professora; eu achei ela boa também. Eu não fui nas festas de noite, porque eu me interto aqui fazendo as coisas, quando eu vejo, a hora passou.*

*Eu prefiro mais aula de matemática, porque eu dou mais saída nela. Gosto de todos os exercícios. Não tem nada difícil. Às vezes, eu acho mais complicado, eu vou dando um jeito. Tarefa de casa eu faço. Eu costumo fazer... Mas aqui dentro de casa não tem tempo não. Aqui dentro de casa é uma coisa, é outra... Até que pela minha idade eu trabalho muito!*

*Esse ano, no ABC, eu aprendi mais a conviver com os outros, com as meninas tudo, gostei muito. Gostei muito da escola. Desenvolvi um bocadinho bom, porque a gente que é velha, a cabeça da gente não é igual a de novo não. Se bem que tudo que eu pego pra fazer sai, né? Se ocê gosta, tudo que ocê faz, se ocê errar, ocê tá feliz; eu falo isso.*

*Mas eu quero continuar estudando no ABC, porque enquanto eu tiver preocupando com estudo, a cabeça está funcionando.*



### ***Dona Rosa<sup>6</sup>, 88 anos***

*Dona Rosa tem seis filhos, mas mora sozinha. Apenas duas filhas moram em Barroso, os outros moram em outras cidades. Uma das filhas, residente em Barroso, cuida do esposo que é doente, por isso Dona Rosa decidiu viver sozinha. Ela recebe a pensão do falecido esposo e um valor referente à casa de aluguel que ela tem; assim, ela consegue se manter.*

*Ela limpa a casa em dias alternados e faz almoço para dois dias, para não precisar cozinhar todos os dias. Também faz pinturas em tecido, crochês e tricôs.*

*Dona Rosa gosta de encontrar com os amigos: “As minhas colegas que tudo já morou nesse bairro, mudou. Graças a Deus, a gente sempre com amizade, encontrei com elas ali no Instituto. Muitas: umas quatro ou cinco donas que já morou. Todas elas, eu ajudei, elas me ajudou e nos encontramos ontem. Teve muito bom! Acho que é Deus mesmo que tá ajudando que a gente tá reunindo as pessoas que a gente queria bem. A gente não fez mais, porque não podia, né?”*

*Para Dona Rosa: “Gente nova é outra coisa, a gente que já passou os trabalhos que a gente já passou, a gente mesmo falava que aquilo dá uma força pra gente, ajuda a gente a esquecer daqueles momentos difícil”.*

*Ela dizia que não gostava de tomar remédio, mas tomava chás para resolver os problemas de saúde que tinha.*

*Dona Rosa disse: “sinto vergonha de estudar, mas frequentar as aulas no Instituto é um momento de distração”.*



### ***Dona Terezinha, 64 anos***

*Eu vou fazer sessenta e cinco anos. Ano que vem já posso andar de ônibus sem pagar.*

*Eu nasci e cresci em Barroso. Nunca mudei de cidade. A gente era uma família, assim, muito pobre, né? Era onze irmãos, mas morreu cinco, ficou seis: quatro mulheres e dois homens.*

*Minha mãe não trabalhava fora não. Antigamente não tinha também. Ela ajudava meu pai. Meu pai trabalhava com negócio de fazer esses negócios de ferro, que põe aqueles negócios de forja... Fazia ferradura, essas coisas... Naquela época era assim, igualzinho, passava falta... Falta assim, que eles plantava milho, então tinha mais fartura de fubá, feijão, essas coisas,*

---

<sup>6</sup> Dona Rosa é uma das participantes desta pesquisa que não aceitou ser entrevistada pela pesquisadora, como explicarei no capítulo 2. Portanto, sua apresentação foi construída a partir das observações da pesquisadora e de algumas falas da estudante em sala de aula.

*mandioca, também tinha um mandiocal, sabe? Antigamente, o arroz a gente só comia uma vez por semana; era só no domingo que a gente comia. Frango, eles matava um frango, era onze pessoas comigo, treze com os dois; um frango pra treze pessoas. Carne, quando eu trabalhava, todo dia tinha carne no almoço... Aí, foi passando, ele morreu; minha mãe, com problema de coração, também morreu.*

*Eu já passei tanta fome que tudo que me dá vontade de comer, eu como mesmo. Pode tá caro, mas se me deu vontade de comer, eu vou comer. Tem dia que eu tô com vontade de comer aquelas bexigas que parece mortadela, aquelas fininhas, compridinhas: é tipo um salame. Era dezenove reais, eu falei: "Eu vou comprar, eu tô com fome. Eu tô com vontade." Aí, comprei.*

*Meus pais não estudou e não sabia ler. Eles não deixava a gente entrar na aula, porque dizia que ia aprender a escrever carta pros namorados, sabe? Então, só os homens estudou... Mas, mesmo assim, não dava pra estudar muito, porque eles trabalhava na roça. Aí, eles estudava, assim, à noite... Eles estudou depois de grande. Quando era criança, eu não lembro de criança se eles estudou, eu lembro depois de grande, sabe? À noite que eles estudava, mas já eram casados. Eu não tinha jeito, porque eu entrei uma vez no Grupo Santana, que era à noite, aí não deu, porque eu trabalhava.*

*Eu não tinha vontade de estudar, porque eles falava que mulher não estudava, que era só homem. Assim, quando era pequena, não tinha vontade não, depois é que fui crescendo, aí a gente viu a falta que fez.*

*Nunca casei não. O pai da minha filha mais velha me enganou e sumiu. Depois, conheci outro rapaz. Ele foi muito bom. A única coisa que foi ruim foi que ele me traiu e eu tava grávida de oito meses. Depois, ele morreu.*

*Tive duas filhas e as duas estudou. Uma delas formou, só que um dia ela falou que queria fazer faculdade, eu falei: "De que jeito? Meu dinheiro não dá. Mesmo que eu quisesse também não dava. Uma que eu ia passar fome. Você, como que vai fazer? Não dá." Ela falou: "Ah, se eu fosse rica." Eu falei: "A única coisa que eu posso fazer é rezar pra Nossa Senhora Aparecida ajudar, pra abençoar docê passar, procê ganhar pelo governo." Ela ficou em excedente e conseguiu uma vaga: é pra mexer com conta. Mas, depois ela não quis e fez enfermagem. A outra filha trabalha no ferro velho com o marido.*

*Depois, a Joana [refere-se à sua irmã] começou a estudar; ela me falou e eu fui. Mas só que não dava, porque eu ia e saía, tornava a entrar, não dava, tinha que sair de novo...*

*Teve uma vez que tive que arrumar o nome da minha filha pra conseguir consultar pelo INPS que a minha patroa pagava autônomo pra mim. Aí, eu fui em Barbacena, mas eu não sabia ler... Vou falar a verdade, ler eu ainda não sei direito não. Não sei ler ainda não. Aqui em Barroso, eu sabia apanhar o ônibus direitinho. Mas quando voltava pra cá, eu ia pro ponto de ônibus em Barbacena e ficava olhando as pessoas daqui de Barroso na fila. Eu pegava e comprava a passagem daquela pessoa da fila, que eu conhecia; aí voltava pra Barroso.*

*Quando foi um dia, eu cheguei na rodoviária e não vi ninguém conhecido. Vi os ônibus, tinha dois, eu peguei e comprei a passagem pra cá, pra Barroso. Aí pensei: "Não tô vendo ninguém de Barroso." Falei: "E agora?" Perguntei: "Pra onde que esse ônibus vai?" "Vai pra*

tal lugar." Aí fui no outro, o moço falou: "Vai pra Juiz de Fora." Fui no outro: "Vai pra São João." Agora, olha que burreza, pra ir pra São João, passava no Barroso. Eu fiquei com a passagem na mão e falei: "E agora? Eu quero ir pra Barroso." O moço falou: "Mas passa no Barroso." Agora não, depois que eu comecei a estudar não. Agora eu sei, né? Assim, igualzinho, Transur [refere-se a uma empresa de ônibus que faz viagens de Barroso para a cidade de Barbacena], e também o lá de Dores, São Vicente [refere-se a uma outra empresa de ônibus que faz viagens de Barroso para a cidade de Barbacena]. Se fosse antigamente eu não sabia. Aí assim, eu já sei, sabe?

Vou no mercado e sei, por exemplo, olhar preço. Aí já sei olhar o nome na receita. Agora, negócio de conta eu faço na cabeça... Quando foi esses dias, tinha comprado um sapato, eu pago preço de à vista. Aí eu fui, a vendedora falou que era vinte... Só sei que ela tinha que voltar cinco e sessenta. Falei: "Até dá, porque eu faço jogo, é quatro e cinquenta". Eu faço duas vezes por semana, então dá nove reais. Eu falei: "Já dá pra pagar um jogo." Aí, ela me voltou pratinha: sessenta centavos. Eu falei: "Uai, não é mais cinco e sessenta?" "Ah, a senhora me desculpa." Eu fiquei pensando: "Sabe, será que eu faço o jogo da Mega? Ah, vou fazer, porque às vezes pode dar." Aí fui e fiz. Na segunda-feira peguei o resultado, eu nem acreditei, ganhei a Quadra. Deu quatrocentos e vinte e oito reais. Não, quatrocentos e quarenta e oito. Por um número, se ao invés do quinze eu tivesse jogado dezesseis, eu ia ganhar trinta e um mil.

Eu decidi voltar a estudar, porque eu tenho vontade de aprender a ler. Meu sonho, eu falei: "Se Deus quiser, quando eu tiver já sabendo ler correto quero fazer a leitura na igreja." Mas só que ler, eu não sei não. Esse ano, pelo menos, eu sinto que eu aprendi bem.

Eu gosto quando tem tarefa e faço sozinha. Esses dias eu fiz uma que veio pra fazer e eu não consegui. Aí a pessoa que joga dominó comigo me explicou. Mas, quando eles falava assim: "Vai ter prova." Eu ficava: "Ah, então eu não vou não." O coração ficava batendo demais; agora eu já não ligo.

Eu pretendo continuar estudando até na hora que eu aprender a ler, assim, bem.



### **Dona Zélia, 62 anos**

Eu nasci em Rio Espera. Meu pai veio primeiro pra Barroso, ele veio trabalhar na fábrica. A minha mãe trabalhava na casa da avó do Júlio Fonseca [refere-se a um morador da cidade de Barroso]. Eu mudei pra Barroso pequenininha. Eu era pequena ainda... Depois, minha mãe morreu e voltei pra Rio Espera. Depois, eu vim pra cá, porque a minha irmã me trouxe.

Em casa, era sete irmãos; agora ficou só eu e uma aqui em Barroso e uma em Rio Espera. Os outros todos já morreu.

*Eu não fiquei sabendo se meus pais estudou. Não cheguei a ver ler também não. Meus irmãos não estudou.*

*Pra falar a verdade, eu nunca tive uma infância boa não. Trabalhava a vida toda na roça. A gente lembra pouco da infância, porque a gente foi criada, assim, igual trabalho de escravo, né? Nem brincar eu conseguia direito.*

*Aí, por coincidência, eu fui conhecendo Barroso. Aí, voltei. Eu vim pra cá. Aí, nisso, conheci um homem e casei com ele. Meu casamento era bom, que pra mim ele serviu de pai e mãe, porque eu nunca tive na minha vida. Eu acho que casei com vinte e sete anos. Mas ele morreu, já tem trinta anos que ele morreu. Ele tinha problema de coração.*

*Tenho dois filhos, um casal: a menina é mais velha e o menino faz faculdade. A menina estudou até o primeiro grau, depois que ela casou, ela não quis mais. Tenho só uma netinha e minha filha nunca mandou ela pra gente olhar, nem pra sogra dela. Minha netinha tá na escola. Ela tá com cinco anos.*

*Em Barroso, eu estudei no grupo da fábrica. Naquela época, eu não gostei de estudar, porque eu acho que era levada na escola. Naquela época, estudava muita gente. Sabe aqueles negócios a, e, i, o, u? Essas coisas eu aprendi. Tinha tarefa pra casa, mas não sei se alguém me ajudava a fazer; a gente esquece.*

*Única coisa que a gente não esquece é só o pouco caso que os outros fazem da gente. A gente nunca esquece. Mas tem certas coisas que a gente esquece.*

*Depois, não teve jeito de estudar, porque não tinha ninguém que puxava pra gente, né? Mas, hoje, depois de velha, eu tô aproveitando. Homem, eu não quero saber disso mais não, que Deus me perdoe. Eu não quero saber. Eu não tô fazendo nada de errado, tô?*

*Eu conheci o Instituto, porque eu já tive com o Luciano.*

*Eu decidi estudar, porque a gente vive muito sozinha em casa, e tudo. Aí, também meus filhos achou bom: “Mãe, a senhora vai ocupar o tempo da senhora... É melhor do que ficar dentro de casa.” Eu rio tanto lá, né?*

*Eu gosto do Instituto. Antes a aula era de tarde, mas eu gosto de manhã. De tarde era muito quente, um forno; tinha gente que, às vezes, cochilava.*

*Eu prefiro aula de matemática. A matemática é melhor... É mais fácil. Não tem nada que eu não goste não. Eu gosto de fazer o negócio do caça palavras, dos quadrinhos... Eu não acho difícil o que ela passa. A professora é ótima, tanto ela como o Luciano.*

*Eu gosto de tarefa. Tem coisa que meu filho ajuda, mas não é nada pesado pra casa, pra gente fazer, né? Gosto de fazer prova e não acho difícil...*

*A gente acostumou a sempre estar junto lá, que sente falta quando não tem aula, né?*

*Se a professora tem um problema em casa, ela vai levar pra gente? Ela nunca levou coisa nenhuma pra gente, nunca! Porque tem umas que anda, olha pra gente e nos vigia. A gente fica mais pra baixo... A gente sai de casa pra se distrair, não pra prosa ruim, né? No ABC, a gente fica mais animada...*

*Só não participo muito das coisas de noite, porque é uma dificuldade pra mim, que não tem ônibus pra cá. Agora, o motorista olhou pra minha cara e falou assim: “Vamos aumentar o*

horário de ônibus pro cês aqui". Eu falei assim: "Ô beleza! Porque a gente precisa participar das coisas e fica com medo de vim sozinha da rua, fora de hora."

Eu pretendo continuar estudando pra ocupamento. Vou estudar até onde Deus mandar. Na hora que Deus falar assim: "Você não vai." Me tirar de um lado pro outro, aí eu não vou mais.



### **Edilsea, 53 anos**

*Eu nasci em Barroso e tenho cinquenta e três anos.*

*Meu pai trabalhava na fábrica de cimento. Depois, ele passou a ser taxista. Ele comprou carro e foi o primeiro taxista; era um táxi verde. Minha mãe era costureira; fazia roupa pra fora.*

*Minha irmã morreu, meu pai morreu, no mesmo ano, alguns meses depois. A gente teve que assumir tudo. As coisas que a gente não tava acostumada. Minha mãe ficou viúva. Aí, ela morreu, assim, de repente também, adoeceu em uma semana, na outra já morreu. Foi um final de semana meio traumático pra mim... Tudo acontece no final de semana.*

*Naquela época, eu não tinha documento; só certidão de nascimento... Eu não tinha essa preocupação, mas tive que fazer.*

*Em casa é quatro mulheres e um rapaz. Aí teve uma perda: agora é três mulheres e um rapaz.*

*Minha mãe tinha estudo, naquela época... Tinha um pouquinho; ela fez o Mobral. Eu até olhava os cadernos dela, bacana, tinha uma letra boa. Minha mãe sabia ler.*

*As irmãs mais velhas, lá de casa, estudou. Eu não sei por que não fui pra escola. Porque eles não me puseram? Por exemplo, o meu irmão mais novo foi pra escola, mas não tinha aquela coisa... As outras duas têm estudo. Por que eles não me colocaram? Meus sobrinhos estudou, eles nunca parou.*

*Eu tava plantando na roça, tinha chovido muito tempo no domingo; veio aquela penca de criança correndo e caiu comigo. Criança carregando criança não dá certo: foi um tombo... Quebrou, assim, a perna; fiz: "Hun!" Aí, foi aquela dor terrível. Eu lembro o dia, a hora... Isso foi lá na roça. Foi só ficando pior; a perna foi encolhendo. Não teve cirurgia. Uma perna é até maior que a outra: quebrou o fêmur. Aí, o nervo encolheu e ficou. E aí, ao todo, as duas pernas têm problemas; mas eu ando segurando.*

*Quanta coisa eu deixei de fazer. Aliás, não fiz e tô fazendo agora. Sair, eu não saía de casa; quando era nova, era só dentro de casa. Não tinha cadeira de rodas. Essa cadeira, tem oito anos que a gente tem.*

*Quando adolescente, lembro da cama, perna com o gesso... Foi muitos anos... A perna doía: tinha que ir pro hospital. Chegava lá: engessava. Eu passei muito tempo no hospital. Foi*

muito tempo nessas idas e vindas de hospital. O gesso parecia uma estátua e não evoluiu o crescimento das pernas.

Hoje, eu fico sozinha em casa... Eu me cuido sozinha, nesse caso, eu sou bem independente. Faço comida e faço algumas coisas que dá pro gasto. Não sei como a gente chegou até aqui, com tantas perdas. *Aí, vem aquela força que eu nem sabia que tinha.*

Eu sempre soube que tinha escola pra jovens e adultos, mas nunca passou pela minha cabeça chegar até lá; era muito tímida... As pessoas sempre falava: "Por que você não vai lá, pra conhecer?" Eu nunca tive essa ideia, assim, essa vontade de frequentar e de conhecer. *Aí, você tá em um churrasco, em uma casa, as pessoas vêm com o assunto de escola. *Aí, vem: "Olha a escola..." Parece uma coisa que tá passando na minha cabeça: "Escola, escola." "Quer saber? Ano que vem eu vou."* Eu já formei essa ideia na minha cabeça... Mas, qual escola? Estudar junto com criança não ia dar muito certo, né? Já tava tentando formular na minha cabeça como iria fazer. Sempre as pessoas fala: "Você tem que ir pra escola. Você sabe ler, mas não sabe das outras coisas." Precisava pôr em prática... Tá tudo aqui na cabeça, mas passar pro papel é que tá difícil.*

Esse assunto tava demais em volta de mim. Desse jeito: "Eu vou ter que conhecer a escola." Só, assim, na televisão eu sei. Mas, pessoalmente, eu nunca entrei em colégio. Passo lá perto, mas... "Nossa senhora, como é lá dentro? Como que funciona o negócio?" "Tem professora? Várias..." Mas nem tinha ideia... *Aí vinha outra pessoa: "Ah, no meu tempo de escola as carteiras era assim, assim.... E no seu?" "Não sei." "Não acredito que ocê nunca foi." "Nunca passei... Já passei na porta, mas falar que entrei." "Não acredito! Você conversa muito bem."*

Uma hora, assim, eu já sabia ler. Impressionante, eu não entendo... *Aí, eu falo assim: "Já tava na minha cabeça." *Aí, esses assuntos de escola já tava me cercando há um bom tempo. *Aí, o Luciano fazendo o anúncio: "Estão abertas as matrículas." Ele falou assim: "Resta poucas vagas." Eu falei: "Eu pego uma vaga dessas."***

Eu tinha que fazer uma coisa diferente, sair da mesmice. Você ver, assim, até as criancinhas pequenininhas tão indo pra escola, por que eu não? Eu acho uma graça essas coisinhas indo pra escola, dá uma diferença... Decidi; pronto, tô lá.

Eu já pensei: "Você tá cadeirante e tudo, né? Vai dar trabalho." As pessoas acham que eu vou dar trabalho... Ele aceitou a gente. Olhei o horário, pensava que era à noite. Eu preferi na parte da manhã; mais fácil. No dia que fiz a matrícula, já comprei caderno.

O dia que o Luciano foi me buscar em casa pro primeiro dia de aula, eu chamei os vizinhos. No primeiro dia, o Luciano veio, pegou a gente, foi rapidinho. De braços abertos me receberam. Já pensou ter que me carregar? Eu penso: "Vou dar trabalho; ser carregada. Põe no carro, tira do carro..." Eu não quero dar trabalho; mas ele aceitou. A Vanessa chegou e me apresentou pra turma. *Aí, meu Deus! Deu um nervosismo... Eu agradeci por ter aceitado a minha presença ilustre.*

Nunca passou pela minha cabeça sair de casa e ter essa rotina... Comecei, por exemplo, com o convívio, assim, com as pessoas de mais idade... Essas pessoas iam lá em casa. Eu tava

*acostumada com pessoas de mais idade. Elas gostou de mim e eu gostei delas. Foi muito bom! É como se fosse: mãe, avó, tia; ficou sendo assim. Eu gostei muito delas, de todas. Eu não achei que ia ter tantas pessoas... A de noventa anos: rápida no raciocínio, na matemática... Enquanto você pensa, a outra já deu a resposta... A outra já vai colando... Ai, meu Deus! Tem hora que as respostas já vêm pronta e eu tinha que fazer o esforço.*

*O que mais me ajudou foi ser recebida por todas. Aceita por todo mundo, igualmente. É incrível! Eu não pensei que fosse assim, senão eu tinha ido antes. Eu me arrependo de não ter ido ano passado.*

*E as professoras? Ô, professoras boas! Elas merece uma medalha. Eu achei bacana, comentando, assim, depois, pra mim: "Merece um prêmio."*

*Toda programação que teve lá no Instituto, eu participei. É chuva, é sol, é frio... A professora é fantástica, maravilhosa. Me aceitou, assim, na hora. No começo tava tudo muito fácil. Começou a complicar na matemática, mas eu lido com dinheiro também. Eu tenho, mais ou menos, uma noção. Eu tenho noção de zero a cem, trezentos...*

*Eu prefiro aula de português. Mas eu tô gostando da matemática também; tamo indo. A gente aprende; quando vê, dá aquele branco... A professora fala: "Vamo fazer tudo novamente." Mas, é bom ficar repetindo assim, porque vai guardando.*

*Eu acho interessante fazer o dever de casa. Quando eu tenho, mais ou menos, a noção, eu faço sozinha. A Vanessa falou que tá certo; então, tá bom. Ainda ganhei até estrelinha na primeira atividade de matemática; ganhei a primeira estrelinha. A prova é muito fácil. Eu gostei de fazer as provas. Eu gosto de tudo; eu quero aprender mesmo.*

*Quando não tem aula é diferente. Eu já acostumei, já tô naquela rotina; aí, eu tenho que desprogramar.*

*Tava pensando se vou continuar estudando; tem que aprender mesmo. Por exemplo, faz direito ou nem começa. Eu nunca me imaginei nessa situação: estudando. Nunca me passou pela cabeça.*

*Eu nunca apareci tanto. O mais difícil foi encarar a câmera. Nunca gostei de ser filmada, eu não me sinto bem. Quando eu vi a gravadora: "Meu Deus do céu!" A gente esquece, fala o que não deve. Vai soltando... Fala as besteiras. A tecnologia assusta, mas é muito bom.*



**Olga, 73 anos**

*Tô com setenta e três anos.*

*Nasci em Barroso e nunca mudei daqui.*

*Meu pai trabalhava com a carroça, minha mãe não trabalhou não. Meus pais morreu tudo, eu era novinha. Depois que meu pai e minha mãe morreu, eu fui morar com umas colegas minhas; não ia ficar sozinha não.*

*Irmão morreu tudo: tinha três mulheres e um homem. Morreu tudo lá no Rio, não é aqui não. Morava no Rio de Janeiro; eles foi lá pra trabalhar.*

*Eu não lembro se os meus pais estudou não, porque eu era novinha. Meus irmãos estudou.*

*Eu cheguei a estudar. A escola que eu estudei já desmanchou, já acabou tudo. Estudei até o primeiro ano. Nem livro não ganhava... Eu estudei com uma pessoa muito ruim, ela não deixava eu ir no banheiro, eu fazia xixi na roupa. Não deixava não, ela costumava xingar: "Não vai no banheiro não. Vai ficar aqui." Ela já deve ter morrido já... Quando eu chegava em casa, a mãe me via molhada de xixi, entrava no coro; me batia.*

*Eu parei de estudar, porque minha mãe morreu, aí parei de estudar; nem fui na escola mais não. Eu queria ter estudado mais quando era criança. Achei ruim, porque eu parei. Tô estudando até hoje, na palmada...*

*Depois de velha, eu lavava pra fora, lavava roupa pra mulheres de fora... Lavei muita roupa. Eu aposentei por invalidez e recebo uma pensão.*

*Não cheguei a casar. Tenho três filhos: uma moça que mora no Rio e um casal que mora aqui comigo. Eu pago o aluguel, mas minha filha me ajuda muito. Meus filhos me ajuda a pagar as contas.*

*Meus filhos estudou. Tenho três netinhos, o que mora no Rio, não sei se ele estudou.*

*O Luciano me convidou pra poder entrar no Instituto ABC. Eu conhecia o Luciano há muito tempo, da rua. Ele perguntou se eu queria estudar na escola do ABC. Eu falei: "Eu quero."*

*Eu decidi a estudar, porque eu não sabia assinar nem meu nome; hoje eu já assino meu nome... Ler, assim, ler, eu não sei muito não, mas meu nome eu sei. A família acha bom de me ver estudar, eu não sabia nada.... Agora eu sei assinar meu nome, eu só batia o dedo pra assinar.*

*Gosto muito da escola, é uma beleza! Gosto muito. Eu gosto das colegas, tudo bom, tudo boa pra mim. A professora também é uma beleza. Ela é muito boazinha, eu gosto dela. Mas aula de manhã é melhor.*

*A escola me ajuda no dia a dia. Gosto mais da aula de matemática, adoro matemática. Matemática não é difícil não.*

*Tarefa pra casa eu não gosto muito não... Ah não, gosto não. Gosto de fazer aqui na aula, mas tem uma neta lá que me ajuda. Das provas eu gosto e não acho difícil.*

*Eu acho ruim quando não tem aula. Eu me acostumei a ir na aula, gosto de estudar.*

*Pretendo continuar estudando, tem que continuar, porque é o que eu gosto: estudar. Quero estudar aqui mesmo.*



*Vanessa, professora da turma, 28 anos*

*Eu sempre tive que casar o estado com a prefeitura. E ano passado eu não consegui turma do Estado de manhã, tinha só uma vaga. E pra conciliar o Estado à tarde, eu fui lá no dia da reunião e ia pegar o primeiro ano na escola da Prefeitura. Só que eu falei assim: “Se eu pegar o primeiro ano na escola à tarde, eu não vou poder pegar o Estado.” E eu já tinha feito a designação no Estado. Eu tinha certeza que Deus ia abrir uma porta.*

*No final da reunião, eu não conhecia o trabalho do Instituto; eu não conhecia a EJA. Eu conhecia o Luciano de vista e eu sabia que ele trabalhava com a EJA, mas não conhecia nada. Teve uma professora que falou: “Vanessa, tem a EJA, por que você não pega a EJA?” E eu queria ficar na escola do Estado à tarde, por conta que a nomeação do concurso também iria sair. Foi por isso que eu peguei a EJA. Assim, porque eu precisava da tarde livre, só que eu não conhecia nada.*

*Ao mesmo tempo que foi um desafio, porque a minha formação na Faculdade não me deu... Eu tive um período de EJA e eu lembro que a gente estudou um caderno, foi exatamente assim. Não tinha estágio, a gente não fez estágio em EJA, porque em Barbacena não tinha no ano que eu formei. Não tinha lugar pra gente fazer estágio, eu lembro direitinho da professora falando... Aí, a gente estudou um caderno do MEC: “Cultura e Trabalho”. Então, o que eu tive de EJA foi isso: um período sem estágio, sem nada. Então, pra mim foi um desafio chegar lá.*

*Quando eu fui pro Instituto, a gente teve muitas conversas com o Luciano antes de entrar. O Luciano passou muita coisa pra gente. E, assim, eu já comecei, logo nas conversas, eu comecei a ver que não era só o ensino ali, que tinha muita coisa além da alfabetização... Mas foi uma experiência, assim, muito bacana.*

*Você vê pessoas, assim, vencendo desafios o tempo todo e lidando com os limites deles. Assim, nossa, eu cresci muito. Foi uma experiência, assim, incrível, apesar do desafio: de casar didática, de saber, às vezes, qual que era a necessidade deles, o que eles esperavam aprender. Eu lembro que, no início, eu cheguei com muita, assim, muita vontade de fazer coisa diferente. E aí, eu fui percebendo que isso não agradava muito. Então, por fim, eu cáí mais no tradicional do ensino e parece que agradou mais.*

*Essa dificuldade de, às vezes, casar a realidade, assim, sabe? O letramento com isso era muito difícil, porque, às vezes, eu levava texto, às vezes, eu levava aquela experiência do rótulo e, assim, eu via que eles não assimilavam aquilo direito. Ao mesmo tempo que parecia que eles entendiam, parecia que eles não entendia. Então, eu fiquei percebendo que não era por esse caminho e, aí, eu fiquei meio frustrada, porque parecia que eu tava fazendo uma coisa que tava contra o que eu acreditava. Eu não sei se eu não soube conduzir direito essa questão ou se realmente não foi a resposta que eles me deram, eu não sei. Só sei que, por fim, eu tava*

*trabalhando mais a questão das letras mesmo, do fonema, grafema, das letras, das palavras... E aí, eu percebi que eles avançavam, eles avançavam mais do que no início.*

*Foi uma experiência diferente e, assim, muito desafiadora; não minto não. Porque preparar aula pra elas era, assim, um desafio. Aí, fui atrás do material do MEC, eu falei: “Mas isso não vai atender a realidade desse povo.” São textos muito complexos, isso não vai atendê-los. Cacei material e não tinha.*

*Trabalhar na EJA me instigou a entender mais esse processo de porque a EJA é tão escassa no Brasil. Assim, de investigar mesmo e, assim, buscar uma forma nova, porque parece que é tão preconceituosa a questão da EJA e de buscar método. Isso me chamou atenção.*

*E eu acho que a grande sacada do ABC, também, nem é a questão escolar. Assim, alguns vão sim pra aquilo, mas eu acho que é uma forma também de socializar, de estar em um ambiente diferente. Eu acho que isso que atrai eles, às vezes; porque se fosse uma escola normal, muitos não ficariam.*

*Negativamente, eu acho que um dos desafios que eu tive ali que, assim, nem foi um dia, foi a Ana Maria, a Ana Maria me desafiou, assim, demais e ao mesmo tempo foi um dos momentos que me marcou negativamente. Me deixou triste o dia que ela começou a chorar, falando que era burra. Aí, eu me senti a pior professora do mundo, porque eu não conseguia ajudar. Eu senti que eu não tava conseguindo ajudá-la do jeito que ela esperava. Parece que ela colocava uma expectativa, assim, de a gente ajudá-la de alguma forma.*

*Quando eu fui pro Instituto, pelas conversas que eu tive com o Luciano, pelo que ele me passou... Falou assim: “Vanessa, elas estão ali pra interagir, pra viver, pra socializar. Então, assim, você não precisa ficar tão preocupada com o fato, assim, delas se apropriarem de muita coisa.” Mas eu acho que não é bem por aí. Eu acho que elas têm essa expectativa, assim.... Elas querem, por mais que elas estejam ali, que elas se sintam à vontade de estar conversando com uma, com outra, eu percebi quando elas me cobravam: me cobrava tarefa e tinha dia que eu esquecia de levar; pedia prova. Então, elas têm sim vontade de aprender. Algumas falas, até da Idalina mesmo: “Eu acho que esse ano a gente aprendeu. Você acha que a gente tá aprendendo?”*

*Eu acho que é disso que elas sentem falta, mesmo: de fazer, de aprender. Elas estão aí pra isso e acho que a socialização é consequência. Eu acho que elas não estão ali pra socializar, eu acho que faz parte. Mas eu acho que elas estão ali também nessa busca de aprender.*

*Vi que a importância da escolarização na vida das mulheres tá na apropriação da escrita que fez diferença no dia a dia delas; de conseguir resolver problemas do dia a dia – o dia que a gente foi no supermercado, de olhar validade... Porque elas podem, assim, se tornar mais independente quando elas dominam a escrita, de poder ler alguma coisa, de poder entender o mundo. Eu acho que cai muito a questão do letramento.*

*Eu acho que a questão é mais de, assim, não ter a necessidade do outro, da ajuda do outro. De se tornar, assim, mais independente mesmo. Eu acho que é mais isso. Eu acho que a gente não tem dimensão de como é isso, assim, pra elas.*

*Sabe o que eu acho? Que, assim, na idade delas, eu acho que elas não fizeram o uso da escrita, por não saber ler, elas não criaram hábito de fazer o uso da escrita. Aí, eu ficava ao*

mesmo tempo, assim: “Gente, o que vai adiantar eu escrever? Eu ensinar pra elas como que vai fazer o é esse certo, pra vida delas? Elas vão usar isso em quê?”. Então, eu acho que o grande desafio foi entender como que era a necessidade do uso da escrita pra elas, pra poder trazer isso pra sala. Eu acho que não consegui; do remédio até que foi. Mas, de que forma que elas usam a escrita no dia a dia que ia fazer relevância eu ajudá-las?

E sabe uma coisa interessante também? É a questão de: é só mulher. Assim, mais mulher. Gente do céu, é uma coisa, assim, que me deixa intrigada. Então, assim, e é engraçado isso. Eu acho que tem muito a ver com a questão, assim, do rumo da sociedade também. Essa questão desses movimentos... Eu não sei... Esse movimento feminista, das mulheres estarem mais... São mulheres viúvas e independentes, assim, financeiramente, comandam a casa. São mulheres que tomaram atitude, assim, que tomam... E quantas que, às vezes, querem e estão sob a submissão do homem e não vão?



### **Flávia, pesquisadora, 32 anos**

Eu poderia iniciar a minha apresentação de várias maneiras... Poderia narrar minha trajetória de vida, familiar ou profissional; poderia, ainda, contar sobre a minha experiência ao investigar mulheres em processo de envelhecimento, estudantes na EJA.

Mas não optei por nenhuma dessas narrativas. Achei melhor escrever sobre as trajetórias que me atravessam neste momento, enquanto escrevo esta breve e resumida apresentação e que, de certa forma, constituíram os caminhos que percorri. Caminhos estes que também constituí.

Sou mulher, branca, de cabelos cacheados, uso óculos, sou professora de matemática, mestre em Educação e doutoranda (quase doutora) também em Educação, além de ser dona de casa, esposa, filha, neta, irmã, tia, nora, cunhada...

Nasci e cresci na cidade de Barroso, Minas Gerais. Tenho apenas um irmão e o mais importante: sou “titia” de um sobrinho que sempre me pergunta se meus alunos são “grandes ou pequenos”.

Sou filha de pais aposentados e que já fazem parte da categoria etária de pessoas idosas. Minha mãe, branca, formada como auxiliar de enfermagem, aposentou-se como enfermeira. Meu pai, negro, com ensino superior incompleto, aposentou-se como auxiliar de serviços gerais. Ambos trabalharam arduamente para garantir que eu e meu irmão estudássemos e chegássemos a cursar algum curso superior.

Meu irmão é licenciado em Química pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mas não atua como professor. Atualmente, hoje, ele trabalha em um laboratório químico de uma cimenteira. Eu cursei a Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), fiz mestrado na mesma Universidade e, agora, estou terminando o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atuei como professora de matemática em

*todos os anos escolares finais do Ensino Fundamental (do sexto ao nono anos) e no Ensino Médio (do primeiro ao terceiro anos). Não posso deixar de registrar minha experiência profissional também no Ensino Superior no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG e no curso de Pedagogia também da UFMG...*

*Resumindo: eu e meu irmão, filhos de trabalhadores, com condições econômicas restritas, formamos em Universidades Federais, pois não podíamos pensar na possibilidade de pagar um curso em alguma universidade particular, não tínhamos condições financeiras suficientes para isso. Ambos, fomos beneficiados pelos programas do Governo Lula ao ingressarmos na Universidade. Eu fui bolsista em todos os cursos que concluí e meu irmão foi beneficiado com a expansão dos cursos de Licenciatura na modalidade EAD...*

*Quando fui aprovada na seleção para o doutorado, já estava convicta em relação às pessoas que participariam da minha pesquisa (mulheres em processo de envelhecimento), ao local em que a pesquisa seria realizada (Instituto ABC) e ao que eu realmente gostaria de compreender: mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento escolares.*

*Minha orientadora abraçou a proposta e, então, iniciei o trabalho de campo.*

*Entrei em contato com o diretor da Instituição; ele foi muito solícito ao me receber e, prontamente, aceitou minha proposta investigativa. Também conversei com a professora da turma que, entusiasmada, aceitou ser uma colaboradora; e, para minha surpresa, a turma que eu acompanharia era composta, predominante, por mulheres com idade superior a 60 anos. Era tudo o que eu precisava...*

*Quando iniciei minhas observações em sala de aula, confesso que me surpreendi, pois aquelas mulheres emanavam uma energia incrível, demonstravam muito interesse pelas atividades, eram curiosas e estavam muito dispostas a aprender tudo que a sala de aula pudesse proporcionar. Os posicionamentos que assumiam em relação aos conhecimentos escolares, aos acontecimentos sociais, educacionais e políticos que ocorreram na cidade, no estado e no país, no ano de dois mil e dezoito e também suas vivências e histórias de vida e familiares, de interdições e exclusões, de superação e lutas, muito me surpreenderam.*

*Estar com elas durante o trabalho de campo, além possibilitar a construção desse relatório de pesquisa também me abriu caminhos para pensar sobre a vida, ressignificar o (meu e de tantas/os outras/os) processo de envelhecimento, pensar sobre a velhice dos meus pais e familiares e, ainda, refletir sobre a minha formação política, social, cultural, como educadora, como professora, como pesquisadora...*



A maioria das informações compartilhadas pelas mulheres citadas, assim como as considerações de vida feitas por elas são essenciais para a nossa pesquisa, pois

reafirmam a condição dessas protagonistas como sujeitos sociais<sup>7</sup> (de conhecimentos e de aprendizagens, de vivências e de culturas, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas). Embora apresentem trajetórias pessoais próprias, essas histórias também trazem argumentos que se assemelham: condição de órfãs na infância; trabalho infantil para a manutenção da família; privações na infância, adolescência, juventude e vida adulta; situações de exclusão vinculadas às relações de gênero fora e dentro do contexto familiar; matrimônios precoces; jornada de trabalho intensa para o sustento dos filhos; preconceitos, explorações e exclusões pela falta da leitura e da escrita, valorizadas socialmente; desejo de voltar para a escola; dificuldades em relação aos conhecimentos, procedimentos, ideias, conteúdos e habilidades veiculados e valorizados no espaço escolar; tensionamentos dentro e fora do ambiente escolar; e desejo de aprender.

Os roteiros que esses argumentos engendram também não se distinguem das trajetórias de outras tantas mulheres que foram impedidas do acesso à educação escolar na infância e na adolescência.

De modo especial, esses depoimentos nos interessam pela tematização do envelhecimento feminino e pelo tensionamento da condição de mulheres estudantes de uma turma de alfabetização na EJA protagonizado pelas participantes da pesquisa. Embora haja momentos em que se identificam perspectivas de aprendizagem como aquisição de um domínio individual de certas habilidades, ou avaliação de seus progressos e realização de intenções pessoais de aprender, testemunhamos, principalmente, essas mulheres vivenciando a aprendizagem como ação social, que as mobiliza como mulheres de conhecimentos, de vivências, de culturas, de memórias, de esquecimentos, de direitos e de expectativas.

Discursos de reafirmação e de suspeição dessas mulheres como alfabetizandas na EJA constituem os e constituem-se nos posicionamentos que assumem na tomada

---

<sup>7</sup> Fundamentadas numa concepção freiriana, o *sujeito social* “compreende a postura ativa que se materializa no político, esfera de concentração das relações objetivas, estruturantes do viver em sociedade. É o *homem novo* pensado por Freire, cuja posição crítica, ativa e dialógica diante do mundo revela suas origens enraizadas no processo de libertação” (PITANO, 2018, p. 443, destaque da autora).

de decisão de estudar e na avaliação que elas fazem do que já conseguiram aprender; nas considerações que fazem sobre a professora, as atividades escolares, os conteúdos disciplinares e o Instituto ABC, em especial. Tais discursos também permeiam e se produzem em sua relação com a matemática escolar, tematizada em seus depoimentos por uma certa indução na condução da entrevista, mas que também se explicitará em diversas situações que observamos na sala de aula e que nos ajudam a refletir sobre possibilidades e interdições na sua constituição como mulheres de aprendizagem e de conhecimento, de vivência e de cultura, de memória e de esquecimento, de direito e de expectativa, oportunizadas nos processos de apropriação de práticas de numeramento escolares.

Com essas mulheres em processo de envelhecimento também estiveram presentes na sala de aula, durante o ano letivo de 2018, a professora Vanessa e a pesquisadora Flávia.

Naquela turma de alfabetização muitas significações foram produzidas por todas essas mulheres: tecendo aprendizagens, produzindo conhecimentos, associando vivências, compartilhando cultura, acessando memórias, comunicando ou silenciando esquecimentos, assumindo direitos e revelando expectativas nos modos de se apropriarem de práticas letradas e, em especial, as práticas que envolvem ideias, representações e procedimentos que nossa formação cultural nos faz associar ao que aprendemos a chamar de matemática.

Esta tese focaliza esses processos como uma via para conhecer essas mulheres, alfabetizadas na EJA, que vão se constituindo nos discursos produzidos pelas estruturas sociais sobre o envelhecimento, sobre a escola e sobre a matemática escolar, mas também constituem e produzem esses discursos para transformá-los, transformando-se a si mesmas (FAIRCLOUGH, 2001).

## – CAPÍTULO 1 –

### PROPOSIÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

*Eu não tenho medo dos anos e não penso em velhice.*

*E digo pra você, não pense.*

*Nunca diga estou envelhecendo, estou ficando velha.*

*Eu não digo.*

*Eu não digo que estou velha, e não digo que estou ouvindo pouco.*

*É claro que quando preciso de ajuda, eu digo que preciso.*

*Procuro sempre ler e estar atualizada com os fatos  
e isso me ajuda a vencer as dificuldades da vida.*

*O melhor roteiro é ler e praticar o que lê.*

*O bom é produzir sempre e não dormir de dia.*

*Também não diga pra você que está ficando esquecida,  
porque assim você fica mais.*

*Nunca digo que estou doente, digo sempre: estou ótima.*

*Eu não digo nunca que estou cansada.*

*Nada de palavra negativa.*

*Quanto mais você diz estar ficando cansada e esquecida,  
mais esquecida fica.*

*Você vai se convencendo daquilo e convence os outros.*

*Então silêncio!*

*(Cora Coralina, Não tenho medo de envelhecer)*

#### 1.1 Aproximação com o objeto<sup>8</sup>

Durante a minha<sup>9</sup> atuação como aluna da graduação em licenciatura em matemática e, em seguida, como educadora de adolescentes e jovens da Educação Básica em escolas da rede privada de ensino, sempre me questioneei sobre como os alunos se apropriavam dos

---

<sup>8</sup> Ao narrarmos a proposição do problema de investigação a partir de nossa aproximação *com* o objeto da pesquisa e não *do* objeto da pesquisa, buscamos destacar que não nos dirigimos a um objeto dado, externo a nós e estático, mas que o amadurecimento de nossas indagações sobre esse objeto – apropriação de práticas de numeramento protagonizadas por mulheres idosas, alfabetizadas na EJA – nos permite reconfigurá-lo, na medida em que, lançando diferentes olhares para temáticas que são caras ao campo da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA), aos estudos do envelhecimento e do envelhecimento feminino, às contribuições da pesquisa sobre letramento e numeramento, vamos tecendo outras compreensões das relações que as mulheres em processo de envelhecimento, participantes desta pesquisa, estabelecem com sua experiência escolar.

<sup>9</sup> Neste texto, utilizarei a primeira pessoa do singular sempre que fizer referência à minha aproximação do objeto de pesquisa e às minhas experiências pessoais durante a condução do trabalho de campo e em relação à minha atuação como pesquisadora. Entretanto, destaco que essas falas não são solitárias, mas marcadas por múltiplas participações. Em especial, a participação da minha orientadora, das/os minhas/meus colegas de grupo de pesquisa, das/os pesquisadoras/as e das/os professoras/es que também ouviram sobre a proposta desta pesquisa e fizeram significativas sugestões.

conhecimentos matemáticos escolares. Especialmente, interessei-me por compreender os sentidos que eles atribuíam às atividades realizadas em sala de aula.

Em 2009, conheci um projeto alternativo de educação na cidade de Barroso, Minas Gerais, conhecido como Instituto ABC (Instituto Amigos do Bem Coletivo)<sup>10</sup>, direcionado à modalidade de Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA). O ABC, além de desenvolver trabalhos sociais com pessoas jovens, adultas e idosas, oferece educação escolar desde a Alfabetização até os Anos Finais do Ensino Fundamental. O que mais me chamou a atenção naquele Projeto foi o número expressivo de mulheres e homens com idade acima de 60 anos que frequentavam as aulas na Instituição.

Em razão da quantidade de pessoas idosas que compareciam regularmente às aulas no Instituto ABC, o tema das dificuldades na vida escolar, associadas à idade avançada, surge reiteradamente no discurso de educadoras/es<sup>11</sup> e educandas/os do Projeto e, de certa forma, contrasta com a vontade, a disponibilidade, a persistência e a permanência dessas/es estudantes nos cursos. Sendo professora de matemática, essa aparente contradição me trouxe certa inquietação em relação ao modo como essas/es estudantes viam a matemática escolar: incomodava-me pensar que muitas/os dessas/es idosas/os, tendo sido excluídas/os do sistema escolar por muitos motivos – como a necessidade do trabalho, as condições de acesso ao ambiente escolar ou a segurança nesse ambiente, os horários e as exigências escolares incompatíveis com os encargos do cotidiano das/os estudantes, a falta de vagas nas escolas, a ausência de professoras/es e de material, ou mesmo a pouca relevância atribuída à formação escolar (FONSECA, 2007).

Motivada por essa inquietude, realizei minha pesquisa de mestrado<sup>12</sup>, a qual me possibilitou compreender os diferentes “lugares” que a escola, a leitura, a escrita e a matemática escolar

---

<sup>10</sup> O Instituto Amigos do Bem Coletivo é popularmente conhecido como Instituto ABC. No capítulo 3, falaremos sobre como ele foi criado e como passou a oferecer escolarização às pessoas jovens, adultas e idosas na cidade de Barroso, Minas Gerais.

<sup>11</sup> Utilizamos neste texto, quando nos referimos a grupos com mulheres e homens, as desinências de gênero no feminino acompanhadas da desinência no masculino. Essa escolha tem sido feita por pesquisadoras de Gênero compreendendo que “a linguagem institui o sujeito e de que o uso desta produz e reproduz relações de poder; neste caso, relações de poder relativas a gênero” (PARAÍSO, 1997, p. 23). Assim, destacando a composição mista desses grupos, procuramos refutar o entendimento, favorecido pelas regras gramaticais da língua portuguesa, de que o masculino representa o ser universal, destacando a presença, a participação, o protagonismo das mulheres e as especificidades que isso aporta a esses coletivos. Além disso, optamos por usar a barra oblíqua (/), por exemplo: alunas/os, idosas/os, as/os, dessas/es, ao invés dos parêntesis, para não sugerir um gênero como “alternativa” ao outro, mas como integrantes diversos desses coletivos. Ao refletirmos sobre o uso dessa grafia, entretanto, não nos passou despercebida a questão do binarismo que ela sugere.

<sup>12</sup> Essa pesquisa subsidiou a dissertação intitulada *Os diferentes 'lugares' que a escola, a leitura, a escrita e a aula de Matemática têm na vida dos alunos que estão na Terceira Idade* e foi defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São João del-Rei, em 2014.

tenham na vida dessas mulheres e desses homens que estavam vivenciando a Terceira Idade<sup>13</sup>. As análises empreendidas durante a investigação permitiram conhecer alguns dos sentidos que as/os alunas/os idosas/os atribuem à escola. As entrevistas que aquelas pessoas me concederam apontaram que a volta e a permanência na escola depois de uma vida sem escolarização resultaram da disposição para enfrentar os desafios relacionados à questão da idade, a necessidade de se sentirem motivadas e esperançosas, além da busca pela aprendizagem, pela socialização e por uma qualidade de vida melhor.

Em especial, quando se referiam às situações de ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares, as/os entrevistadas/os manifestaram o desejo de aquisição tanto da leitura e da escrita legitimada pela sociedade quanto da matemática escolar; neste último caso, demonstraram mais interesse na superação das dificuldades, dos medos e do “pavor” causados por essa disciplina do que por seu uso na vida cotidiana. A seguir, destaco alguns trechos das entrevistas realizadas com essas/es estudantes, a fim de ilustrar essa busca pela superação das dificuldades escolares:

*Quando ela fala que é aula de matemática, é igual eu te falo, me dá aquele calafrio, mas eu fico. Hoje eu fiz as contas tudo, quando eu parei, ocê acredita que eu tava chorando, assim, nas vistas? Porque eu tenho as minhas vistas fraca, boba! Eu acho que eu firmo ali [nos exercícios], pra não sair errado (GROSSI, 2014, p. 159).*

[Quando a professora fala que é aula de matemática] *Eu falo assim: ‘Eu posso ir embora?’ [Sorri]... Eu falo: ‘Dá pra ir pra casa?’ Mas eu falo brincando. Não, boba! A gente enfrenta direitinho e sai bem, graças a Deus. Pode ver, eu tenho as folhas que eu tenho aqui, tudo ela dá o ‘cê’ direitinho pra gente. A gente faz direitinho, sim. Complica um cadinho, ocê esquento um pouquinho a cabeça. Às vezes, dá pra ficar um pouquinho nervosa, mas não com ela [a matemática], mas com a gente mesmo, né? Assim... Mas a gente sai bem sim... (GROSSI, 2014, p.160).*

Durante o processo da pesquisa, pude perceber o papel especial que a escola tem para estudantes idosas/os, corroborando a observação de Andréia Santos e Maria Auxiliadora Sá (2003, p. 93) de que a escola é, para essas mulheres e esses homens, “um dos meios para vencer os desafios impostos pela idade e pela sociedade”. Muitas vezes, o fato de estar na escola e de ter acesso ao conhecimento que a mesma proporciona por ela leva as pessoas idosas a se sentirem mais incluídas no convívio familiar e na sociedade, “além da satisfação de

---

<sup>13</sup> Muitos são os termos e expressões utilizados para designar as pessoas envelhecidas. No Brasil, o termo velho era utilizado para intitular homens e mulheres com idade avançada. No entanto, a partir da influência da Europa, o termo velhice passou a ser associado à decadência e foi banido dos textos oficiais. A categoria idoso passou a simbolizar as pessoas mais velhas, conhecidas como “os velhos respeitados”, enquanto os “jovens velhos”, os “aposentados dinâmicos”, passaram a ser chamados de “terceira idade”, dando um novo sentido a essa etapa da vida (PEIXOTO, 1998, p. 81, destaques da autora). Alda Britto da Motta (2002), todavia, adverte que a “inserção de um novo período entre a maturidade e a velhice” torna-se “ao mesmo tempo negação desta” (p. 38).

perceberem-se capazes de aprender coisas que não tiveram oportunidade enquanto jovens” (PINHEIRO, 2009, p. 41).

A educação é considerada um direito fundamental de todos, conforme garantido pela Constituição Federal de 1988. Todavia, ainda não existe uma política pública que faça menção exclusivamente à educação para a pessoa idosa (OLIVEIRA, 2013), mesmo que o Estatuto do Idoso – Lei 10.741/03 (BRASIL, 2003) – e a Lei 8.842/94 (BRASIL, 1994) proponham e estabeleçam como devem ser as condições de estudo para esse público. Hoje, as pessoas idosas e as que estão em processo de envelhecimento, assim como qualquer pessoa com idade acima de 15 anos, no caso de quem não concluiu o Ensino Fundamental, ou 18 anos, no caso de quem não concluiu o Ensino Médio, têm, na EJA – modalidade de oferta da Educação Básica, com algumas prerrogativas do ponto de vista do cumprimento de carga horária, de dias letivos e de proposta curricular<sup>14</sup> – um lugar para escolarizar-se não apenas no nível da alfabetização, mas também com a perspectiva de continuidade dos estudos para a conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

De acordo com o Parecer CNE/CEB 11 (BRASIL, 2000), a EJA deve proporcionar o desenvolvimento de todas as pessoas e em diferentes idades. Todavia, o público de pessoas idosas apresenta características específicas e diferentes necessidades educacionais, as quais não são contempladas explicitamente nos documentos oficiais e, muito menos, consideradas na proposição e no desenvolvimento das propostas curriculares.

O referido documento destaca que essa modalidade de ensino deve dar oportunidade para que adolescentes, jovens, adultos e idosos atualizem seus conhecimentos, mostrem suas habilidades, troquem experiências e acessem novas oportunidades de trabalho e cultura. O parecer menciona a inclusão das pessoas idosas no direito à educação, reiterando que “a EJA é uma promessa de qualificação de vida para todos, inclusive para os idosos, que muito têm a ensinar para as novas gerações” (BRASIL, 2000, p. 10).

Estudos que se dedicam aos objetivos e às condições de oferta da EJA (HADDAD, 1994; OLIVEIRA, 1999; ARROYO, 2001, 2017; FONSECA, 2007, 2017; SOARES, 2011; CAPUCHO, 2012; GADOTTI, 2012; SOARES; SOARES, 2014; ARAUJO, 2019; SILVA; SOARES, 2021) apontam para o papel de resgate do direito à educação que a EJA deve cumprir

---

<sup>14</sup> Estudiosos e militantes da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (HADDAD, 1994; OLIVEIRA, 1999; ARROYO, 2001; 2017; FONSECA, 2007; 2017; SOARES, 2011; CAPUCHO, 2012; GADOTTI, 2012; ARAUJO, 2019; SILVA *et al.*, 2020; SILVA; SOARES, 2021) insistem que a identidade da EJA está no reconhecimento das especificidades da vida adulta na proposição e no desenvolvimento da proposta pedagógica. Entretanto, a EJA, oficialmente, configura-se como modalidade de oferta da Educação Básica.

ao atender pessoas jovens, adultas ou idosas que foram banidas do sistema escolar, como resultado das desigualdades e misérias do país.

Assim, a EJA, em sua maioria, configura-se como “uma educação para pobres, para jovens e adultos das camadas populares, para aqueles que são maioria nas sociedades do Terceiro Mundo, para os excluídos do desenvolvimento e dos sistemas educacionais de ensino” (HADDAD, 1994, p. 86). Tal configuração do público da EJA define, ainda, a “caracterização sociocultural de seu público” (OLIVEIRA, 1999, p. 59) como um de seus traços determinantes, o que exige a consideração de que os grupos culturais aos quais pertencem educandas e educandos da EJA, em geral, não se identificam com a cultura escolar e que tais estranhamentos devem ser reconhecidos, acolhidos e trabalhados, para que as/os componentes desses grupos se assumam como mulheres de conhecimento e aprendizagem (FONSECA, 2007).

Dessa forma, entre as preocupações das escolas que oferecem a Educação Básica na modalidade EJA, deveria ser incluída a luta por (re)construir sentidos e (re)significar os conteúdos escolares para esses sujeitos socioculturais que “apresentam perspectivas e expectativas, demandas e contribuições, desafios e desejos próprios em relação à educação escolar” (FONSECA, 2007, p. 32). No desenvolvimento da pesquisa que subsidiou minha dissertação de mestrado, pude constatar não só o significativo grupo de mulheres idosas e em processo de envelhecimento que frequentavam a EJA no Instituto ABC, mas também que elas, mais do que seus colegas do sexo masculino, o consideravam “como espaço de questionamento, tomada de decisões, capacitação e, acima de tudo, diálogo” (OLIVEIRA, 2013, p. 81). Essa relação com a vivência e o espaço escolar, por certo, favorecia o próprio reconhecimento das mesmas como mulheres de conhecimento e aprendizagem, o que passou a me interpelar e foi aos poucos se constituindo como objeto de minha curiosidade investigativa.

Nossa sociedade e, certamente, a vivência dessas mulheres em processo de envelhecimento dentro e fora do espaço escolar são marcadas pela cultura escrita. Com efeito, nessa sociedade, nos diferentes modos que temos de conhecer e lidar com o mundo, com as pessoas e com as situações, existe uma valorização da escrita como instrumento que viabiliza e/ou legitima as práticas sociais. Isso ocorre em diferentes contextos (sejam eles escolares ou não), até mesmo naqueles que não fazem uso da tecnologia da escrita. Por isso, considera-se que essa é uma *sociedade grafocêntrica* (SOARES, 2001).

As informações contidas nos textos escritos que circulam nas mais diversas instâncias da vida social refletem os modos como aquelas/es que os escrevem (e aquelas/es que, presumivelmente deverão lê-los) se relacionam com o mundo e com a sociedade. É possível perceber como as representações, as referências e os argumentos que estruturam ou,

simplesmente, aparecem nesses textos “estão frequentemente associados a ideias, símbolos e critérios que se relacionam com aquilo que aprendemos a chamar de ‘matemática’ no contexto escolar” (FONSECA, 2017, p. 110). Interessadas em discutir a relação das estudantes em processo de envelhecimento na EJA com as práticas escolares e tomando a escola como agência de letramento numa sociedade grafocêntrica, consideramos importante refletir também sobre a relação dessas mulheres com tais ideias, símbolos e critérios matemáticos que permeiam os textos que circulam nessa sociedade e os investem de valores e de “modos cartesianos de pensar o mundo” (ibidem). Esses valores e esses modos de pensar o mundo, se estabelecem como estruturantes das práticas sociais em que tais textos se inserem, e, assim, das práticas sociais de que participam as estudantes em processo de envelhecimento na EJA.

Confrontando os desafios do reconhecimento e da garantia do direito das pessoas em processo de envelhecimento à educação escolar, considerando a escola como agência privilegiada de letramento e reconhecendo as práticas matemáticas (tomadas como práticas discursivas e, como tal, socioculturais) como um componente decisivo na configuração das relações nas sociedades grafocêntricas, esta pesquisa propõe-se a investigar os modos pelos quais mulheres em processo de envelhecimento apropriam-se de tais práticas num contexto de alfabetização escolar.

Essa disposição de investigar seus modos de apropriação de práticas escolares, em especial de práticas de numeramento<sup>15</sup> – práticas discursivas em que se estabelecem relações com o que aprendemos a identificar como matemática – escolares, insere-se num esforço de focalizar essas estudantes como mulheres de aprendizagem e de conhecimento, de vivências e de cultura, de memória e de esquecimento, de direitos e de expectativas.

A escolha do contexto escolar para focalizar os modos de apropriação de práticas de numeramento protagonizados por mulheres em processo de envelhecimento reitera o direito humano e constitucional desse público à educação escolar. Os sentidos que elas atribuem à experiência escolar nessa fase da vida, porém, ainda precisam ser discutidos considerando-se diversos condicionantes e perspectivas que envolvem possibilidades e restrições ao acesso e usufruto do direito à educação por todas as pessoas.

No exercício desse direito por pessoas idosas, como nos mostram alguns estudos (NÓBREGA, 2006; LICHTENFELS, 2007; SOUSA, 2009; SANTIAGO, 2010; BUAES, 2011; GROSSI, 2014; SILVA, 2014; SOUZA, 2014; LIMA, 2015), a conquista de uma certificação ou a ampliação das possibilidades de (re)colocação no mercado de trabalho parece ter menos

---

<sup>15</sup> Discutiremos mais profundamente esse conceito posteriormente.

relevância do que o tem para estudantes mais jovens da EJA. Também, segundo os resultados desses trabalhos, não parece ser apenas a oportunidade de socialização que atrai esse público para a escola, embora isso de fato as estimule. A socialização poderia ser proporcionada por atividades em outros espaços (religiosos, grupos de convivência e grupos familiares, entre outros); mas aquelas mulheres e aqueles homens optam pela escola.

As mulheres que acompanhamos no trabalho de campo desta investigação narram assim sua disposição de estudar na escola àquela altura da vida. A seguir, explicitamos alguns dos tantos trechos desses relatos:

*“Eu decidi a estudar, porque eu não sabia assinar nem meu nome”* (Olga, 73 anos).

*“Eu falei: ‘Eu vou, eu decidi. Eu vou porque pelo menos o meu nome, eu vou aprender’ ... Pretendo continuar estudando, se Deus quiser! Eu quero aprender, tem que estudar mais”* (Ana Maria, 56 anos).

*“Eu decidi voltar a estudar porque eu fiquei chateada. Eu ia no banco, mas tinha que assinar com a minha impressão digital. Eu falava: ‘Um dia isso vai acabar’”* (Dona Cecília, 91 anos).

*“Eu não sabia fazer conta de vai um, eu aprendi com a Vanessa, sabe ... Eu acho que a de emprestar eu tava aprendendo. Aquela de diminuir também, né?”* (Dona Idalina, 74 anos).

*“Eu queria entrar na escola outra vez. Eu falei: ‘Eu esqueci das letras, estou querendo entrar mais na escola’”* (Dona Irene, 78 anos).

*“Eu decidi voltar a estudar, porque eu tenho vontade de aprender a ler. Meu sonho, eu falei: ‘Se Deus quiser, quando eu tiver já sabendo ler correto, quero fazer a leitura na igreja’”* (Dona Terezinha, 64 anos).

*“Eu falei assim: ‘Ah, gente, sabe que eu sinto que eu acho que eu perdi umas letra e eu vou voltar pra aula’ ... Eu falo assim: ‘Ó, quem sabe eu não vou chegar numa faculdade, vou andar nesses ônibus à noite pra baixo e pra cima’ [refere-se aos veículos que levam jovens e adultos, estudantes de curso superior e técnico, da cidade de Barroso para as cidades vizinhas]. Eu penso em voar longe como uma garça”* (Aparecida, 56 anos).

Nas falas dessas mulheres, há referências a um passado de interdições (“*eu não sabia assinar nem meu nome.*”); “*Eu ia no banco, mas tinha que assinar com a minha impressão digital.*”; “*Eu não sabia fazer conta de vai um.*”); há avalições das condições e da experiência presente (“*eu aprendi com a Vanessa, sabe ... Eu acho que a de emprestar eu tava aprendendo. Aquela de diminuir também, né?*”; “*Eu esqueci das letras, estou querendo entrar mais na escola.*”; “*eu tenho vontade de aprender a ler.*”; “*sabe que eu sinto que eu acho que eu perdi umas letra, e eu vou voltar pra aula.*”) e projetos de futuro (“*Pretendo continuar estudando, se Deus quiser! Eu quero aprender, tem que estudar mais.*”; “*Um dia isso vai acabar*”; “*Se*

*Deus quiser, quando eu tiver já sabendo ler correto quero fazer a leitura na igreja”; “Ó, quem sabe eu não vou chegar numa faculdade, vou andar nesses ônibus à noite pra baixo e pra cima.”; “Eu penso em voar longe como uma garça.”*). Isso confere à instituição escolar uma grande responsabilidade e exige reflexões importantes, pois, do contrário, assume-se o risco de que a escolarização frustrasse as expectativas dessas mulheres.

Por isso, objetivamos estudar os modos como essas mulheres – em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA – lidam com conhecimentos, interações, normas, perspectivas, procedimentos, linguagens e valores que se veiculam na escola e configuram as práticas escolares; em especial, buscamos entender como essas mulheres significam e, assim, apropriam-se de práticas de numeramento escolares, na intenção de contribuir para a compreensão das relações que elas estabelecem com a (e na) vivência<sup>16</sup> da escolarização nessa fase da vida.

Por meio do acompanhamento de alfabetizadas na EJA, em processo de envelhecimento, esta investigação contempla nossa curiosidade e nosso compromisso com essas mulheres que estavam vivenciando o seu direito à educação escolar. Assim, muitas questões se colocaram na exploração dessa curiosidade e na reafirmação desse compromisso: Se a escola é um direito de todas as pessoas, o que ela oferece a essas mulheres em processo de envelhecimento? O que elas buscam na escola e o que elas encontram? Que sentidos elas atribuem à escola e à vivência da escolarização nessa fase da vida? Qual o papel da matemática escolar nessa vivência e que sentidos elas atribuem aos conteúdos da disciplina? Que relações são estabelecidas, por essas mulheres em processo de envelhecimento, entre as práticas de numeramento escolares e as práticas de numeramento não escolares e como essas relações impactam a vivência de escolarização?

Esses questionamentos reforçam o principal objetivo desta investigação: compreender processos de apropriação de práticas de numeramento escolares protagonizados por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, considerando-os como instâncias de sua constituição como mulheres de aprendizagens e de conhecimentos, de vivências e de culturas, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas. Além disso, tomando as práticas de numeramento como práticas discursivas, e, como tal, históricas e socioculturais, consideramos que sua apropriação se dá em interações discursivas que oportunizam,

---

<sup>16</sup> Estamos compreendendo vivência na perspectiva de Zoia Prestes (2010), também mobilizada por Denise Araujo (2019): “Assim como o significado das palavras é a unidade entre pensamento e fala, a vivência é a unidade entre a situação social e a consciência da pessoa” (p. 76).

potencializam ou interditam, no jogo das posições disponibilizadas e assumidas por essas mulheres, tal constituição.

Foi com essa compreensão que arquitetamos uma metodologia de produção de material empírico e de análise que nos permitisse identificar modos de apropriação das práticas de numeramento escolares por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, nos posicionamentos discursivos assumidos por elas em interações que ocorrem no contexto escolar.

## **1.2 Mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA**

A luta pela igualdade, pelo desenvolvimento social, educacional e econômico (especialmente nos países ditos “em desenvolvimento”) e pela erradicação da pobreza mundial tem como desafio, ainda no século XXI, a oferta de educação escolar a mulheres de diversas faixas etárias, privadas do acesso e das condições de permanência em instituições escolares por diferentes fatores culturais, sociais, econômicos e políticos.

Segundo o Censo Demográfico de 2010<sup>17</sup>, os índices de alfabetização e escolaridade entre as pessoas idosas são os mais baixos entre a população adulta, principalmente se consideramos aqueles que se referem às mulheres (DI PIERRO, 2015). O Informativo publicado pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD, 2019) explicita a associação direta entre as taxas de analfabetismo no Brasil e os grupos etários. Assim, a taxa de analfabetismo entre as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos (18,0%, equivalendo a quase 6 milhões de analfabetos) é consideravelmente maior que essa taxa em outros grupos etários<sup>18</sup>, que decresce à medida que as faixas etárias incluem pessoas mais jovens. Em especial, a taxa de analfabetismo entre mulheres de 15 anos ou mais (6,3%) é inferior à taxa de analfabetismo de homens nesse mesmo grupo etário (6,9%). Porém se considerarmos apenas mulheres e homens com 60 anos ou mais de idade, as taxas quase triplicam, sendo que se igualam as taxas por sexo: as taxas de analfabetismo entre as mulheres idosas e entre homens desse grupo etário correspondem ambas a 18,0% (ibidem).

A situação das mulheres em processo de envelhecimento reflete as intensas e ainda existentes e persistentes desigualdades entre mulheres e homens (mesmo que para grupos mais

---

<sup>17</sup> O IBGE não realizou o censo previsto para 2020, em função da epidemia da Covid-19. Também não o realizará em 2021 e não há previsão de sua realização, apesar de uma série de políticas públicas terem seus parâmetros regidos pelas informações do censo.

<sup>18</sup> As taxas de analfabetismo, indicadas pela PNAD (2019) e considerando outros cortes etários, foram: 6,6% no público de 15 anos ou mais; 7,9% no público de 25 anos ou mais; e 11,1% no público de 40 anos ou mais.

jovens haja menos mulheres analfabetas do que homens), produto de uma sociedade marcada historicamente pelo “aprisionamento das mulheres” à sua conformação física (SOUZA; FONSECA, 2010, p. 22). Tal desigualdade pode ser vista a partir de diversos marcadores sociais (étnicos, raciais, de classe, geracionais, religiosos, profissionais, entre outros), os quais definem as possibilidades de relação entre as pessoas e delas com os conhecimentos e as instituições, em diversas instâncias da vida social, entre elas, o espaço escolar.

As mulheres participantes desta pesquisa relembram interdições que as impediram de frequentar o espaço escolar:

*“Os meus irmãos estudou, meu pai não deixou os meninos sem estudar. As mulheres não podia, mas os homens sim”* (Dona Cecília, 91 anos).

*“Nem quando era criança estudei; minha mãe não deixava não”* (Dona Joana, 63 anos).

*“Eu nunca estudei, porque eu ficava com a minha mãe em casa, sabe? Minha mãe era muito doente; eu não largava ela não”* (Dona Leonídia, 73 anos).

*“Meus pais não estudou e não sabia ler. Eles não deixava a gente entrar na aula, porque dizia que ia aprender a escrever carta pros namorados, sabe? Então, só os homens estudou...”* (Dona Terezinha, 64 anos).

Nos relatos dessas mulheres, há referências à cultura patriarcal e machista da época ( *“Os meus irmãos estudou, meu pai não deixou os meninos sem estudar. As mulheres não podia, mas os homens sim”*; *“minha mãe não deixava não.”*; *“Meus pais não estudou e não sabia ler. Eles não deixava a gente entrar na aula.”*) que, de certa forma, *naturalizam* as funções que devem ser assumidas e os deveres a serem cumpridos pelas mulheres e pelos homens na sociedade ocidental, “justificando” as interdições ao direto à educação escolar impostas a elas ( *“eu ficava com a minha mãe em casa, sabe? Minha mãe era muito doente; eu não largava ela não.”*; *“dizia que ia aprender a escrever carta pros namorados, sabe? Então, só os homens estudou.”*).

Embora as mulheres tenham alcançado conquistas significativas ao longo das últimas décadas, elas ainda experimentam uma situação de maior vulnerabilidade e desvalorização em relação à que se encontram os homens, mesmo que vivenciem as mesmas condições econômicas (SOUZA, 2008). De modo especial, pesam sobre as mulheres, ainda de maneira muito desigual, restrições advindas das responsabilidades reprodutivas, acompanhadas de praticamente toda a carga das tarefas relativas ao cuidado dos filhos e da casa, e, muitas vezes também do provimento desta, o que dificulta, quando não inviabiliza, seu ingresso e sua permanência na escola e suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho em postos que exigem

certificação e habilidades escolares. É o que nos conta, Dona Joana (63 anos), participante desta pesquisa, sobre sua responsabilidade de cuidado com as/os filhas/os e a gestão dessa responsabilidade atrelada à sua alternativa laboral: *“Então, eu tinha que trabalhar pra dar o sustento pra eles. Eu fui trabalhar e comprava o que dava; o que não desse, minhas patroas me davam pra cobrir, porque... como que eu ia fazer compra pros meus filhos?”*

Historicamente, as mulheres tiveram seu acesso à escolarização restringido, devido às imposições e aos constrangimentos de uma sociedade marcada pelo modelo patriarcal que as conduziu a uma invisibilidade que servia aos jogos de poder, isto é, regia mulheres e respaldava homens: *“De primeira, os marido que saía de manhã no sábado e trazia um saco cheio nas costas, esses é que era bom [fala com ironia]. Ele vai lá, ele faz compra, né? ... Traz um saco de mantimento. Mulher não punha a mão não, era assim.”* (Dona Joana, 63 anos). Segundo Marília Carvalho (1999), além de a mulher ter tido um processo de escolarização tardia em relação aos homens, recebeu uma educação de má qualidade. A descrição e a avaliação de Aparecida (56 anos) sobre o ensino em sua infância corroboram a observação da pesquisadora: *“De vez em quando a professora apresentava algum livro pra gente, mas era muito difícil. O estudo era muito fraquinho...”*

No Brasil, a incorporação da mulher ao sistema educacional brasileiro é recente. Somente a partir dos anos 1970, as mulheres vêm se beneficiando da lenta expansão e da democratização do acesso à escola, antes restrito às que faziam parte das camadas mais altas da sociedade (CARVALHO, 1999). Além disso, a escola foi e ainda é um campo reprodutor das relações sociais, configurando-se, predominantemente (mesmo que mais recentemente não o seja numericamente), como um espaço masculino e branco. Com efeito, a escola, como espaço social para a formação de mulheres e homens, é um ambiente conformado por certas representações de gênero, mesmo que, ao longo do tempo, esse espaço se tenha visto obrigado a abarcar as diversidades que foram surgindo, como a presença de estudantes de outras classes, de outras raças, e das mulheres, por exemplo (LOURO, 2014).

Apesar do “acolhimento” dessa diversidade, a escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna não modificou sua essência, “começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas” (LOURO, 2014, p. 61), perpetuando, assim, os processos de hierarquização e de desigualdades sociais, em vez de constituir-se como um espaço democrático e igualitário.

É por terem vivido nesse contexto que mulheres em processo de envelhecimento, não alfabetizadas, veem a educação como meio de transpor uma condição social que, de uma

maneira geral, não lhes é favorável. Muitas delas, tendo sido privadas da educação escolar quando crianças ou adolescentes, procuram a escola na idade adulta ou mesmo na velhice, configurando a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA) como um importante espaço de busca por inclusão social e cultural, ao lado de suas funções de formação profissional (ARROYO, 2017).

Nesse sentido, pesquisas que tratam especificamente da (re)inserção de mulheres e homens idosos/os no espaço escolar têm procurado aportar outros elementos à compreensão dos efeitos da escolarização nessa etapa da vida, analisando os motivos (expectativas e motivações) que levam essas pessoas a buscar a escola, bem como suas representações sociais do retorno e da vivência escolar (COURA, 2007; KALIL, 2008; DARIVA, 2009; PEREIRA, 2010; SCORTEGAGNA, 2010; SOUZA, 2011; ALMEIDA, 2012; COSTA, 2014; GROSSI, 2014; SOUZA FILHO *et al.*, 2014; MACHADO, 2017; ALMEIDA, 2018; SANTOS, 2019; GARCIA, 2020).

Com efeito, estudos sobre envelhecimento (BRITTO DA MOTTA, 1994, 1998; VEGA; BUENO; BUZ, 1995; DEBERT, 2004; LIMA, 2000; KACHAR, 2001; SANTOS; SÁ, 2003; COUTRIM, 2006; PINHEIRO, 2009; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2012; OLIVEIRA, 2013; VALIENTE, 2018; SANTOS, 2019; GARCIA, 2020) têm chamado a atenção para os benefícios que a aprendizagem proporciona à qualidade de vida das pessoas idosas. Entre esses estudos, vamos encontrar aqueles que focalizam pessoas idosas inseridas em processos escolares: Mariúza Lima (2000); Vitória Kachar (2001); Andréa Santos e Maria Auxiliadora Sá (2003); Geisa Pinheiro (2009); Rita de Cássia Oliveira (2013); Maíra Santos (2019) e Silvana Garcia (2020).

Procurando por estudos dedicados às relações de gênero na velhice no espaço escolar, encontramos nos trabalhos de Rosemary Madeira (2014), Marta Souza (2014) e Patrícia Lichtenfels (2007) investigações sobre como as mulheres idosas se inserem na instituição escolar, como elas a concebem em sua projeção para o futuro e como a compreendem como um local de repasses das experiências por meio do conhecimento formal.

Buscando pesquisas que abordam a relação entre envelhecimento e conteúdos escolares específicos, em especial, a matemática escolar, encontramos, além da minha dissertação de mestrado (GROSSI, 2014), o trabalho de Caroline Buaes (2011), sobre a construção do conhecimento a partir de uma experiência de educação financeira com mulheres idosas; o trabalho feito por Luciano Lima (2015; 2019), em que o autor estabeleceu um diálogo com pessoas idosas sobre a matemática, durante um curso de Extensão Universitária, e identificou o desejo de aprender e o gosto pela matemática como alguns dos motivos que levaram as

estudantes e os estudantes a frequentarem o curso e a permanecerem nele; o trabalho de Gizele Martins (2016), o qual aborda a relação entre a ausência de escolarização, envelhecimento patológico e habilidades numéricas básicas na leitura e registro de números arábicos e operações matemáticas; o trabalho de Rômulo Manguiera (2017), sobre contextos e situações sociais do cotidiano de pessoas idosas em que são mobilizados conhecimentos matemáticos; e o trabalho de Matheus Scagion (2018), em que o autor identificou algumas enunciações sobre a relação que estudantes idosas/os estabelecem com a matemática; segundo Sacagion, as/os estudantes reproduzem palavras que são veiculadas no mundo acadêmico da matemática e da educação matemática.

Esses trabalhos reiteram a relevância da relação das pessoas idosas com a matemática na reflexão sobre sua experiência escolar nessa fase da vida. É também a consideração dessa relevância que nos leva a estudar a apropriação de práticas de numeramento escolares, na experiência de escolarização durante o envelhecimento, tendo como participantes da pesquisa mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA.

### 1.2.1 Envelhecimento

A partir da década de 1960, o tema da velhice e do envelhecimento começou a ser tratado pelas Ciências Sociais. No Brasil, ele ganhou importância na década de 1980, mas foi na década de 1990 que se consolidou teoricamente, também em decorrência do crescimento do contingente de idosos/os, acarretado pelo aumento da expectativa de vida da população (BRITTO DA MOTTA, 1996, 1998; COUTRIM, 2006; OLIVEIRA, 2013).

A diminuição absoluta dos grupos etários de menores de 20 anos e, simultaneamente, o aumento da participação relativa da população com 65 anos ou mais no perfil etário brasileiro (esse grupo etário representava 4,8% da população brasileira em 1991, passando a 5,9% em 2000 e chegando a 7,4% em 2010 – IBGE, 2011) configuram o alargamento do topo da pirâmide etária, ocupado pela população mais idosa. A previsão da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de que, em 2050, o Brasil será o país mais envelhecido da América Latina, ocupando o sexto lugar no mundo em relação ao número de pessoas idosas (COURA, 2007).

Todavia, é possível que essa previsão numérica, apresentada pelo último Censo do IBGE e pela ONU, sofra significativas alterações em relação à expectativa de vida da população idosa no Brasil. De acordo com estudos<sup>19</sup> realizados em parceria de pesquisadoras/es da Universidade de Harvard e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2), provocou um impacto nas taxas de natalidade e em relação a longevidade das/os brasileiras/os a partir de 65 anos, visto que as pessoas idosas são as maiores vítimas do vírus, reduzindo, assim, a expectativa de vida das/os brasileiras/os em 1,94 anos (TURRA *et al.*, 2021).

Numa tese como esta, em que as participantes da pesquisa são mulheres em processo de envelhecimento, não poderíamos deixar de nos referir à catástrofe causada pela Covid-19 no Brasil e no mundo. Durante a pandemia, o público idoso foi o mais afetado em decorrência do vírus, que ocasionou complicações respiratórias delicadas e, muitas vezes, levou ao óbito. Mesmo aqueles que não sofreram com a doença também sentem seus efeitos: em virtude do isolamento social, mulheres e homens em processo de envelhecimento, abruptamente, mudaram sua rotina e, de certa forma, tornaram-se tema ou destinatárias/os de programas de TV e propagandas de produtos e serviços, sendo, por outro lado, considerados como problemática ou

---

<sup>19</sup> A pesquisa é intitulada *Reduction in the 2020 Life Expectancy in Brazil after COVID-19* e foi publicada em sua versão preliminar, mas sem revisão de outros especialistas da área. Ela está disponível na íntegra em: <https://static.poder360.com.br/2021/04/pesquisa-expectativa-harvard14abr2021.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

alvos dos sistemas públicos e privados de saúde, bem como da indústria farmacêutica e da tecnologia para que se conservem “saudáveis” e em “entretenimento” nesse cenário pandêmico.

Enquanto escrevemos este texto, muitas/os brasileiras/os choram a perda de seus entes queridos, amigas/os, companheiras/os de trabalho e vizinhas/os ou, por se inserirem na interpelação do compromisso com a vida, lamentam também a perda de pessoas desconhecidas. São mais de 381 mil vítimas no Brasil – até o momento em que este texto foi escrito e revisado – dentre elas, mulheres e homens idosos/os ou em processos de envelhecimento.

Nas breves considerações que tecemos sobre essa tragédia mundial, fala o nosso compromisso de pesquisadoras do campo da educação, que produzem e divulgam ciência de seu tempo, no seu tempo; mas falam também do nosso compromisso social de educadoras e as relações de afeto que estabelecemos, que nos deixam preocupadas com as participantes desta tese (e com as pessoas idosas e a população brasileira de modo geral) que, neste momento, encontram-se amedrontadas, algumas solitárias e desesperançadas, todas vulneráveis. Na condição de mulheres, brasileiras, filhas, sobrinhas, noras e educadoras valorizamos e reiteramos nesta tese nosso compromisso com a vida – história, vivência, projetos – de mulheres que, tendo sido privadas de muitos direitos na infância, na adolescência, na juventude, na idade adulta, enfrentam, mais uma vez, desigualdades e interdições, agravados pela pandemia e pelo descaso no cuidado com sua saúde e com seu bem-estar. Além disso, concordamos com as considerações, ainda que preliminares, dos estudos realizados por Cassio Turra *et al.* (2021), quando responsabilizam a ação do governo federal na pandemia pelo terror que estamos vivendo em nosso país, em pleno século XXI: “A falta de uma resposta coordenada, rápida e equitativa informada pela ciência, bem como a promoção de desinformação, têm sido a marca registrada da atual administração”<sup>20</sup> (ibidem, p. 5).

Novos condicionantes, porém, configuram o contexto de vida em que mulheres brasileiras vivenciam hoje seu processo de envelhecimento. Nos anos 1970, Simone de Beauvoir pretendia denunciar “a conspiração do silêncio” em relação à velhice; já na última década, podemos dizer que muitos ruídos em relação ao tema surgiram, em especial, no Brasil, durante o período de proposta e aprovação da Reforma da Previdência<sup>21</sup>, promulgada pelo

---

<sup>20</sup> Do inglês: *The lack of a coordinated, prompt, and equitable response informed by science, as well as the promotion of disinformation, have been the hallmark of the current administration.*

<sup>21</sup> A Reforma da Previdência, proposta e aprovada pelo atual governo brasileiro, durante o período em que esta tese foi construída, passa a considerar uma idade mínima para aposentadoria de 62 anos para as mulheres e 65 anos para os homens, sendo que ambos terão de cumprir 20 anos de contribuição, a partir da vigência da Reforma. A partir de sua efetivação, muitas questões sociais estão postas para se (re)pensar a velhice como, por exemplo, a reação do mercado de trabalho no acolhimento dessa/e trabalhador/a que ainda não terá direito ao benefício previdenciário. Isso exigirá uma política de incentivo à contratação desse público e a elaboração de ações públicas

Congresso Nacional Brasileiro e em vigor desde março de 2020, a qual, por sua vez, acarretou consequências sociais para a população idosa do país, no que tange ao retardamento do direito de parar de trabalhar com a garantia de rendimentos por parte do estado. Durante o cenário pandêmico provocado pela Covid-19, já na vigência das novas regras, pessoas em processo de envelhecimento, que antes vislumbravam já estarem aposentadas e assim em melhores condições de manter o isolamento social, viram-se na necessidade de sair às ruas para garantir (quando possível) sua sobrevivência e a de sua família.

Pensar na velhice e no envelhecimento é, de certa forma, chamar atenção para uma questão que, até pouco tempo, era vista como um agenciamento apenas privado, familiar e das instituições de cuidado. Hoje, tal questão se constitui como objeto de interesse da Gerontologia, que congrega várias especialidades dos processos de envelhecimento; da Geriatria, especialidade médica voltada ao envelhecimento; de vários programas estatais voltados para a velhice; e de organizações privadas e públicas envolvidas em programas (ou de convívio) para pessoas em processo de envelhecimento. Além disso, a sociologia, a economia, a publicidade, a indústria de cosméticos e os serviços de estética estão voltados para demandas da população idosa. As condições financeiras dessas pessoas na relação com os demais membros das famílias, incrementada pela universalização do acesso à aposentadoria, a melhoria das condições de saúde e mobilidade das pessoas idosas, assim como a ampliação do acesso a serviços e produtos: promovem certo reconhecimento e legitimam a pessoa idosa como um ator político que não mais está ausente do conjunto de discursos produzidos “no debate sobre políticas públicas, nas interpelações dos políticos em momentos eleitorais e até mesmo na definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer” (DEBERT, 2004, p. 11).

Nessa direção, consideramos que todas essas disposições e ações sociais, políticas, midiáticas, sanitárias e econômicas em relação ao público de pessoas idosas, que corresponde “a uma parcela da população cada vez mais representativa do ponto de vista numérico” (DEBERT, 2004, p. 12), estabelecem modos de agenciamento dessa categoria etária que, articulados pelo sistema capitalista, colocam-se a seu serviço. O movimento de “socialização” da/do idosa/o retira a responsabilidade e o compromisso social dos órgãos governamentais e da sociedade em relação à questão do envelhecimento, para transformá-lo numa responsabilidade e num compromisso do indivíduo idoso para com o bom funcionamento da sociedade e do estado. Segundo Guita Debert (2004), esse movimento é o que ela vem considerando como “processos de reprivatização do envelhecimento”. Isso se repercute inclusive nos programas

---

que garantam a essas pessoas o acesso ao mercado de trabalho e à promoção da saúde física e emocional nessa etapa da vida (TRICHES, 2019).

voltados para o público idoso no Brasil como, por exemplo, as escolas abertas, as universidades para a terceira idade e os grupos de convivência de pessoas idosas (ibidem), os quais estão voltados para aquelas que gozam de certas condições de saúde e autonomia, não contemplando a velhice mais avançada e não oferecendo “instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania” (ibidem, p. 15).

A preocupação em trazer esses diferentes aspectos, que conformam o contexto em que as mulheres participantes desta pesquisa vivenciam seus processos de envelhecimento, deve-se à necessidade de se considerar que, em diferentes momentos da história, as sociedades outorgaram significados específicos a cada etapa do curso de vida dos indivíduos e, por isso, a velhice, como outras demarcações etárias, é social, cultural e historicamente construída (BRITTO DA MOTTA, 1996, 1998, 2018; DEBERT, 1998, 2004). As categorias etárias e suas especificidades não são consequências da evolução científica, mas envolvem uma verdadeira luta política dos grupos sociais (BOURDIEU, 1983). Por isso, a passagem de uma categoria etária para outra não se orienta exclusivamente pela idade cronológica dos indivíduos, ainda que parametrize muitos dos direitos ou oportunidades e deveres ou restrições que a ela se relacionam fortemente: a idade que marca a entrada das pessoas no mercado de trabalho, a idade que define a aposentadoria das pessoas, a idade que permite quando uma pessoa deve ou não votar, entre outros. Para Pierre Bourdieu (1983), essas idades são “criações arbitrárias”, o que, todavia, não quer dizer que elas não tenham uma efetividade nos diferentes modos como pensamos e organizamos o mundo.

A partir do século XVIII, os estados modernos começaram a se constituir, incentivando o desenvolvimento de algumas áreas, tais como: a estatística, a demografia e a gestão da população. Essas áreas produziram discussões centrais para a organização e a constituição desses estados, que passaram a considerar a necessidade de repartição e de hierarquização da população, fazendo da “cronologização da vida” (DEBERT, 2004, p. 50) um recurso fundamental para o controle populacional e para a definição dos grupos etários, em especial, para a demarcação e definição do grupo de pessoas idosas.

Essa “cronologização”, no entanto, não se fundamenta exclusivamente no fator tempo; é preciso reconhecer que outras condições (físicas, funcionais, mentais e de saúde) podem influenciar na determinação de quem será considerado uma/um idosa/o (SANTOS, 2010; BRITTO DA MOTTA, 2013). Todavia, “os critérios e normas da idade cronológica são impostos nas sociedades ocidentais por exigência das leis que determinam os deveres e direitos do

cidadão” (DEBERT, 2004, p. 47) e não por uma disposição em refletir sobre os estágios da maturidade. É essa forma de organização social que delimita a função social de cada grupo etário e que, muitas vezes, considera a pessoa idosa como alguém incapaz ou debilitado.

Além disso, alguns estudos apontam como as próprias pessoas, em muitos casos, vivenciam processos de não aceitação da velhice, de não aceitação de si e de sua imagem. Segundo Debert (1998, p. 228), as pessoas reconhecem a existência da velhice, mas não como algo que lhes é inerente; para elas, “velho é sempre o outro”. Pinheiro (2009) observa que, a esse processo de não aceitação, acrescenta-se o medo das pessoas idosas de se sentirem rejeitadas pela sociedade, fazendo do envelhecimento uma fase indesejada. Para Beauvoir (1990, p. 659), “a imensa maioria dos homens acolhe a velhice em meio à tristeza ou à revolta. Ela inspira mais repugnância do que a própria morte”. Motta (1998, 1999), por sua vez, destaca a dificuldade das pessoas para se reconhecerem como velhas, principalmente para as mulheres, devido à relação com decadências físicas, mentais e sociais que estão relacionadas a essa categoria etária.

A partir dos anos 1970, porém, há uma revisão dessa visão do envelhecimento como deteriorização; além disso, novos estudos começaram a destacar diferentes formas para se vivenciar a velhice. É a partir desse período que houve uma mudança nos estudos da Gerontologia, passando-se a enfatizar os ganhos e benefícios que a velhice traz e não apenas suas perdas e mazelas. A experiência vivida e os saberes acumulados passaram a ser dados fundamentais para o estabelecimento de relações mais profícuas com as pessoas idosas. Além disso, livres da obrigação do trabalho, da obrigação do cuidado com os filhos, do cuidado com o cônjuge (quando se tornam viúvas/os) e do cuidado excessivo com a casa, essas pessoas têm a oportunidade de se abrir para novas experiências, para repensar sua vida e para experimentar novas identidades cronológicas (BARROS, 1998; BRITTO DA MOTTA, 1996, 1998, 2013; DEBERT, 1998, 2004).

Todavia, o envelhecimento não deixa de ser uma etapa do ciclo biológico do ser humano, nem um processo que ocorre com todas as pessoas que sobrevivem (COUTRIM, 2006). Até por isso, uma das dificuldades que é comum às/aos pesquisadoras/es que trabalham com questões relacionadas ao envelhecimento é o fato de que “a velhice se coloca para o pesquisador como um destino inexorável” (COUTRIM, 2006, p. 79), ao qual, também, ela/e estaria fadado.

Portanto, trabalhar com o envelhecimento é pensar sobre si mesmo e na sociedade à qual pertence, já que não se trata de uma categoria abstrata e capaz de abranger todas as sociedades, todos os estratos sociais, todas as culturas e todas as mulheres e homens da mesma maneira

(COUTRIM, 2006; DEBERT, 2004). Também, é questionar as bases históricas e sociais sobre “o que é ser velho?” e “a quem é dado o direito de envelhecer?” (COUTRIM, 2006, p. 69).

A velhice não está desprovida de conjecturas econômicas, sociais e históricas. Para Britto da Motta (2013), a velhice é um processo “biossocial que não existe singularmente” (p. 16). Rosa Maria Coutrim (2006) chama atenção para as diferentes velhices que convivem paralelamente nas sociedades contemporâneas, afirmando que existem *as velhices* “dos pobres, dos ricos, das camadas médias, dos inválidos, dos que mantêm sua autonomia, a do trabalho e a do lazer, a rural e a urbana, a excluída e a inserida na luta pelos direitos, a de homens e a de mulheres, dos asilados e dos chefes de domicílio, e assim por diante” (p. 73). Por isso, “o ideal seria não se falar a respeito da velhice, mas sim a respeito *das velhices*” (ibidem, p. 73, grifos da autora).

Assim, ao trabalharmos com mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, devemos ter cuidado para que não a tratemos sob a “ótica das necessidades desse grupo” (COUTRIM, 2006, p. 83), pois isso poderia criar ou reforçar estereótipos que as colocam à margem da sociedade ou em desvantagens em relação a grupos etários mais jovens (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2012). Além disso, é preciso cuidado para não tratar essas mulheres em processo de envelhecimento como “o outro”, como nos alerta Coutrim (2006, p. 83), pois essa seria uma forma de observar a categoria etária em que elas estão apenas como um “mito” ou uma “naturalização do mundo”; o que nos move nesta investigação, porém, é a disposição de “observar cuidadosamente a realidade” dessas mulheres, sem generalizar relações e condições contextuais, sem desconsiderar que assumem posições como sujeitos sociais; é reconhecer as ações pessoais que empreendem, forjadas nas vivências individuais e de relação e nos modos como cada uma delas se apropria das práticas sociais.

### **1.2.2 Envelhecimento feminino**

O contexto social atual exerce, ensina e perpetua o descrédito à mulher idosa. A representação da mulher velha é de bruxa, feia e malvada, desde as histórias clássicas contadas às crianças (LESNOFF-CARAVAGLIA, 1984). De certa forma, vão-se criando justificativas para que sejam incluídas numa maioria invisível, cujas necessidades emocionais, econômicas e físicas permanecem, em geral, ignoradas.

Vale destacar também que, sem dúvida, a velhice se feminilizou, converteu-se em um assunto de mulheres (BELO, 2013). O fato mais significativo e simples sobre a velhice é que a população idosa é predominantemente feminina. De acordo com os dados da PNAD (2018), os

homens de 60 anos ou mais de idade correspondem a 6,8% da população e as mulheres dessa mesma faixa etária correspondem a 8,6%.

As mulheres idosas enfrentam um conjunto de condições de vida que configura uma problemática muito particular na sociedade atual, colocando-as em uma posição de fragilidade e de vulnerabilidade, visto que diferem de outros grupos de idade quanto ao nível de educação formal (escolaridade), tendo normalmente menos anos completos de escola do que outros grupos; geralmente, possuem menor qualificação profissional para conseguir emprego do que os grupos mais jovens e do que os grupos de homens idosos; em relação ao estado civil, a maioria é composta por viúvas, que, nessa situação, tornaram-se chefes de família; chegaram a uma idade em que a probabilidade de doenças de cuidado prolongado é maior (MEHDIZADEH, 2002); encontram-se, muitas vezes, em uma situação de dependência de seus familiares, amigas/os ou sistemas formais de serviços, mais do que qualquer outra faixa etária (BELO, 2013).

Os problemas ou as mudanças que acompanham ou surgem na etapa da velhice (doenças crônicas, recursos econômicos insuficientes, necessidades de atenção ou cuidado, sobrevivência a amigos próximos e a familiares, entre outros) são, predominantemente, femininos. Em nível psicológico e social, às mulheres é atribuída, no transcurso de sua vida, uma série de responsabilidades na família e na sociedade em geral, que chegam à velhice ou, nesses momentos, acrescentam-se a elas. As mulheres enfrentam, então, os reflexos de uma aposentadoria com rendimento mínimo ou nulo, escassos recursos econômicos, viuvez ou separação do casal, afastamento de suas filhas e de seus filhos, além do cuidado de familiares dependentes (jovens ou idosos). Enfrentam, ainda, sentimentos de inutilidade, provocados por mitos e estereótipos produzidos nos grupos sociais específicos ou mais amplos. A perda da juventude, da beleza, da vitalidade e das condições de produção econômica e participação social desencadeia uma “não aceitação da velhice”, que reflete os temores de não conseguir responder às expectativas e exigências das estruturas sociais, que exigem da mulher ser jovem, bonita e produtiva para participar e contribuir com a sociedade (DEBERT, 2004; BELO, 2013; BRITTO DA MOTTA, 2013; GEROLAMO, 2019).

A patologização dos corpos femininos não é uma imposição apenas quando as mulheres chegam na fase da maturidade. A população feminina, desde criança, já se insere num processo de controle social do corpo, da sexualidade e da reprodução como uma forma de dominação, repressão e domesticação do feminino (SOUZA, 2008). Todavia, é na velhice que esse processo se intensifica caracterizando as mulheres, por exemplo, como aquelas que precisam de mais cuidado, mas que também precisam se cuidar, zelar por seu bem-estar, manter uma boa

aparência, conservar-se saudável e ativa e com disposição física para ainda cuidar da família, especialmente, das/os netas/os, como nos narra Dona Idalina (63 anos): *“Ó! Sinceramente, não sei se eu fiz certo ou se fiz errado: meus filhos tudo que separaram, levei tudo pra minha casa, criei neto. Tem um que foi pra mim com dois aninhos e hoje tá com vinte e quatro. Foi aquela netaiada...”*

Os corpos dessas mulheres em processo de envelhecimento tornam-se um dispositivo de controle social, religioso, político, midiático e, principalmente, econômico, o que explicita uma forma de dominação masculina através da ideologia da inferioridade e da incapacidade da mulher (SOUZA, 2008; MENDONÇA; FERREIRA, 2014; GEROLAMO, 2019). Com efeito, ao narrarem suas histórias e descreverem certos hábitos, ações, preferências e posicionamentos, as mulheres desta tese falam sobre esses dispositivos de controle e sobre essa dominação, ainda que de maneira implícita (o que nos auxiliaria na compreensão de seus corpos nas dinâmicas que eram estabelecidas na sala de aula e nos posicionamentos que assumiam nelas), como nos exemplos a seguir:

*“Eu nunca trabalhei fora, só em casa... No primeiro dia, conversei com o Luciano, mas eu ficava mais de cabeça baixa, eu ficava com vergonha”* (Ana Maria, 56 anos).

*“Hoje, eu sou evangélica, mas não uso saião. Eu uso batom, uso joia, vou em festa de aniversário dos outros, quando a pessoa é bastante íntima; só não bebo bebida de álcool. Eu não escondo da pastora da igreja: eu gosto de dar uns pulos no Carnaval, mas, assim, vestida de calça e blusa normal. Se tiver um forró de padre na rua, eu dou uma dançada. Eu sou da verdade. Eu não sou daqueles: ‘Ela tá com a bíblia lá, debaixo do braço, olha ela lá dançando forró’. Não, eu não sou desses crentes, porque você sabe que tem crente que faz coisa pior...”; “Eu falava assim: ‘Ah, mas alguém na vida eu já sou, porque eu sei lavar, passar, cozinhar, eu trabalhei fora muito tempo’* (Aparecida, 56 anos).

*“Eu não achei que ia ter tantas pessoas [na sala de aula] ... A de noventa anos: rápida no raciocínio, na matemática... Enquanto você pensa, a outra já deu a resposta... A outra já vai colando... Ai, meu Deus! Tem hora que as respostas já vêm pronta e eu tinha que fazer o esforço”* (Edilsea, 53 anos).

Por outro lado, no que diz respeito ao tempo de aprisionamento em relação às condições conjugais, o tempo presente marca, para muitas mulheres em processo de envelhecimento, uma “liberdade de gênero”, da qual também nos fala Alda Britto da Motta (2007), referindo-se à percepção de liberdade encontrada por algumas mulheres que, tendo atravessado situações de subserviência às figuras masculinas, sentem-se, especialmente após as separações ou a viuvez, livres do “jugo masculino” em suas vidas (*“Eu aposentei depois que meu marido morreu, aí que eu aposentei. Mas eu, graças a Deus, eu trabalhei”* – Dona Idalina, 74 anos; *“A gente não*

*aguenta enjoadeza de homem dentro de casa qualquer hora... Ô bicho enjoado, né?” – Dona Leonídia, 73 anos).*

Ao discutir as representações do envelhecimento para as mulheres e para os homens, com o grupo de pessoas idosas estudadas por Debert (1994), ela observou que:

[...] o envelhecimento significa uma passagem de um mundo totalmente regrado para outro em que se sentem impelidas a criar as próprias regras. O próprio do envelhecimento é vivenciar um processo de perdas indesejadas e sofridas que tornaram a independência e a liberdade possíveis. Liberdade e independência são valores positivamente qualificados que dão à vida cotidiana uma nova dimensão de bem-estar (DEBERT, 1994, p. 48).

O tempo presente, assim, abre espaço para o tempo de liberdade, para vivências novas e diferentes formas de articulação entre as experiências da vida pública e da vida privada. As liberdades alcançadas unem-se aos novos valores introduzidos na família e contribuem para que essas mulheres possam articular de formas diferenciadas tempos passados, o tempo para si e o tempo para os outros. Boa parte das mulheres, em processo de envelhecimento, independente da classe social, considera esta etapa da vida, o momento mais propício para realizações até então inalcançadas, por falta de tempo em momentos anteriores, quando ainda se situavam no “auge das obrigações” (DEBERT, 1994; BRITTO DA MOTTA, 1996, 2007).

É também esse contexto de liberdade e de oportunidade, o qual move muitas das mulheres em processo de envelhecimento, que observamos, nesta investigação, engajamento num processo de resgate de direitos e de desejos de aprendizagem. Ecléa Bosi (1995), em seu livro *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, destaca a necessidade de a mulher idosa engajar-se a processos que promovam reflexões e transformações, recomendando: “[...] durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo” (BOSI, 1995, p. 80).

### **1.2.3 Envelhecimento e Educação: aprendizagem e conhecimento, vivência e cultura, memória e esquecimento, direito e expectativa**

Pesquisar um certo grupo etário é, do ponto de vista da antropologia, dizer que, embora exista um processo biológico (nascimento, crescimento e morte) inerente aos seres humanos, e, de maneira mais geral, aos seres vivos, uma mesma etapa da vida pode ser vivenciada de modos muito distintos por diferentes grupos sociais ou indivíduos. Esses diferentes modos de

experienciar as etapas da vida estão associados não só às contingências ligadas à saúde e às condições materiais, mas também às emoções e a seu processamento, às oportunidades e às privações, em como às relações sociais que as pessoas vivenciam durante o seu desenvolvimento. Conseqüentemente, cada indivíduo experimentará a velhice de modo muito particular e de acordo com suas vivências anteriores, mas também o fará como sujeito sociocultural e histórico.

A consideração da diversidade de fatores que se associam aos modos de vivenciar a velhice é assumida por vários estudos, ainda que sob diferentes perspectivas. Anita Freire (2003) associa o envelhecimento bem-sucedido à boa qualidade do processo biológico dos indivíduos desde a sua gestação e à sua carga genética, mas também a fatores socioculturais. Entende o envelhecimento como um processo complexo de transformações sequenciais ao longo da vida, com o caráter funcional e estrutural sendo reorganizado pelos fatores sociais e comportamentais. A autora classifica essas mudanças como biológicas, psicológicas e sociais: biológicas em relação à função de determinados órgãos ou sistemas do corpo físico; psicológicas em relação à capacidade de adaptação do indivíduo diante de tarefas cotidianas; e sociais pensando no papel do indivíduo em relação às expectativas da sociedade.

Britto da Motta (1998) destacará a heterogeneidade dos processos de envelhecimento entre indivíduos e para um mesmo indivíduo:

[...] O envelhecimento não é um processo homogêneo, mesmo em cada indivíduo. Há sempre partes, órgãos ou funções do corpo que se mantêm muito mais ‘jovens’, ‘conservados’, sadios, do que outros – os médicos e a vida cotidiana estão sempre apontando isso. Do mesmo modo que no terreno dos sentimentos e das representações, ‘a velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as ‘situações’, nem diante de todos os projetos, ‘a velhice é uma identidade permanente e constante’ (BRITTO DA MOTTA, 1998, p. 228, destaque da autora).

Procurar compreender essa heterogeneidade e esse sentimento de não se sentirem excluídos em todas situações nos ajuda a refletir sobre o que buscam as pessoas que estão em processo de envelhecimento na escolarização. Pinheiro (2009) destaca que “a busca pelo conhecimento faz os idosos se sentirem incluídos tanto no convívio com a família quanto na sociedade, além da satisfação de perceberem-se capazes de aprender coisas que não tiveram oportunidades enquanto jovens” (p. 41). Nesse sentido, a velhice também se configura uma etapa da vida em que as pessoas buscam (re)investir na própria formação escolar como um modo de ação que protagonizam no tempo presente, embora possam arquitetar, a partir dela, vivências futuras, sem desconsiderar as experiências passadas, como nos adverte Kachar (2001):

Aprender é descobrir e compartilhar descobertas, intercambiar reflexões com o outro, explorar o estranho que nos habita, ressignificar papéis e representações sociais, vivenciar a excitação dos desafios que nos renovam. É desvendar territórios desconhecidos, embarcar em novas expedições, romper barreiras e resistências interiores, construir o espaço de cidadania de ser velho na multiplicidade da subjetividade e na singularidade de cada sujeito. Aprender é ser um viajante construtor de caminhos de compreensão sobre a vida e a humanidade, acompanhando a contemporaneidade, pois, para o idoso, o seu tempo é o hoje, sem abandonar o ontem, projetando-se no amanhã (KACHAR, 2001, p. 13).

Contudo, os discursos sobre a disposição para a aprendizagem na idade adulta e, especialmente, na velhice, não podem se esquivar dos tensionamentos interpostos pelas considerações relativas à perda da capacidade intelectual à medida que a idade avança.

É em resposta a esses tensionamentos que se têm realizado estudos sobre o desenvolvimento intelectual frente ao processo de envelhecimento. Num artigo sobre o legado de Paul Baltes para a Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento, Anita Néri (2006) destaca alguns princípios do desenvolvimento intelectual na velhice, estabelecidos a partir dos estudos realizados por Baltes:

1. Há declínio da capacidade intelectual, que depende do funcionamento neurológico, sensorial e psicomotor.
2. O declínio não significa incapacidade ou incompetência; a reserva, acumulada ao longo da vida, pode ser utilizada para compensar o declínio na capacidade intelectual.
3. O envelhecimento intelectual ocorre de maneiras diferentes para cada indivíduo, dependendo dessa variação de influências de fatos histórico-culturais, intelectuais e da incidência de patologias.
4. É possível alterar o desempenho intelectual do idoso por meio da intervenção clínica, educacional e experimental.
5. As oportunidades culturais são mais importantes do que a base genético-biológica para as mudanças qualitativas da inteligência na velhice.
6. As metas e emoções do indivíduo são elementos importantes para o funcionamento intelectual do idoso (NÉRI, 2006, p. 72).

De acordo com Baltes (*apud* NÉRI, 2006), devido ao funcionamento neurológico, sensorial e psicomotor, ainda que haja uma redução da capacidade intelectual durante o envelhecimento, a/o idosa/o, todavia, não deixa de raciocinar e utiliza a experiência acumulada ao longo dos anos para compensar aquela perda. A história de vida e as atividades culturais vivenciadas por essas pessoas são fundamentais e contribuem, mais do que as heranças biológicas, para a manutenção da capacidade intelectual na velhice.

Segundo José Vega, Belén Bueno e José Buz (1995), há um consenso nos estudos da inteligência na velhice em relação à distinção entre a “inteligência fluida” e a “inteligência cristalizada”. Segundo esses autores, a “inteligência fluida” está voltada para a capacidade que um indivíduo tem para lidar com novas situações, perceber relações, formar conceitos e resolver

problemas. Já a “inteligência cristalizada” é o conhecimento organizado, que foi sendo acumulado durante a vida de cada pessoa. Assim, na velhice, observa-se a ocorrência de um equilíbrio, pois a redução da inteligência fluida acarreta melhorias na inteligência cristalizada de maneira diretamente proporcional.

De um modo geral, a maior ou menor intensidade do declínio intelectual está relacionada aos diferentes fatores pessoais, ambientais e culturais. As maiores perdas estão relacionadas às doenças crônicas que ocorrem nesse período da vida. Entretanto, mesmo com todas as dificuldades, as/os idosas/os ainda possuem capacidade de adaptação para buscar um melhor desempenho, principalmente quando se considera que assumiram uma decisão de voltar para a escola como mulheres e homens de aprendizagens e de conhecimentos.

Essa decisão, porém, supõe a disponibilidade da oportunidade da educação escolar para as pessoas, em qualquer idade. Por isso, além da avaliação das condições individuais de aprendizagem, é preciso abordar a questão sob a perspectiva do direito. Nessa abordagem, não se pode deixar de mencionar o “Relatório Jacques Delors” (DELORS, 1999)<sup>22</sup>, elaborado a pedido da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), por intermédio de uma comissão internacional da educação, com o intuito de refletir e identificar tendências da educação para o século XXI. O documento destaca “quatro pilares” básicos e fundamentais para um novo conceito de “educação ao longo da vida”. Seriam eles: “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver juntos” e “aprender a ser”.

No primeiro pilar, “aprender a conhecer”, a aprendizagem está relacionada ao exercício da atenção, da memória e do pensamento (DELORS, 1999). A perda da memória está diretamente associada ao processo de envelhecimento, mas também à falta de estímulos que o indivíduo deixa de receber por inúmeros fatores, como, por exemplo, pela predominância das atividades que, tornadas rotineiras, foram automatizadas, exigindo pouco da memorização. Delors (1999) defende que, mesmo que essa memória esteja debilitada, há formas distintas de tentar estimulá-la; além do mais, destaca que a educação teria contribuições nesse estímulo.

Quanto ao segundo pilar, “aprender a fazer”, existe a necessidade de se pensar uma educação que não reduza as possibilidades do fazer das pessoas adultas ou idosas apenas à resposta às necessidades do mercado ou à capacitação técnico-científica. A educação ao longo da vida deve criar possibilidades para que mulheres e homens, mesmo estando em processo de envelhecimento, sintam-se desafiados a colocar em operação suas potencialidades e seus conhecimentos. Os aspectos que compreendem o “aprender a fazer” estão diretamente

---

<sup>22</sup> No Relatório editado sob a forma do livro *Educação: Um Tesouro a Descobrir*, de 1999, a discussão dos “quatro pilares” básicos e fundamentais para a educação ocupa o quarto capítulo.

relacionados a colocar em prática conhecimentos já adquiridos e os processos de conhecer, visto que “aprender a conhecer e aprender a fazer são, em larga medida, indissociáveis” (DELORS, 1999, p. 93).

O terceiro pilar, “aprender a viver juntos”, está relacionado a um dos motivos (mas não necessariamente o principal) que leva as pessoas idosas a (re)inserir-se no ambiente escolar: socializar-se com os outros. De acordo com Delors (1999), ao descobrir o outro, a/o estudante acaba descobrindo a si mesma/o e, assim, enriquece suas relações. Nesse sentido, na troca de experiências entre as/os próprias/os estudantes, o viver juntos se associa e serve ao desejo de conhecimento.

No que se refere ao quarto pilar, “aprender a ser”, há no discurso da educação ao longo da vida a mobilização de um caráter de “adaptação” da pessoa idosa ao ambiente escolar. Este espaço deveria, por sua vez, desenvolver “a capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal”, sem negligenciar as potencialidades de cada indivíduo, visto que “memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas e aptidão para comunicar-se” (DELORS, 1999, p. 102).

A partir desses pilares que fundamentam o conceito de educação ao longo da vida, tem-se procurado refletir sobre a presença de pessoas envelhecidas nas salas de aula da EJA. Por meio da Conferência de Hamburgo (V CONFITEA), promovida pela UNESCO em 1997, buscou-se, além de estabelecer um vínculo entre a educação de adultos e o desenvolvimento da humanidade, proclamar a educação continuada ao longo da vida como um direito de todos.

Ao avaliar o Relatório, Paola Scortegagna (2010) percebe a intenção de se apresentar a educação para o público idoso como uma forma de proporcionar às pessoas, independentemente da idade, desenvolvimento de seu potencial, coletivamente e individualmente. A necessidade de aprender ao longo da vida, (re)afirmaria o direito desse público idoso “de ler, escrever, questionar, analisar, ter acesso a recursos, desenvolver e praticar habilidades e competências individuais e coletivas” (SCORTEGAGNA, 2010, p. 124). Todavia, a autora insiste em que, ao propiciar oportunidades de aprendizagens, a educação voltada para o público adulto ou idoso não deveria se furtar a reconhecer, respeitar e utilizar as habilidades de cada indivíduo desenvolvidas em outras instâncias da vida social (ibidem).

Estudos e instituições, portanto, reiteram as condições e o direito de as pessoas idosas continuarem a investir na própria formação escolar, apostando na capacidade intelectual das mesmas para a aprendizagem e pressionando as instâncias públicas para a oferta de oportunidades de escolarização adequadas e relevantes para esse público.

Entretanto, a discussão sobre direito e condições de aprendizagem em documentos oficiais e em muitos estudos científicos tende a conferir à aprendizagem uma perspectiva de “preparação” para se vivenciar algo no futuro, a partir da consumação de um aprendizado, como se ela fosse um pré-requisito para que o indivíduo assuma seu potencial de conhecimento, de produção, de convivência, de ser. Entretanto, este trabalho nos obrigou a reconhecer que as mulheres, desta investigação, não aprendem “para conhecer”, “para fazer”, “para viver junto com outras pessoas” ou “para ser”, embora elas mesmas possam, eventualmente, usar esses argumentos em suas falas e depoimentos, em atendimento às demandas pragmáticas de uma enunciação.

Todavia, nos eventos de numeramento e em tantos outros que identificamos em nosso trabalho de campo, alguns dos quais compartilharemos em nosso capítulo de análise, vemos essas mulheres disponibilizando seus conhecimentos e modos de conhecer para constituir os processos coletivos de aprendizagem de que participam e neles, mais do que “usar” conhecimentos, elas produzem conhecimento. Assim, não aprendem para conhecer, mas, enquanto aprendem e conhecem, constituem-se como mulheres de conhecimento e aprendizagem.

O reconhecimento dessa constituição dialógica das alfabetizadas na EJA nos remete aos “saberes de experiência feito” (FREITAS, 2018), expressão problematizada por Paulo Freire para tratar as relações entre saber e ignorância. O autor nos adverte que “não é possível ao(a) educador(a) desconhecer, subestimar ou negar os ‘saberes de experiência feitos’ com que os educandos chegam à escola” (FREIRE, 1997, p. 31). Todavia, é necessário e importante “respeitá-los” (*ibidem*, p. 14).

Do mesmo modo, embora um certo fazer – ler e escrever – motivasse essas mulheres e se estabelecesse como o objetivo da ação pedagógica, as práticas de leitura e escrita (incluindo a leitura e a escrita de textos que envolvem ideias, representações ou argumentos quantitativos) não faziam parte de algo de que participariam *após* conquistarem o domínio de certas habilidades. O que testemunhamos foi mulheres que se inserem numa cultura letrada – muitas vezes em posições de desfavorecimento – mas que produzem vivências e táticas de sobrevivência (DE CERTEAU, 1998) na sociedade regida por essa cultura. Vivências, táticas e compreensões, por sua vez, não apenas confrontam ou se ajustam a essa cultura, mas também a compõem, de tal modo que no processo de aprendizagem (e não apenas como resultado dela), essas estudantes se constituem como mulheres de cultura e de vivências.

Segundo Paulo Freire (1967), o homem (mulher) estabelece relações com a realidade em que está (ou não) inserido, “pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando

o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura” (p. 43). Parafraseando o autor, consideramos que cada mulher desta tese também “faz cultura”.

Além disso, os processos de aprendizagem, ao mesmo tempo em que estimulam a memória, valem-se dela. Mas, mais ainda, forjam memórias e produzem práticas de rememoração e de esquecimento, tensionando ou respaldando seus critérios e mecanismos pragmáticos e de natureza social. Protagonizando práticas de rememoração e de olvido em seus processos de aprendizagem, essas estudantes “trabalharam” (BOSI, 1994) como mulheres de memórias e esquecimentos.

Contudo, não é apenas como indivíduos que essas mulheres viveram a privação da educação escolar na infância, na adolescência, na juventude ou na vida adulta. Elas integram uma grande parcela da população que teve esse direito negado pela conformação desigual e antidemocrática do país em que viveram essas fases da vida. O acesso ou o retorno à escola se apresenta a essas mulheres não apenas como resgate de um direito, mas também como vivência desse direito. É também como vivência de um direito que elas produzem expectativas, que, como produção discursiva nos interessa acolher menos como perspectivas de futuro e mais como o exercício atual (e o direito exercido na atualidade) de elaboração e de avaliação de possibilidades. Nesse sentido, também entendemos seus processos de aprendizagem como instâncias de sua constituição como mulheres de direitos e expectativas.

É com essa perspectiva sobre os processos de aprendizagem que, neste trabalho, assim como se tem feito em outras investigações e ações pedagógicas do Grupo de Estudos sobre Numeramento (GEN)<sup>23</sup>, optamos por mobilizar o conceito de apropriação de práticas discursivas, no caso desta tese, práticas de numeramento. O modo como abordamos as questões da aprendizagem matemática por meio desse conceito procura, caracterizando-a como processo humano, e como tal, histórico e cultural, discutir como as pessoas se constituem nesses processos de apropriação, mas também constituem tais processos numa relação dialética e socialmente constitutiva.

Com efeito, a análise dos processos de apropriação das práticas escolares, em especial, as de numeramento, permitiu-nos ver as estudantes se posicionando e se constituindo como mulheres de cultura ao compartilharem conhecimentos e também produzi-los (PINO, 1993; 2000; 2004; GREEN *et. al.*, 2005). Interessadas na dimensão desses processos, adotamos o

---

<sup>23</sup> O Grupo de Estudos sobre Numeramento, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, é coordenado pela Profa. Dra. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca.

estudo etnográfico da sala de aula como lógica de investigação, considerando que a cultura é o que nos ajuda a compreender as mulheres deste trabalho assumindo diferentes posicionamentos nas interações discursivas em que estão inseridas e protagonizam, logrando estabelecer ou tensionar modelos e paradigmas de comportamento e instituindo práticas de numeramento no modo como “percebem sua realidade e seu mundo”, “constroem padrões de vida” e como “constituem valores, crenças, ideias e sistemas simbólicos significativos” (GRENN *et al.*, 2005, p. 30).

Essas estudantes também se constituem como mulheres de memória e de esquecimento ao exercerem, enquanto se apropriam de práticas de numeramento escolares, um trabalho criterioso de seleção de lembranças e de atribuição de valores a essa seleção que determina o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, quando deve ser lembrado, quando deve ser esquecido, para que deve ser lembrado, por que deve ser esquecido (HALBWACHES, 1990; BOSI, 1994).

Como mulheres de vivências, alfabetizadas na EJA, nos processos de apropriação de práticas discursivas (em especial daquelas que reconhecemos como práticas de numeramento), desenvolvem e produzem discursivamente sua personalidade, que incorpora e corporifica: sua condição de não criança e não jovem; fatores, experiências e desdobramentos da exclusão da escola; e as marcas, as possibilidades e os constrangimentos de seu pertencimento cultural (OLIVEIRA, 2001), racial, de gênero, de classe. Personalidades individuais de sujeitos sociais forjadas em suas vivências culturais, também as constituíram e foram constituídas por elas (ARAÚJO, 2019).

Nos processos de apropriação de práticas de numeramento escolares, assim como nos processos de apropriação de tantas outras práticas discursivas que a escola promove, as participantes desta pesquisa produzem expectativas não apenas em relação a algo futuro, mas em relação à vivência presente da conquista e do questionamento de bens culturais hegemônicos. Embora formulem expectativas de um futuro, os enunciados que as veiculam se apresentam mais como discursos motivadores para sua própria permanência na escola, do que como um projeto de futuro para o qual elas organizam seu tempo e seus recursos a longo prazo. São antes exercícios de ampliação das perspectivas do presente e elaboração da vivência atual do acesso aos bens culturais, antes interditados, que as constituem como mulheres de direitos e expectativas.

Não nos interessa, por tudo isso, olhar para essas mulheres em processo de envelhecimento apenas considerando a dimensão intelectual de seu aprendizado, quando nos dispomos a observá-las como estudantes na EJA apropriando-se de práticas de numeramento

escolares. Nossa intenção, nesta pesquisa, é reconstituir nesses corpos envelhecidos dimensões da mulher que aprende, que conhece, que vivencia, que se insere numa cultura e a produz, que rememora e que esquece, que prospecta futuro e presente e assume direitos. Essa multiplicidade de dimensões – que lhes foram sendo restringidas pela sociedade mais ampla e pelas contingências pessoais e familiares ao longo da vida, e que, muitas vezes, continuam lhes sendo negadas na velhice – compõem seus processos de apropriação de práticas de numeramento escolares. Portanto, ao focalizar essas mulheres apropriando-se dessas práticas discursivas, reafirmamos a dimensão social, cultural e corporal do conhecimento, inclusive, e em especial, de conhecimentos matemáticos, tomados como práticas sociais.

#### 1.2.4 Apropriação de práticas de numeramento escolares por mulheres em processo de envelhecimento

Os usos que têm sido feitos do termo *numeracy* na literatura inglesa buscam identificar e/ou descrever o domínio de habilidades matemáticas demandadas nos processos de quantificar, mensurar, ordenar, localizar e classificar, considerando-as como uma “*competência individual em Numeracy*” (FONSECA, 2015, p. 6, destaques da autora), que precisa ser garantida e avaliada. Os usos do termo *numeramento* nos textos brasileiros, todavia, tomam esse conceito em sua dimensão social, como um fenômeno cultural, pois consideram “a natureza relacional desse conceito e sua fertilidade na análise de práticas que se configuram nas relações entre pessoas e entre grupos e nas relações dessas e desses com o conhecimento que associamos à matemática” (FONSECA, 2015, p. 9).

Nessa perspectiva, esses estudos tomam o conceito de *numeramento* como uma dimensão do *letramento*, uma vez que as práticas de letramento, especialmente nas sociedades ditas modernas, quase inevitavelmente, mobilizam conceitos, procedimentos ou princípios relacionados a conhecimentos matemáticos (FONSECA, 2009, 2015; KNIJNIK; FONSECA, 2015). Com efeito, sendo as práticas de leitura e de escrita social e culturalmente determinadas pelo contexto em que são engendradas (SOARES, 2001; STREET, 2014), não estarão imunes ao poder dos critérios e da linguagem matemáticos nos modos de relação entre pessoas e instituições nessa sociedade. Isso nos leva a reconhecer que, além de grafocêntricas, as sociedades modernas são também *quantificadas* (KNIJNIK; FONSECA, 2015).

Com efeito, as situações sociais de uso da leitura e da escrita demandam cada vez mais conhecimentos que envolvem quantificação, medição, orientação e classificação (D’AMBRÓSIO, 1997; FONSECA, 2004), que compõem modos de usar a língua escrita e são por elas constituídas, não apenas porque as representações matemáticas estão presentes nos textos escritos, mas porque a própria cultura escrita, que constitui essas práticas “é também permeada por princípios calcados numa mesma racionalidade que forja ou parametriza as práticas ditas numeradas e que é por elas reforçada” (FONSECA, 2009, p. 55).

A opção por nomear tais práticas como *práticas de numeramento*, e não *práticas matemáticas*, tem a intenção de evitar que o peso da dimensão disciplinar da palavra matemática associe tais práticas àquelas que estabelecem uma relação de submissão aos princípios, regras e procedimentos da matemática escolar, restringindo, assim, o nosso olhar apenas para essas práticas valorizadas socialmente como hegemônicas e universais (FONSECA, 2015), o que não atende às intenções desta investigação.

Esta pesquisa alinha-se, assim, aos trabalhos que fazem uso do termo *práticas de numeramento* no Brasil e que têm a intenção de:

[...] contemplar dilemas, interpretações, valorações, escolhas, composições, imposições, enfrentamentos, adequações ou resistências, que permeiam as práticas sociais que envolvem a lida com ideias, representações ou critérios matemáticos, em diversas instâncias da vida social, inclusive, e particularmente, em contextos de Educação de Pessoas Jovens e Adultas (FONSECA, 2015, p. 9).

Essa perspectiva teórica tem orientado os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos sobre Numeramento (GEN). Os estudos realizados por esse grupo (LIMA, 2007; FARIA, 2007; CABRAL, 2007, 2015; SOUZA, 2008; FERREIRA, 2009; ADELINO, 2009, 2018; SCHNEIDER, 2010; SIMÕES, 2010, 2019; VASCONCELOS, 2011; BRITO, 2012, 2019; LIMA, 2012; SILVA, 2013; CARVALHO, 2014; MENDONÇA, 2014; MIRANDA, 2015; SÁ, 2016; LIMA, 2020) destacam o caráter sociocultural da produção, dos usos e da circulação de conhecimentos matemáticos não só daqueles mobilizados no contexto escolar, mas também daqueles que são forjados em outros espaços sociais e que mantêm com a(s) cultura(s) escrita(s) algum tipo de relação.

Tais trabalhos, incluindo esta investigação, ao tomarem as práticas de *numeramento* em sua dimensão sociocultural (FONSECA 2015, 2017; SOUZA; FONSECA, 2010; FONSECA; SIMÕES, 2014; KNIJNIK; FONSECA, 2015), buscam compreender as próprias relações matemáticas como práticas culturais, “estabelecidas na dinâmica das lutas sociais, com certas intenções, e em atendimento aos interesses do grupo, em disputa” (FONSECA, 2017, p. 112). Por isso, essa perspectiva nos parece fértil para compreender a vivência escolar das mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, em suas relações com as práticas matemáticas escolarizadas ou não, na sociedade quanticrata em que vivemos.

Além disso, ao decidirmos por mobilizar o conceito de *práticas de numeramento* nesta investigação, procuramos usufruir da fertilidade de tal conceito para abordar questões relacionadas às pessoas em processo de envelhecimento, estudantes da Educação Básica, marcadas pela exclusão escolar, mas que se apresentam como “protagonistas de práticas que questionam os critérios e os propósitos da escola que temos” (FONSECA, 2015, p. 10), quando se assumem como mulheres das aprendizagens ali oportunizadas.

A inserção, em um programa de EJA, de mulheres que estão vivenciando o envelhecimento demanda dessas estudantes um envolvimento com práticas de numeramento escolares, que envolve compreensão e exercício da significação e da produção de sentidos. Para focalizar esse movimento, ocorreu-nos utilizar o conceito de *apropriação* inspiradas no uso que

dele é feito por Smolka (2000) e por diversos trabalhos do Grupo de Estudos sobre Numeramento (GEN). Nesses trabalhos, a apropriação “refere-se a modos de *tornar próprio*, de tornar *seu*” (SMOLKA, 2000, p. 28, destaque da autora), as práticas de numeramento escolares, protagonizando-as e produzindo para elas significados próprios.

Todavia, como em outros estudos desse Grupo de Pesquisa, a análise do material empírico nos incita a considerar que “*tornar próprio* não significa exatamente, e nem sempre coincide com *tornar adequado* às expectativas sociais. Existem modos *de tornar próprio*, de *tornar seu*, que não são *adequados* ou *pertinentes* para o outro” (SMOLKA, 2000, p. 32, destaque da autora). Por isso, é possível observar nos processos de apropriação certas tensões, “já que, no jogo das posições sociais, o que é visto como *apropriado* nem sempre é claro, nem sempre é considerado adequado e dificilmente é transparente” (BRITO; FONSECA, 2017, p. 545, destaque das autoras).

A utilização do conceito de *apropriação* foi, portanto, uma forma de explicitar o papel ativo que as estudantes em processo de envelhecimento desempenham nos processos de compreensão do mundo, aos quais se configuram quando essas mulheres confrontam, significam, avaliam, utilizam, narram, valoram ou rejeitam práticas de numeramento no contexto escolar (SIMÕES, 2010; FONSECA; SIMÕES, 2014). Ou seja, a mobilização do conceito de *apropriação* nos auxilia a identificar o papel ativo daquelas estudantes em processo de envelhecimento na produção de respostas às demandas das interações sociais de que participam na escola, respostas que se conformam nos diferentes modos pelos quais elas participam das práticas escolares e atribuem sentidos a elas, informadas por suas vivências e marcas socioculturais. Isso nos faz considerar, ainda, a *apropriação* como uma categoria relacional.

Como se tem feito nos estudos desenvolvidos pelo GEN e como é destacado por Maria Fonseca e Fernanda Simões (2014), na análise do material empírico produzido, o sentido que atribuímos à *apropriação* vai além da ideia de aprendizagem como processo exclusivamente cognitivo, procurando identificar e analisar a *apropriação* das práticas de numeramento escolares mesmo em situações nas quais, alfabetizadas na EJA, eventualmente, não apresentam os comportamentos esperados quando se empreendem intervenções pedagógicas. Voltamos nosso olhar para aquelas mulheres em processo de envelhecimento, procurando (re)conhecê-las produzindo aprendizagens a partir de “aspectos de suas relações com a matemática escolar, de suas expectativas diante da escolarização, de suas demandas, suas críticas e seus desejos” (FONSECA; SIMÕES, 2014, p. 522). No entanto, ficamos atentas também às tensões e desconfortos que essas estudantes enfrentaram diante da necessidade,

estabelecida pela dinâmica do e mesmo da vida social para além dos muros da escola, de estarem moldadas aos padrões socialmente valorizados.

A opção por mobilizarmos o conceito de apropriação, considerando o seu caráter sociocultural, surgiu na expectativa de que tal conceito nos ajude a conhecer melhor as especificidades dessas pessoas (como mulheres, em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA) e a percebermos suas compreensões do projeto educativo, bem como as instâncias (e as interdições) do seu protagonismo no mesmo. A apropriação de práticas de numeramento que se manifesta em gestos e posicionamentos discursivos *de e sobre* as práticas de numeramento escolares, por meio dos quais mulheres em processo de envelhecimento participaram das interações na sala de aula, amplia nossa compreensão sobre a relação que essas estudantes estabelecem com sua experiência escolar, quando se reconhecem como pessoas que conhecem e aprendem, vivenciam e produzem cultura, rememoram e olvidam, possuem, reivindicam e usufruem de direitos e tecem expectativas.

Como explicitam Ruana Brito e Maria Fonseca (2017) e de maneira geral o fazem todos os trabalhos do GEN, buscamos compreender os processos de apropriação de práticas de numeramento, tomando-as como práticas discursivas, relacionando sua apropriação ao problema da *significação* e à questão da *participação* nas práticas sociais, como Ana Smolka (2000) reitera em seu estudo. Smolka procura, assim, ampliar as potencialidades do uso do conceito de *apropriação* para além do “construto de *internalização*”, o que buscamos também considerar nesta investigação.

Nessa perspectiva, operacionalizar o conceito de apropriação nos permite perceber como mulheres em processo de envelhecimento participam, de diferentes modos, de determinadas práticas discursivas – neste caso, das práticas de numeramento escolares – não limitando nossa análise a uma aferição do sucesso que tomaria a aprendizagem como “uma questão de posse, de propriedade, ou mesmo de domínio, individualmente alcançados” (SMOLKA, 2000, p. 37) das habilidades, conceitos e procedimentos envolvidos nas práticas de numeramento reiteradas pela escola. Nossa intenção, ao mobilizar tal conceito, é procurar ver essas mulheres em processo de envelhecimento “assumindo uma dimensão social de pertencimento e de participação nas [e das] práticas sociais” (BRITO; FONSECA, 2017, p. 545).

A consideração da dimensão discursiva – e, como tal, sociocultural e histórica – do pertencimento e da participação nas práticas de numeramento escolares nos induz a discutir “as *significações* da ação humana, os *sentidos* das práticas, considerando que todas as ações adquirem múltiplos significados, múltiplos sentidos, e tornam-se práticas significativas,

dependendo das posições e dos modos de participação dos sujeitos nas relações” (SMOLKA, 2000, p. 31, grifos da autora).

Portanto, identificados os modos de apropriação das práticas de numeramento escolares por mulheres em processo de envelhecimento, estudantes na EJA, deve-se, pois, “considerar suas especificidades, seu contexto de uso, os propósitos de quem usa e os efeitos desejados frente às ideias e aos significados que direcionam a sua participação autônoma no mundo” (BRITO; FONSECA, 2017, p. 559).

Entretanto, compreensão e significação são processos que se inter-relacionam (Bakhtin (1992). O processo de compreensão envolve tomadas de posição e o exercício de significação do que pretendemos compreender. Essas tomadas de posição são informadas pelas experiências individuais e sociais dos sujeitos e é no discurso que identificamos as marcas dessas experiências. A disposição de compreender mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, em suas singularidades, mas também como sujeitos sociais, nos faz, por isso, voltar-nos para as interações discursivas em que elas se engajam na sala de aula, procurando, a exemplo das análises desenvolvidas em outros trabalhos do GEN, identificar e analisar as posições que aquelas mulheres assumem nessas interações “como processos de apropriação das práticas de numeramento escolares, essas também compreendidas como práticas discursivas” (SIMÕES, 2019, p.57).

Simões (2019) adverte que:

[...] o reconhecimento das práticas de numeramento como práticas discursivas supõe considerar que sistemas de representação matemáticos dão forma e comunicabilidade, emprestam argumentos e estabelecem poderes, às interações que compõem variadas práticas da vida social, especialmente em sociedades como a nossa, marcadas pelos modos de relação social, cultural e econômica do Capitalismo (SIMÕES, 2019, p. 57).

Nesse sentido, Simões (2019, p. 57) propõe a Análise Social do Discurso de Norman Fairclough para “compreender a dinâmica discursiva de uma sala de aula de matemática da EJA constituindo os processos de apropriação de práticas de numeramento”. Também neste trabalho interessa-nos usufruir dos recursos que a Análise Social do Discurso oferece na compreensão do discurso como uma prática de significação do mundo e não apenas de representação do mundo, “constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93).

Além disso, a Análise Social do Discurso toma a relação entre o discurso e as estruturas sociais como dialética e, assim, “considera os sujeitos sociais moldados pelas práticas discursivas, mas também capazes de remodelar essas práticas” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 70). Essa compreensão é importante para que possamos analisar as práticas discursivas daquelas

mulheres em processo de envelhecimento, especialmente as que engendram a apropriação de práticas de numeramento como conformadas pelas estruturas sociais. Todavia, a relação dialética entre discurso e estruturas sociais também nos permite focalizar o protagonismo daquelas mulheres – de aprendizagens e de conhecimentos, de vivências e de culturas, de memórias e de esquecimento, de direitos e de expectativas – na constituição, na transgressão e na transformação dessas estruturas, ainda que seja no microcosmo da sala de aula, mas que repercute nos modos de significação do conhecimento matemático escolar, na compreensão de seu papel na escola e na avaliação de sua adequação às demandas e às possibilidades das práticas cotidianas.

## – CAPÍTULO 2 –

### “TRABALHO” METODOLÓGICO

*Quanto mais a memória revive o trabalho  
que se fez com paixão,  
tanto mais se empenha o memorialista em transmitir  
ao confidente os segredos do ofício.*

*(Ecléa Bosi, Memória e Sociedade: lembranças de velhos)*

#### 2.1 Um estudo etnográfico da sala de aula

A investigação proposta neste trabalho busca contemplar os modos de apropriação de práticas de numeramento escolares protagonizados por mulheres em processo de envelhecimento, estudantes na EJA, em processo de alfabetização. Esses modos de apropriação são aqui identificados nos posicionamentos discursivos assumidos por essas mulheres nas interações que aconteceram durante as aulas de matemática das quais elas participaram no Instituto ABC no ano de 2018.

Para desenvolver o presente estudo, pareceu-nos importante buscar uma orientação metodológica capaz de considerar interpretações, crenças e valores que integram as relações que essas mulheres estudantes estabelecem no (e com o) contexto escolar (BLOOME, 2012; GREEN *et al.*, 2005). Tal orientação nos permitiu considerar essas relações inseridas não apenas no âmbito dos acontecimentos da sala de aula, mas também em contextos sociais, culturais e históricos mais amplos (BLOOME, 2012; CASTANHEIRA *et al.*, 2001) que condicionam, restringem ou potencializam os modos como aquelas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriam-se de práticas de numeramento escolares.

Utilizamos a expressão *estudo etnográfico da sala de aula* referindo-nos “ao uso de princípios teóricos e lógicos de investigação derivados da etnografia fundamentada na antropologia social e cultural<sup>24</sup>” (BLOOME, 2012, p. 11, tradução nossa). Nesse sentido, o trabalho investigativo que realizamos busca compreender não apenas o que acontece na sala de

---

<sup>24</sup> Do inglês: [...] *to the use of theoretical principles and logics of inquiry derived from ethnography grounded in social and cultural anthropology.*

aula, “mas também como as interações das pessoas na sala de aula refletem e refratam múltiplos contextos sociais e históricos nos quais estão inseridas<sup>25</sup>” (ibidem, tradução nossa).

Os estudos etnográficos da sala de aula surgiram nas décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos, com a intenção de gerar alternativas para as teorias de déficit de desempenho educacional dos estudantes. Entretanto, esses estudos passaram a ser também usados por pesquisadores na área da educação para produzir construções teóricas sobre a aprendizagem enquanto um processo social e cultural (BLOOME, 2012). É nessa perspectiva que compreendemos os esforços investigativos empreendidos em diversos estudos voltados para a compreensão dos processos de aprendizagem no contexto da EJA, dentre os quais destacamos as investigações sobre os processos de apropriação de práticas de numeramento escolares protagonizados por estudantes jovens e adultos da Educação Básica, desenvolvidas pelo Grupo de Estudos sobre Numeramento (GEN): Cleusa Cardoso (2002), Viviane Cabral (2007), Juliana Faria (2007), Priscila Lima (2007), Maria Celeste Souza (2008), Ana Rafaela Ferreira (2009), Sônia Schneider (2010), Fernanda Simões (2010; 2019); Kyrleys Vasconcelos (2011); Valdenice Silva (2013); e Paula Miranda (2015).

Neste trabalho, ao assumirmos o estudo etnográfico da sala de aula como orientação teórico-metodológica, não buscamos apenas definir os métodos e as técnicas específicas tipicamente associadas a ele ou os procedimentos que nos auxiliarão na inserção e na permanência no campo. O estudo etnográfico da sala de aula não é simplesmente um método qualitativo, uma prática de pesquisa ou um conjunto de técnicas (observação participante por um longo período no campo, anotações em diário de campo, descrições detalhadas, entrevistas gravadas e transcritas), ele envolve relações entre teoria e método (BLOOME, 2012; GREEN *et al.*, 2005) e se fundamenta “sobre um conjunto de princípios epistemológicos da antropologia e da sociologia relacionados à natureza cultural dos grupos sociais, incluindo uma ênfase na busca de uma perspectiva *êmica*<sup>26</sup>” (BLOOME, 2012, p. 10, tradução nossa, destaque do autor).

O estudo etnográfico da sala de aula se baseia na própria definição da *etnografia*, como:

(...) um esforço de princípios para descrever a vida cultural cotidiana de um grupo social. Fundamentada na antropologia social, cultural e psicológica, a etnografia busca uma descrição cultural e holística das múltiplas dimensões, aspectos, domínios,

<sup>25</sup> Do inglês: [...] *but also how the interactions of the people in the classroom both reflect and refract the multiple social and historical contexts in which they are embedded.*

<sup>26</sup> Do inglês: [...] *on a set of epistemological principles from anthropology and sociology concerned with the culture nature of social groups including an emphasis on seeking an emic perspective.*

instituições, atividades, práticas e configurações de um grupo social<sup>27</sup> (BLOOME, 2012, p. 9, tradução nossa).

Nesta perspectiva, ao descrevermos “a vida cultural cotidiana de um grupo social”, acreditamos ser fundamental compreendermos o que estava acontecendo com aquelas pessoas naquela sala de aula da EJA, enquanto a pesquisadora estava presente, e os significados que esta sala de aula tem para o grupo social observado (neste caso, um grupo de 12 mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA), para a professora e para a pesquisadora, associando-os às múltiplas relações sociais e aos contextos institucionais e culturais que forjam as (im)possibilidades da sala de aula. Para isso, seguimos a sugestão de Judith Green *et al.* (2005, p. 49) e entramos no contexto da sala de aula fazendo o seguinte questionamento: “*o que está acontecendo aqui?*”, formulação esta que nos obrigou a acrescentar a circunstância que instaura nosso encontro com aquela sala de aula: “*o que está acontecendo aqui, enquanto estamos aqui?*” A partir dessa pergunta, procuramos posicionar o nosso olhar de pesquisadoras para aquilo que é valorizado pelas próprias participantes (perspectiva *êmica*) num esforço de nos desvencilharmos, tanto quanto possível, das nossas “próprias expectativas culturais” sobre o que encontraríamos na sala de aula (perspectiva *ética*).

Dessa maneira, procuramos resistir à tentação de fazer conjecturas sobre o que acontece na sala de aula com essas mulheres como algo preestabelecido ou como algo que nos é familiar – apesar de isso ser um desafio para nós pesquisadoras, pois também somos professoras e supomos ser íntimas desse ambiente (SIMÕES, 2019). Nesse exercício disciplinado de observação, procuramos compreender como as ações e os discursos das participantes são situados e devem ser interpretados pelo que é estabelecido pelo grupo no qual essas mulheres estudantes estão inseridas.

Ao observarmos a sala de aula, é preciso levar em consideração que a mesma é um ambiente constituído por relações humanas complexas, as quais são determinantes na tomada de decisões das participantes. Mesmo que a sala de aula seja separada fisicamente da vida cotidiana dessas mulheres em processo de envelhecimento, ela é um espaço social e cultural e isso faz com que haja uma conexão entre a sala de aula e a vida cotidiana das pessoas (BLOOME, 2012). Por isso, a busca por compreender o papel da escola na vida dessas mulheres, e as condições e o momento em que elas encontram um lugar para o processo de escolarização dentro do seu cotidiano e da sua vida social, também nos aproximou da

---

<sup>27</sup> Do inglês: [...] *a principled effort to describe the everyday, cultural life of a social group. Grounded in cultural, social, and psychological anthropology, ethnography seeks a holistic, cultural description of the multiple dimensions, aspects, domains, institutions, activities, practices, and settings of a social group.*

perspectiva *êmica* ao orientar nosso olhar a partir daquilo que é significativo para as próprias participantes da pesquisa (BLOOME, 2012).

Por essa razão, não definimos categorias e hipóteses antes de realizarmos o trabalho de campo, porque acreditamos que isso poderia, de certa forma, interferir na perspectiva *êmica* que buscaríamos adotar no decorrer dessa etapa da pesquisa. Essas categorias e hipóteses, se definidas *a priori*, poderiam predispor nossas percepções e expectativas de investigadoras em relação às percepções e expectativas das mulheres que seriam observadas (GREEN *et al.*, 2005; HEATH, 1982). Mesmo que não possamos negar e/ou invisibilizar todas as pré-concepções e estudos que já temos sobre a EJA e sobre os processos de ensino e de apropriação de práticas de numeramento escolares que moldam o nosso olhar de pesquisadoras, a entrada no campo se configurou num exercício exigente (e, algumas vezes, vão) de nos afastarmos de pré-julgamentos e focarmos no estranhamento do que nos era familiar, como sugere Michael Agar, ao pontuar algumas características do/a pesquisador/a que se propõe a realizar pesquisas etnográficas no campo da Educação (AGAR, 2006).

Adotar o estudo etnográfico da sala de aula como orientação teórico-metodológica implicou reconhecermos e assumirmos os princípios que sustentam a etnografia como uma lógica de investigação (GREEN *et al.*, 2005). Um desses princípios diz respeito ao fato de considerarmos a cultura da sala de aula como orientadora das ações dos sujeitos que a compõem (GREEN *et al.*, 2005; CASTANHEIRA *et al.*, 2001). A cultura da sala de aula se constitui na interação de um conjunto de práticas e de princípios que são construídos à medida que seus sujeitos estabelecem papeis, relações, regras, direitos e deveres que definem, valorizam, legitimam, hierarquizam e inibem comportamentos e discursos ali assumidos, narrados ou referidos.

No entanto, acessar e estudar a cultura da sala de aula não foi algo simples, porque não existe um consenso, nem mesmo entre os etnógrafos da educação, sobre qual seria a definição mais adequada para o conceito de “cultura”. Com efeito, não se trata de um conceito limitado (ANDERSON-LEVVIT, 2006) e o debate sobre como defini-lo é extenso e antigo. Além disso, diferentes contextos culturais influenciam na sala de aula e são transformados pelas pessoas que frequentam esse ambiente, configurando, assim, sua cultura como uma condição específica de cada sala de aula.

Nesta investigação, operamos com a noção de cultura da sala de aula proposta por Green *et al.* (2005, p. 30), que a compreendem nas “maneiras pelas quais os membros do grupo estudado percebem sua realidade e seu mundo, como eles constroem seus padrões de vida, e como, por intermédio de suas ações (e interações), constituem seus valores, crenças, ideias e

sistemas simbólicos significativos”. Essa compreensão nos ajuda a entender as maneiras pelas quais as mulheres estudantes na EJA, ao assumirem diferentes posicionamentos nas interações discursivas em que estão inseridas – e que protagonizam –, logram construir padrões de comportamento e instituir práticas de numeramento.

Essa compreensão de cultura vai ainda ao encontro da perspectiva e das proposições de Brian Street, que também nos direcionaram neste estudo, pois nos ajudaram a pensar na cultura como “o que as pessoas fazem (os eventos e práticas em que se envolvem) nas ações de sua vida social e na produção de significado<sup>28</sup>” (*apud* BLOOME, 2012, p. 10, tradução livre). Para Street, “cultura deve ser vista como um verbo<sup>29</sup>” (*ibidem*), como um processo e não como algo estático e inflexível. A cultura vai sendo, assim, produzida nos modos como as pessoas se dispõem ou se autorizam a conhecer, aprender, avaliar, negociar, tensionar, concordar, significar e se solidarizar nos espaços em que vivem (no caso, a sala de aula que frequentam). Isso permite considerar a sala de aula como um espaço sociocultural produzido pelas (con)vivências.

Nessa perspectiva, compreendemos a cultura da sala de aula produzida pelo grupo como um todo (GREEN *et al.*, 2005) e não como uma somatória de comportamentos e ideias individuais. Ao analisarmos a atividade discursiva, procuramos entendê-las como ação social, ou seja, ação que as participantes de nossa investigação assumem como integrantes de um determinado grupo social (CASTANHEIRA *et al.*, 2001). Por esse motivo, percebemos como as diferentes interações das participantes investigadas configuram oportunidades diferenciadas de apropriação de práticas (inclusive matemáticas), sendo elas escolares ou não. É nessa perspectiva que focalizamos as mulheres em processo de envelhecimento produzindo diferentes formas de interpretar e dar sentido às atividades escolares e forjando instâncias de significação a partir das referências socioculturais que compartilham naquele espaço.

Outro princípio da etnografia da educação que buscamos adotar neste estudo etnográfico da sala de aula é a triangulação entre o material empírico produzido, a teoria que subsidia as análises dos eventos selecionados e os dados produzidos em outros trabalhos que investigam pessoas adultas na EJA (em especial, nas aulas de matemática da EJA). Com essa triangulação, procuramos criar condições para adotar uma perspectiva contrastiva em nossas análises (GREEN *et al.*, 2005).

---

<sup>28</sup> Do inglês: [...] *it is what people do (the events and practices in which they engage) in making their social lives and in making meaning.*

<sup>29</sup> Do inglês: [...] *culture should be viewed as a verb.*

Nesse sentido, a finalidade dessa triangulação não é usar o contraste para questionar (ou comparar) se as estudantes, participantes desta pesquisa, *dominam* conhecimentos matemáticos escolares ou se sua aprendizagem apresenta desvantagens em relação à de outros grupos etários e/ou de gênero. Nossa disposição é indagar e conhecer suas práticas de numeramento, sob que condições elas se constituem, e o que elas possibilitam (ou interditam) a essas mulheres. Isso significa conhecê-las como mulheres em processo de envelhecimento que, como sujeitos sociais, ocupam o espaço escolar e assumem o papel de estudantes: conhecê-las como mulheres de aprendizagem e de conhecimentos; conhecê-las como mulheres de vivências e de cultura; conhecê-las como mulheres de memórias e de esquecimentos; e conhecê-las como mulheres de direitos e de expectativas.

## **2.2 A produção do material empírico**

O material empírico desta tese foi produzido a partir da observação de uma sala de aula de alfabetização do Instituto ABC, durante o ano letivo de 2018. As aulas acompanhadas pela pesquisadora abordavam diferentes conteúdos escolares, os quais, muitas vezes, eram identificados pela professora ou pelas estudantes da turma como das disciplinas de matemática, língua portuguesa, geografia, história ou ciências.

A observação das aulas teve início no dia 05 de março e foi concluída no dia 12 de dezembro, mas o trabalho de campo se estendeu até a participação da pesquisadora na cerimônia de encerramento do ano letivo com a entrega dos certificados para outras/os alunas/os do Instituto ABC que concluíram o Ensino Fundamental ou que concluíram o projeto Alfabetização Digital, no dia 13 de dezembro. As aulas foram gravadas em áudio e em vídeo, além de terem sido registradas em apontamentos num diário de campo.

A observação como técnica principal de investigação nos permitiu conhecer alguns aspectos da cultura instituída na sala de aula e produzida no encontro de diferentes visões de mundo, as quais ora se apresentavam como coletivas, ora se referenciavam nas (ou se assumiam como) experiências individuais das participantes observadas. Isso nos direcionou a observarmos não apenas as aulas que aconteciam na sede do Instituto ABC, mas também atividades extraescolares oferecidas aos estudantes dessa Instituição naquela sede ou em outros espaços (atividades culturais, homenagens e confraternizações), das quais essas mulheres participaram, permitindo-nos testemunhar diferentes manifestações dessas visões de mundo em outros espaços de convivência entre elas, além do espaço da sala de aula.

Inicialmente, as observações aproximaram a pesquisadora das mulheres em processo de envelhecimento investigadas, contribuindo para que compreendêssemos o trabalho realizado pelo Instituto ABC com essas estudantes, tanto nas aulas de matemática quanto nas aulas das outras disciplinas e nas atividades extraescolares. Ao longo do ano, as observações foram nos permitindo identificar modos como essas mulheres apropriavam-se das práticas de numeramento escolares e como elas se assumiam como mulheres de aprendizagens e de conhecimentos, de vivências e de cultura, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas durante esse processo.

Sobre os registros escritos (construídos pela pesquisadora a partir das observações da sala de aula), optamos por nomeá-los de “diário de campo”, porque além das descrições das aulas, das atividades e dos modos de participação individual de cada estudante, há neles comentários, desabaços, questões e impressões da pesquisadora durante a vivência no trabalho de campo. Também, há registros sobre os “erros, dificuldades, confusões, incertezas e temores, boas perspectivas, acertos e sucessos” (FIORENTINI; LORENZATO, 2007, p. 119) da pesquisadora e das participantes da pesquisa.

Dessa forma, buscamos adotar o que Dario Fiorentini e Sérgio Lorenzato (2007) chamam de perspectiva descritiva e perspectiva interpretativa do diário de campo. Além de descrever a sala de aula detalhadamente, foi importante interpretá-la como um ambiente sociocultural produzido “por sujeitos que participam da trama social com seus sentimentos, ideias, sonhos, decepções, intuições, experiências, reflexões e relações interpessoais” (ibidem, p. 119) e, ainda, dúvidas, questionamentos e confrontos.

No decorrer das observações, os registros foram feitos em dois cadernos que, posteriormente, foram textualizados e digitalizados. Durante a escrita e a textualização do diário de campo, episódios foram (re)vividos e também esquecidos (BOSI, 1994) e, nesse vai e vem das lembranças, (re)escrevi as memórias que foram constituídas nas relações estabelecidas entre as participantes da pesquisa e entre as participantes e a pesquisadora.

As gravações de áudio e de vídeo registraram a dinâmica da sala de aula e permitiram que resgatássemos as interações discursivas que submetemos à análise de acordo com os objetivos deste trabalho e que não seria possível registrar apenas a partir das notas escritas no diário de campo. O foco principal das gravações foi registrar as interações entre a professora e aquelas estudantes na EJA, e entre essas mulheres estudantes e suas colegas, no coletivo da sala de aula. Todavia, algumas conversas entre duas ou mais estudantes, sobre temáticas das aulas ou, também foram registradas nas gravações ou nas notas do diário de campo.

Ao anunciar que haveria gravação em áudio e em vídeo, expliquei às estudantes o que seria feito com as imagens e com os áudios e quem teria acesso ao material. Nesse momento, percebi que algumas mulheres pareciam apreensivas diante da possibilidade de serem filmadas e gravadas, mas inicialmente não fizeram questionamentos.

O uso da filmadora como instrumento metodológico não está imune a problemas de diferentes ordens (VIANNA, 2003). Se, de um lado, propicia um registro que permite resgatar uma série de detalhes da situação focalizada, por outro lado, pode causar constrangimentos ou induzir a comportamentos artificializados, ou, ainda, dar ao pesquisador a ilusão da objetividade, se não se considera toda a subjetividade que intervém nos aspectos supostamente “técnicos” da gravação, tais como o direcionamento da câmera, decisões sobre início e fim da filmagem, aproximações e recuos, etc.... Por isso, levando em consideração limites e potencialidades do uso da filmadora, optei por combinar com as participantes da pesquisa que, a princípio, as gravações seriam apenas em áudio e as filmagens aconteceriam quando elas se acostumassem com a minha presença na sala de aula e eu sentisse segurança para iniciar as gravações em vídeo sem interferir (demasiadamente, já que não causar qualquer intervenção é impossível) na dinâmica das aulas. Antes de iniciar as filmagens, três gravadores<sup>30</sup> foram distribuídos na sala de aula de maneira que fosse possível gravar as intervenções orais de todas as participantes da pesquisa.

Após os primeiros dias de observação, percebi a relevância de chegar mais cedo para conversar com as mulheres e conhecer um pouco mais sobre cada uma delas. Construir uma relação mais próxima foi de extrema importância para que elas ficassem mais à vontade diante da filmadora. Oficialmente, as filmagens se iniciaram no final do primeiro semestre de 2018, no dia 06 de julho. No entanto, algumas atividades anteriores a essa data foram registradas em vídeo com a intenção de ver como as participantes reagiriam diante da presença da filmadora.

Durante as filmagens, foi utilizada uma câmera digital, que ficava fixada em um tripé. Além da possibilidade de girar o equipamento para alcançar diferentes ângulos da sala, algumas imagens também foram aproximadas, principalmente quando as mulheres resolviam atividades no quadro. O posicionamento da filmadora<sup>31</sup> foi definido nas aulas seguintes, mas algumas mulheres pareciam incomodadas e assustadas com a proximidade do equipamento. Enquanto algumas estudantes me pediam para apagar as cenas e os áudios em que elas estavam brincando

---

<sup>30</sup> Durante o trabalho de campo, um dos gravadores estragou e precisei substituí-lo. Mas, até descobrir que ele não estava funcionando adequadamente, algumas aulas foram gravadas com apenas dois gravadores.

<sup>31</sup> No capítulo 3, descreveremos a estrutura física da sala de aula e apresentaremos um croqui do ambiente para mostrar como os gravadores de áudio e de vídeo foram posicionados.

ou conversando sobre suas vidas ou conversando com a pesquisadora, outras tentavam esconder atrás de outras mulheres para não serem filmadas. Por isso, não aproximei a filmadora de algumas mulheres para evitar constrangimentos, porque algumas disseram que sentiam “vergonha” de serem filmadas: *“Eu nunca apareci tanto. O mais difícil foi encarar a câmera. Nunca gostei de ser filmada, eu não me sinto bem. Quando eu vi a gravadora: “Meu Deus do céu!” A gente esquece, fala o que não deve. Vai soltando... Fala as besteiras. A tecnologia assusta, mas é muito bom”* (Edilsea, 53 anos).

Embora soubesse que poderia haver alguma resistência ou constrangimentos das estudantes em relação as filmagens, não abrimos mão desse instrumento de registro, apostando que ele nos ajudaria a descrever os eventos analisados no quarto capítulo desta tese e a compreender alguns posicionamentos assumidos pelas participantes a partir das expressões corporais e gestuais que seriam capturadas pela câmera. Por isso, mesmo diante da dificuldade de implantação da filmadora, insistimos na produção de condições para que o instrumento fosse utilizado causando o menor dano possível à dinâmica daquela sala de aula e ao bem estar das pessoas que a compunham.

No dia “oficial” do início das filmagens, cheguei à sede do Instituto ABC mais cedo para ligar os equipamentos antes de as alunas chegarem e para procurar um bom ângulo capaz de alcançar todos os possíveis lugares que elas poderiam ocupar. No entanto, todo o meu esforço de ser discreta com o início das filmagens foi frustrado, porque, assim que o diretor Luciano Nogueira, entrou na sala de aula, empurrando a cadeira de rodas da estudante Edilsea, ele viu a filmadora e pediu que todas dessem “*um tchauzinho*” para ela (Figura 1). Acreditamos que ao mostrar a filmadora para as mulheres e ao participar da filmagem acenando para a câmera, a intenção do Luciano tenha sido a de quebrar a formalidade e desfazer um pouco o mistério envolvido naquele procedimento, de modo a auxiliar na adaptação inicial das participantes e destacar que o trabalho contava com o apoio do Instituto ABC.

Figura 1 – As alfabetizadas na EJA dão “*um tchauzinho*” para a câmera



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 06/07/2018.

No decorrer dos dias, percebi que aquelas mulheres foram se acostumando com a presença da filmadora, porque sorriam e acenavam para ela. Quando eu não comparecia à aula, Edilsea, a estudante que mais se referia à filmadora e aos gravadores, muitas vezes fazendo comentários jocosos em que sugeria uma possível censura exercida pela gravação, dizia que sentia falta da minha presença e “*até da filmadora*”. Além disso, a estudante comentou ter saído “*do anonimato*” após as filmagens e as gravações das aulas.

Edilsea também me repreendeu quando recusei seu pedido para posar para uma foto com o diretor e com a professora, para que ela pudesse guardar de recordação. Ela pediu que tirássemos a foto, porque, naquela manhã, o diretor, a professora e eu estávamos usando a camisa do uniforme<sup>32</sup> da escola. Como argumento de convencimento para que eu aceitasse ser fotografada, ela disse que eu não poderia recusar o pedido dela, porque a filmo todos os dias. Com esse argumento, tive que ceder. Em outras oportunidades, também pudemos observar o registro em imagens como uma prática incorporada à dinâmica de relação de Edilsea com suas vivências com aquele grupo. Em um dos eventos analisados neste trabalho, por exemplo, veremos Edilsea interromper a dinâmica da aula que estava acontecendo dentro de um supermercado, para tirar uma foto com as colegas da turma, com a professora e com a pesquisadora.

<sup>32</sup> O diretor do Instituto ABC me presenteou com uma camisa do uniforme com a logo da Instituição para que eu pudesse participar do desfile do dia sete de setembro que acontece no município. Todos os anos, eles são convidados para desfilar com suas/eus alunas/os, professoras/es e funcionárias/os e, no dia do desfile, todos precisam estar uniformizados.

Por outro lado, ouvi relatos de algumas estudantes dizendo não perceberem ou se esquecerem de que estavam sendo filmadas e gravadas. Quando percebiam a presença dos gravadores e da filmadora, algumas mulheres perguntavam: “*Tá tudo ligado?*” Quando eu confirmava que os aparelhos estavam ligados, elas informavam às colegas que os instrumentos estavam gravando “*tudo*” e sorriam.

Além dos registros das aulas em áudio e em vídeo e dos apontamentos no diário de campo, cópias dos materiais utilizados pela professora e dos cadernos das estudantes, que me foram cedidos gentilmente pela docente e pelas discentes, também fizeram parte da construção do material empírico desta pesquisa. Além disso, no mês de dezembro do mesmo ano, foram feitas algumas entrevistas<sup>33</sup> com as mulheres<sup>34</sup> estudantes da turma para conhecer suas trajetórias de vida, suas experiências escolares e profissionais, suas atividades atuais e, também, para compreender que relação elas estabelecem com a escola, o que buscam nela, como ela aparece como um projeto na etapa da vida em que elas se encontram e suas percepções sobre o próprio processo de aprendizagem.

A escolha da entrevista semiestruturada nos possibilitou conhecer determinados aspectos relativos às expectativas dessas mulheres em processo de envelhecimento, quando se inserem num espaço escolar, e que relações elas estabelecem com a matemática escolar. No entanto, mesmo que o roteiro de pontos a serem contemplados durante as entrevistas estivesse previamente planejado, a partir das observações realizadas na sala de aula, a ordem deles foi alterada, alguns foram reestruturados e até novos pontos, não previstos inicialmente, foram formulados, como sugerem Fiorentini e Lorenzato (2007).

As entrevistas nos auxiliaram na construção das narrativas que compõem a abertura deste trabalho. Foi a partir de alguns fragmentos de suas histórias de vida, que nos ocorreu apresentar as mulheres protagonistas dos eventos analisados neste trabalho, ainda que conscientes de que muito mais sobre elas seria dito por meio dos relatos de suas intervenções nas aulas; e mais ainda seria calado pelos limites desta tese.

Também foram realizadas outras entrevistas: com a professora, para saber como foi sua experiência ao lecionar em uma turma de alfabetização na EJA constituída, principalmente, por mulheres em processo de envelhecimento; e com o diretor e fundador do Instituto ABC, para conhecer um pouco mais sobre o funcionamento da Instituição e sobre os trabalhos sociais que

---

<sup>33</sup> O roteiro guia utilizado durante as entrevistas que foram realizadas com as mulheres encontra-se nos apêndices deste trabalho.

<sup>34</sup> Do total de mulheres participantes da pesquisa apenas uma delas não aceitou participar da entrevista, porque, segundo ela, não dada nada “*de interessante*” que ela pudesse me contar sobre a sua história de vida. Para ela, a cópia do caderno que ela utilizava em sala de aula “*é suficiente*”.

ele oferece às/aos estudantes e seus familiares. Também participei de algumas conversas informais com as estudantes, com a professora e com o diretor fora dos horários das aulas (principalmente antes do início das aulas e no momento dos lanches). Além disso, consultei o Estatuto do Instituto ABC, o Projeto Pedagógico, que estava em fase de aprovação pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Barroso, e participei das atividades culturais, das homenagens e das festividades promovidas pela instituição.

Numa proposta de estudo etnográfico da sala de aula, o/a observador/a pode se envolver de diferentes maneiras e em diferentes níveis. Destaco que, em muitos momentos, a minha presença como pesquisadora na sala de aula foi confundida: muitas vezes as estudantes me tratavam como uma professora; em outras oportunidades, me viam como colega de turma ou como amiga; outras vezes, eu era vista como uma “orientadora” para a professora da turma; quando iniciei as observações, uma das mulheres perguntou se eu era psicóloga, porque ela me via sempre anotando algumas informações em um caderno.

Em vários momentos, ajudei as estudantes na resolução de algumas atividades de português e de matemática, tirei dúvidas ou corriji as tarefas de casa, buscando ser coerente com a maneira de trabalhar da professora; mas também ouvi suas histórias de vida e seus desabafos sobre seus problemas familiares e financeiros, sobre seus medos, suas dificuldades e suas expectativas. Além disso, fiz ligação para uma das mulheres do meu celular, ajudei outras a mexerem em seus celulares, escrevi mensagem de texto a pedido de uma delas para o esposo, entre outras ações de mediação da relação que iam estabelecendo com essa mídia ou por meio dela.

Não raro ainda, ouvi angústias, inquietações, dúvidas e expectativas da professora. Em alguns momentos, ela me pedia conselhos, sugestões e avaliações sobre conteúdos, atividades escolares e sobre o planejamento de suas aulas. Todavia, embora buscasse não interferir demasiadamente no trabalho dela, não me furtei a dar algumas sugestões e tecer alguns comentários sobre os conteúdos e as atividades de matemática, quando solicitada.

Vale ressaltar que as mulheres alfabetizadas na EJA do Instituto ABC não estão familiarizadas com a presença de pesquisadoras/es na sala de aula, porque essa não é uma situação recorrente na Instituição. No entanto, mesmo sendo uma pessoa “estranha” na sala de aula, devido a minha participação de pesquisadora, consegui estabelecer com algumas mulheres uma proximidade que me permitiu conhecer suas vidas e suas rotinas fora da sala de aula. À medida que o trabalho de campo ia se desenvolvendo, as mulheres ficavam cada vez mais à vontade com a minha presença, inclusive aquelas com as quais não consegui estabelecer uma relação muito próxima.

A quantidade de material empírico produzido e de informações reunidas neste estudo etnográfico da sala de aula nos sugere uma diversidade de possibilidades de análise. Nesse sentido, terminado o trabalho de campo, iniciou-se uma outra etapa de tratamento desse material e dessas informações, na qual foram selecionados os trechos de gravação a serem transcritos na íntegra ou narrados resumidamente para posterior avaliação. Na transcrição de cada evento, tivemos o cuidado de especificar o tempo da gravação – que nos auxiliou a retomar a fala das participantes nas imagens gravadas em vídeo –, o nome da participante, acrescido de sua idade, e, por fim, colocamos a fala buscando descrever, ao máximo, o que estava acontecendo em cada cena, como as estudantes de comportavam e como seus corpos conduziam e iam sendo conduzidos pela dinâmica da sala de aula.

Após revistas as transcrições, eventualmente acrescidas com informações e comentários dos apontamentos do diário de campo e com descrições das cenas gravadas em vídeo, e depois de organizado o material produzido pelas mulheres em processo de envelhecimento ou disponibilizado pela professora, foram tecidas as narrativas que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa. Na delimitação desse corpus, procuramos selecionar interações discursivas em que pudemos identificar eventos nos quais essas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, posicionam-se discursivamente em relação a ideias, conhecimentos, critérios ou representações que de algum modo se associam à matemática hegemônica. A esses eventos chamamos: *eventos de numeramento*. Considerando a condição de prática social que atribuímos aos discursos em geral e aos discursos que mobilizam e produzem matemáticas, em particular, consideramos que, nesses eventos, as participantes apropriam-se de práticas discursivas de numeramento.

Nessa perspectiva, estamos operando com os conceitos de eventos e práticas de numeramento como ferramentas teórico-metodológicas, a exemplo do que fazem com os conceitos de eventos e práticas de letramento muitos dos estudos realizados na perspectiva dos *New Literacy Studies* (STREET, 2003) – ou, como têm sido mais recentemente referidos, os *Literacy as social practices studies* (YASUKAWA *et al.*, 2018). Nesse sentido, assim como fazem Marildes Marinho e Gilcinei Carvalho (2010), recorreremos ao conceito de eventos de letramento proposto por Shirley Heath (1982) para, parafraseando-o, tomar os eventos de numeramento como uma ferramenta conceitual que se refere às situações ou às informações em que identificamos ideias e representações associadas a modos de quantificar, classificar, ordenar, medir, apreciar e organizar o espaço e as formas. Consideramos esses eventos como “parte integrante de uma interação entre participantes e dos seus processos interpretativos” (HEATH, 1982, p. 92 *apud* MARINHO; CARVALHO, 2010, p. 78).

Nesse sentido, o conceito de eventos de numeramento nos auxiliou metodologicamente a selecionar cenas do material empírico que produzimos, para nelas identificarmos processos por meio dos quais aquelas mulheres apropriam-se de – tornam suas, tornam próprias – práticas sociais que relacionam aquelas ideias e representações a um contexto social mais amplo, envolvendo interdiscursos, intenções pragmáticas, referências culturais e relações de poder.

É nesse sentido que, no estabelecimento de categorias de análise, as condições de envelhecimento, as relações raciais, de gênero e de classe, as instâncias de interdição e de luta por direitos foram importantes para orientar e construir possibilidades de interpretação do material empírico produzido.

## **2.3 Preparação e início do trabalho de campo**

Relatar os momentos que antecederam a entrada da pesquisadora no campo, além de ter o propósito de apresentar o início do processo da observação, bem como suas dificuldades e desafios, também mostra nossas disposições e nossos receios ao propor a realização de um estudo etnográfico da sala de aula em uma turma de alfabetização na EJA, composta por estudantes em processo de envelhecimento. Nesta seção, contaremos como eu me preparei para as negociações que antecederam a minha entrada no campo da pesquisa, bem como quais foram as minhas inquietações, dúvidas e inseguranças após o início das observações. Além disso, destacamos as reações das mulheres após o convite da pesquisadora para que participassem da investigação e após a apresentação das questões e procedimentos éticos que orientam um trabalho como este.

### **2.3.1 As negociações para a entrada da pesquisadora no campo**

O estudo etnográfico da sala de aula é um processo dinâmico que envolve uma série de negociações antes da entrada efetiva do/a pesquisador/a no contexto da pesquisa. As tomadas de decisões e os acordos de entrada e permanência no campo precisam acontecer a partir de um posicionamento interativo-responsivo do/a pesquisador/a (GREEN *et al.*, 2005). Foi esse posicionamento que procurei adotar, compreendendo-o como constituinte da lógica etnográfica que procurava imprimir a esta investigação naquela sala de aula.

A preparação para o início das observações das aulas no Instituto ABC aconteceu no mês de fevereiro, do ano de 2018. Nesse mês, entrei em contato com o Luciano, diretor e fundador do Instituto, para conversar com ele sobre a possibilidade de desenvolver o trabalho de campo em uma das turmas da instituição.

No dia do encontro com o diretor, levei um roteiro<sup>35</sup>, por escrito, com esclarecimentos sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa. O Luciano foi muito solícito ao me receber. Conversamos sobre a estrutura do Instituto ABC, sobre as turmas que o compõem e sobre as/os alunas/os que o frequentam. Ao explicar o meu interesse em observar mulheres em processo de envelhecimento apropriando-se de práticas matemáticas escolares, ele informou que haveria uma turma com o perfil de alunas cuja dinâmica de relação com o conhecimento eu desejava

---

<sup>35</sup> O roteiro apresentado ao diretor do Instituto ABC encontra-se nos apêndices deste trabalho.

investigar. Seria uma turma de alfabetização, composta predominantemente<sup>36</sup> por mulheres e que, provavelmente, teria, em média, 12 alunas naquele ano. Essa turma funcionaria na sede do Instituto ABC, no turno da manhã, das 08h às 10h, às segundas, quartas e sextas-feiras.

O diretor explicou que, naquele ano de 2018, haveria uma mudança no corpo docente da instituição, porque as professoras que lecionaram no ano anterior não teriam feito “*um bom trabalho*” pedagógico com as/os estudantes e, por esse motivo, teria havido uma evasão de 27 alunas/os do Instituto. Ele lamentou o ocorrido e disse que não foi possível substituí-las em 2017, porque as professoras foram designadas pelo município. Ele acrescentou que, no ano de 2018, três novas professoras atuariam no Instituto ABC; todavia, como elas não tinham experiências na EJA, ele estava fazendo algumas reuniões para conversar com elas sobre essa modalidade de educação e explicar-lhes o funcionamento da Instituição. Em seguida, foi analisando o perfil de cada professora, e, ao final, indicou que, possivelmente, eu acompanharia a professora Vanessa<sup>37</sup>, que lecionaria na turma de alfabetização que teria estudantes com o perfil desejado.

Sobre as aulas de matemática, perguntei se haveria um dia fixo na semana para trabalhar os conteúdos da disciplina. Ele respondeu que as aulas de matemática aconteceriam no decorrer do curso e de acordo com o planejamento da professora. Então, perguntei se eu poderia fazer as observações nessa turma e se poderia acompanhar todas as aulas, caso a professora concordasse. Ele autorizou dizendo que, “*certamente*”, a professora e as alunas aceitariam a minha presença na sala de aula.

O diretor colocou o Instituto ABC à disposição para o que eu precisasse durante o desenvolvimento da pesquisa. Entretanto, ele me pediu alguns dias para conversar com a professora e ver a disponibilidade dela para receber um trabalho como aquele em suas aulas. Aproveitei a oportunidade e pedi para conversar com a professora pessoalmente sobre a pesquisa. Ele concordou.

Além disso, ele me pediu para iniciar as observações no mês de março, porque ele temia que, nos primeiros contatos da professora Vanessa com a turma, a presença de outra pessoa na sala de aula, observando-a, gravando e filmando as aulas, pudesse, de alguma maneira, constrangê-la, já que essa seria a sua primeira experiência docente com a turma, com a EJA e com o Instituto ABC. Eu compreendi a preocupação dele e concordei com o pedido. No final

---

<sup>36</sup> Quando a turma efetivamente se formou, havia nela apenas estudantes mulheres e em número de 12, como previra o diretor.

<sup>37</sup> A professora autorizou a utilização do seu verdadeiro nome após a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

da nossa conversa, ele ficou de informar à Vanessa sobre minha proposta de pesquisa e de confirmar a disponibilidade dela para que pudéssemos conversar.

Nesse dia, saí da sede do Instituto ABC aliviada, mas temerosa em relação à professora, pensando o que eu faria caso ela não aceitasse participar da pesquisa ou não permitisse as gravações e as filmagens durante as aulas. Pensei em possíveis soluções para os meus temores, mas a melhor opção seria aguardar o retorno do diretor.

Na semana seguinte, o Luciano marcou a reunião com a Vanessa e me convidou para participar. Ele pediu que nos encontrássemos na sede do Instituto. No dia marcado, ele me recebeu e me apresentou à Vanessa. O Luciano aproveitou o nosso encontro e nos contou parte da sua história, das experiências, dos receios, dos anseios e das expectativas dele como fundador e diretor da instituição.

Em seguida, conversei com a Vanessa e falei sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa. Para sistematizar a proposta de trabalho, entreguei para ela uma cópia do roteiro que eu havia preparado para a minha conversa inicial com o Luciano. Durante o nosso encontro, a Vanessa falou sobre sua formação e compartilhou conosco que aquela seria sua primeira experiência na EJA e, por isso, estava apreensiva e ansiosa. Ela atribuiu à sua formação o fato de estar insegura para trabalhar com o público adulto e idoso, porque não participara de discussões sobre a EJA, na licenciatura ou em outros cursos; mas, ao mesmo tempo, disse que estava *“feliz e entusiasmada por viver essa experiência”*.

Assim como o Luciano, a Vanessa me pediu para não iniciar o trabalho de campo na primeira semana de aula, pelos motivos que o diretor já havia aventado. Ela disse que gostaria de *“ganhar um pouco da confiança das alunas”* e que, assim que o estranhamento inicial diminuísse, ela me avisaria para que eu iniciasse as observações. Como o interesse pedagógico deve prevalecer sobre os interesses da pesquisa, concordei com o pedido.

Durante a apresentação da proposta da pesquisa para a professora, o Luciano esteve presente para que ela sentisse o respaldo e a disponibilidade do Instituto ABC em receber uma pesquisa de doutorado como esta. Acredito que isso tenha facilitado a conversa inicial que tive com a Vanessa, que foi muito amistosa. Além de me receber bem, a professora demonstrou interesse e compromisso quando decidiu participar desta pesquisa. No final da conversa, ela me agradeceu por essa oportunidade.

Logo após o nosso encontro, no caminho da sede do Instituto até a minha casa, novos questionamentos despontaram e tiraram o meu sossego até, efetivamente, iniciar as observações na sala de aula: *O que fazer no primeiro dia da observação? Como fazer a minha apresentação? Como apresentar a pesquisa de uma maneira que aquelas mulheres a compreendessem? Como*

*apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)? Como deveria me comportar? Será que as mulheres aceitariam participar da pesquisa? O que deveria fazer caso alguma(s) delas decidisse(m) não participar da pesquisa?*

### **2.3.2 O início das observações e as questões éticas da pesquisa**

A partir dos questionamentos que encerraram a seção anterior, percebi que precisava visitar minhas anotações sobre o processo e os procedimentos de inserção do/a pesquisador/a no campo em um estudo etnográfico da sala de aula. Esses apontamentos foram feitos nas disciplinas: “Metodologia de Pesquisa” e “Lógicas em uso: pesquisas etnográficas em Educação, Letramento e Linguagem”<sup>38</sup>, cursadas durante o meu período de doutoramento. Além disso, os trabalhos de Agar (2006), Bloome (2012), Castanheira *et al.* (2001), Green *et al.* (2005) e Heath (1982) também me ajudaram no processo de (re)lembrar aspectos importantes que não poderiam ser esquecidos quando, de fato, iniciasse as observações na sala de aula.

Embora a Vanessa tenha me chamado para iniciar as observações ainda na última semana de fevereiro, decidi iniciá-las no mês de março, conforme a recomendação do Luciano, com o propósito de dar mais tempo à professora e às alunas antes de minha entrada, pois minha presença poderia ocasionar mudanças na dinâmica da sala de aula. Por essa razão, comuniquei à professora que iniciaria as observações na segunda-feira seguinte, dia 05 de março de 2018.

O Quadro 1 traz o relato de minha apresentação no primeiro dia de aula, redigido a partir de uma textualização de meus apontamentos no diário de campo.

---

<sup>38</sup> As disciplinas foram oferecidas pelo Programa de Pós-graduação: Conhecimento e Inclusão Social, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A disciplina “Metodologia de Pesquisa” foi ministrada pela Professora Ana Maria de Oliveira Galvão e eu a cursei no 2º Semestre de 2017. A disciplina “Lógicas em uso: pesquisas etnográficas em Educação, Letramento e Linguagem”, ministrada pela Professora Maria Lúcia Castanheira, foi oferecida no primeiro semestre do ano de 2018, mesmo período em que iniciei as negociações de entrada no campo da pesquisa e efetivamente comecei as observações na sala de aula.

Quadro 1 – Perguntaram se eu morava na cidade de Barroso e quem eram meus pais

| <b>Aula do dia 05 de março de 2018</b><br><b>Segunda-feira – 08h às 10h – 1º dia de observação de aula</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><i>Nesse dia, cheguei à sede do Instituto ABC junto com a professora Vanessa. Eu a cumprimentei e perguntei como foi a primeira semana de aula. Ela me disse que começou bem, mas com alguns desafios. Antes de entrarmos na sala de aula, entreguei para o Luciano o Termo de Anuência<sup>39</sup>, exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade, para que ele o assinasse, autorizando a realização da pesquisa em uma das turmas do Instituto.</i></p> <p><i>Quando entramos na sala de aula, um dos funcionários do Instituto e algumas mulheres já estavam presentes. As mulheres nos abraçaram e perguntaram se eu era irmã da Vanessa, porque nos acharam parecidas. Eu disse que não. Também perguntaram se eu morava na cidade de Barroso e quem eram os meus pais. Eu disse que morava na cidade e expliquei quem eram os meus pais. Elas disseram que conheciam a minha família e uma delas disse que já me viu algumas vezes na rodoviária. Além disso, duas mulheres que entrevistei na minha pesquisa de mestrado estavam presentes; elas me deram um abraço e se lembraram das entrevistas.</i></p> <p><i>Após realizar o ritual de início da aula (dar boas-vindas às alunas, fazer as orações do Pai Nosso e da Ave Maria, escrever a data no quadro e pedir que as mulheres a copiassem no caderno), a Vanessa pediu que eu me apresentasse para a turma. Nessa conversa inicial expliquei os objetivos e alguns procedimentos da pesquisa. Comentei sobre a necessidade de gravar as aulas em áudio e em vídeo, mas combinei que as filmagens aconteceriam posteriormente. Algumas mulheres pareceram desconfiadas, quando falei sobre as gravações e as filmagens, por isso, expliquei quem teria acesso às gravações e em que tais registros me ajudariam na pesquisa, dizendo que as pessoas poderiam agir normalmente (se é que isso é possível diante de uma filmadora).</i></p> <p><i>Após minha apresentação, as 11 alunas que estavam na sala de aula nesse dia, sorriram e me deram boas-vindas. Elas se colocaram à disposição e concordaram em participar da pesquisa. Eu lhes agradei e pedi a autorização delas para gravar a aula apenas com alguns gravadores de áudio. Elas autorizaram a gravação.</i></p> <p><i>O pedido de autorização foi feito oralmente e cada uma delas, inclusive a Vanessa, respondeu que autorizava a gravação. Então, liguei os gravadores e pedi que elas respondessem, novamente, se autorizavam ou não as gravações para que o assentimento delas ficasse registrado (já que o TCLE seria apresentado posteriormente). As mulheres presentes autorizaram que seus verdadeiros nomes fossem utilizados na pesquisa.</i></p> |

Fonte: Relato do Diário de Campo da pesquisadora.

Conhecer os meus pais e a minha família (avós(ôs), tias/os, primas/os) também foi um facilitador para ganhar a confiança das mulheres que não me conheciam. O hábito, tão comum entre pessoas em processo de envelhecimento, de procurar identificar pais e familiares daqueles a quem são apresentados pode estar relacionado a uma busca, em especial das pessoas que vivem nas cidades do interior, de estabelecer alguma relação com o interlocutor e sua história. Conhecer familiares da pessoa com quem se relacionariam pareceu deixar aquelas mulheres mais seguras e menos desconfiadas e, nesse sentido, não é surpreendente a curiosidade sobre minha família e meu pertencimento à comunidade daquela cidade.

Além disso, não levei o TCLE no primeiro dia de observação, por ter sido aquele o meu primeiro contato com a turma e eu achar que a necessidade de assinar um documento poderia assustá-las. Como relatamos anteriormente, o início das filmagens também ocorreu alguns meses após o início do trabalho de campo, porque eu gostaria de ver como as estudantes da

<sup>39</sup> O Termo de Anuência encontra-se nos apêndices deste trabalho.

turma reagiriam à proposta da pesquisa antes de dar mais detalhes sobre e empreender os procedimentos da observação.

Outro momento que nos parece importante destacar nesta reflexão sobre os procedimentos de entrada no campo refere-se àquele em que a pesquisadora oficialmente falou para as participantes sobre as questões éticas da pesquisa. A seguir (Quadro 2), narramos a aula em que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado à professora e às estudantes daquela turma:

Quadro 2 – “*Isso nunca aconteceu comigo na escola e, agora, no final da vida, aparece essas coisas.*”

| <b>Aula do dia 21 de maio<sup>40</sup> de 2018</b><br><b>Segunda-feira – 08h às 10h – 31º dia de observação de aula</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><i>Quando cheguei à sede do Instituto ABC, algumas alunas já estavam presentes. Eu as cumprimentei e, logo após, a Vanessa chegou. Eu entreguei uma cópia do TCLE da professora<sup>41</sup> para que ela lesse e assinasse o documento. Ela fez a leitura do termo em voz baixa, enquanto esperava as outras alunas chegarem e, em seguida, o assinou.</i></p> <p><i>A Vanessa iniciou a aula, seguiu o planejamento que ela havia preparado e, faltando 30 minutos para o seu término, ela autorizou que eu falasse sobre o TCLE das estudantes<sup>42</sup> e o apresentasse a elas. Então, fui à frente da sala para conversar com aquelas mulheres. Expliquei os objetivos e os procedimentos da pesquisa novamente, mas agora com mais detalhes. Fiz a leitura do termo, pausadamente, e esclareci tudo o que estava escrito. Informei que a Vanessa e o Luciano também assinaram um termo e mostrei a assinatura deles com a intenção de mostrar que o trabalho estava sendo respaldado pelo Instituto ABC. Durante a leitura do termo, a Vanessa me ajudou fazendo alguns esclarecimentos.</i></p> <p><i>No final da leitura e das explicações, eu as convidei para que, caso concordassem em participar da pesquisa, assinassem o termo. Quase todas as alunas presentes nesse dia aceitaram participar da pesquisa, dizendo que seria “uma coisa boa” para elas. Apenas Dona Rosa<sup>43</sup> (88 anos) não aceitou assinar o termo sem a autorização dos filhos. Inclusive, ela pareceu estar indignada com a proposta da pesquisa, ao dizer: “isso nunca aconteceu comigo na escola e, agora, no final da vida, aparece essas coisas”. Ela acrescentou que, “na idade em que estava” (88 anos), os filhos eram responsáveis por ela. Eu e a Vanessa concordamos com Dona Rosa e sugeri que ela levasse o termo para casa e pedisse algum filho para ler. Aproveitei e me coloquei à disposição, caso algum dos filhos quisesse conversar comigo pessoalmente.</i></p> <p><i>Em seguida, eu e a professora Vanessa ajudamos as outras dez mulheres<sup>44</sup> a preencherem o termo, porque algumas não sabiam onde deveriam assinar o nome e como deveriam escrever.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>Eu desliguei os gravadores e me dirigi à recepção junto com as mulheres. Mas, antes de sair da sala de aula, Dona Rosa me pediu desculpas por não ter assinado o termo. Eu disse a ela para não se preocupar, mas, novamente, ela falou que não deve assinar nada sem a autorização dos filhos. Eu concordei.</i></p> <p><i>Em seguida, nos dirigimos para o momento do lanche.</i></p> <p><i>Fui para casa pensando na recusa de Dona Rosa...</i></p> |

Fonte: Relato do diário de campo da pesquisadora.

<sup>40</sup> Embora a autorização oral das alunas já tenha acontecido (sendo registrada em áudio) no primeiro dia de aula, a assinatura da autorização por escrito no TCLE só foi solicitada no mês de maio. Isso aconteceu devido às inseguranças da pesquisadora ao imaginar que esse momento poderia ocasionar tensões, dúvidas e possíveis negativas daquelas mulheres – que não dominavam o sistema alfabético – em relação à participação na pesquisa. Além disso, havia o interesse de que todas as mulheres ou, pelo menos, quase todas estivessem presentes na sala de aula quando da proposição da formalização de sua participação na pesquisa.

<sup>41</sup> O TCLE assinado pela professora Vanessa encontra-se nos apêndices deste trabalho.

<sup>42</sup> O TCLE assinado pelas mulheres encontra-se nos apêndices deste trabalho.

<sup>43</sup> Dona Rosa autorizou que o seu verdadeiro fosse usado neste trabalho, após a sua assinatura no TCLE.

<sup>44</sup> Nesse dia, apenas uma aluna não estava presente. Mas, no dia em que compareceu à aula, ela aceitou participar da pesquisa, assinou o TCLE e autorizou que seu verdadeiro nome fosse utilizado neste trabalho.

Quando apresentei o TCLE para as estudantes, eu estava muito insegura, embora tenha buscado construí-lo com uma linguagem “simples” e “acessível” para aquele público. Porém, durante a apresentação do termo, identifiquei no rosto de algumas estudantes (porque estavam com um semblante de dúvida) a dificuldade para compreenderem algumas palavras e expressões que estavam escritas. Ao perceber a minha insegurança e a dificuldade das alunas, a professora Vanessa me ajudou a explicar algumas expressões do Termo para que elas pudessem compreender. A ação da professora foi muito importante para mim, porque, além de trazer certa segurança para as mulheres, ao repetir e enfatizar o que eu dizia, facilitou a apropriação, o posicionamento – favorável ou contrário – e o tensionamento em relação à proposta de trabalho que eu apresentava às alfabetizadas.

Mesmo reconhecendo que as mulheres poderiam recusar o meu convite e abster-se da participação na pesquisa, muito me surpreendeu a resposta negativa de Dona Rosa. Eu me senti incomodada quando ela me advertiu: “*isso nunca aconteceu comigo na escola e, agora, no final da vida, aparece essas coisas*”. A censura de Dona Rosa nos faz pensar sobre a sua condição de mulher idosa, branca, viúva, dependente (embora viva sozinha) e preocupada por sua situação de mulher analfabeta funcional em relação a documentos e leis, embora não explicitasse tal condição. Somam-se à advertência de Dona Rosa, muitos outros discursos que se referem ao contexto de mulheres vivenciando a fase do envelhecimento, como aponta Isolda Belo (2013): “a imagem dominante da velhice estava também fortemente vinculada à inutilidade, exclusão, dependência, doença” (p. 9).

Nesse sentido, Dona Rosa deixa ecoar em sua fala: sua condição de mulher envelhecida e limitada por seu tempo; sua condição de não acesso à escola, e que por isso não vivenciara trabalhos investigativos em sala de aula seja, por meio da professora ou de outras pessoas; sua expectativa em relação à escolarização e ao envelhecimento que vivencia, um “*final da vida*” sem muitas surpresas ou apreensões.

Naquela manhã, por diversas vezes, pensei que havia ofendido Dona Rosa de alguma maneira e que, por isso, talvez, ela nem voltasse mais ao Instituto. Minha preocupação me fez pensar na mulher, na mãe, na viúva e na estudante Dona Rosa e em todo o processo da pesquisa. Pensei sobre como a proposta da pesquisa e a metodologia utilizada (uso de gravadores e de filmadoras e a realização de entrevistas) poderiam se tornar procedimentos afrontosos para algumas participantes desta pesquisa (mas também de tantas outras pesquisas), por acarretar mudanças em suas trajetórias e expectativas de vida, enquanto que para outras mulheres, participar de uma investigação (e de uma investigação como esta) poderia ser algo empolgante e uma forma de saírem do “*anonimato*” em que se encontraram ao longo de toda a vida.

Na aula seguinte à apresentação e à assinatura do TCLE, algumas mulheres manifestaram diferentes reações em relação à decisão de participar da pesquisa (Quadros 3, 4 e 5). Além disso, deram testemunhos sobre sua privacidade e sua independência (ou dependência) para tomarem decisões e fazerem escolhas.

Quadro 3 – “Na minha casa ninguém me manda.”

| <b>Aula do dia 23 de maio de 2018</b><br><b>Quarta-feira – 08h às 10h – 32º dia de observação de aula</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><i>Assim que cheguei à sede do Instituto, Aparecida (56 anos), Dona Joana (63 anos) e Dona Rosa (88 anos) já estavam na sala de aula. Eu as cumprimentei. Antes de ligar os gravadores e arrumar o meu material, Dona Rosa me pediu para ajudá-la a preencher o TCLE. Ela disse que conversou com um dos filhos e ele disse que não havia problemas, porque era uma atividade escolar. Eu disse que fiquei feliz com a participação dela e lhe agradeci. Então, junto com o TCLE, ela me entregou a carteira de identidade, o CPF e o título de eleitor. Eu disse que não precisava dos documentos pessoais, apenas da assinatura dela.</i></p> <p><i>Enquanto eu ajudava Dona Rosa a preencher o termo, Dona Cecília (91 anos) entrou na sala e viu Dona Rosa assinando as folhas. Ela me cumprimentou e perguntou se deveria escrever alguma coisa no termo. Eu disse que não. Então, Dona Cecília dirigiu-se à Dona Rosa e perguntou:</i></p> <p><i>– Resolveu?</i></p> <p><i>Dona Rosa pareceu irritada com a pergunta e disse que não era questão de resolver, porque ela já tinha resolvido, mas ela não poderia assinar nenhum documento sozinha sem a autorização dos filhos.</i></p> <p><i>Após a resposta de Dona Rosa, Dona Cecília olhou na minha direção e disse baixinho:</i></p> <p><i>– Na minha casa ninguém me manda [ela espremeu os olhos e sorriu].</i></p> |

Fonte: Relato do diário de campo da pesquisadora.

Quadro 4 – Dona Joana disse que mostrará para os filhos quando eles forem na casa dela

| <b>Aula do dia 23 de maio de 2018</b><br><b>Quarta-feira – 08h às 10h – 32º dia de observação de aula.</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><i>Enquanto terminavam a atividade, Dona Zélia (61 anos), sorrindo, contou o que os filhos dela disseram sobre mim e sobre a Vanessa após lerem o TCLE. Para eles, o que nós fazemos na sala de aula com as alunas é “muito bom” e me parabenizou pelo TCLE.</i></p> <p><i>Ao perceber que Dona Zélia levou o termo para casa e mostrou aos filhos, Aparecida (56 anos) disse que não levou o dela para casa. Dona Terezinha (64 anos) disse que o levou, mas ninguém viu. Dona Joana (63 anos) disse que mostrará para os filhos quando eles forem à casa dela.</i></p> |

Fonte: Relato do diário de campo da pesquisadora.

Quadro 5 – Ela entendeu que as imagens serão transmitidas na TV

| <b>Aula do dia 23 de maio de 2018</b><br><b>Quarta-feira – 08h às 10h – 32º dia de observação aula</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><i>(...) Edilsea (53 anos) entrou na sala de aula e me viu com um dos gravadores na mão, então, ela disse que precisava conversar comigo no final da aula, mas os gravadores deveriam estar desligados.</i></p> <p><i>(...)</i></p> <p><i>A professora Vanessa encerrou a aula às 10h. Todas as mulheres guardaram seus materiais e se dirigiram à recepção para lancharem. Todavia, eu fiquei na sala para conversar com a Edilsea.</i></p> <p><i>Assim que desliguei os gravadores, a Edilsea se aproximou e me pediu para lhe explicar a questão da filmagem que estava escrita no termo, porque ela entendeu que as imagens seriam transmitidas na TV e que eu a filmaria como fazem alguns programas de televisão que vão às casas das pessoas e filmam o seu cotidiano. Ela disse que, se fosse assim, ela não participaria da pesquisa, principalmente, pela condição dela de ser uma mulher que faz uso constante de uma cadeira de rodas para sua locomoção. Eu sorri e disse que as filmagens não seriam divulgadas e que eu filmaria apenas a sala de aula e alguma atividade didática que elas fizessem fora do Instituto ABC. Após ouvir minhas explicações, ela aceitou participar da pesquisa e disse que ficou lendo o termo à noite toda e não conseguiu dormir pensando no assunto.</i></p> <p><i>Assim que terminamos a conversa, eu a levei até a recepção e, em seguida, nós lanchamos.</i></p> |

Fonte: Relato do diário de campo da pesquisadora.

Nos três excertos do diário de campo, em que as mulheres se posicionam em relação à participação na pesquisa e à assinatura de Termo de Consentimento, elas também testemunham os modos como acolhem o próprio processo de envelhecimento e as condições impostas por ele. Todavia, tensionam esse processo (e o que se espera dele), mas também questionam as diretrizes e as exigências impostas pelo Código de Ética da Universidade para uma investigação como esta – aos quais, até então, nós reagíamos, apenas tentando adequá-los, o melhor possível, às condições de leitura das participantes –, confrontando, ainda que implicitamente, os protocolos formais previstos nesse Código com sua realidade social e cultural, seus arranjos familiares, suas condições e disposições de (e suas preocupações com o) exercício da leitura e da escrita que vivenciam como mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA.

Ao declarar sua necessidade de consultar os filhos antes de assinar documentos, Dona Rosa (88 anos) reage a um risco ao qual muitas pessoas, especialmente aquelas em processo de envelhecimento, são submetidas: serem enganadas quando instadas a assinar documentos, especialmente aquelas que não estão (completamente) alfabetizadas. Por isso, é comum os filhos alertarem os pais, nessa etapa da vida, a não assinarem qualquer documento sem a autorização deles. Nesse caso, os filhos passam a ser “responsáveis” pelos pais. Além disso, certamente, Dona Rosa já teve que assinar documentos em situações que exigiam a apresentação (ou a anotação dos números) de seus documentos pessoais, o que a levou a, remetendo-se a essa mesma prática de letramento, e no receio de (mais uma vez) ficar *em débito* com a pesquisadora, disponibilizar ali seu documento de identidade, o cartão do CPF e o título de eleitor.

O posicionamento de Dona Cecília (91 anos) diante da explicitação da relação de dependência de Dona Rosa (88 anos) com seus filhos (pelo menos no que se refere à assinatura de documentos), demarca os significados de autonomia e liberdade que ela atribui não apenas a não ter *necessidade* de solicitar a autorização dos filhos para o que quer que seja, mas a não *admitir* que eles ou qualquer pessoa de sua casa determine o que ela pode ou não fazer: “*na minha casa, ninguém me manda*”. Dona Cecília enviuvou ainda nova, criou os filhos sozinha, trabalhou e se tornou independente financeiramente. Talvez por isso tenha orgulho de tomar as próprias decisões sem a interferência de outras pessoas, inclusive dos filhos.

Dona Zélia (61 anos) aceitou de imediato participar da pesquisa, assinou o TCLE, mas o mostrou para os filhos e pediu que eles lessem o documento. Nesse caso, como nos casos de Dona Joana (63 anos), Dona Terezinha (64 anos) e Aparecida (56 anos), que, depois do

comentário de Dona Zélia, manifestaram a disposição de virem a mostrar posteriormente o Termo para os filhos, pareceu-nos que essa apresentação do documento à família é movida menos pela insegurança do que pelo orgulho de lhes mostrar que elas estavam participando de um trabalho da universidade, cujas relevância e seriedade seriam reafirmadas pela própria existência daquele Termo. Em especial, como Dona Zélia tem um filho que faz o curso de licenciatura em física na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), ela teria a avaliação de alguém que, certamente, estaria habilitado a confirmar a veracidade, a oficialidade e a qualidade do documento e da pesquisa, além da respeitabilidade da pesquisadora e de sua instituição.

Quanto à demanda de Edilsea (53 anos) por uma conversa particular, confesso que fiquei assustada, principalmente por ela ter falado que os gravadores deveriam estar desligados. O que será que ela queria conversar comigo? Eu sorri diante do questionamento da Edilsea, tentando aparentar tranquilidade e receptividade em relação às suas preocupações e dúvidas, mas sabia que o assunto era sério. Depois da nossa conversa, fiquei pensando se, no TCLE, havia algo que poderia trazer esse entendimento às alunas (de que elas seriam filmadas como fazem alguns programas, do tipo *reality-show*, e que as imagens seriam transmitidas na televisão) ou se eu dissesse algo que poderia ter sugerido esse entendimento, mas não me recordava de qualquer comentário que me parecesse dar margem àquela suspeita, e, relendo o termo, também não encontrei qualquer trecho que pudesse induzir essa interpretação.

Nesse sentido, pareceu-me que menos as palavras e muito mais os rituais explicitavam a dimensão de *violência* da filmagem, sentida de modo especial por Edilsea, mulher cadeirante, que esteve invisibilizada na sociedade durante muitos anos. É a mesma Edilsea (*ou terá sido ela mesma outra Edilsea?*) quem dirá, após os 10 meses de gravação das aulas que ela teria “saído do anonimato”.

Mas, naquele primeiro momento, fui para casa refletindo sobre o fato de a Edilsea não ter dormido muito bem à noite, porque ficara lendo e tentando compreender o que estava escrito no TCLE. Pensei em como interferi no curso da vida dela, da mesma maneira como aconteceu com a Dona Rosa, preocupada com o respeito às recomendações dos filhos e desconfortável com a avaliação de sua dependência, pelas colegas. Pensei também no orgulho conquistado por Dona Zélia e vislumbrado por Aparecida, Dona Terezinha e Dona Joana e na oportunidade que o ritual concedeu à Dona Cecília de manifestar sua autonomia e sua liberdade de decisão.

Mesmo sabendo que a produção e a assinatura do TCLE buscam proteger os diferentes sujeitos e instituições envolvidos nas pesquisas, a dificuldade de escrevê-lo de uma maneira que seja de fácil compreensão por pessoas que nunca participaram de pesquisas como esta e

que, ao mesmo tempo, atenda às exigências técnicas do Comitê de Ética da Universidade, não é maior do que a conformação e a realização do ritual de sua apresentação e nem de suas repercussões na relação das pessoas envolvidas com a pesquisa e suas condições de nela participar.

Nesse sentido, quando escrevem sobre a metodologia de pesquisas no campo da educação matemática, Filipe Fernandes e Antônio Vicente Garnica (2021, p. 14) apontam “o descompasso entre as diretrizes éticas e a realidade da pesquisa na EJA”, após tomarem conhecimento dos desafios que esta investigação enfrentou durante a apresentação do TCLE para as participantes desta pesquisa<sup>45</sup>. Os autores indicam o tensionamento causado pela inadequação de normas, de documentos e de protocolos éticos, exigidos pelas instituições de Ensino Superior, quando “novos sujeitos”, não familiarizados com esses procedimentos, são convocados a participarem de pesquisas no campo da Educação Matemática (como, por exemplo e, de modo especial, mulheres não alfabetizadas com a leitura e o registro de códigos e símbolos que compõem esses documentos). Fernandes e Garnica (2021), portanto, sugerem ações a serem tomadas para que a inserção desses “novos sujeitos” nas pesquisas, de fato, aconteça:

Por isso, devemos tratar a metodologia na pesquisa em Educação Matemática, especialmente em um contexto político de inserção de novos sujeitos, cenários e conhecimentos, partindo da experiência e da problematização contínua. Devemos tratar os procedimentos metodológicos e as diretrizes éticas que adotamos desde uma experiência de nós mesmos, radicalizando o cuidado e a aprendizagem nesses contextos. Devemos abraçar uma metodologia política no lugar de uma metodologia normativa, diversificando nossos procedimentos de construção, de registro, de apresentação e de autorização dos dados que nos servirão no processo de investigação. Devemos rever os manuais, as etiquetas, os protocolos, as palavras, os documentos exigidos pelo Direito e tantas outras formalidades que, na relação com outros sujeitos, cenários ou conhecimentos, exigem serem revisitados. Essa reavaliação passa pela constituição de éticas de pesquisa menos preocupadas em resguardar pesquisadores, seus grupos de pesquisa e instituições, e mais atentas aos sujeitos que compartilham seus modos de vida para que haja produção de um conhecimento (do) coletivo. Acreditamos que apenas quando a pesquisa *nos passa* – e não quando meramente passamos pela pesquisa – temos a sensibilidade para reorientar nossas diretrizes metodológicas, construindo um caminho singular e especialmente comprometido com o novo contexto político que se aproxima da Educação Matemática (FERNANDES; GARNICA, 2021, p. 14-15).

Achamos importante registrar aqui esses estranhamentos e posicionamentos daquelas mulheres que se dispuseram a participar desta pesquisa, porque os procedimentos éticos utilizados na condução de uma investigação devem procurar sempre garantir o bem-estar das/os participantes da pesquisa e sua dignidade (BLOOME, 2012). Nesse sentido, ouvir e publicizar

---

<sup>45</sup> Antes que este trabalho fosse concluído e publicado, os autores receberam a nossa autorização para citá-lo.

suas apreensões e suas advertências é também um modo de explicitar nossa preocupação e sua ação na preservação e defesa de seus direitos, seus interesses, suas sensibilidades e suas expectativas.

Embora a prática de proteger os sujeitos da pesquisa, assegurando seu anonimato, seja recomendada nos procedimentos mais canônicos de pesquisa, neste trabalho, as participantes não aceitaram que um pseudônimo fosse criado. Pelo contrário, elas autorizaram e, mais do que isso, reivindicaram, que seus verdadeiros nomes apareçam neste texto e na divulgação desta pesquisa.

Do ponto de vista legal, o projeto para o desenvolvimento desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa<sup>46</sup>, da Universidade Federal de Minas Gerais, antes do início do trabalho de campo (número de inscrição: CAAE – 82167817.1.0000.5149), de acordo com as normas estabelecidas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12.

## 2.4 As aulas observadas

Numa primeira organização do material empírico, foi produzido o Quadro 6, no qual estão listados os dias de aulas observadas pela pesquisadora, que aconteciam às segundas, quartas e sextas-feiras, das 08h às 10h da manhã. Durante essas aulas, conteúdo e atividades foram registrados como um recurso de identificação e de apoio à memória.

Quadro 6 – Conteúdos e atividades das aulas durante o ano letivo de 2018

| Aula | Data                      | Conteúdo(s)                                                                                                                                                                                                                     |
|------|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01   | Segunda-feira, 05/03/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Apresentação da pesquisadora.</li> <li>▪ Medidas de tempo (instrumentos de medidas, utilização do calendário, cálculos envolvendo datas, lembranças de momentos marcantes).</li> </ul> |
| 02   | Quarta-feira, 07/03/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A importância e os significados dos números na nossa vida.</li> <li>▪ Identificação, registro e comparação numérica.</li> <li>▪ Contagem.</li> </ul>                                   |
| 03   | Quinta-feira, 08/03/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Homenagem às mulheres pelo Dia Internacional da Mulher.</li> </ul>                                                                                                                     |
| 04   | Sexta-feira, 09/03/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O Dia Internacional da Mulher<sup>47</sup>.</li> </ul>                                                                                                                                 |
| 05   | Segunda-feira, 12/03/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “D”.</li> </ul>                                                                                                                                               |

<sup>46</sup> O parecer do Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais encontra-se nos anexos deste trabalho.

<sup>47</sup> Essa aula aconteceu na Escola Clotilde Rocha, no turno noturno. A escola está situada em um bairro da cidade de Barroso, distante da sede do Instituto, e foi cedida pela SEMED por ser uma escola municipal. Nessa escola funcionam quatro turmas de EJA: duas turmas do Ciclo de Alfabetização (1º ao 3º ano escolar), uma turma do Ciclo Complementar (4º ao 5º ano escolar) e uma turma correspondente aos Ciclos Intermediário e da Consolidação (6º ao 9º ano escolar).

|    |                           |                                                                                                                                                                                                                                               |
|----|---------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 06 | Quarta-feira, 14/03/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Memória e seus significados.</li> <li>▪ Unidades de medida de tempo.</li> </ul>                                                                                                                      |
| 07 | Sexta-feira, 16/03/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Gênero textual/discursivo<sup>48</sup>: bilhete.</li> <li>▪ Unidades de medida de tempo.</li> </ul>                                                                                                  |
| 08 | Segunda-feira, 19/03/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Localização no mapa do Brasil.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “C”.</li> </ul>                                                                                                                   |
| 09 | Quarta-feira, 21/03/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “C”.</li> <li>▪ Receita do canudo de Dona Cecília.</li> </ul>                                                                                                               |
| 10 | Quinta-feira, 22/03/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Canudo de Dona Cecília<sup>49</sup>.</li> </ul>                                                                                                                                                      |
| 11 | Segunda-feira, 26/03/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leitura, construção e interpretação de gráficos.</li> <li>▪ Adivinhas.</li> </ul>                                                                                                                    |
| 12 | Quarta-feira, 28/03/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre o feriado da Semana Santa<sup>50</sup>.</li> </ul>                                                                                                                                  |
| 13 | Segunda-feira, 02/04/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leitura, construção e interpretação de gráficos.</li> </ul>                                                                                                                                          |
| 14 | Quarta-feira, 04/04/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Interpretação e exercícios sobre a cantiga popular: “O Bote”.</li> <li>▪ Operações de subtração.</li> </ul>                                                                                          |
| 15 | Sexta-feira, 06/04/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “T”.</li> <li>▪ Operações de subtração.</li> <li>▪ Resolução de problemas.</li> </ul>                                                                                       |
| 16 | Segunda-feira, 09/04/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leitura de parte do livro “O Pequeno Príncipe”.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “M”.</li> </ul>                                                                                                  |
| 17 | Quarta-feira, 11/04/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leitura de parte do livro “O Pequeno Príncipe”.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “M”.</li> </ul>                                                                                                  |
| 18 | Sexta-feira, 13/04/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Jogo de Bingo sobre as sílabas.</li> <li>▪ Escrita de algumas palavras.</li> <li>▪ Leitura de parte do livro “O Pequeno Príncipe”.</li> <li>▪ Comemoração pelo aniversário da professora.</li> </ul> |
| 19 | Segunda-feira, 16/04/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sistema monetário.</li> <li>▪ Aula de informática (digitação das palavras no Word)<sup>51</sup>.</li> <li>▪ Leitura de parte do livro “O Pequeno Príncipe”.</li> </ul>                               |
| 20 | Sexta-feira, 20/04/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificação e registro numérico.</li> <li>▪ Atividades sobre as letras “V” e “F”.</li> <li>▪ Leitura de parte do livro “O Pequeno Príncipe”.</li> </ul>                                            |
| 21 | Segunda-feira, 23/04/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sistema monetário.</li> <li>▪ Leitura de parte do livro “O Pequeno Príncipe”.</li> </ul>                                                                                                             |
| 22 | Quarta-feira, 25/04/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sistema monetário.</li> <li>▪ Formação de algumas palavras a partir de suas sílabas.</li> </ul>                                                                                                      |
| 23 | Sexta-feira, 27/04/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Formação de algumas palavras a partir de suas sílabas.</li> <li>▪ Atividade para colorir.</li> </ul>                                                                                                 |
| 24 | Quarta-feira, 02/05/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Interpretação da história “O caso do espelho”.</li> <li>▪ Atividades de identificação, contagem e escrita numérica.</li> </ul>                                                                       |

<sup>48</sup> Embora o trabalho pedagógico desenvolvido pela professora destacasse alguns aspectos técnicos dos textos nos gêneros focalizados nas aulas durante o trabalho de campo (bilhete, rótulo e reportagem), sua abordagem era, no entanto, sempre voltada aos usos sociais desses textos e à produção de significados na sua leitura; nesse sentido, parece-nos que a ação pedagógica não se restringia à dimensão textual do gênero, preocupando-se em contemplar sua dimensão discursiva.

<sup>49</sup> Nessa aula, Dona Cecília foi a “professora do dia”. Ela ensinou as colegas a fazerem canudos recheados com doce de leite. A aula aconteceu na cozinha e na recepção da sede do Instituto ABC.

<sup>50</sup> A aula aconteceu na Praça Gisela Coutinho, em um bairro distante do centro da cidade de Barroso.

<sup>51</sup> A aula aconteceu no TeleCentro da sede do Instituto ABC.

|    |                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----|---------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 25 | Sexta-feira, 04/05/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Construção de uma “papeleria da EJA”<sup>52</sup>.</li> <li>▪ Sistema monetário.</li> </ul>                                                                                                                                                              |
| 26 | Segunda-feira, 07/05/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “N”.</li> <li>▪ Diferentes tipos, funcionalidades e modos de preparo dos chás.</li> </ul>                                                                                                                                       |
| 27 | Quarta-feira, 09/05/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre as letras “M” e “N”.</li> <li>▪ Atividade para pintar.</li> </ul>                                                                                                                                                                       |
| 28 | Sexta-feira, 11/05/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Medida de comprimento (instrumentos, unidade de medida, medição da altura de cada mulher).</li> <li>▪ Homenagens e comemoração pelo dia das mães<sup>53</sup>.</li> </ul>                                                                                |
| 29 | Segunda-feira, 14/05/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Construção de uma “papeleria da EJA”.</li> <li>▪ Sistema monetário.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “R”.</li> </ul>                                                                                                                                  |
| 30 | Sexta-feira, 18/05/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Avaliação de matemática.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                      |
| 31 | Segunda-feira, 21/05/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Medida de massa (instrumentos de medida, unidades de medida, medição do peso de cada aluna<sup>54</sup>).</li> <li>▪ Apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.</li> </ul>                                                              |
| 32 | Quarta-feira, 23/05/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Medida de massa – continuação.</li> <li>▪ Separação de algumas palavras em sílabas.</li> </ul>                                                                                                                                                           |
| 33 | Sexta-feira, 25/05/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Comunicação – atividades no livro didático<sup>55</sup>.</li> <li>▪ Estudo das letras – atividades no livro didático.</li> </ul>                                                                                                                         |
| 34 | Segunda-feira, 28/05/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Dinâmica para trabalhar as letras “F” e “V”.</li> <li>▪ Resolução de problemas envolvendo adição e subtração.</li> </ul>                                                                                                                                 |
| 35 | Segunda-feira, 04/06/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividade sobre a escrita de algumas palavras de acordo com suas respectivas imagens.</li> <li>▪ Quebra-cabeça de operações matemáticas.</li> </ul>                                                                                                      |
| 36 | Quarta-feira, 06/06/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra inicial de algumas palavras.</li> <li>▪ Comunicação e alfabeto – atividades no livro didático.</li> <li>▪ Construção de um cartaz sobre os diferentes tipos de letras que podem aparecer nos jornais e nas revistas.</li> </ul> |
| 37 | Sexta-feira, 08/06/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividade sobre formação de algumas palavras de acordo com suas sílabas e com suas respectivas imagens.</li> <li>▪ Atividade sobre estrutura e escrita das frases.</li> </ul>                                                                            |
| 38 | Segunda-feira, 11/06/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre substantivos.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                |
| 39 | Sexta-feira, 15/06/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividade sobre o alfabeto e sobre as frases através da letra da música “Se essa rua fosse minha”.</li> <li>▪ Operações de adição e subtração.</li> <li>▪ Valor posicional dos números.</li> </ul>                                                       |
| 40 | Segunda-feira, 18/06/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividade sobre as sílabas iniciais de algumas palavras.</li> <li>▪ Separação de algumas palavras em sílabas.</li> <li>▪ Operações de adição e subtração – continuação.</li> </ul>                                                                       |
| 41 | Segunda-feira, 25/06/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre as letras “T” e “D”.</li> <li>▪ Comunicação e informação – atividades no livro didático.</li> </ul>                                                                                                                                     |
| 42 | Quarta-feira, 27/06/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sequência numérica.</li> <li>▪ Adivinhas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                     |

<sup>52</sup> A papeleria foi construída na sala de aula a partir dos materiais que estavam guardados no armário da sala de aula.

<sup>53</sup> A homenagem e a comemoração aconteceram após o término da aula na sede do Instituto ABC.

<sup>54</sup> A medição do peso de cada aluna aconteceu em uma farmácia localizada próxima à sede do Instituto ABC.

<sup>55</sup> SOUZA, Cassia Lesilie Garcia de; PASSOS, Marinez Meneghello; PASSOS, Angela Meneghello. **É bom aprender letramento e alfabetização linguística e matemática: Educação de Jovens e Adultos – EJA**. 1 ed. Volume único. São Paulo: FTD, 2009.

|    |                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----|---------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 43 | Sexta-feira, 29/06/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Operações de adição.</li> <li>▪ Atividades de identificação de algumas palavras e separação em sílabas.</li> <li>▪ Atividade para colorir</li> </ul>                                                                                    |
| 44 | Segunda-feira, 02/07/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades no livro didático.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                |
| 45 | Quarta-feira, 04/07/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Avaliação de português.</li> <li>▪ Estudo do alfabeto.</li> </ul>                                                                                                                                                                       |
| 46 | Sexta-feira, 06/07/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Avaliação de matemática.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                     |
| 47 | Sexta-feira, 13/07/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ III SextanEJA<sup>56</sup>.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                  |
| 48 | Segunda-feira, 06/08/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leitura do texto: “A parábola do milho bom”.</li> <li>▪ Leitura e interpretação da história: “A primavera da lagarta”.</li> </ul>                                                                                                       |
| 49 | Quarta-feira, 08/08/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre as informações contidas em um rótulo de bolo de banana.</li> </ul>                                                                                                                                                     |
| 50 | Sexta-feira, 10/08/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Passeio por alguns bairros da cidade na van escolar do Instituto ABC.</li> <li>▪ Resolução de problemas.</li> </ul>                                                                                                                     |
| 51 | Segunda-feira, 13/08/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Resolução de problemas.</li> <li>▪ Leitura de rótulos de produtos alimentícios.</li> </ul>                                                                                                                                              |
| 52 | Quarta-feira, 15/08/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “C”.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                |
| 53 | Sexta-feira, 17/08/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Gênero textual/discursivo: reportagem.</li> <li>▪ Leitura de um texto sobre a história do Instituto ABC.</li> <li>▪ Atividade sobre a letra “C”.</li> </ul>                                                                             |
| 54 | Segunda-feira, 20/08/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leitura da conta de luz.</li> <li>▪ Construção de uma lista de produtos para verificar a data de validade no supermercado.</li> <li>▪ Ida ao supermercado para verificar a data de validade de alguns produtos<sup>57</sup>.</li> </ul> |
| 55 | Quarta-feira, 22/08/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Estudo da validade de alguns produtos após a ida ao supermercado.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “C”.</li> </ul>                                                                                                                   |
| 56 | Sexta-feira, 24/08/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre as sílabas “CA”, “CO” e “CU”.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “C” no livro didático.</li> <li>▪ Dinâmica sobre sentimentos.</li> </ul>                                                                             |
| 57 | Segunda-feira, 27/08/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Resolução de operações de adição.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “C” através da parlenda: “A casinha da vovó”.</li> </ul>                                                                                                          |
| 58 | Quarta-feira, 29/08/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “F”.</li> <li>▪ Adivinhas.</li> <li>▪ Baralho das sílabas.</li> </ul>                                                                                                                                          |
| 59 | Sexta-feira, 31/08/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Cruzadinha sobre a letra “F”.</li> <li>▪ Atividade para completar palavras.</li> <li>▪ Operações de adição e subtração.</li> </ul>                                                                                                      |
| 60 | Segunda-feira, 03/09/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Operações de adição e subtração – continuação.</li> <li>▪ Comemoração pela Independência do Brasil.</li> </ul>                                                                                                                          |
| 61 | Sexta-feira, 21/09/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “J” no livro didático.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “M”.</li> </ul>                                                                                                                                     |
| 62 | Segunda-feira, 24/09/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “L”.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                |
| 63 | Quarta-feira, 26/09/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Avaliação de português.</li> <li>▪ Atividade sobre as vogais.</li> </ul>                                                                                                                                                                |

<sup>56</sup> O III SextanEJA é uma festa que sempre acontece no último dia de aula, antes do recesso escolar do mês de julho. No ano da observação, a festa aconteceu na sala de aula da sede do Instituto ABC.

<sup>57</sup> A professora levou as alunas em um supermercado que fica próximo à sede do Instituto ABC.

|    |                           |                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 64 | Sexta-feira, 28/09/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “M”.</li> <li>▪ Atividade para colorir.</li> </ul>                                                                                                                             |
| 65 | Segunda-feira, 01/10/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “N”.</li> <li>▪ Estudo de algumas bulas de remédios.</li> </ul>                                                                                                                |
| 66 | Quarta-feira, 03/10/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificação e leitura de informações contidas em algumas caixas de remédios.</li> <li>▪ Atividades sobre a letra “N”.</li> </ul>                                                                      |
| 67 | Sexta-feira, 05/10/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre construção de frases.</li> <li>▪ Ditado dos números.</li> </ul>                                                                                                                        |
| 68 | Segunda-feira, 08/10/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Avaliação de matemática.</li> </ul>                                                                                                                                                                     |
| 69 | Quarta-feira, 10/10/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Avaliação de matemática – continuação.</li> <li>▪ Interpretação da música “Meu querido, meu velho, meu amigo” do Roberto Carlos.</li> <li>▪ Atividade sobre construção de frases.</li> </ul>            |
| 70 | Segunda-feira, 22/10/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificação dos números acima de 100.</li> <li>▪ Operações de adição e de subtração.</li> <li>▪ Antecessor e sucessor dos números.</li> </ul>                                                         |
| 71 | Sexta-feira, 26/10/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividade sobre o dígrafo “CH”.</li> <li>▪ Atividade para colorir.</li> </ul>                                                                                                                           |
| 72 | Segunda-feira, 29/10/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividade sobre o dígrafo “CH”.</li> <li>▪ Estudo dos números até 70 através do jogo do bingo.</li> </ul>                                                                                               |
| 73 | Segunda-feira, 05/11/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Interpretação da música “A paz” do grupo Roupas Nova.</li> <li>▪ Conversas sobre paz.</li> </ul>                                                                                                        |
| 74 | Terça-feira, 06/11/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participação dos alunos do Instituto ABC no Programa Conhecendo o Judiciário<sup>58</sup>.</li> </ul>                                                                                                   |
| 75 | Quarta-feira, 07/11/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sequência numérica acima de 100.</li> <li>▪ Sistema monetário.</li> </ul>                                                                                                                               |
| 76 | Sexta-feira, 09/11/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividade sobre separação de algumas palavras em sílabas.</li> <li>▪ Atividade sobre a formação de algumas palavras a partir de suas sílabas.</li> </ul>                                                |
| 77 | Segunda-feira, 12/11/2019 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre os dígrafos “CH”, “NH” e “LH”.</li> </ul>                                                                                                                                              |
| 78 | Quarta-feira, 14/11/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a letra “Ç” no livro didático.</li> </ul>                                                                                                                                              |
| 79 | Segunda-feira, 19/11/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ditado dos números.</li> </ul>                                                                                                                                                                          |
| 80 | Sexta-feira, 23/11/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Operações de adição.</li> <li>▪ Ditado de palavras.</li> </ul>                                                                                                                                          |
| 81 | Segunda-feira, 26/11/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Operações de adição.</li> <li>▪ Atividades sobre o dígrafo “QU”.</li> </ul>                                                                                                                             |
| 82 | Quarta-feira, 28/11/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre a construção de frases.</li> </ul>                                                                                                                                                     |
| 83 | Segunda-feira, 03/12/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Avaliação de matemática.</li> <li>▪ Atividade de português.</li> </ul>                                                                                                                                  |
| 84 | Quarta-feira, 05/12/2018  | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividades sobre o som das sílabas de algumas palavras.</li> </ul>                                                                                                                                      |
| 85 | Sexta-feira, 07/12/2018   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Atividade sobre a construção de algumas frases que a professora aprendeu ao conviver com as alunas no ano de 2018.</li> <li>▪ Atividades sobre as preferências das alunas no livro didático.</li> </ul> |
| 86 | Segunda-feira, 10/12/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Filme “Up”.</li> </ul>                                                                                                                                                                                  |

<sup>58</sup> A aula aconteceu na Câmara Municipal da cidade de Barroso, à noite.

|    |                          |                                                                                                                                                                                                |
|----|--------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 87 | Quarta-feira, 12/12/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Vídeo sobre alguns momentos no ano de 2018.</li> <li>▪ Amigo oculto.</li> <li>▪ Confraternização.</li> <li>▪ Jantar dançante<sup>59</sup>.</li> </ul> |
| 88 | Quinta-feira, 13/12/2018 | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Formatura<sup>60</sup> e entrega dos certificados para os alunos que fizeram o curso de Informática.</li> </ul>                                       |

Fonte: Tabela construída a partir dos apontamentos do Diário de Campo da pesquisadora.

Eu estive no Instituto ABC nas manhãs de todas as segundas, quartas e sextas-feiras, de março a dezembro de 2018, com exceção apenas nos feriados, nos recessos escolares, enfermidade, própria ou de familiares, e em casos de compromissos do doutorado, na cidade de Belo Horizonte. Ao todo, 88 aulas de duas horas foram observadas. Desse total, seis aulas não foram gravadas em áudio e/ou vídeo, porque foram atividades extra-escolares que inviabilizaram ou inibiram o uso de gravadores ou filmadora. Portanto, 82 aulas foram registradas em áudio e/ou vídeo, dando um total de aproximadamente 164h de gravação em áudio e aproximadamente 84h<sup>61</sup> de gravação em vídeo.

## 2.5 O tratamento do material empírico

Nesta seção, apresentamos o tratamento e as análises que empreendemos de um material empírico, volumoso e diverso, produzido durante o trabalho de campo. Inicialmente, a partir das aulas observadas, construímos uma tabela no Excel, destacando informações que nos auxiliariam na identificação, na organização e na classificação de eventos em que processos de apropriação de práticas de numeramento tipicamente escolares ou de outras práticas de numeramento não necessariamente referenciadas na cultura escolar estavam sendo vivenciados por aquelas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas da EJA.

Nomeamos o quadro inicial como *Organização das aulas observadas*<sup>62</sup>. A Figura 2 reproduz o cabeçalho dessa tabela para indicar as informações que registramos para cada um dos eventos que identificamos e que numeramos sequencialmente, por ordem cronológica de seu acontecimento.

<sup>59</sup> O jantar aconteceu na Escola Clotilde Rocha, à noite.

<sup>60</sup> A formatura aconteceu no Teatro Gonçalo e Gercino da Associação Comunitária do Bairro Joaquim Gabriel de Souza, próximo a sede do Instituto ABC.

<sup>61</sup> A quantidade de horas gravadas em vídeo foi menor do que a quantidade de horas gravadas em áudio, porque, como explicamos anteriormente, o início das filmagens regulares aconteceu apenas no dia 06 de julho de 2018, embora tenha filmado três aulas anteriormente.

<sup>62</sup> O Quadro está disponível em:

[https://drive.google.com/file/d/1M0EdpGaGhmv\\_1vEwo38\\_Y5xBOGFsfJko/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1M0EdpGaGhmv_1vEwo38_Y5xBOGFsfJko/view?usp=sharing)

Figura 2 – Cabeçalho do quadro de organização das aulas observadas

| Data | Nº da aula | Estudantes presentes | Nº do evento | Horário do início e do fim | Título provisório do evento | Descrição do evento | Conteúdo matemático | Posicionamentos | Observações |
|------|------------|----------------------|--------------|----------------------------|-----------------------------|---------------------|---------------------|-----------------|-------------|
|      |            |                      |              |                            |                             |                     |                     |                 |             |

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras.

Como indica o cabeçalho, as informações registradas no quadro elaborado são:

- ✓ A *data* em que cada aula ocorreu (essa coluna está ordenada cronologicamente);
- ✓ O *número da aula*, atribuído sequencialmente, por ordem cronológica, às aulas observadas pela pesquisadora e, numa outra sequência numérica, às aulas que a pesquisadora não pôde acompanhar;
- ✓ O nome das *estudantes presentes* em cada aula;
- ✓ O *número do evento*, atribuído sequencialmente, por ordem cronológica, para mais fácil referência aos eventos de apropriação de práticas de numeramento identificados;
- ✓ O *horário do início e do fim do evento*, conforme as marcas do contador do gravador de áudio ou de vídeo que registrou o evento (como não fizemos essa anotação para todos os eventos, fizemos tal registro para aqueles eventos que foram selecionados para análise nesta tese; assim, essa coluna foi preenchida posteriormente);
- ✓ Um *título provisório do evento*, que foi atribuído para uma rápida referência que nos ajudasse a lembrar a cena;
- ✓ Uma breve *descrição do evento*, que narra, resumidamente, o evento, a fim de auxiliar nessa referência;
- ✓ O *conteúdo matemático*, que se refere ao conteúdo que a professora pretendia trabalhar ou ao conteúdo matemático contemplado nas interações entre as estudantes ou entre as estudantes e a pesquisadora;
- ✓ Alguns *posicionamentos* assumidos pelas estudantes nos eventos indicados que nos chamaram a atenção e que julgamos que possam nos trazer elementos para análise;
- ✓ Algumas *observações* sobre as aulas, tais como outras atividades desenvolvidas, outros assuntos abordados e outras manifestações das estudantes, da professora, do diretor do Instituto e da pesquisadora que ocorreram nas aulas observadas.

Assim, nessa organização do material empírico, inserimos algumas informações de todas as aulas acompanhadas e indicamos aquelas que não foram observadas, devido às ausências da pesquisadora, as quais já foram mencionadas no capítulo 2 deste texto e que também estão indicadas no quadro *Organização das aulas observadas*. As células referentes às aulas que não foram presenciadas pela pesquisadora aparecem na planilha sombreadas na cor

cinza e sua numeração, também por ordem cronológica, foi atribuída, por questões operacionais, numa sequência independente da numeração das aulas observadas pela pesquisadora e das quais dispomos de algum registro em áudio, vídeo e/ou diário de campo.

As células das linhas referentes àquelas aulas em que não *identificamos* eventos de apropriação de práticas de numeramento (o que não quer dizer que não tenha *havido* apropriação) permaneceram sem sombreamento e tiveram apenas quatro colunas preenchidas referentes: ao número da aula, à data em que ela ocorreu, às alunas que estavam presentes naquele dia e aquela em que registramos algumas observações da pesquisadora sobre a aula.

As células relativas às aulas em que identificamos eventos de apropriação de práticas de numeramento escolares foram sombreadas com diferentes cores, de modo a facilitar a visualização dos diferentes conteúdos matemáticos escolares contemplados nas interações (e que estão explicitados na coluna *conteúdos matemáticos*), ainda que as referências a esses conteúdos não tenham sido necessariamente provocadas por sua abordagem intencional pela professora ou por sua inclusão em alguma atividade escolar proposta.

Além disso, os nomes dados aos eventos (com uma breve descrição) nos ajudaram a rememorar as cenas que eles narram; todavia, ao inseri-los no argumento que servirá de eixo para análise, conferimos a esses eventos outros títulos que dão maior ênfase ao aspecto explorado na nossa reflexão.

Para se ter uma ideia da configuração do quadro *Organização das aulas observadas*, apresentamos a seguir, uma imagem (Figura 3) capturada pela pesquisadora de uma tela de exibição de parte do quadro produzido como resultado dessa primeira organização do material empírico.

Figura 3 – Imagem da tabela de organização das aulas observadas

| ORGANIZAÇÃO DAS AULAS OBSERVADAS |                                                                               |       |       |                                 |                                                                                       |                                         |                                                    |                                                                                                     |                                                                               |
|----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|-------|-------|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------|
| N.º da Aula                      | Professor                                                                     | Local | Tempo | Título/Problematiza de Aula     | Objetivos de Aprendizagem                                                             | Conteúdo                                | Recursos                                           | Observações sobre as aulas                                                                          | Observações sobre os alunos                                                   |
| 1                                | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Identificação com as atividades | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Introdução de atividades                | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 5                                | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 2     | 2     | Conteúdo e atividades           | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 11                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 12                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 13                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 14                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 15                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 16                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 17                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 18                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 19                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |
| 20                               | Aguiar, Bete, Celia, Bete, Helena, Patrícia, Bete, Bete, Traci, Ediane e Bete | 1     | 1     | Introdução de atividades        | Apresentar o conteúdo e a importância da leitura e da escrita para a vida dos alunos. | Conteúdo sobre introdução de atividades | Dois livros de texto para cada aluno e um caderno. | Apresentar o conteúdo de forma clara e objetiva, utilizando recursos visuais e materiais concretos. | Os alunos demonstram interesse e participação ativa nas atividades propostas. |

Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do quadro organizado pelas autoras na planilha do Excel.

### 2.6 Identificação de eventos de apropriação de práticas de numeramento escolares

Como o envelhecimento é um processo social, ele é marcado por práticas discursivas do contexto social e pelas experiências pessoais de cada sujeito. Tanto essas práticas como essas experiências são permeadas por valores hegemônicos dos grupos sociais específicos e da sociedade. Quantificação, ordenação, classificação, por exemplo, são valores muito disseminados e muito arraigados em sociedades forjadas na racionalidade moderna. Assim, em nossa sociedade, práticas discursivas que envolvem cardinalidade, ordem, medidas, um certo modo de organizar e apreciar o espaço e as formas, padronização e classificação (práticas a que chamamos práticas de numeramento) se conformam em muitos de seus processos sociais e, de certa forma, conformam esses processos.

Por isso, identificamos os eventos em que mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriam-se de práticas socioculturais que envolvem ideias, procedimentos, princípios, regras, conceitos, habilidades ou conteúdos que associamos à matemática escolar e que nos ajudam a compreender os processos pelos quais essas mulheres lidam com o envelhecimento, especialmente nas suas relações com as aprendizagens e os conhecimentos, as vivências e as culturas, as memórias e os esquecimentos, os direitos e as expectativas.

Com efeito, o fato de essas mulheres demonstrarem interesse pelo envolvimento num projeto de alfabetização sugere que elas, de alguma forma, indagam-se sobre o conhecimento e disponibilizam-se a ocupar a posição de aprendizes. Os objetos de aprendizagem naquele contexto escolar, entretanto, ultrapassam a apropriação do sistema alfabético, incluindo, de modo especial, conhecimentos matemáticos contemplados intencionalmente em atividades escolares e aqueles que são convocados nas interações, porque parametrizam diferentes práticas das quais aquelas mulheres em processo de envelhecimento participam, conformando também as narrativas que tecem sobre tais práticas. Ocorreu-nos, pois, focalizar os processos de apropriação de práticas de numeramento pela carga de relações socioculturais que se engendram nessas práticas e que produzem e tensionam discursos sobre mulheres e matemática; sobre mulheres, pobreza e velhice; sobre velhice e aprendizagem; sobre cognição, memória e envelhecimento; sobre cultura popular e cultura escolar; e sobre direito à educação e a projetos de vida. Essa produção e esse tensionamento de discursos estabelecem possibilidades e interdições à vivência da escolarização na velhice e à própria vivência da velhice de mulheres pobres e pouco escolarizadas.

Reconhecendo que um conjunto complexo de relações sociais delineia a apropriação de práticas de numeramento e é conformado nos processos dessa apropriação, e na perspectiva de organizar o material empírico de modo a ser mais ágil localizar ali elementos para contemplar diversos aspectos que julgamos relevantes nesses processos, buscamos também identificar referências a diferentes marcadores sociais nos eventos de apropriação de práticas de numeramento naquele contexto escolar. Essas referências subsidiaram tanto discussões sobre relações geracionais, relações de gênero, relações raciais, pobreza e vulnerabilidade, processos de envelhecimento, quanto discussões mais diretamente associadas aos direitos das pessoas em envelhecimento à educação escolar, envolvendo as expectativas escolares e os processos de escolarização de mulheres que vivenciam esse processo e que permeiam críticas, avaliações, reflexões, reclamações, comentários, curiosidades e pedidos formulados por essas alfabetizadas na EJA em diferentes oportunidades na sala de aula.

Por esse motivo, elaboramos o Quadro 7 com uma legenda de cores que utilizamos para indicar, no quadro de *Organização das aulas observadas*, os eventos de apropriação de práticas de numeramento em que há referências às relações geracionais, relações de gênero, processos de envelhecimento, expectativas escolares, processos de escolarização de mulheres em processo de envelhecimento e o direito à educação escolar. Além disso, também identificamos nos eventos avaliações das participantes da pesquisa (em relação às aulas, ao conteúdo escolar, à aprendizagem, à professora e às alunas) e comentários que as mulheres em processo de

envelhecimento tecem em relação às críticas e aos preconceitos que elas sofrem (e/ou se atribuem) por estarem frequentando um ambiente escolar. Essa identificação foi feita assinalando, na linha referente ao evento, uma marca da respectiva cor do lado direito do quadro.

Quadro 7 – Legenda de cores dos marcadores sociais e das discussões relacionadas à escolarização de pessoas em processo de envelhecimento identificados nos eventos

| <b>Assuntos Interseccionais</b>                                                                                                 | <b>Cor</b>             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|
| Relações geracionais                                                                                                            | <b>Azul-petróleo</b>   |
| Relações de gênero                                                                                                              | <b>Rosa</b>            |
| Processo de envelhecimento                                                                                                      | <b>Cinza</b>           |
| Expectativas escolares                                                                                                          | <b>Turquesa</b>        |
| Processos de escolarização de mulheres em processo de envelhecimento                                                            | <b>Vermelho</b>        |
| Direitos à educação escolar (reflexões e/ou conversas e/ou pedidos e/ou reclamações e/ou curiosidades sobre assuntos escolares) | <b>Amarelo</b>         |
| Avaliações das participantes da pesquisa (em relação às aulas, ao conteúdo, à aprendizagem, à professora e às alunas)           | <b>Verde brilhante</b> |
| Críticas e preconceitos em relação às mulheres em processo de envelhecimento estarem frequentando um ambiente escolar           | <b>Amarelo escuro</b>  |

Fonte: Legenda de cores construída a partir do quadro *Organização das aulas observadas*.

Mesmo nas aulas em que não identificamos eventos de apropriação de práticas de numeramento escolares, o relacionamento de confiança que aquelas mulheres estabeleceram com a pesquisadora e com a professora durante o trabalho de campo oportunizou a ocorrência de interações que nos ajudam a refletir sobre a relação dessas mulheres com a sua experiência escolar, como sujeitos sociais, marcadas pelas relações geracionais, mas também de gênero, raciais, de classe social, de exclusões e de lutas, que forjam seus modos de lidar com as aprendizagens, os conhecimentos, as vivências, os confrontos culturais, as memórias, os esquecimentos, os direitos e as expectativas que a vida escolar possibilita ou instiga. Assim, também nessas aulas, identificamos eventos em que se fazem referências a esses marcadores sociais, e também aqueles eventos que contemplam discussões mais diretamente associadas à escolarização das pessoas em envelhecimento, sem fazer menção explícita à matemática.

## – CAPÍTULO 3 –

### O CAMPO E AS MULHERES PARTICIPANTES DA PESQUISA

*As histórias são inventadas,  
mesmo as reais,  
quando são contadas.*

*(Conceição Evaristo, Becos da Memória)*

Neste capítulo, apresentamos o espaço onde aconteceu o trabalho de campo – o Instituto Amigos do Bem Coletivo (Instituto ABC) –, localizado na cidade de Barroso, Minas Gerais, e relatamos parte da história<sup>63</sup> da criação dessa iniciativa e de sua institucionalização. Também descrevemos a sala de aula observada durante o ano de 2018, palco da maior parte das interações que compõem o material empírico desta pesquisa. Finalmente, trazemos as participantes da pesquisa; agora, focalizando-as nos modos como constituíram e foram constituídas pelo ambiente da pesquisa: a sala de aula de uma turma de alfabetização da EJA no Instituto ABC.

A escolha do Instituto ABC como campo da pesquisa levou em consideração o fato de eu ter realizado o trabalho de campo que subsidiara minha dissertação de mestrado na mesma Instituição, o que me permitira observar a expressiva presença de estudantes idosas, especialmente nas turmas de alfabetização. Além disso, o contato que já estabelecera com a Instituição facilitara diversos aspectos práticos que envolvem o acesso às informações necessárias para a realização de uma observação nos moldes que esta investigação demandava.

Para a reconstrução de parte da história da criação e da fundação do Instituto ABC, retomamos a entrevista que o fundador concedeu à pesquisadora no ano de 2013, durante o trabalho de campo do mestrado, e a que ocorreu no ano de 2018, para esta investigação. Além disso, fizemos a leitura do estatuto vigente da Instituição e da Proposta Pedagógica da EJA, a qual estava em fase de aprovação pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), do município de Barroso (MG), quando o trabalho de campo foi realizado. Para a apresentação da sala de aula, revisitamos as observações, algumas fotografias e filmagens feitas durante o

---

<sup>63</sup> Outras informações sobre a criação e a fundação do Instituto ABC encontram-se na dissertação: GROSSI, Flávia Cristina Duarte Pôssas. **Os diferentes “lugares” que a leitura, a escrita e a aula de Matemática têm na vida dos alunos que estão na Terceira Idade.** 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de São João del-Rei, 2014.

trabalho de campo. Por fim, apresentamos as participantes da pesquisa (professora e mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA), a partir das observações das aulas.

### **3.1 O Instituto ABC**

#### **3.1.1 História e princípios do Instituto ABC**

O Instituto ABC está localizado em um pequeno município brasileiro do Estado de Minas Gerais: Barroso. A cidade possui aproximadamente 20.000 habitantes, de acordo com a estimativa do Censo de 2010 feita pelo IBGE, e está localizada a 208 km da capital do Estado, Belo Horizonte. Encontra-se na mesorregião do Campo das Vertentes e faz divisa com os municípios de Barbacena, Dolores de Campos, Prados e São João del-Rei.

O criador e atual diretor da Instituição, Albino Luciano de Paula Nogueira, socialmente conhecido como Luciano Nogueira ou Luciano do ABC, nasceu na cidade de Barroso, em 22 de julho de 1979, e é o filho mais velho de uma família de apenas dois irmãos. Seu pai era comerciante na cidade e sua mãe sempre foi dona de casa. Seu pai estudou até o primeiro ano do antigo Segundo Grau e sua mãe estudou até a segunda série do antigo Primeiro Grau, mas, ao se casar, ela interrompeu os estudos para cuidar dos filhos e da casa. Após a separação matrimonial, ela voltou a estudar no Instituto fundado por seu filho, sendo aluna dele, e, assim, concluindo o Ensino Fundamental.

Como consequência das muitas dificuldades (familiares e financeiras), Luciano e seu irmão abandonaram a escola para trabalhar e ajudar no sustento da família. Aos 13 anos, Luciano interrompeu os estudos na antiga oitava série para ser o principal mantenedor da família. Ele trabalhou em diferentes funções e em vários estabelecimentos e empresas na cidade de Barroso, até que ele e seu irmão começaram a costurar lona de caminhão, acreditando que assim seriam melhor remunerados.

Na adolescência, Luciano sofreu um grave problema de saúde, ficando muitos dias internado no hospital, na cidade de São João del-Rei. Ele acredita que esse foi o período em que as ideias iniciais do que viria a ser o Instituto ABC surgiram, porque diante da fragilidade em que se encontrava, ele teve vontade de começar a ajudar as pessoas “sem perspectiva, sem autoestima, sem amparo familiar e material” (GROSSI, 2014, p. 63).

Aos 16 anos, após sair do hospital, Luciano foi convidado para participar da Comissão de Jovens Vicentinos da Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP)<sup>64</sup>. O objetivo da Comissão era dar assistência às famílias carentes da cidade com mantimentos, roupas, calçados e medicamentos adquiridos mediante doações.

Entretanto, ao perceber que as visitas às famílias necessitadas eram feitas “*de modo superficial*” e que “*não ajudavam as pessoas a saírem de uma situação de miséria e inércia*”, Luciano começou a visitar essas famílias sozinho. Nessas visitas, ele percebeu que boa parte das pessoas beneficiadas eram analfabetas e aquelas que sabiam ler e escrever não haviam concluído os estudos. Após essas constatações, ele pediu aos membros da SSVP que disponibilizassem um local para que ele pudesse ensinar as pessoas carentes a ler e a escrever. No entanto, receando que Luciano não alcançasse resultados significativos, porque ele não havia concluído os estudos, membros da SSVP pediram que, pelo menos, ele concluísse o Ensino Médio.

Luciano concluiu, em um ano e meio, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio na EJA, em uma escola estadual da cidade<sup>65</sup>. Durante o dia, ele trabalhava costurando lona de caminhão; à noite, ia para a escola.

Após a conclusão da Educação Básica, no dia 2 de março de 2001, Luciano iniciou suas primeiras ações para alfabetizar pessoas jovens, adultas e idosas. Membros da SSVP cederam o local para que as aulas acontecessem; a Prefeitura Municipal da cidade doou algumas carteiras escolares que, posteriormente, foram consertadas por alguns estudantes, porque, segundo o fundador, “*elas estavam velhas*”; e uma amiga, que viria a ser, mais tarde, sua esposa, ofereceu a ele, como presente, com um quadro de giz. Os materiais escolares (cadernos, lápis, borrachas e giz) e os lanches eram comprados pelo próprio Luciano e/ou doados por alguns comerciantes da cidade.

Inicialmente, as ações de alfabetização atenderam uma mulher e dois homens. À medida que novos integrantes começaram a participar das aulas e as ações escolares começaram a ser conhecidas pelos moradores da cidade, Luciano percebeu a necessidade de nomear o trabalho que ele desenvolvia com as pessoas analfabetas ou semianalfabetas do município. No dia 05 de

---

<sup>64</sup> A Sociedade São Vicente de Paulo é uma organização civil dedicada ao trabalho cristão de caridade. Foi criada em 23 de abril de 1833, em Paris, na França, por Antônio Frederico Ozanam. Atualmente, a Sociedade está presente em 150 países e internacionalmente é membro da Organização das Nações Unidas (ONU), participando do Conselho Econômico e Social (ECOSOC). No Brasil, ela foi fundada em 1872 e sustenta creches, escolas, projetos sociais, lares de idosos, dentre outras instituições que atendem pessoas em situações de risco e vulnerabilidade social. Informações disponíveis em: <http://www.ssvpbrasil.org.br/>. Acesso em: 04 nov. 2019.

<sup>65</sup> Sobre a formação acadêmica do Luciano, após a efetivação do Projeto ABC, ele cursou a Licenciatura Plena Normal Superior e, após concluí-la, iniciou uma pós-graduação sobre EJA e sobre Educação Empreendedora.

julho de 2004, ele nomeou o trabalho de “Projeto Alfabetizando pelo Bem da Cidadania”, popularmente conhecido como “Projeto ABC”.

Em 2005, ao conhecer o Projeto ABC, a SEMED do município propôs uma parceria com o Projeto para que fosse implantado, na cidade de Barroso, o Programa Brasil Alfabetizado<sup>66</sup> (PBA), sob a coordenação do Luciano que, naquele momento, era funcionário efetivo da Prefeitura Municipal de Barroso, após ser aprovado no concurso público para auxiliar administrativo. Assim, os recursos financeiros federais que passaram a ser destinados ao Projeto ABC, por meio da SEMED, oportunizaram que mais alunos fossem atendidos em diferentes unidades espalhadas em diversos bairros urbanos e rurais da cidade, mais professoras/es alfabetizadoras/es fossem contratadas/os e parte da alimentação (para as merendas das/os estudantes) fosse mantida.

Entretanto, a fim de pleitear outros recursos, foi necessário legalizar o Projeto ABC, tornando-o um Instituto. Juridicamente, o Instituto nasceu em 2010, como uma associação civil de cunho educacional, cultural e de assistência social, beneficente, de geração de trabalho e renda e sem fins lucrativos. Como consequência da amplitude dos objetivos e projetos propostos pelo Projeto ABC, ele passou a ser chamado de “Instituto Amigos do Bem Coletivo” (Instituto ABC), porque, segundo Luciano, as ações desenvolvidas pelo Projeto buscavam um “*bem coletivo*”.

No dia 16 de julho de 2010, os objetivos escolares e sociais da Instituição foram oficializados e o Estatuto Social do Instituto foi aprovado por uma Assembleia de Constituição que reuniu: pessoas beneficiárias dos projetos; pessoas que contribuíam financeiramente ou que trabalhavam nos projetos sociais ali desenvolvidos; e pessoas convidadas por Luciano que, mais tarde, fariam parte da gestão do Instituto. A partir daquele dia, a diretoria da Instituição foi eleita com mandato de dois anos e passou a ser constituída por: um coordenador geral e seu vice; um coordenador financeiro e seu vice; um coordenador administrativo e seu vice; e três integrantes do conselho fiscal com seus suplentes.

Após a oficialização, a SEMED aumentou o apoio dado ao Instituto e providenciou a documentação necessária para que o município pudesse atender à modalidade de EJA, desde a alfabetização até o quinto ano escolar, com a devida autorização. Esta viabilizaria o cadastramento, no Censo Escolar, das turmas em funcionamento no Instituto, de modo a

---

<sup>66</sup> O Programa Brasil Alfabetizado (PBA) foi criado em 2003 pelo Ministério da Educação (MEC) como prioridade da União em parcerias com Estados e Municípios, visando a universalização da educação de pessoas jovens, adultas e idosas e a queda do analfabetismo no Brasil para o desenvolvimento social e econômico do país. O Programa tem como objetivo financiar projetos de alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas. Informações disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>. Acesso em: 04 nov. 2019.

permitir que o mesmo recebesse parte da verba do FUNDEB<sup>67</sup> destinada à Educação Básica do município. No entanto, o Histórico Escolar de comprovação de escolaridade equivalente ao Ensino Fundamental I (primeiro ao quinto anos) para as/os estudantes da EJA do Instituto ABC não seria expedido pelo Município, mas sim por uma escola do Estado de Minas Gerais autorizada a certificar pessoas que cursam o Ensino Fundamental na modalidade EJA. Assim, as/os estudantes que desejavam ou precisavam obter aquele Histórico Escolar de conclusão do Ensino Fundamental I deveriam preparar-se durante o ano letivo para fazer uma avaliação elaborada pelo vice-diretor<sup>68</sup>, que abrangia as quatro áreas do conhecimento escolar (matemática, português, ciências da vida e da natureza e ciências sociais e humanidades). Assim que as avaliações eram corrigidas pelo vice-diretor, as notas eram repassadas para a escola estadual da cidade que emitiria os Históricos Escolares atestando a conclusão do Ensino Fundamental I.

Portanto, desde então, as pessoas jovens, adultas e idosas que estudam no Instituto ABC são registradas como estudantes do município, mas atestadas como concluintes do Ensino Fundamental I por uma escola do Estado.

No ano em que o trabalho de campo foi realizado, havia sete pessoas trabalhando na Instituição. Dentre aquelas pessoas, havia uma auxiliar de serviços gerais (mantida financeiramente por uma loja de móveis parceira da Instituição) e seis funcionárias/os (designadas/os pelo município): o Luciano, três professoras (duas efetivas e uma contratada), um motorista e um auxiliar de serviços gerais.

A SEMED da cidade de Barroso, além de repassar verbas provenientes do FUNDEB para a compra de alimentos e de combustível para os veículos que são usados para o transporte escolar das/os estudantes, cedeu o prédio de uma de suas escolas municipais para que pessoas jovens, adultas e idosas fossem atendidas no turno noturno. Dessa forma, de acordo com o Luciano: *“(...) essa parceria meio que força o município a fazer algo pela EJA... Assim, se não fosse a parceria, eu acho que tanto a Secretaria de Educação quanto o Instituto e, sobretudo, os alunos iriam perder”*.

---

<sup>67</sup> O FUNDEB é o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação. O Fundo é uma responsabilidade da União com a Educação Básica financiando todas as etapas escolares, inclusive, os programas direcionados às pessoas jovens, adultas e idosas. Os recursos são destinados com base no censo escolar do ano anterior, de acordo com o número de alunas/os matriculados na Educação Básica. Ele está em vigor desde janeiro de 2007 e se estenderá até 2020, por essa razão, tramitam propostas parlamentares na Câmara e no Senado que pactuam pela permanência do Fundo. Informações disponíveis em: <http://portal.mec.gov.br/fundeb>. Acesso em: 04 nov. 2019.

<sup>68</sup> Antigamente, para obter uma certificação oficial, as/os estudantes do Instituto tinham que se submeter aos “Exames de Suplência” ministrados pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

Contudo, os recursos provenientes do FUNDEB não são suficientes para a manutenção dos projetos escolares e sociais desenvolvidos pela Instituição. De acordo com Luciano, apenas no ano de 2018, o Instituto atendeu, aproximadamente, 236 pessoas em seus projetos (curso escolar, curso de espanhol e curso de informática para as/os estudantes do Instituto, seus familiares e pessoas do município). Todavia, a verba proveniente do governo era correspondente ao atendimento de apenas 57 pessoas (número de estudantes da EJA do Instituto registrados no Censo Escolar do ano de 2017, porque estavam matriculadas nas turmas de Alfabetização e de Ensino Fundamental). Em razão disso, o Instituto criou o projeto *Ação Solidária*, a partir do qual comerciantes, empresários da cidade, conferências e comunidades religiosas, pessoas voluntárias e as/os próprias/os estudantes da instituição contribuem mensalmente com um valor em dinheiro ou com a doação de alimentos para a manutenção dos lanches e das merendas que são oferecidos às/aos estudantes do Instituto e às/aos participantes das atividades.

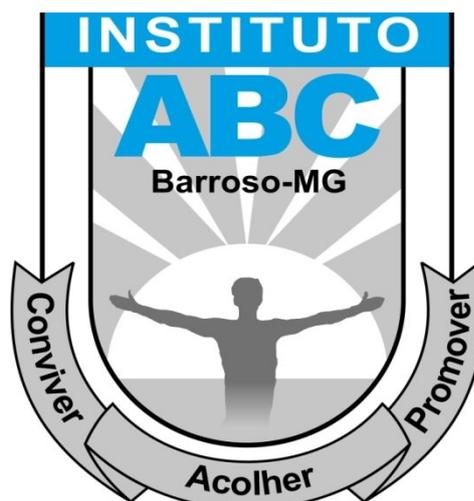
Além de oportunizar educação escolar para pessoas jovens, adultas e idosas, o Instituto ABC também desenvolve projetos sociais que atendem as/os alunas/os da Instituição, os familiares dessas e desses estudantes e outras pessoas da comunidade barrosense. No ano em que o trabalho de campo aconteceu, os projetos que estavam em funcionamento eram: *Curso de Espanhol*, oferecido para algumas/alguns jovens da cidade; *Informatizando o Saber*, curso de informática oferecido para alguns familiares das/os estudantes do Instituto e também para outras pessoas da cidade; *Alfabetização Digital*, oferecido às/aos estudantes do Instituto; *Bom Samaritano*, oferecido com o objetivo de ajudar as pessoas em situações de dependência química e de alcoolismo, oportunizando internações para mulheres e homens em clínicas especializadas; *Lacre da Caridade*, oferecido com a intenção de recolher lacres de latinhas para trocá-las por cadeiras de rodas e cadeiras de banho, para emprestá-las às pessoas necessitadas; *Tampinhas Solidárias*, oferecido com o propósito de recolher tampinhas de plástico para trocá-las por leite e destiná-los às famílias necessitadas; *Expedição dos Documentos Pessoais*, acompanhamento das/os estudantes do Instituto nos procedimentos para expedição de carteira de identidade, CPF, título de eleitor ou carteira de trabalho; *Patrulha da Solidariedade*, oferecido com o objetivo de atender as pessoas necessitadas que estudam no Instituto e outras/os moradoras/es da cidade com a doação de móveis e mão de obra para consertos domésticos; e *Comunidade Cidadã*, oferecido com o objetivo de conscientizar as/os estudantes sobre a importância do voto consciente, além de ensiná-las/os a votar na urna eletrônica.

Além disso, naquele mesmo ano, o Instituto promoveu cursos de capacitação na área alimentícia, com a intenção de gerar renda para algumas mulheres estudantes na Instituição e

para outras mulheres da cidade. Também organizou homenagens (às mães, aos pais, às mulheres da Instituição e às professoras), jantares sociais e festividades (*SextanEJA*). Promoveu, ainda, *Shows de Prêmios* com o propósito de arrecadar fundos para organizar almoços, jantares e viagens para as/os alunas/os do Instituto.

Segundo Luciano, o Instituto ABC “*precisa ser visto em sua totalidade*”, porque todas as ações (escolares e sociais) oferecidas por ele estão conectadas. Durante a entrevista, cedida à pesquisadora, no ano de 2018, Luciano destacou: “*Eu entendo o ABC como tudo isso que eu estou te falando. Eu tenho profissionais que aqui estão que veem só a parte educacional, que não é menos importante. Mas, eu vejo como um todo*”. Diante da interligação de todas as ações escolares e sociais propostas pelo Instituto ABC, segundo Luciano, houve uma modificação na logo (Figura 4) da Instituição, com o acréscimo das palavras *acolher*, *conviver* e *promover*:

Figura 4 – Logo atual do Instituto ABC



Fonte: Página oficial do Instituto ABC no *facebook*<sup>69</sup>.

A logo apresenta os objetivos do Instituto ABC. Conforme explicações do fundador Luciano, a silhueta com os braços abertos representa “*a liberdade que a educação proporciona. Você tem, você é livre... A educação te liberta*” (GROSSI, 2014, p. 70). Além disso, indica como o Instituto está para receber as pessoas: “*os braços estão abertos apara receber professores, voluntários, doadores e associados*” (ibidem). O sol, atrás da silhueta, simboliza o que a educação é capaz de fazer: “*emanar esperança, alegria, autoestima e felicidade*” (ibidem). Sobre as palavras *acolher*, *conviver* e *promover*, em entrevista à pesquisadora, no ano de 2018, Luciano explicou:

<sup>69</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Instituto-ABC-263604760426458/>. Acesso em: 05 nov. 2019.

*“(...) para querer mudar a vida de alguém, eu acho que primeiro tem que ter um acolhimento. Se você não se sente acolhido, você não está integrado. Quando eu falo acolher, eu posso substituir por amar. Você só muda uma realidade quando você ama o que você faz e você ama com quem você convive... Eu acho que essa acolhida é o diferencial... Depois vem conviver... Só que, assim, nesse acolhimento e nessa convivência, há uma troca. Talvez se for uma convivência harmoniosa e respeitosa, eu vou te fazer ser uma pessoa melhor e você, certamente, vai me fazer ser um profissional melhor, um ser humano melhor, um amigo melhor. E o que eu mais valorizo em uma relação é a convivência... Acolheu bem, conviveu bem a promoção é natural... Você não promove ninguém na cacetada, na intimidação” (Luciano, em entrevista concedida à pesquisadora em 21/12/2018).*

Sendo parametrizado por essas ações e intenções, o Instituto ABC tem atendido às pessoas em situações de vulnerabilidade social, não alfabetizadas (total ou parcialmente) de diferentes faixas etárias, da cidade de Barroso, tanto para ações escolares quanto para ações sociais.

### **3.1.2 Organização e funcionamento escolar do Instituto**

A organização escolar do Instituto ABC para atendimento das pessoas jovens, adultas e idosas passou por várias mudanças desde a sua criação. Porém, descreveremos neste texto o modo de funcionamento vigente no ano em que o trabalho de campo foi realizado: o ano de 2018.

O Instituto ABC oferece Educação Básica para pessoas jovens, adultas e idosas desde a Alfabetização até o nono ano do Ensino Fundamental e estrutura-se em quatro Ciclos de escolaridade: Ciclo de Alfabetização (correspondente a uma escolaridade do 1º ao 3º anos do Ensino Fundamental), Ciclo Complementar (correspondente a uma escolaridade do 4º ao 5º anos do Ensino Fundamental), Ciclo Intermediário (correspondente a uma escolaridade do 6º ao 7º anos do Ensino Fundamental) e o Ciclo de Consolidação (correspondente a uma escolaridade do 8º ao 9º anos do Ensino Fundamental). Entretanto, a forma de organização do tempo de cada estudante e em cada ciclo é feita respeitando o tempo de formação de cada uma/um “visando seu bem-estar e seu desenvolvimento pessoal” (PP DO INSTITUTO, 2019, p. 5).

No ano de 2018, estavam funcionando no Instituto três turmas do Ciclo de Alfabetização, uma turma do Ciclo Complementar e uma turma que reunia estudantes dos Ciclos Intermediários e de Consolidação.

A turma dos Ciclos Intermediário e de Consolidação foi oferecida para as pessoas que, tendo cursado o Ensino Fundamental I no Instituto ou fora dele, desejavam concluir o Ensino

Fundamental II. As/os alunas/os que cursavam esses ciclos tinham aulas de disciplinas específicas (matemática, português, ciências, história, geografia e inglês) que eram oferecidas também em dias específicos no turno noturno.

Com exceção da turma observada pela pesquisadora, cujas aulas aconteciam no turno da manhã, na sede do Instituto ABC, todas as outras turmas funcionavam no turno noturno, na escola cedida pela SEMED.

Ao todo, o Instituto estava com oito professoras/es em exercício. Daquele total, quatro delas/es eram voluntárias/os e trabalhavam as disciplinas específicas do Ciclo Intermediário e do Ciclo de Consolidação com conteúdo do sexto ao nono anos do Ensino Fundamental (havia uma professora de matemática, uma professora de português e de inglês, um professor de ciências e um professor de história e de geografia). Duas professoras eram designadas e uma professora foi contratada pela SEMED para atuação nas turmas do Ciclo de Alfabetização e do Ciclo Complementar.

Além de atuarem no Instituto, as/os professoras/es voluntárias/es, as professoras designadas e a contratada pela SEMED lecionavam em outras escolas do Estado ou exerciam funções em empresas da cidade; algumas lecionavam em outras escolas do Município de Barroso. Enquanto as/os professoras/es voluntárias/os eram graduadas/os nas disciplinas específicas que lecionavam (licenciatura em letras, matemática, história e biologia), as professoras designadas e a contratada pela SEMED eram todas licenciadas em Pedagogia.

De acordo com Luciano, muitas/os professoras/es já passaram pela Instituição, mas só ficaram aquelas/es que, para ele, “*têm perfil*”, porque elas/es precisam atender pessoas com idades e com níveis de conhecimento diferentes e “*não é todo mundo que tem essa aptidão*”. Além disso, de acordo com o projeto pedagógico da Instituição, as atividades educativas “vão além das necessidades básicas do público, o que exige uma grande habilidade e sensibilidade dos educadores em tornar os espaços de ensino-aprendizagem significativos para os jovens e adultos, os quais não se restringem somente à sala de aula” (PP DO INSTITUTO, 2017, p. 8). Segundo Luciano, um “*facilitador*” para que a qualidade das aulas não seja reduzida e o/a professor/a consiga trabalhar com a diversidade etária e de conhecimento escolar é a quantidade de alunas/os por sala, porque cada turma tem, no máximo, 15 estudantes, de modo a favorecer o atendimento individual a essas pessoas.

O Projeto Pedagógico assume que a estrutura curricular do trabalho no Instituto ABC toma como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental. Todavia, segundo o mesmo documento, adaptações e inserções curriculares são feitas pelas/os professoras/es de acordo com as características, os interesses, as condições de vida e de trabalho

e as motivações que as pessoas jovens, adultas e idosas apresentam durante as aulas. Com exceção da turma correspondente ao segundo segmento do Ensino Fundamental, não há um dia preestabelecido para que os conteúdos das diferentes disciplinas sejam trabalhados: as professoras têm autonomia na construção do seu planejamento escolar, bem como na metodologia utilizada e na escolha do material didático que usarão em suas aulas.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, a idade mínima para matrícula no Ensino Fundamental na modalidade EJA é de 15 anos; fundamentado nesse documento, o Instituto só aceita pessoas a partir dessa faixa etária em seus projetos de educação escolar. A forma de ingresso das/os estudantes acontece, em um primeiro momento, por meio de uma entrevista que o Luciano faz com as/os candidatas/os. O objetivo da entrevista é conhecer o perfil e o nível de escolaridade de cada entrevistada/o. Após a entrevista e o preenchimento da ficha de matrícula, as/os ingressantes que sabem a série escolar em que interromperam os estudos são direcionadas/os para as turmas dos Ciclos correspondentes, para darem continuidade a seus estudos. As pessoas que não sabem ou não se lembram dessa informação são submetidas a um teste diagnóstico, elaborado pelas/os próprias/os professoras/es do Instituto, a fim de avaliar seu conhecimento escolar e indicarem em qual turma elas deverão ser matriculadas.

Ainda que o método de avaliação pareça controverso, há uma negociação entre o Instituto e as pessoas que entram nos Ciclos de formação, mas não se adaptam a eles (por não acompanharem os conteúdos ou por acharem as aulas muito fáceis). Essas pessoas são encaminhadas para outros Ciclos, a fim de que haja uma melhor adaptação.

Para o avanço do Ciclo escolar, as/os alunas/os são submetidas/os a avaliações durante todo o ano letivo, buscando “sintonia entre os tempos da escola e os tempos de aprendizagem dos alunos” (PP DO INSTITUTO, 2017, p. 15). Além disso, o parecer das/os professoras/es é fundamental nesse processo, porque ele considera as habilidades de cada estudante que o teste escrito não é capaz de assegurar e faz apontamentos sobre as possibilidades de as pessoas avançarem nos estudos.

As/os estudantes das turmas do Ciclo de Alfabetização são submetidas/os às avaliações e são acompanhadas/os pelas/os professoras/es, que emitem um parecer individual de cada estudante sobre a possibilidade de elas/es mudarem de ciclo escolar. Porém, algumas/uns alunas/os permanecem durante muitos anos nas turmas do Ciclo de Alfabetização, talvez por não pretenderem seguir com os estudos, talvez por acreditarem que não lhes seria possível avançar, devido às dificuldades relacionadas à idade, como é o caso de algumas mulheres da turma observada pela pesquisadora. Já as/os estudantes das turmas do Ciclo Complementar,

além de serem acompanhadas/os e avaliadas/os pelas/os professoras/es, fazem as avaliações específicas, descritas anteriormente, quando desejam obter o Histórico Escolar que ateste a conclusão da etapa correspondente ao quinto ano do Ensino Fundamental. Enquanto isso, as pessoas que cursam as disciplinas referentes aos Ciclos Intermediário e de Consolidação (do sexto ao nono ano escolar) fazem a avaliação do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Enceja)<sup>70</sup>, a qual concede às/aos aprovadas/os a certificação de conclusão do Ensino Fundamental.

De acordo com Luciano, as/os alunas/os entendem quando os pareceres indicam que elas/es ainda não estariam aptas/os para mudarem de nível escolar, porque, segundo o diretor, muitas/os delas/es conhecem suas limitações e são conscientizadas/os de que “*precisam ter paciência e perseverança*”. No entanto, durante as observações, em vários momentos, flagrei questionamentos, dúvidas e curiosidades das mulheres participantes da pesquisa em relação ao ano escolar em que estavam. Elas não compreendiam que estavam se alfabetizando e a professora não conseguia definir um ano escolar ou dizer que elas estavam em uma turma do Ciclo de Alfabetização. Por isso, quando a professora era questionada sobre o assunto (“*A pergunta que não quer calar, em qual série estamos?*”; “*Em que ano as meninas tá?*”), ela respondia: “*Nós estamos aprendendo*”.

O Quadro 8 traz a transcrição de uma interação em que esses questionamentos aparecem nas manifestações das estudantes:

Quadro 8 – “*Agora eu te pergunto, em que ano que nós tá?*”

| <b>Aula do dia 07 de março de 2018</b><br><b>Quarta-feira – 08h às 10h – 2º dia de observação de aula</b><br><b>Tempo de gravação: 01:06:20 até 01:07:27 (Duração: 01min07s)</b> |                               |                                                                    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| <i>Tempo de aula</i>                                                                                                                                                             | <i>Participante</i>           | <i>Fala</i>                                                        |
| <b>01:06:20</b>                                                                                                                                                                  | <b>Dona Idalina (74 anos)</b> | <i>Agora eu te pergunto, em que ano que nós tá?</i>                |
| <b>01:06:21</b>                                                                                                                                                                  | <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Ano?</i>                                                        |
| <b>01:06:22</b>                                                                                                                                                                  | <b>Dona Idalina (74 anos)</b> | <i>De escola? Nós tá no primeiro ano ainda, segundo, terceiro?</i> |
| <b>01:06:26</b>                                                                                                                                                                  | <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Ah, tá!</i><br>[Dona Idalina gargalha.]                         |

<sup>70</sup> O Enceja foi criado em 2002, pelo Instituto Nacional de Ensino e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), tanto com o objetivo de certificação de conclusão de escolaridade do Ensino Fundamental e do Ensino Médio quanto como um instrumento de correção de fluxo escolar, como referência de autoavaliação para pessoas jovens e adultas. Além disso, tem a intenção de coletar informações para o aprimoramento da EJA e do próprio instrumento de avaliação e se tornou um indicador qualitativo das políticas públicas para essa modalidade. Informações disponíveis em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/enceja>. Acesso em: 18 nov. 2019.

|          |                               |                                                                                                                                            |
|----------|-------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01:06:28 | <b>Dona Joana (63 anos)</b>   | <i>No prézinho?</i>                                                                                                                        |
| 01:06:30 | <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Não, vocês estão mais adiantadas.</i>                                                                                                   |
| 01:06:32 | <b>Dona Idalina (74 anos)</b> | <i>Nós tá no primeiro?</i>                                                                                                                 |
| 01:06:35 | <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Não, cada uma tá num ritmo, né? ... Vocês estão lá, no quê? Terceiro.</i>                                                               |
| 01:06:41 | <b>Dona Joana (63 anos)</b>   | <i>Eu não sei nada ainda, mas eu esqueci tudo.</i>                                                                                         |
| 01:06:45 | <b>Aparecida (56 anos)</b>    | [Inaudível]...<br><i>Eles [refere-se ao esposo e ao irmão] fica assim: 'Que série que cê faz Aparecida?' Eu falei: 'Ah! E eu nem sei.'</i> |
| 01:06:51 | <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Quando eles perguntarem, a senhora fala assim: 'Tô aprendendo!'</i>                                                                     |
| 01:06:54 | <b>Aparecida (56 anos)</b>    | <i>Eu falo assim: 'Não, boba! Eu tô vendo se eu lembro de alguma coisa lá.'</i>                                                            |
|          |                               | [...]                                                                                                                                      |
| 01:07:19 | <b>Dona Idalina (74 anos)</b> | <i>Tem gente que fala assim: 'Cê já formou ou ainda vai formar?'</i>                                                                       |
| 01:07:27 | <b>Aparecida (56 anos)</b>    | [Inaudível]...<br><i>Me perguntou: 'Que série que cês fazem?' Eu falei: 'Ó! Eu não sei. Entrei lá de pouco, eu nem sei.'</i>               |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 07/03/2018.

Ao questionarem em que ano escolar estavam, narrando as interpelações de familiares, as mulheres revelam intenções e expectativas – delas próprias, das famílias, da sociedade – em relação a uma possibilidade de continuarem os estudos e fazerem uma autoavaliação sobre o próprio processo de aprendizagem. Enquanto Aparecida (56 anos) e Dona Idalina (74 anos) mostram, ainda que implicitamente, suas expectativas ao relatarem como são questionadas pelas pessoas em relação à trajetória de sua escolarização e à formatura (“*Eles fica assim: 'Que série que cê faz Aparecida?'*”; “*Tem gente que fala assim: 'Cê já formou ou ainda vai formar?'*”), Aparecida (56 anos) e Dona Joana (63 anos) fazem uma autoavaliação da própria aprendizagem, referindo-se ao esquecimento, à necessidade de recordar conteúdos escolares, ao nível elementar de conhecimento escolar em que julgam se encontrarem (“*Eu tô vendo se eu lembro de alguma coisa lá*”; “*Eu não sei nada ainda, mas eu esqueci tudo*”; “*No prézinho?*”).

A professora se abstém de especificar o ano escolar em que elas estavam, reconhecendo a diversidade de níveis educacionais na mesma sala de aula (“*Não, cada uma tá num ritmo, né?*”).

Também identificamos que aquelas mulheres em processo de envelhecimento experimentam a curiosidade (e certa cobrança) da sociedade (e delas mesmas) em relação ao processo de escolarização que vivenciam. A interação que apresentamos no Quadro 9 mostra como curiosidade, cobrança e expectativa estimulam essas mulheres a vislumbrarem e a

desejarem (ou não) a participação numa solenidade de conclusão dos estudos, numa eventual “*formatura*”.

Quadro 9 – “*A hora que nós formar, nós morre.*”

| <b>Aula do dia 23 de novembro de 2018</b><br><b>Sexta-feira – 08h às 10h – 80ª dia de observação de aula</b><br><b>Tempo de gravação: 55:47 até 56:31 (Duração: 44s)</b> |                                 |                                                                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------|
| <i>Tempo da aula</i>                                                                                                                                                     | <i>Participante</i>             | <i>Fala</i>                                                       |
| 55:47                                                                                                                                                                    | <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>Vai ter formatura esse ano?</i>                                |
| 55:50                                                                                                                                                                    | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Não.</i>                                                       |
| 55:52                                                                                                                                                                    | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>É mês que vem, né?</i>                                         |
| 56:00                                                                                                                                                                    | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Pra nós é só daqui três anos</i><br>[Dona Terezinha gargalha.] |
| 56:05                                                                                                                                                                    | <b>Edilsea (53 anos)</b>        | <i>Daqui duzentos anos.</i>                                       |
| 56:07                                                                                                                                                                    | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>É duzentos... duzentos.</i><br>[Edilsea gargalha.]             |
| 56:18                                                                                                                                                                    | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>A hora que nós formar, nós morre.</i><br>[Gargalhadas.]        |
| 56:22                                                                                                                                                                    | <b>Flávia (pesquisadora)</b>    | <i>Que pessimismo é esse?</i>                                     |
| 56:25                                                                                                                                                                    | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>A hora que formar, estuda mais.</i>                            |
| 56:26                                                                                                                                                                    | <b>Flávia (pesquisadora)</b>    | <i>É.</i>                                                         |
| 56:26                                                                                                                                                                    | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Não, uai. Que isso, uai?</i>                                   |
| 56:28                                                                                                                                                                    | <b>Flávia (pesquisadora)</b>    | <i>É, faz faculdade.</i>                                          |
| 56:29                                                                                                                                                                    | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Faz mestrado, faz doutorado...</i>                             |
| 56:31                                                                                                                                                                    | <b>Flávia (pesquisadora)</b>    | <i>Termina o Ensino Médio.</i>                                    |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 23/11/2018.

Ainda que haja uma expectativa em relação à conclusão dos estudos e à solenidade da formatura, as mulheres tensionam esse momento com a possibilidade de não conseguirem alcançá-lo na vida escolar. Elas avaliam o próprio processo de aprendizagem de maneira negativa e insuficiente para lograrem essa conquista (“*Formar, eu sei que eu não vou.*” – Dona Idalina – 74 anos), embora em suas apresentações, na abertura desta tese, algumas mulheres manifestem essa possibilidade: “*Eu falo assim: ‘Ó, quem sabe eu não vou chegar numa faculdade, vou andar nesses ônibus à noite pra baixo e pra cima.’*”; “*Eu penso em voar longe como uma garça.*” Com efeito, à avaliação razoável que Dona Joana (63 anos) faz do tempo que levariam para concluir o Ciclo de Alfabetização (“*daqui três anos*”), Edilsea (53 anos)

responde ironicamente (e recebe o apoio da própria Dona Joana), sugerindo que a formatura só aconteceria “*daqui duzentos anos*”.

Mesmo diante da tentativa da professora e da pesquisadora de estimularem as alunas a continuarem os estudos, muitas delas declaram não acreditar que isso será possível e julgam que não “*terão cabeça*” para os estudos. Não é, porém, essa a avaliação ou a expectativa que identificamos nas entrevistas (“*vou chegar numa faculdade*”; “*Eu penso em voar longe*”) e nos eventos que serão analisados no capítulo 4 desta tese e em outros que compõem o material empírico desta investigação. Em muitas oportunidades, a disposição daquelas mulheres em processo de envelhecimento, integrando um projeto de alfabetização, contesta a reflexão de Norberto Bobbio (1997) sobre as expectativas das pessoas que vivenciam suas *velhices*: “a dimensão na qual o velho vive é o passado. O tempo do futuro é para ele breve demais para dedicar seus pensamentos àquilo que está por vir” (p. 30). Pode-se interpretar a “sentença de morte” enunciada por Dona Joana (63 anos) – “*A hora que nós formar, nós morre*” – como uma dúvida quanto a estarem vivas para concluírem, no mínimo, a Educação Básica, relacionando o envelhecimento à impossibilidade de realizarem seus projetos, porque o tempo que lhes resta não será suficiente para a concretização de seus anseios, em especial, o desejo de concluírem os estudos (GROSSI, 2014, 2019). Todavia, uma outra leitura possível aponta para a pulsão de vida que o processo de aprendizagem e de sua vivência num coletivo oferece àquelas mulheres em processo de envelhecimento, a ponto de avaliarem que sua conclusão lhes tiraria a motivação e a razão de continuarem vivendo: “*A hora que nós formar, nós morre.*”

### **3.1.3 A sala de aula investigada**

No planejamento desta pesquisa, decidimos acompanhar a turma do Ciclo de Alfabetização, que funciona na sede do Instituto ABC, no período da manhã, das 08h às 10h, às segundas, quartas e sextas-feiras. Essa era uma turma composta, quase exclusivamente, por mulheres consideradas, cronologicamente, como idosas.

O galpão (Figuras 5 e 6) em que funciona a sede do Instituto ABC foi doado pela Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP) e recebeu o nome do fundador e atual diretor “Professor Luciano Nogueira”. A sede está localizada em um bairro próximo ao centro da cidade de Barroso (MG). O bairro possui uma boa estrutura: há alguns estabelecimentos comerciais próximos à sede (supermercado, farmácia e lojas), o que viabilizou a realização de algumas aulas planejadas pela professora para acontecerem fora da sala de aula.

Figura 5 – Frente da sede do Instituto ABC



Fonte: Página oficial do fundador do Instituto ABC no *facebook*<sup>71</sup>.

Figura 6 – Lateral da sede do Instituto ABC



Fonte: Página oficial do fundador do Instituto ABC no *facebook*<sup>72</sup>.

O galpão da sede do Instituto ABC é grande; a cobertura foi feita com telhas galvanizadas, o que atrapalha a acústica da sala de aula, principalmente quando está chovendo, e faz com que o ambiente esquente muito no período do verão. A sede (Figura 7) é dividida em vários cômodos: sala de recepção, cozinha, dispensa alimentar, sala do diretor, Telecentro (com 19 computadores), sala de aula e dois banheiros (um feminino e um masculino, cada qual com duas instalações sanitárias).

<sup>71</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1191822717645332&set=pcb.1191822827645321&type=3&theater>.  
Acesso em: 20 nov. 2019.

<sup>72</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1191822750978662&set=pcb.1191822827645321&type=3&theater>.  
Acesso em: 20 fev. 2019.

Figura 7 – Desenho esquemático do interior da sede do Instituto ABC



Fonte: Croqui da sede do Instituto ABC construído pela pesquisadora.

A sala de 70 m<sup>2</sup> (7mX10m), onde aconteciam as aulas, foi construída para atender um número maior de pessoas, pois, segundo o diretor, também funcionava como sala de reuniões e como sala de catequese paroquial (“*por isso ela é grande*”).

Naquela sala de aula (Figuras 8, 9, 10 e 11), nem todas as carteiras eram ocupadas pelas estudantes. As janelas ficavam opostas à parede em que estava o quadro e a porta de entrada ficava na lateral esquerda do quadro. A sala dispunha de um quadro de giz; um armário grande (onde a professora guardava os materiais escolares); um ventilador de pé; as mesas e as cadeiras das estudantes; mesa e cadeira da professora; uma televisão que ficava na parede acima do quadro de giz; um relógio de parede que ficava acima da porta de entrada; algumas carteiras no fundo; dois banheiros que ficavam na lateral direita, separados por outras duas janelas envidraçadas, sem abertura, sob as quais ficava uma mesa grande com oito cadeiras; sobre cada banheiro havia uma caixa d’água pintada de branco, da cor das paredes, que ficava visível para quem estava dentro da sala.

Figura 8 – Frente da sala de aula e lateral esquerda



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora no dia 28/03/2018.

Figura 9 – Frente da sala de aula e lateral direita



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora no dia 28/03/2018.

Figura 10 – Fundo esquerdo da sala de aula



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 06/07/2018.

Figura 11 – Fundo direito da sala de aula



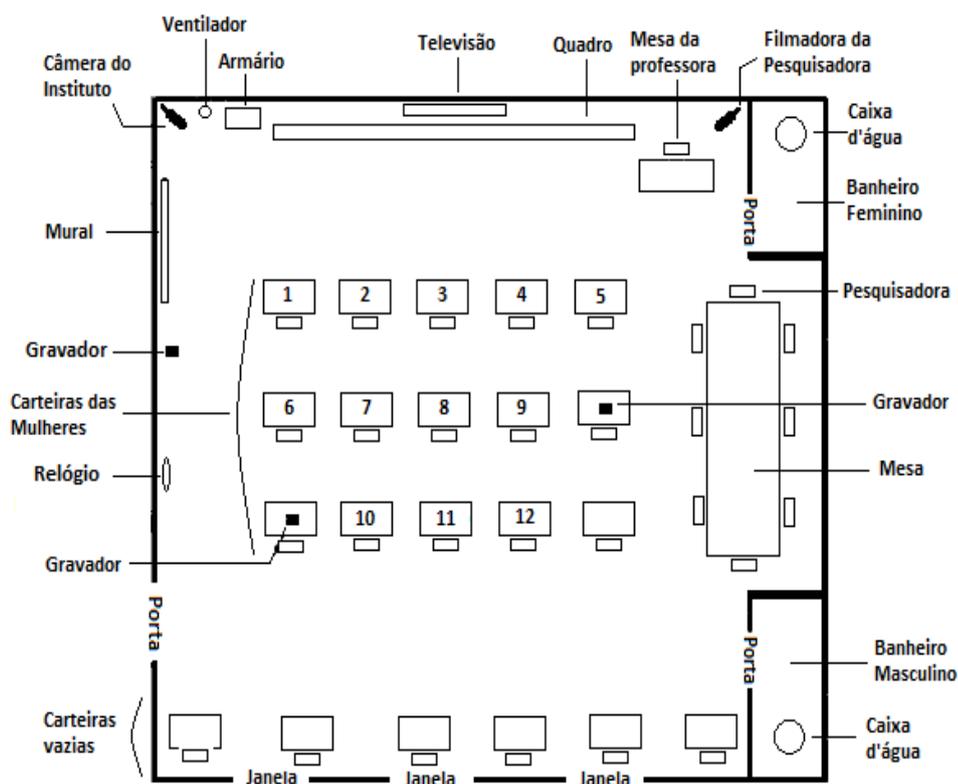
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 06/08/2018.

Todas as atividades de pintura (ou de colorir) que as mulheres faziam, junto com a lista de aniversariantes e outras atividades, eram coladas com fita crepe na parede esquerda da sala de aula em um mural. Elas ficavam expostas alguns dias para que as estudantes apreciassem os trabalhos das colegas e para que outras pessoas (direção, funcionárias/os e visitantes) também pudessem observar as atividades desenvolvidas em sala de aula.

É importante ressaltar que, além da filmadora usada pela pesquisadora, na sala de aula também havia uma câmera de segurança do Instituto que ficava entre a frente da sala e a lateral esquerda.

Uma característica do funcionamento dessa turma é que as carteiras das estudantes eram dispostas em fileiras e raramente elas se sentavam em círculos ou em outras posições. A Figura 12 apresenta um esquema da sala de aula com o posicionamento dos gravadores, da filmadora da pesquisadora e da câmera de segurança, das carteiras, onde ficavam as estudantes e a pesquisadora, e dos outros móveis.

Figura 12 – Desenho esquemático da sala de aula

**Legenda<sup>73</sup>:**

|                  |                    |                |
|------------------|--------------------|----------------|
| 1 – Olga         | 6 – Dona Joana     | 11 – Aparecida |
| 2 – Dona Rosa    | 7 – Dona Terezinha | 12 – Ana Maria |
| 3 – Dona Idalina | 8 – Dona Irene     |                |
| 4 – Dona Cecília | 9 – Dona Leonídia  |                |
| 5 – Edilsea      | 10 – Dona Zélia    |                |

Fonte: Croqui da sala de aula construído pela pesquisadora.

Este é o campo da pesquisa: uma sala de aula do Instituto ABC e o trabalho de alfabetização na EJA que se desenvolve nesse espaço. Naquele lugar e naquela ação educativa, as mulheres vivenciam novas experiências e ecoam outras vivências de outros espaços, como o doméstico e o de trabalho, entre outros, protagonizando e significando suas histórias de vida.

<sup>73</sup> O objetivo da legenda é mostrar como as alunas ficavam sentadas na maioria das aulas no decorrer do ano letivo. Entretanto, em determinadas aulas, algumas mulheres sentavam em outros lugares disponíveis (fazendo com que os gravadores mudassem de lugar) ou ocupavam o lugar de outra estudante quando ela estava ausente.

### 3.2 As mulheres participantes da pesquisa

Desde o momento em que nos propomos a realizar esta pesquisa, avaliamos que escrever esta seção – As mulheres participantes da pesquisa – seria um dos momentos mais prazerosos deste trabalho; todavia, não o mais fácil: afinal, falaríamos sobre as pessoas que generosamente nos acolheram na sala de aula, em suas casas (durante as entrevistas) e em outros momentos de suas vidas, permitindo-nos conhecer seus medos, suas crenças, suas expectativas, seus (des)amores, seus sonhos, seus traumas, suas necessidades, seus dramas e suas fragilidades. Essas histórias de vida permeiam as interações que registramos e nos ajudam a identificar eventos e a informar suas análises no desenvolvimento desta investigação.

Essas mulheres em processo de envelhecimento (e jovem, no caso da professora<sup>74</sup>), de várias formas, atravessaram este trabalho provocando em nós sentimentos diversos: de afeto e de gratidão pela solidariedade (ainda que com certa desconfiança) com que nos receberam; de aflição e de pesar pelas trajetórias sofridas que vivenciaram (desde a infância até a vida adulta) e ainda vivenciam (por serem mulheres, vivenciando o processo de envelhecimento, pobres, em sua maioria negras, não alfabetizadas, e alfabetizadas na EJA), trajetórias essas que estão marcadas por injustiças, preconceitos, opressões e proibições; e de respeito e de admiração pelas lutas, pelos enfrentamentos, pelas resistências e pelas sobrevivências (re)construídas diante das desigualdades que enfrentaram (de gênero, de raça, de religião, de nível de escolaridade, de classe social, etc.). Essas mulheres nos provocam e nos convocam a vê-las como mulheres de aprendizagens e de conhecimentos, de vivências e de cultura, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas, (des)construindo em nós conceitos, utopias e juízo de valor sobre o que é ser uma mulher idosa e em processo de envelhecimento, alfabetizada na EJA.

Assim, nos ocorreu iniciar esta tese (re)produzindo fragmentos das histórias de vida narradas pelas participantes da pesquisa – mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA; a professora; e a pesquisadora – com o objetivo de contribuir para a compreensão dos posicionamentos discursivos assumidos por essas mulheres nas interações que serão analisadas neste trabalho, mas também provocadas por seu protagonismo ao longo de nossa convivência.

No decorrer da relação estabelecida com as participantes desta pesquisa, nos conscientizamos do fato de que apresentar essas mulheres apenas por meio de informações de

---

<sup>74</sup> Nesta seção, damos destaque para as estudantes e para a professora da turma, embora a presença da pesquisadora em sala de aula tenha disparado comentários e interações que serão analisados nesta tese.

perfil de cada uma delas (idade, gênero, raça, ocupação, etc.) seria insuficiente para compreender as afirmações, os questionamentos, as dúvidas, os constrangimentos, as disputas, as tensões e os silenciamentos protagonizados por elas. Além disso, descrições das mulheres, feitas pela professora, pela pesquisadora ou pelo diretor da Instituição, seriam muito restritas para compreendê-las em suas múltiplas dimensões (como mulheres em processo de envelhecimento ou jovem; como mulheres; como filhas; como irmãs; como mães; como sogras; como avós; como tias; como esposas; como viúvas; como trabalhadoras; como cidadãs; como pertencentes a certos grupos étnicos e religiosos; como classe social e econômica; como estudantes; como professora; e, como pesquisadora).

Portanto, decidimos que as participantes da pesquisa abririam esta tese, falando por elas mesmas, falando de si, narrando a si mesmas. Para compor essas narrativas, utilizamos os relatos que, gentilmente, elas nos cederam – sobre suas histórias de vida, histórias de trabalho, histórias familiares, histórias de migração, histórias de interdição, histórias de exclusões e histórias de lutas – durante as entrevistas realizadas no mês de dezembro, no ano de 2018. Apenas Dona Rosa não aceitou participar da entrevista, por isso ela “falou de si” a partir das anotações de suas falas, feitas pela pesquisadora no diário de campo, e das conversas informais que aconteceram no início e no final de algumas aulas.

Contudo, é preciso destacar que as narrativas que dão “abertura” a este trabalho foram recortadas por nós, pesquisadoras, portanto, irremediavelmente, imprimimos o nosso olhar sobre essas histórias de vida, apresentando-as pelo que nos disseram (e nos calaram) quando falaram de si *para nós*. Com efeito, não só a ação de selecionar os depoimentos, mas o próprio fato de ser a pesquisadora a interlocutora a quem as participantes compartilharam suas histórias de vida já estabelece definitivamente a nossa perspectiva na compreensão dessas mulheres como colaboradoras deste estudo.

Nessa direção, ao construirmos as narrativas das participantes desta pesquisa, levamos em consideração que “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração de fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2018, p. 10). Portanto, assim como Conceição Evaristo (2018) fez em sua obra *Becos da memória*, também buscamos as vozes, as falas de quem nos contam, para se misturarem às nossas próprias vozes nos fragmentos que apresentamos (e naqueles que omitimos) nesta tese.

A seleção de depoimentos e narrativas de episódios vivenciados por essas mulheres foi, portanto, interessada: buscou, em especial, identificar suas expectativas em relação à situação de alfabetização que vivenciam quando inseridas no espaço escolar. Desse modo, os fragmentos

das histórias de vida dessas mulheres selecionadas nos contam (direta ou indiretamente) sobre experiências escolares (ou de sua interdição) que conformam seus modos de relação não só com a vivência atual da sala de aula, mas também com a aprendizagem e com os conhecimentos, com as vivências individuais e coletivas e com a cultura em que se inserem e que produzem, com as memórias e os esquecimentos que, produzidos individualmente, conformam-se, como prática discursiva, em ação social, com os direitos que reivindicam e conquistam e as expectativas que reprimem ou que ousam alimentar.

### **3.2.1 Caracterizando as mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA**

Nossa intenção, aqui, não é reduzir as mulheres em processo de envelhecimento desta pesquisa à sua inserção em grupos sociais, econômicos e escolares caracterizados de forma ampla, enquadrando-as em categorias e inserindo-as em taxas e índices. Todavia, consideramos necessário apresentar um panorama socioeconômico e escolar dessa turma de mulheres que, na maturidade, demandam por escolarização básica no Instituto ABC, em de Barroso.

No Quadro 10, há informações pessoais, sociais, econômicas e escolares significativas sobre as mulheres em processo de envelhecimento que compõem a turma observada. Essas informações foram coletadas no mês de dezembro de 2018, portanto, podem ter sofrido modificações.

Quadro 10 – Perfil das mulheres alfabetizadas na EJA

| Nome           | Idade | Estado Civil | Tem filhos? | Raça Ou Cor | Religião   | Mora com quem?       | Ocupação antes da aposentadoria <sup>75</sup> | Estudou quando era criança? | Série ou ano escolar em que parou de estudar | Já tentou voltar a estudar antes de entrar no Instituto? | Há quanto tempo está no Instituto ABC? |
|----------------|-------|--------------|-------------|-------------|------------|----------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------|----------------------------------------------|----------------------------------------------------------|----------------------------------------|
| Ana Maria      | 56    | Solteira     | Não         | Parda       | Evangélica | Sozinha              | Dona de casa <sup>76</sup>                    | Sim                         | 1ª série                                     | Não                                                      | Desde 2015                             |
| Aparecida      | 56    | Casada       | Sim (3)     | Branca      | Evangélica | Esposo e filho       | Serviçal de escola                            | Sim                         | 1ª série                                     | Sim                                                      | Não se lembra                          |
| Dona Cecília   | 91    | Viúva        | Sim (4)     | Parda       | Católica   | Filha                | Doceira                                       | Não                         | -                                            | Não                                                      | Há mais de quatro anos                 |
| Dona Idalina   | 74    | Viúva        | Sim (4)     | Parda       | Católica   | Sozinha              | Ajudante de caminhoneiro                      | Sim                         | 1ª série                                     | Não                                                      | Entre 10 a 12 anos                     |
| Dona Irene     | 78    | Solteira     | Não         | Parda       | Católica   | Irmão                | Empregada doméstica                           | Sim                         | 1ª série                                     | Sim                                                      | Desde 2005                             |
| Dona Joana     | 63    | Casada       | Sim (6)     | Parda       | Católica   | Esposo, filha e neta | Empregada doméstica                           | Não                         | -                                            | Sim                                                      | Voltou em 2018                         |
| Dona Leonídia  | 73    | Casada       | Sim (5)     | Branca      | Católica   | Esposo               | Costureira                                    | Não                         | -                                            | Não                                                      | Não se lembra                          |
| Dona Rosa      | 88    | Viúva        | Sim (6)     | Branca      | Católica   | Sozinha              | Dona de casa                                  | Não informou                | -                                            | Não informou                                             | Não informou                           |
| Dona Terezinha | 64    | Viúva        | Sim (2)     | Branca      | Católica   | Sozinha              | Empregada doméstica                           | Não                         | -                                            | Não                                                      | Não se lembra                          |
| Dona Zélia     | 61    | Viúva        | Sim (2)     | Branca      | Católica   | Filho                | Empregada doméstica                           | Não                         | -                                            | Não                                                      | Não se lembra                          |
| Edilsea        | 53    | Solteira     | Não         | Branca      | Católica   | Sozinha              | Dona de casa                                  | Não                         | -                                            | Não                                                      | Entrou em 2018                         |
| Olga           | 73    | Viúva        | Sim (3)     | Preta       | Evangélica | Filha e netos(as)    | Lavadeira                                     | Sim                         | 1ª série                                     | Não                                                      | Não se lembra                          |

Fonte: Panorama construído pela pesquisadora a partir de informações contidas no diário de campo e nas entrevistas realizadas com as mulheres no mês de dezembro de 2018.

<sup>75</sup> Decidimos colocar a ocupação profissional das mulheres antes da aposentadoria, porque além de influenciar nos modos como elas se relacionavam com o conhecimento escolar, no momento da realização do trabalho de campo, todas as senhoras estavam aposentadas (por tempo de trabalho, por idade ou por invalidez).

<sup>76</sup> Ao usarmos a expressão “Dona de casa” como ocupação profissional, significa que as mulheres sempre trabalharam em casas para algum/alguns familiar/es ou em suas próprias casas, não exercendo atividade remunerada.

O Quadro 10 nos permite perceber que do total de 12 estudantes participantes desta investigação, nove delas têm idade acima de 60 anos, por isso, de acordo com os documentos oficiais responsáveis por reger os direitos e os deveres das pessoas que estão na fase do envelhecimento, cronologicamente, essas mulheres são consideradas “mulheres idosas”. Contudo, como nesta pesquisa compreendemos o envelhecimento enquanto um processo relacional (pois envolve dimensões históricas, sociais, culturais, econômicas, físicas, funcionais e mentais das pessoas que estão nessa categoria etária), decidimos nos referir não apenas à três mulheres com idade inferior a 60 anos, mas também à que já ultrapassaram esse marco etário legal como *mulheres em processo de envelhecimento*. Isso porque, ao longo do trabalho de campo, percebemos, pelos posicionamentos e pelos discursos, que elas protagonizaram, na sala de aula, não só a relação de pertencimento (algumas vezes, de negação) que estabelecem com essa etapa da vida, como também a natureza processual do envelhecimento, que demanda das pessoas modos de relação não estáticos com suas condições e restrições de vida.

A distribuição em relação à cor declarada pelas mulheres da turma acompanha a população brasileira: na turma, metade das mulheres declarou-se branca e a outra metade parda ou preta (os dados do último Censo (IBGE, 2010), registram, na população brasileira: 49,69% de mulheres brancas; 7,18% de mulheres negras; 1,16% de mulheres amarelas; 42,54% de mulheres pardas; 0,42% de mulheres indígenas).

Em relação à religião declarada, 9 das 12 mulheres da turma (75%) declararam-se católicas, o que contrasta com a distribuição da população feminina brasileira em relação à religião declarada: os dados do último Censo (IBGE, 2010) registraram 50,37% de mulheres católicas apostólicas romanas e 55,57% de mulheres evangélicas. Esses dados, entretanto, mereceriam ser analisados com cortes por região do país, faixa etária e tamanho do município, o que poderia vir a configurar maior proximidade entre a situação da turma e da população feminina brasileira.

Também, destacamos a restrição da vida profissional dessas mulheres ao ambiente doméstico. Inclusive as mulheres que tinham as ocupações de doceira e de costureira trabalhavam em suas próprias casas. Aparecida foi a única mulher que trabalhou em uma instituição e Dona Idalina trabalhou viajando na estrada para comercializar queijos.

Além disso, o Quadro 10 mostra uma predominância de mulheres que são ou foram casadas e que têm muitos filhos. Entretanto, a diminuição do núcleo familiar de moradia é também recorrente na situação atual dessas mulheres. Nesse sentido, se os arranjos familiares, quando crianças e adolescentes, e, mais tarde, a constituição da própria família as impediu de estudar ou obrigou-lhes a interromper os estudos, a diminuição de seu núcleo familiar e seu

estado civil atual (viúvas e solteiras) permitem, autorizam ou demandam que elas (re)ingressassem nos estudos, mesmo vivenciando processos de envelhecimento.

Dessas 12 mulheres, 8 decidiram escolarizar-se no Instituto ABC. No entanto, o fato de algumas delas permanecerem durante muito tempo na Instituição, incluindo aquelas que não se lembraram há quanto tempo frequentavam o Instituto, sugere que muitas delas não têm a intenção ou a expectativa de virem a concluir os estudos no Ensino Fundamental ou da Educação Básica. Todavia, ainda que várias delas permaneçam no Ciclo de Alfabetização por vários anos, há entre elas aquelas que manifestam o desejo de concluírem os estudos, e, especialmente, de participarem da cerimônia de formatura.

### **3.2.2 As alfabetizadas na EJA do Instituto ABC**

Nesta subseção, apresentamos as mulheres desta investigação que nos afetaram durante todo o processo da pesquisa: Ana Maria (56 anos), Aparecida (56 anos), Dona<sup>77</sup> Cecília (91 anos), Dona Idalina (74 anos), Dona Irene (78 anos), Dona Joana (63 anos), Dona Leonídia (73 anos), Dona Rosa (88 anos), Dona Terezinha (64 anos), Dona Zélia (61 anos), Edilsea (53 anos), Olga (73 anos) e Vanessa (professora da turma – 28 anos). Algumas mulheres aparecerão recorrentemente e outras aparecerão algumas vezes, de acordo com os eventos selecionados para a análise.

Por isso, trazemos uma segunda apresentação, elaborada a partir de algumas observações da pesquisadora na convivência durante o trabalho de campo, cotejadas com informações colhidas nas entrevistas e reflexões sobre como esses diálogos aconteceram, destacando a reação e o envolvimento de cada participante com esta pesquisa. Trazemos também alguns comentários da professora e do diretor do Instituto sobre cada uma delas, os quais nos ajudam a compreender o modo como a Instituição as acolhe e considera, o que, de alguma forma, também compõe as condições de produção de suas intervenções nas interações durante as aulas.

Partindo disso, apresentamos, novamente, as participantes da pesquisa, por meio de comentários da pesquisadora considerando percepções e memórias da participação delas na

---

<sup>77</sup> Apenas algumas mulheres serão referidas neste texto com o pronome de tratamento “Dona” precedendo seu nome, porque a professora costumava chamar as mulheres com idade acima de 60 anos desse modo, com exceção da Olga, que, por ser do tipo mignon, ter uma postura corporal mais altiva, pintar os cabelos e usufruir das benesses que a pele negra oferece, retardando o aparecimento de rugas e outros sinais da velhice, aparentava ser mais nova do que era. Como a pesquisadora assumiu esse mesmo modo de tratamento, decidimos manter nos relatos e nas análises que faremos esse modo de nos referirmos a Cecília, a Idalina, a Irene, a Joana, a Leonídia, Rosa, Terezinha e Zélia. Entre elas, o tratamento dispensava essa deferência, concedida apenas a Dona Rosa e a Dona Cecília, que eram assim chamadas também pelas colegas.

pesquisa, por referências feitas a elas pelo diretor e pela professora, e por excertos de depoimentos que elas fizeram à turma, por ocasião das comemorações do Dia Internacional da Mulher (na aula<sup>78</sup> do dia 9 de março de 2018), sobre ser mulher e participar das atividades do Instituto.

### **Ana Maria, 56 anos**

Ana Maria foi a mulher que mais me inquietou durante o trabalho de campo, porque seu discurso reitera uma autoestima baixa e certa negatividade em relação às suas capacidades cognitivas e à vida de uma maneira geral. Em alguns momentos, ela disse que não era “*capaz de aprender*”.

Conversando com a professora e com o diretor, aventamos a possibilidade de ela ter algum problema cognitivo, mas que deveria ser avaliada por um profissional especializado. Nossa hipótese baseou-se em alguns comportamentos que Ana Maria apresentava na sala de aula e na dificuldade que ela tinha para aprender e memorizar o que lhe era ensinado.

Durante várias aulas, ela se avaliou como a “*única [aluna] burra da sala*” por não saber ler e escrever (ela apenas copia o formato das letras). Eu me senti muito mal no dia em que ela repetiu essa autoavaliação e, em seguida, começou a chorar. Junto com a professora e com as colegas da turma que estavam na sala de aula, tentamos motivá-la. Depois, descobrimos que seu irmão havia falecido e, provavelmente, isso deve ter desencadeado as lágrimas, porque ela já havia falado isso em outros momentos, mas não havia chorado. Pelo contrário, algumas vezes ela sorria. Mais tarde, conversando com a professora, ela me disse que também ficou “*desestabilizada*”, após a fala e as lágrimas de Ana Maria.

No dia em que marcaríamos a entrevista, achei melhor que Ana Maria escolhesse se gostaria que conversássemos na casa dela ou na sede do Instituto. Ela ficou na dúvida em relação ao local, mas escolheu a sede do Instituto ABC. A entrevista aconteceu na terça-feira, dia 11 de dezembro de 2018, às 2 horas da tarde. No dia marcado, tive o receio de que Ana Maria não comparecesse, porque ela não tinha o hábito de participar de atividades que aconteciam fora do horário das aulas. Mas, para a minha surpresa, ela foi e chegou no horário marcado.

Durante a nossa conversa, ela disse que estava muito nervosa. Talvez, por esse motivo, ela tenha falado mais pausadamente e tenha usado um tom de voz mais baixo do que o habitual.

---

<sup>78</sup> Não há excertos de Dona Irene na aula em que o Dia Internacional da Mulher foi comemorado, porque ela não compareceu à aula.

Isso me constrangeu em alguns momentos, porque, como as suas respostas foram mais objetivas, eu não consegui aprofundar e compreender alguns momentos de sua história de vida.

No final da entrevista, fui para casa junto com Ana Maria, porque parte do nosso percurso era o mesmo. Aproveitei a caminhada para conversar um pouco mais com ela. Naquele momento, Ana Maria disse que gostava de estudar na Instituição, gostava do Luciano, gostava das amizades e gostava da solidariedade das pessoas que frequentam aquele espaço. Enfatizou que, ao frequentá-lo, ela aprendeu a se comunicar, mas ainda tem o *“sonho de aprender a ler”*.

Na aula seguinte à entrevista com Ana Maria, perguntei se ela estava bem e se havia gostado da nossa conversa. Ela me disse que estava *“muito triste, porque não respondeu às perguntas direito”*. Comentou que não me convidou para ir à casa dela, porque sentiu vergonha e não sabia como seria a entrevista. Talvez o comentário de Ana Maria sugerisse (ainda que indiretamente) a possibilidade de entrevistá-la novamente, mas confesso que isso não me ocorreu durante o trabalho de campo. Somente agora, durante a escrita deste texto, ponderei essa possibilidade.

Para o diretor Luciano, no ano de 2018, Ana Maria *“ganhou perna, ela não voa ainda não, mas ela anda”*, porque ela passou a se comunicar mais com as colegas, com a professora e com ele, como diretor.

Para a professora, o que mais a desafiou na experiência com a EJA foi atender às expectativas da Ana Maria, porque, em vários momentos, Vanessa sentiu que não as correspondia. A professora avaliou o trabalho que fez com a estudante: *“eu sinto que eu saí e eu não consegui fazer mais por ela, pelas limitações dela”*.

Na aula em que Vanessa e Luciano homenagearam as mulheres da turma pelo Dia Internacional da Mulher, Ana Maria comparou como era antes de começar a frequentar o Instituto (*“O Luciano falava comigo que eu chegava aqui e nem olhava prá pessoas”*), e como estava após sua entrada e permanência na Instituição (*“Até a minha irmã fala comigo: ‘Hein, Ana! Engraçado, você era fechada, agora você comunica com as pessoas, você conversa com as pessoas’”*).

### **Aparecida, 56 anos**

Aparecida foi uma das participantes que mais contribuiu com este trabalho, porque provocou e participou de muitos eventos que compõem seu material empírico. Ela é uma mulher esperta, rápida e muito participativa. Entretanto, isso acabava atrapalhando as colegas que não faziam as atividades rapidamente como ela, porque além de resolvê-las em voz alta, Aparecida

tinha o hábito de conversar com alguém ou falava sozinha após concluir os exercícios, o que interferia na concentração das outras estudantes.

Surpreendeu-me o fato de ela sair da cidade de Dores de Campos e ir para a cidade de Barroso apenas para estudar. De certa forma, isso mostra não apenas o desejo que ela tem por escolarizar-se, mas também a sua vontade de permanecer estudando no Instituto ABC.

Realizei a entrevista com a estudante na segunda-feira, dia 17 de dezembro, às 9 horas da manhã, em sua casa. Quando cheguei ao bairro em que ela morava, percebi que não havia anotado o endereço; todavia, encontrei a casa facilmente, porque ouvi sua voz. Aparecida estava na varanda junto com o esposo e com um filho (que tem alguma deficiência mental, mas ela não soube me dizer o que era); eles estavam se despedindo de um senhor que foi visitá-los, porque seu esposo estava doente.

Durante toda a entrevista, seu esposo ficou sentado no sofá da sala nos ouvindo. Seu filho também esteve presente num primeiro momento, mas depois foi deitar em um quarto que ficava próximo à sala. Mesmo diante da presença do esposo, Aparecida não demonstrou intimidação ou vergonha; pelo menos, como pesquisadora, não percebi nenhuma alteração na fala ou no comportamento da estudante. Prova dessa liberdade foram as confidências que ela fez sobre momentos delicados de sua história; eu julgava que uma mulher que tivesse vivenciado experiências parecidas não as relataria diante do esposo ou de qualquer outra pessoa.

Durante a entrevista, outro filho da estudante chegou e nos cumprimentou. Ele entrou na sala dizendo que gostaria de tomar café antes de ir para o trabalho. Assim que ele saiu, sua cunhada chegou e também sentou em uma cadeira na sala para ouvir o restante da nossa conversa.

No final da entrevista, Aparecida me mostrou sua casa, por isso passei por todos os cômodos. A estudante disse que iria reformá-la: trocar o telhado e refazer a pintura. Quando chegamos na cozinha, Aparecida havia feito um café e pediu que o filho buscasse um “*pão novo*” para nós. Então, sentei à mesa e tomamos café juntos: eu, Aparecida, o esposo e a cunhada. Após me despedir de todas as pessoas e sair no portão da casa da estudante, ouvi ela dizer para o esposo e para a cunhada: “*Nossa, lá [no Instituto] elas são todas boas comigo*”.

De acordo com Luciano, no ano de 2018, Aparecida “*avançou*” e ampliou a visão dela sobre a vida e sobre as pessoas.

Durante algumas aulas, a professora disse que percebia tanto o desânimo da estudante, porque ela já sabia resolver os exercícios, quanto a falta de paciência de algumas colegas quando Aparecida resolvia as atividades rapidamente e em voz alta.

Na aula em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, Aparecida comentou sobre a satisfação que sente por ser mulher, por ter conquistado a aposentadoria e pela mãe que,

segundo ela, mesmo sem ter escolarização (“*A minha mãe não tinha leitura não*”), a ensinou princípios e valores para viver em sociedade. Para Aparecida, estar na sala de aula do Instituto ABC também é uma oportunidade de estar em família:

*“Na sala de aula tem um povo maravilhoso e eu agradeço a Deus por ter me colocado no meio duma família. Que eu considero aqui a minha família. Eu vejo sorriso, eu vejo o brilho que Deus colocou no rosto de cada uma e eu também recebo isso e, assim, eu vivo. Eu sou uma mulher feliz”* (Aparecida, em comentários na aula do dia 09/03/2018).

### **Dona Cecília, 91 anos**

Dona Cecília é a mulher mais idosa da turma e tornou-se uma das minhas inspirações durante o trabalho de campo. Por várias vezes, sem saber, ela me animava a continuar as observações de sala de aula, porque sempre chegava no Instituto ABC sorrindo, disposta e com vontade de aprender.

Dona Cecília é uma mulher divertida (gostava de contar algumas piadas na sala de aula, principalmente sobre sexo), determinada e inteligente. Gostava das aulas de matemática e reclamava quando a professora ajudava as colegas ou passava atividades que exigiam um nível muito básico de conhecimento. Desde o ano de 2019, ela parou de frequentar o Instituto ABC, porque começou a ter problemas de saúde e de esquecimento, o que me causou muita tristeza, mas, até o momento, não tive coragem de visitá-la<sup>79</sup>.

Dona Cecília era uma aluna assídua, todavia, ficou algumas semanas sem ir às aulas, porque apresentou um quadro de pneumonia, no primeiro semestre de 2018. Já no segundo semestre, ela fez questão de “*curar o umbigo*” de um bisneto, ficando algumas semanas sem frequentar as aulas no Instituto.

Um comportamento curioso de Dona Cecília na sala de aula, era quando pedia à professora para apagar o quadro.

A entrevista com Dona Cecília aconteceu no dia 13 de dezembro, na quinta-feira, às 2 horas da tarde, em sua casa. Quando cheguei à casa, ela estava sozinha. Ela me recebeu na sala, nós sentamos no sofá e começamos a conversar. Durante a conversa, um gato se aproximou e deitou em seu colo e uma mulher a chamou para entregar um queijo que ela havia encomendado. Em razão da idade avançada, Dona Cecília não respondeu algumas perguntas, porque não lembrou de alguns momentos da sua história. Mesmo assim, fiquei admirada com as

---

<sup>79</sup> Durante o último ano de desenvolvimento deste trabalho, temos sido obrigadas a manter o distanciamento físico visando diminuir o contágio pelo Coronavírus causador da Covid-19.

recordações que ela teve da infância e da juventude. Ela fez questão de explicitar sua condição de mulher de memória e de esquecimento: *“tem hora que a memória falha”*.

No final da nossa conversa, ela me convidou para tomar café e disse que havia feito um bolo de cenoura só para me receber. Eu a acompanhei até a copa e tomamos café juntas. Inclusive, ela fez questão que eu levasse alguns pedaços do bolo – que, por sinal, estava uma delícia – para casa. Quando me levou ao portão, conversamos sobre relacionamento e Dona Cecília me contou que, há aproximadamente 40 anos, estava sozinha.

Contudo, Dona Cecília mora em uma rua muito movimentada da cidade e como a sala em que estávamos ficava bem próxima à rua, os barulhos dos carros e das motos dificultaram a compreensão de algumas palavras e expressões ditas por ela, porque o tom de voz da estudante era baixo. Mesmo colocando o gravador do lado de Dona Cecília, algumas palavras e expressões ficaram inaudíveis. Esse foi o mesmo problema que encontrei quando a entrevistei na pesquisa de mestrado, mas não me senti à vontade para pedir que fizéssemos a entrevista em outro cômodo da casa, porque logo que entrei, ela me pediu para sentar no sofá da sala.

Para o diretor do Instituto, Dona Cecília é um *“grande exemplo de vida”* e o *“ensina muito”*. O desejo dele é chegar na idade dela com a mesma vitalidade.

Para a professora, Dona Cecília sempre foi esperta, mas gostava mais das atividades de matemática. Inclusive, segundo Vanessa, Dona Cecília aprendeu a fazer algumas operações sozinha, porque, dependendo da aula, ela não tinha tempo para ensiná-la.

Dona Cecília disse que se considerava uma mulher feliz. Na aula em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, ela afirmou que toda mulher precisa resolver muitas coisas na vida, mas mesmo assim, se sentia feliz. Naquele dia, Dona Cecília agradeceu ao Luciano, por oportunizar conhecimentos e escolarização para ela e para as colegas: *“Só Deus pode pagar ocê tudo, tudo que ocê tá fazendo pela gente... Cês tá fazendo muito pela gente. Eu acho que a gente merece, né?”*

### **Dona Idalina, 74 anos**

Dona Idalina era a líder da turma: em alguns momentos, ela mesma assumia essa liderança e, em outros, as colegas lhe outorgavam essa função na turma. Dona Idalina é uma mulher que sempre se mostrou satisfeita com as aulas da professora. Ao final de quase todas as aulas, tecia elogios sobre a aula, sobre a professora, sobre as colegas ou sobre alguma atividade.

Além disso, estava sempre preocupada com sua aprendizagem e com a aprendizagem das outras estudantes da turma. Ela perguntava à professora: *“O que ocê tá achando de nós?”* A partir desse questionamento, Vanessa se via diante da necessidade de pedir que elas também avaliassem a aula. Segundo a professora, essa pergunta de Dona Idalina indicava que *“por mais que elas [as mulheres] estejam ali [no Instituto], que elas se sintam à vontade de estar conversando com uma, com outra”*, ela percebia que elas a cobravam: *“Elas têm sim vontade de aprender”*.

Dona Idalina parecia estar satisfeita quando, de fato, percebia que ela e as colegas estavam aprendendo e que não estavam dificultando o trabalho da professora Vanessa; por isso sondava a professora: *“Você fica nervosa quando nós não aprende?”*

Durante o ano de 2018, Dona Idalina esteve ausente em algumas aulas, porque, além de sofrer algumas perdas de pessoas da família, ela teve alguns problemas no joelho que atrapalhavam a sua locomoção até a escola. Porém, mesmo diante dessas adversidades, quando estava na sala de aula, buscava encorajar e incentivar a professora e as colegas da turma.

Certo dia, Vanessa pediu desculpas à turma, por ter errado na construção de uma das atividades propostas. Após ouvir a justificativa da professora, Dona Idalina elogiou a atividade dizendo que *“estava ótima”*, e levando a mão aos lábios soltou um beijo estalado e continuou a incentivá-la: *“Todo mundo erra, o padre... Você já viu no jornal? As artistas? Não esquenta a cabeça não”*.

A entrevista com Dona Idalina aconteceu em sua casa, no dia 17 de dezembro de 2018, a partir das 2 horas da tarde. Quando cheguei, ela me recebeu dizendo que estava indo *“capinar horta”*, mas disse que estava feliz com a minha visita. Sentamo-nos na sala para conversar e ela pareceu empolgada com a entrevista. Em alguns momentos, ela me pedia para *“cortar”* alguns trechos, porque não gostaria que outras pessoas ouvissem (ou lessem) algumas revelações e desabafos; todavia, em seguida, ela dizia que eu poderia manter na gravação o que ela havia pedido para apagar.

No meio da entrevista, a filha da estudante chegou do trabalho e nos cumprimentou. Ela era vizinha de Dona Idalina. Em seguida, um de seus netos também entrou na sala e nos cumprimentou.

No final, nos dirigimos à cozinha, porque ela me pediu para provar um arroz doce que ela havia feito – e que muito gostoso. Durante a degustação, Dona Idalina relatou vários fatos interessantes da sua história de vida, mas o gravador já estava desligado. Também me mostrou várias fotos de seus familiares e das atividades das quais ela já participou no Instituto ABC. Quando eu estava saindo da casa de Dona Idalina, ela, com os olhos marejados, veio me mostrar a foto da filha que cometeu suicídio no ano anterior. Naquele instante, fiquei desconcertada por não saber o que fazer ou o que dizer. Eu me senti aliviada quando ela mesma mudou o rumo da conversa.

Para o diretor do Instituto, Dona Idalina *“ganhou asas ao longo dos anos... É uma pessoa pra cima, alto-astral”*, mesmo diante do *“baque terrível”* que ela enfrentou com a perda da filha no ano de 2017. Segundo Luciano, Dona Idalina sempre exerceu a liderança na sala de aula.

De acordo com a professora, durante o ano de 2018, Dona Idalina evoluiu na leitura e melhorou a maneira de se expressar. Em relação à escrita, *“ela já dava conta de escrever com mais autonomia, sem ficar muito na cópia”*.

Durante a comemoração pelo Dia Internacional da Mulher, Dona Idalina agradeceu ao diretor e à professora pela homenagem e por tudo que o Instituto lhe proporcionava: *“Ô, Luciano, eu só tenho que te agradecer. Agradecer as professoras: são muito carinhosas. Obrigada por tudo mesmo”*.

### **Dona Irene, 78 anos**

Dona Irene é uma mulher de poucas palavras. Contudo, durante as atividades de colorir ou pintura, em que todas as alunas se sentavam em uma única mesa, a estudante aproveitava o momento para conversar, desabafar e rememorar. Naqueles momentos, Dona Irene relembrava trabalhos que já fez, contava sobre seus familiares e suas dificuldades.

No ano em que o trabalho de campo aconteceu, Dona Irene foi diagnosticada com um possível câncer. Ao perceber que a paciente não compreendia a gravidade do problema, o médico pediu que ela levasse alguém de sua família ou alguém em quem ela confiasse para conversar com ele; ela pediu Luciano para acompanhá-la, porque confiava nele e sabia que ele poderia ajudá-la. O diretor se prontificou a levá-la ao médico e foi ele quem me informou sobre os problemas de saúde de Dona Irene. Mas, depois, a família assumiu essa responsabilidade e não tivemos mais notícias sobre seu estado de saúde. Mesmo assim, ela continuou indo às aulas. Sensibilizei-me com a inocência e a falta de conhecimento de Dona Irene sobre os problemas de saúde dela mesma e por ela pedir ao Luciano que a ajudasse.

A relação de confiança estabelecida entre Luciano e Dona Irene foi construída desde o momento em que ela entrou no Instituto ABC para estudar. De acordo com o diretor, quando Dona Irene começou a frequentar a Instituição, ela não tinha documentos pessoais, não sabia quantos anos tinha e era sustentada por cestas básicas doadas por entidades religiosas. Após a entrada da estudante no Instituto, Luciano providenciou os documentos pessoais e a aposentadoria de Dona Irene, foi com ela ao banco para receber o primeiro salário e realizou um dos sonhos que ela tinha: ir ao supermercado, pegar os produtos na prateleira e fazer sua primeira compra. Emocionei-me ao ouvir esse relato do diretor.

Marquei a entrevista com Dona Irene na sede do Instituto ABC, no dia 14 de dezembro, a partir das 9 horas da manhã. Entretanto, no dia marcado, quando eu já estava na sede esperando por ela, Luciano me advertiu que ela provavelmente não conseguiria comparecer, porque não haveria transporte escolar naquele dia e dificilmente ela iria caminhando até lá. Então, peguei o endereço e fui até sua casa para conversarmos. Quando cheguei, foi ela quem me recebeu. Nós nos sentamos na sala e começamos a conversar. Durante a entrevista, seu irmão entrou na sala e nos cumprimentou; eles moram na mesma casa. Também, chegou um rapaz para entregar uma cesta básica e, como ele estava com pressa, Dona Irene colocou os alimentos em cima do sofá onde estávamos e eu a ajudei.

Ela pareceu ter gostado da entrevista e me confidenciou vários momentos da sua vida (alegres, tristes, sofridos e desafiadores) sem se importar com o gravador. No final, me levou até o portão e me pediu para voltar.

De acordo com o diretor Luciano, descobrir a doença de Dona Irene foi *“uma coisa difícil”*, porque eles se conhecem há mais de quinze anos. Segundo ele, *“a escola dá sentido pra a Dona Irene... Ela vem pra viver... Essa é a verdade. Se não fosse a escola, ela, talvez, não estaria aqui entre nós”*.

Para a professora, Dona Irene evoluiu, mas a falta de organização a atrapalhava. Vanessa comentou que Dona Irene aprendia de acordo com o *“estado de espírito”* que ela estava para fazer as atividades.

### **Dona Joana, 63 anos**

Dona Joana, apesar de ter vários problemas de saúde, é uma mulher muito animada e divertida. Ela e Dona Terezinha são irmãs, por isso conversavam e discutiam assuntos de família durante algumas atividades escolares. Em vários momentos, me tornei confidente e “conselheira amorosa” de Dona Joana. Inclusive, a seu pedido, digitei uma mensagem para seu esposo, parabenizando-o pelo aniversário e pelo dia dos namorados; ela ditou a mensagem e eu digitei.

Na sala de aula, Dona Joana era muito participativa e também tinha muita facilidade com os conteúdos escolares. Ela sempre chegava mais cedo para conversarmos. Estranhei quando a ouvi dizer que estava “*escrevendo um livro*”. Eu pedi para ver e ela me mostrou: ela estava copiando as histórias de um livro que ela recebeu para treinar a escrita.

A entrevista aconteceu na casa de Dona Joana, às 2 horas da tarde, no dia 14 de dezembro. Chegando lá, tive a grata surpresa de encontrar uma amiga minha da escola que eu não via há muitos anos e não sabia que era filha de Dona Joana. Eu as cumprimentei e nos sentamos na sala. Mas, quando começamos a entrevista, Dona Joana me chamou para irmos para a cozinha para ficarmos mais à vontade, porque, além da filha, a netinha de quatro anos também estava na casa. Fazer a entrevista na casa de Dona Joana foi um desafio, porque fomos interrompidas em vários momentos: pela neta que ia à cozinha para brincar com a avó, pela filha que também ia até lá para pegar algo para comer e pelo esposo que chegou à casa e começou a pedir algumas coisas para ela.

Após a entrevista, a estudante me chamou para tomar café e, em seguida, começou a me mostrar algumas fotos de seu casamento e de seus familiares. Quando estava saindo, Dona Terezinha chegou e perguntou à Dona Joana se ela havia gostado da entrevista. Dona Joana respondeu que gostaria de ser entrevistada novamente.

Luciano se surpreendeu com a participação assídua de Dona Joana nas aulas durante o ano de 2018, excetuando-se os dias em que ela não estava se sentindo bem para ir. Segundo o diretor, em anos anteriores, Dona Joana era uma “*turista*” nas aulas: “*vinha uma semana e faltava três meses*”.

Para a professora, Dona Joana foi uma das alunas que mais evoluiu no ano de 2018: “*tanto na parte de matemática, de cálculo, de escrita espontânea*”. Vanessa destacou, inclusive, o interesse de Dona Joana “*de querer aprender*”.

Depois de todos os momentos difíceis que Dona Joana passou, na aula em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, ela afirmou que estar na escola fazia com que ela sentisse paz:

*“Tropecei em muitas pedras que cê sabe, que eu já te falei, né? ..., mas, graças a Deus, hoje eu tô aqui e em paz”.*

### **Dona Leonídia, 73 anos**

Dona Leonídia mostrou, em vários momentos, que é uma mulher atenta às notícias da cidade e do país. Dependendo do assunto da aula, ela gostava de contar as notícias que estava acompanhando nos jornais que ela assistia na televisão ou ouvia na rádio. Fiquei surpresa diante da expertise de Dona Leonídia para tecer alguns comentários (e assumir certos posicionamentos) sobre os acontecimentos que estiveram em alta no Brasil e no Município de Barroso durante o ano de 2018 (eleições, copa do mundo, greve dos caminhoneiros, divergências políticas, greve das professoras do Estado de Minas Gerais, etc.). Ao desconfiar da minha surpresa, em uma das aulas, ela esclareceu: *“Eu sou uma mulher informada, porque assisto muita TV”.*

No período da campanha eleitoral para Presidente da República, Dona Leonídia fez uma defesa veemente do candidato do PSL, alegando que, se ele vencesse as eleições, isso diminuiria os *“altos impostos”* que ela paga, as mulheres ficariam em casa *“sem trabalhar”* e os homens assumiriam as despesas domésticas, reproduzindo um argumento bastante disseminado naquele momento. Esse argumento ecoava um discurso machista, que parecia atender às demandas das mulheres (especialmente mulheres pobres) que se veem obrigadas a sustentar a casa além de terem que fazer todo o trabalho doméstico. Para essas mulheres, ficar em casa *“sem trabalhar”* (fora de casa) representaria uma diminuição da jornada de trabalho e uma atribuição de responsabilidade aos homens.

Inicialmente, me surpreendeu a reprodução dos discursos feita por Dona Leonídia, pois era uma mulher independente, aposentada e que, além de cuidar da casa, também trabalhava vendendo doces para ajudar no sustento financeiro da família. Além disso, todas as filhas mulheres da estudante também trabalhavam fora.

Durante o ano de 2018, Dona Leonídia não foi pontual e não foi assídua às aulas, porque, além de cuidar da filha que ganhou um bebê, ela foi atropelada por uma bicicleta, o que agravou os problemas de saúde que ela tinha e dificultou, conseqüentemente, o seu deslocamento até a sede do Instituto. No ano de 2019, em um dos encontros que tive com Dona Leonídia, ela me informou que não estava estudando no Instituto.

Dona Leonídia também era uma mulher esperta para compreender o que lhe era ensinado e muito rápida para fazer, principalmente, cálculos mentais, embora, achasse que *“gente velha não desenvolve muito”*. Assim como Aparecida, Dona Leonídia atrapalhava a

concentração das outras colegas, porque, quando terminava as atividades, começava a conversar com elas sobre outros assuntos.

A entrevista aconteceu na casa de Dona Leonídia, no dia 18 de dezembro, às 8 horas da manhã. Quando cheguei à sua casa, ela estava fazendo doce de figo para vender. Quem me recebeu foi seu esposo e ficou comigo na sala até que ela chegasse, porque estava terminando de encher um dos potes com o doce.

Durante boa parte da nossa conversa, o esposo de Dona Leonídia esteve presente e nos ouviu; ele fez alguns comentários sobre as respostas da esposa e também respondeu algumas perguntas espontaneamente. Ele me contou o que fazia antes de se aposentar e como fazia cálculos mentais para atingir a produção estipulada pelo supervisor no local em que ele trabalhava. Também relatou que não foi à escola, porque começou a trabalhar muito cedo. Parecendo não estar satisfeita com a participação do esposo, Dona Leonídia o repreendeu dizendo que eu estava ali para fazer uma entrevista com ela e não com ele. Embaraçado com a repreensão da esposa, ele ficou em silêncio, levantou-se da cadeira onde estava e foi se sentar no sofá da sala.

A entrevista com Dona Leonídia foi muito rápida, porque a estudante foi objetiva em suas respostas. Além disso, por não conseguir recordar alguns momentos de sua trajetória, algumas perguntas não foram respondidas. Enquanto conversávamos, Dona Leonídia me mostrava fotos de seus familiares, de suas/eus filhas/os e de suas/eus netas/os.

No final da nossa conversa, Dona Leonídia pediu que eu experimentasse alguns doces (de leite, de figo, de cidra) que ela fazia para vender. Também me mostrou seus trabalhos de crochê e de tricô e me contou que ganhava mais dinheiro quando era costureira do que agora que estava aposentada.

De acordo com o diretor do Instituto, Dona Leonídia vai às aulas conforme suas possibilidades, mas *“do jeito dela, turista de cena, foi até o final”*. Segundo ele: *“O negócio dela não é ler e escrever. O negócio dela é vir aqui, ter um contato com as meninas”*.

Para a professora, Dona Leonídia, mesmo *“turistando”* nas aulas, dava conta de fazer as atividades. Vanessa destacou que achava interessante o modo como Dona Leonídia fazia a leitura de determinadas palavras, porque ela soletrava todas as letras para formar as sílabas antes da leitura: *“Ela entendeu direitinho o processo de formação das palavras, só que ela não conseguia ler corrente. Então, ‘macaco’: ‘m’ e ‘a’, ‘ma’; ‘c’ e ‘a’, ‘ca’; ‘c’ e ‘o’, ‘co’: ‘ma-ca-co’”*.

No dia da aula em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, Dona Leonídia disse que é *“muito orgulhosa de ser mulher”*, mesmo *“lutando com a vida”*. Além disso, destacou que gosta de estudar no Instituto e aprender *“coisas novas”*.

Dona Leonídia faleceu em 2020, vítima de infarto do miocárdio.

### **Dona Rosa, 88 anos**

Dona Rosa é uma mulher serena, tem um tom de voz baixo para conversar; é uma mulher reservada. Sua fisionomia é muito semelhante com a da minha falecida avó e isso me trouxe boas recordações. A princípio, quando Dona Rosa se recusou a assinar o TCLE e pareceu indignada por ter que assinar um documento como aquele sem a autorização dos filhos, fiquei preocupada sobre como seria o nosso relacionamento; mas ela se mostrou muito carinhosa quando estive doente, no segundo semestre de 2018, sempre perguntando como estava a minha saúde e me sugerindo diferentes tipos de chás para tomar.

Quando Dona Rosa ia às aulas, ela sempre chegava mais cedo. E, quando eu chegava na sede do Instituto ABC, geralmente, ela já estava sentada na sala de aula: escrevendo no caderno ou lendo algum livro. Certo dia, ela me pediu para ler uma palavra que ela não estava entendendo. Eu fiz a leitura da palavra e, em seguida, ela me disse: *“se eu tivesse treinada na leitura, já tava lendo há muito tempo”*.

Dona Rosa deixou de frequentar o Instituto durante alguns meses, porque estava reformando uma casa de aluguel que foi invadida por um caminhão desgovernado e, segundo ela, não podia deixar os pedreiros sozinhos. Além disso, sofreu um acidente em casa e machucou um dos pés: isso a impossibilitou de andar durante algum tempo. Mesmo ficando um período sem ir às aulas, Dona Rosa ia até a sede do Instituto para pedir à professora algumas atividades escolares para fazer em casa. Inclusive, foi Dona Rosa quem pediu à professora para levar alguns livros de leitura para que ela pudesse *“treinar a leitura”* em casa. Achei o pedido muito interessante.

Em uma das aulas em que a professora propôs que elas fossem ao supermercado para verificar o preço de alguns produtos, Dona Rosa me confessou: *“eu sinto vergonha por ser velha e ter algumas dificuldades”*. Creio que ela deve ter se sentido constrangida de estar ali com as colegas aprendendo a olhar o preço de alguns produtos, enquanto outras pessoas estavam no mesmo local fazendo compras e observando-as. Na fala de Dona Rosa, também há certa decepção por sua atual condição: ser uma mulher mais velha e ter dificuldades.

Dona Rosa fazia algumas atividades lentamente, e isso parecia incomodá-la, principalmente quando percebia que as outras colegas já haviam terminado os exercícios e a professora a estava esperando. Por isso, com certa frequência, Dona Rosa comentava com a professora que estava *“atrasando”* o andamento da aula.

De acordo com o diretor do Instituto, Dona Rosa é *“pura... é uma pessoa de uma bondade, de uma transparência”*. Para ele, ela é uma senhora com quem *“a gente mais aprende do que ensina”* e vai ao Instituto ABC para *“só ensinar”*.

Segundo a professora, Dona Rosa conseguiu acompanhar as aulas no início do ano; depois ela encontrou algumas dificuldades, *“ela já se perdia nos registros”*. Vanessa também avaliou que, ao longo do ano, *“parece que ela deu uma envelhecida”* e que, talvez, por esse motivo, ela não estivesse acompanhando bem o ritmo das aulas. Além disso, segundo a professora, a ausência de Dona Rosa durante alguns meses (por causa do machucado no pé e da reforma na casa) também foi um agravante para as dificuldades.

Na aula em comemoração pelo Dia Internacional da Mulher, Dona Rosa agradeceu ao Luciano e à professora por tudo que eles estavam fazendo por ela: *“Só Deus pode pagar ocês tudo, tudo que cês tá fazendo pela gente”*.

### **Dona Terezinha, 64 anos**

Dona Terezinha também foi uma mulher que me encantou durante o trabalho de campo, pela vontade de aprender e pelo esforço empreendido nesse processo. Ela é uma mulher muito simpática e conhecia praticamente toda a minha família, por isso sempre me perguntava por eles. Além disso, também é uma mulher dinâmica, disposta, ativa, festeira e viajava muito. Nas segundas-feiras, ela relatava as viagens ou os bailes do final de semana dos quais ela participava.

O sonho de Dona Terezinha era aprender a ler: ela dizia que continuaria estudando no Instituto ABC até alcançar esse objetivo. No final do ano de 2018, ela já conseguia ler algumas frases, que a deixou muito satisfeita. Durante as aulas, era muito participativa e questionadora. Não gostava de ir para casa sem compreender o que a professora havia ensinado.

Em algumas aulas, ela compartilhou que, por não saber ler, perdeu muitas oportunidades na vida e *“passou vergonha”*. Ela perdeu um namorado por não saber ler; ele havia mandado um recado num bilhete marcando um encontro, mas ela não foi, porque não sabia ler o que estava escrito. Além disso, contou que quase foi parar em outra cidade, por não saber ler o letreiro do ônibus.

A entrevista com Dona Terezinha foi uma das mais difíceis, porque além de ter sido a primeira entrevista que realizei durante o trabalho de campo, ela me confidenciou momentos trágicos que vivenciou na infância, na juventude e também na vida adulta. Nós conversamos em sua casa no dia 11 de dezembro, a partir das 9 horas da manhã. Como ela estava sozinha em casa, ela não se importou com os gravadores e relembrou momentos impactantes de abusos,

abandonos, rejeições, humilhações, entre outros; e, ainda, lembrou de pessoas que, inesperadamente, atravessaram sua história pessoal, familiar e profissional, ora ajudando-a ora prejudicando-a. Provavelmente, ao lembrar certos momentos de sua história, algumas lembranças fizeram com que ela fosse obrigada a fazer pausas em sua fala, devido à emoção que lhe marejava os olhos.

Durante a nossa conversa, ela me mostrou algumas fotos de seus familiares e de suas filhas. No final, Dona Terezinha me convidou para tomarmos um café juntas; por isso, fomos até a cozinha, nos sentamos à mesa e continuamos conversando sobre os projetos que ela tem para reformar a casa onde mora.

Saí da entrevista angustiada com as coisas que ouvi e, ao mesmo tempo, emocionada ao perceber como Dona Terezinha superou as intempéries da vida e ainda tinha disposição e vontade de ir às aulas no Instituto para aprender a ler. Essa disposição para apropriar-se das práticas de leitura, a meu ver, parece revelar a intenção de Dona Terezinha de conquistar esse direito, o qual ela não teve, por diversas razões.

No dia seguinte, encontrei com a estudante na sede do Instituto ABC e ela me disse que tinha mais coisas para me contar. Então, ficamos de conversar novamente, mas não consegui marcar um novo encontro para uma entrevista gravada.

O diretor do Instituto atribuiu ao trabalho da professora a permanência de Dona Terezinha no Instituto durante todo o ano letivo de 2018, porque, em anos anteriores, segundo ele, ela “*era uma excelente turista*”.

Para a professora, Dona Terezinha “*evoluiu muito na leitura*”, apesar de ter dificuldades para entender a formação das palavras. De acordo com Vanessa, foi interessante ver sua permanência e sua persistência nas aulas, porque ela foi informada da infrequência da estudante em anos anteriores.

Dona Terezinha aproveitou a homenagem que elas estavam recebendo pelo Dia Internacional da Mulher e contou que o pai não permitia que ela estudasse, porque tinha o receio de vê-la escrevendo “*carta pro namorado*”. Também reconheceu sua infrequência nas aulas do Instituto em anos anteriores, mas destacou o quanto aprendeu: “*Entrava, saía, entrava, saía... Eu vou falar verdade, ler eu ainda não sei... Assim, ler não, mas aprendi muita coisa... Agora, ninguém me passa pra trás quando eu vou no mercado: sei olhar o preço das coisas, né? E olho direitinho... E dou graças a Deus, tô muito satisfeita.*”

**Dona Zélia, 61 anos**

Ao conviver com Dona Zélia, durante o ano de 2018, chamou a minha atenção os desabafos que ela fazia, dizendo que se sentia “ *muito sozinha* ”, mesmo morando com um dos filhos. Frequentemente, ela dizia: “ *A solidão é muito triste* ”. Em algumas aulas, ela dizia que eu e a professora Vanessa poderíamos ser suas filhas para que pudesse ter outras companhias.

Na busca por amenizar o sentimento de solidão, Dona Zélia regularmente participava das aulas no Instituto ABC e afirmava que estar ali a “ *distraía* ”. Apenas nos dias em que precisava ir ao banco para receber seu salário, ela não conseguia ir à aula. Sempre participava e fazia todas as atividades propostas pela professora, mesmo apresentando algumas dificuldades e inseguranças ao resolvê-las.

Quando a professora pedia às mulheres para escreverem seus nomes completos no caderno, eu via Dona Zélia retirar um papel da bolsa para copiar o que estava escrito nele. Curiosa para saber os dizeres do papel, pedi a estudante que me mostrasse o que estava escrito. Quando ela me entregou o papel, vi que seu nome completo estava registrado com letra cursiva, então, percebi que ela usava o pedaço de papel como referência para não errar a escrita do próprio nome.

A entrevista com Dona Zélia aconteceu no dia 13 de dezembro, começando às 8 e meia da manhã, em sua casa. Encontrei com Dona Zélia na rua, porque ela tinha ido numa mercearia comprar broa e rosquinhas para o café. Quando cheguei em sua casa, seu filho estava deitado em um quarto, próximo à cozinha, local em que a entrevista aconteceu. Quando iniciei a gravação da entrevista, o filho de Dona Zélia levantou e foi até a cozinha, mas, em seguida, voltou para o quarto. No final da minha conversa com Dona Zélia, ele foi conversar comigo sobre a licenciatura em física que ele estava cursando na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Também me perguntou sobre alguns conteúdos de matemática que ele estava com dificuldade para entender na disciplina de Cálculo. Nesse momento, percebi que Dona Zélia estava olhando para o filho com admiração pelos assuntos sobre os quais estávamos conversando.

Durante a entrevista, Dona Zélia foi objetiva em suas respostas e algumas perguntas ela não respondeu, dizendo: “ *Tem tanto tempo que algumas coisas a gente não lembra.* ” Ao recordar alguns momentos de sua história, ela ficou emocionada e seus olhos ficaram marejados.

Antes de terminarmos a entrevista, Dona Zélia pegou um álbum de fotografias para que eu conhecesse sua família e as atividades das quais ela já participou. Quando me mostrou a foto da filha, ela disse que não pôde “ *criar a menina* ”, por não ter condições financeiras para sustentá-la; nesse momento, ela chorou. No final, ela queria me levar até a entrada do bairro

onde morava, porque, segundo ela, era um bairro perigoso para andar sozinha, mesmo durante o dia.

Para o diretor, Dona Zélia “*se empodera*” ao frequentar as aulas no Instituto ABC. Segundo ele, a permanência da estudante na Instituição “*ajuda ela a enfrentar as dificuldades lá de fora. Aqui ela recarrega, pra poder enfrentar as batalhas lá de fora*”. As aulas são importantes também para que ela possa lidar com “*a baixa autoestima, com a negatividade e a solidão*”.

A professora também reforçou a percepção do diretor Luciano, ao dizer que, em várias aulas, o fato de “*se sentir sozinha*” atrapalhou Dona Zélia durante as atividades escolares. Além disso, de acordo com Vanessa, Dona Zélia não reconhecia todas as letras do alfabeto e não as memorizava, mas fazia todas as atividades: “*Eu sentia que ela queria fazer, mas ela não dava conta... Então, o tempo todo ela pedia ajuda... Ela não dava conta de fazer sozinha, mas ela ficava frustrada se a atividade não tava ali, tudo ali pronto.*”

Na aula em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, Dona Zélia compartilhou como sua frequência e participação no Instituto ABC a ajudou: “*Até a minha filha falou: ‘Mãe, depois que você entrou nesse negócio ABC ... Não tem mais reclamação que você adoce.’ Eu vivia só doente na cama.*” Isso aponta uma avaliação de Dona Zélia sobre a relação entre participar das aulas e a melhoria em sua qualidade de vida, já que estar ali tem lhe proporcionado uma melhora na saúde e momentos de felicidade: “*Agora, sou muito feliz de tá no ABC. A única coisa que me interte é a escola.*”

### **Edilsea, 53 anos**

Edilsea foi uma inspiração e um desafio durante o trabalho de campo. Ela me inspirou e me ensinou a ver a vida e as dificuldades que ela nos apresenta com outra perspectiva. Aprendi a reconhecer que todas as pessoas passam por privações (físicas, emocionais, financeiras, entre outras) e cada uma sabe a intensidade dos desafios que precisa enfrentar (e que enfrenta, ou não). Ao conviver com Edilsea, percebi como ela encarava e lidava com suas limitações físicas (por ser uma mulher cadeirante) e como valorizava sua independência para viver sozinha, cuidar de si mesma e tomar suas próprias decisões. Conhecer a estudante me disciplinou a ser grata pelos modos de lidar com os embaraços que a vida me apresenta.

Edilsea também se apresentou como um desafio, porque, em vários momentos das aulas, ela questionou o uso dos recursos tecnológicos de registro no trabalho de campo. Durante as aulas e na entrevista, ela fez vários comentários sobre o constrangimento que sente ao ser filmada e fotografada. Todavia, foi curioso vê-la filmar pedaços de algumas aulas e fotografar

o quadro da sala de aula, a professora e as colegas, quando, ainda no primeiro semestre de 2018, Edilsea comprou um celular com câmera. Ela também criou uma página no *facebook* e começou a postar fotos e mensagens. Edilsea foi quem comentou que, após entrar no Instituto ABC, ela “*saiu do anonimato*” (conforme está relatado no capítulo 2 deste texto).

Surpreendeu-me ver o desempenho e a facilidade que Edilsea apresentou em determinados conteúdos escolares, principalmente nas atividades de português, mesmo sem ter ido à escola. Ela relatou que aprendeu a ler e a escrever em casa “*de tanto ver televisão*” e “*brincava com as letras junto com irmã*”.

No início do trabalho de campo, Edilsea não me pareceu ser uma mulher paciente, porque não tolerava determinados comentários das colegas e da professora. Em algumas situações, chegou a ser indelicada e mal interpretada com os comentários que fazia. Incomodada com o seu próprio desempenho escolar e com o desempenho das colegas, ela disse: “*É bom aprender o português bem, pra não dar aquelas tropeçadas*”; e, indignada, concluiu: “*A pessoa lendo e ainda fala errado, eu não aguento.*”

A entrevista com Edilsea aconteceu no dia 18 de dezembro de 2018, às 9 e meia da manhã, após a entrevista que realizei com Dona Leonídia, porque as duas moravam no mesmo bairro. Assim que cheguei, a estudante estava do lado de fora da casa. Eu a chamei, mas ela fingiu que não estava me ouvindo, porque, segundo ela, estava “*com medo*” da entrevista.

Ela pediu que uma das irmãs preparasse um lanche para nós antes de iniciarmos a conversa. Então, tomamos um café e, em seguida, começamos a conversar. No momento em que pedi sua autorização para ligar o gravador, ela perguntou: “*Mas você tem que gravar mesmo? Não vai filmar não, né?*” Eu disse que só gravaria a voz, mas não a filmaria. Ela concordou. O receio de Edilsea era que eu a filmasse ali e divulgasse as imagens, porque, dentro de casa, ela consegue se locomover de um lugar para o outro se arrastando com o corpo, mas poucas pessoas a veem se movimentando dessa maneira.

Diante do “*medo*” de Edilsea, achei melhor iniciar a entrevista perguntando sobre assuntos relacionados à sua entrada e permanência no Instituto ABC, do que iniciar perguntando sobre sua história de vida pessoal e familiar. Em vários momentos da entrevista, ela disse que, após o gravador estar desligado, ela me contaria alguns momentos de sua trajetória. Mas, ainda assim, fiquei feliz por ela ter compartilhado comigo diversas situações de sua vida quando os gravadores ainda estavam ligados, porque, em geral, pelos discursos e posicionamentos assumidos durante as aulas, a impressão que eu tinha era que Edilsea era uma mulher desconfiada e reservada, até mesmo por causa das limitações em sua vida social, decorrente de suas condições físicas.

Como a entrevista durou quase duas horas, ela me convidou para almoçar com ela. Prontamente, aceitei o convite e a ajudei com a preparação dos alimentos. Após o almoço, quando estava me despedindo, Edilsea me pediu para tirarmos uma foto juntas, ao lado da árvore de Natal que ela havia montado.

De acordo com o diretor, a entrada de Edilsea foi um presente para o Instituto, por ela ser *“um ser humano extraordinário e mostrar que não dá pra avaliar um livro só pela capa”*. Luciano destacou, ainda, a satisfação em vê-la: *“uma pessoa com essa limitação toda, mas com sorriso no rosto”*, como um *“exemplo de vida e de superação.”*

Para a professora, durante o ano letivo, Edilsea desenvolveu *“tanto na questão cognitiva, como na questão de socializar, de expressão, de se soltar mesmo, de se sentir importante.”* Além disso, Vanessa pontuou que a estudante *“é uma pessoa muito curiosa e que pergunta muito.”* A professora também destacou como Edilsea a deixou embaraçada, após fazer um comentário e um questionamento sobre uma atividade para colorir que a professora Vanessa levou para as alunas da turma: *“Ah, mas colorir a gente colore em qualquer lugar, qualquer hora. Por que você não dá matemática?”*

Na aula em que se comemorou o Dia Internacional da Mulher, Edilsea comentou que, após ter entrado no Instituto, ela se sentia uma mulher *“muito feliz”*. Também fez uma comparação entre sua vida antes de iniciar os estudos no Instituto ABC e depois de estar ali: *“Antes eu não tinha nada pra fazer. Agora, eu estou empoderada!”*

### **Olga, 73 anos**

Assim como as outras mulheres, Olga me comoveu durante o trabalho de campo, por sua história de luta, de pobreza e de sacrifícios em prol da família. Com o passar dos dias, percebi que o silêncio de Olga na sala de aula fez e faz parte de sua trajetória marcada por sofrimentos e resiliências.

Nas aulas, a estudante era frequente, mas seus posicionamentos, em vários momentos, eram difíceis de compreender, porque eram marcados pelo silêncio. Ela não se expressava oralmente ou corporalmente com frequência; por isso era difícil flagrar suas dúvidas, concordâncias ou discordâncias em relação a determinados assuntos ou conteúdos escolares. Além disso, não fazia as atividades sozinha; era necessário que a professora a auxiliasse.

Quando Olga fazia algum comentário ou respondia alguma pergunta para a professora, as colegas a elogiavam e a incentivavam a conversar. No final de uma das aulas, Edilsea elogiou a estudante e a incentivou a *“falar mais”*, lembrando-a: *“não esquece do empoderamento que cê tem”*.

Um episódio marcante com Olga foi o dia em que Luciano a levou na cidade de Barbacena para que ela fizesse a segunda via da carteira de identidade. Prevendo que Olga poderia ficar nervosa no momento da assinatura, o diretor pediu que a professora escrevesse o nome completo da estudante em um papel para que ela o copiasse no documento. No dia em que a carteira ficou pronta, Luciano entregou a carteira de Olga na sala de aula e a parabenizou por ter assinado o nome, porque na carteira antiga havia apenas sua digital. Em seguida, todas as alunas a aplaudiram e pediram para ver a assinatura. Naquele dia, Olga mudou o semblante e sorriu, parecendo estar orgulhosa por ter assinado o nome no documento.

A entrevista com Olga aconteceu, no dia 14 de dezembro, a partir das 8 horas da manhã. Como ela não aceitou que nos encontrássemos em sua casa, marcamos a nossa conversa na sede do Instituto ABC. Avaliando que iniciar a entrevista perguntando sobre assuntos pessoais e familiares poderia inibir ou constranger de alguma maneira as entrevistadas, iniciei a conversa com Olga perguntando sobre assuntos escolares: a entrada dela no Instituto, as atividades propostas pela professora e os conteúdos que ela havia aprendido. No entanto, essa estratégia não funcionou como eu imaginava, porque a estudante não compartilhou muito sobre suas experiências escolares, pessoais e familiares: suas respostas foram objetivas e algumas perguntas ela não entendeu ou não teve vontade de responder. Além disso, não foi possível compreender, no dia da entrevista (e mesmo ouvindo as gravações posteriormente), algumas palavras e frases enunciadas por ela, porque Olga tinha dificuldades na fala.

De acordo com o diretor, mesmo não sabendo ler, Olga *“se sente bem em sentar em uma carteira, pegar um caderno, pegar uma caneta, um lápis e tentar escrever alguma coisa.”* Na entrevista com o diretor do Instituto, ele me contou sobre a emoção que sentiu ao levar a estudante para fazer a segunda via do documento de identidade e vê-la assinando o nome completo: *“Ela assinou e me olhou... Tem coisas que vou levar pro caixão quando eu for embora: o olhar da Olga quando ela assinou é uma delas... O olhar que ela me olhou nesse dia falou mais que um discurso. Ela falou com o olhar... O olhar fala e a Olga fala pelo olhar.”*

Para a professora, Olga também a *“desafiou muito”*, por ela não reconhecer as letras e, conseqüentemente, por não saber ler e escrever. Entretanto, segundo Vanessa: *“Ela aprendeu algumas letras, os números que ela não sabia... Ela já dava conta de escrever até dez. Mas, assim, muito limitada... Muito insegura.”* No final da entrevista com a professora, ela me contou sobre a sua frustração por não ter ajudado a estudante como gostaria: *“Fiquei um pouco frustrada de não ter conseguido, exatamente, achar uma metodologia que a atendesse.”*

Na aula em comemoração pelo Dia Internacional da Mulher, Olga destacou que gosta de estar no Instituto ABC estudando, porque ela se sente *“mais livre”*.

**Vanessa, 28 anos – professora**

Vanessa foi uma grande parceira durante o trabalho de campo. Além de oportunizar diversos conhecimentos e conteúdos escolares para as mulheres, também proporcionou atividades e conversas que me permitiram compreender os processos de apropriação de práticas de numeramento protagonizados por essas alfabetizadas na EJA.

No primeiro encontro que tive com Vanessa, ela me contou que era recém-formada no curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), no campus da cidade de Barbacena. Compartilhou que trabalhar no Instituto seria a sua primeira experiência na EJA, por isso estava “*apreensiva e ansiosa*”. Ela atribuiu à sua formação, o fato de estar insegura para trabalhar com o público adulto, mas, ao mesmo tempo, disse que estava “*feliz e entusiasmada pra viver essa experiência*”.

A entrevista com a professora aconteceu na minha casa, no dia 19 de dezembro, às 8 e meia da manhã. Naquele dia, mesmo já estando de férias, prontamente, ela aceitou o meu convite para conversarmos sobre sua experiência com a turma investigada.

– CAPÍTULO 4 –

**MULHERES EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO,  
ALFABETIZANDAS NA EJA, APROPRIANDO-SE DE PRÁTICAS DE  
NUMERAMENTO ESCOLARES**

*Sei que tenho muitos anos.  
Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as idades,  
mas não sei se sou velha, não.  
Você acha que eu sou?  
Posso dizer que eu sou a terra e nada mais quero ser.  
Filha dessa abençoada terra de Goiás.  
Convoco os velhos como eu,  
ou mais velhos que eu,  
para exercerem seus direitos.  
Sei que alguém vai ter que me enterrar, mas eu não vou fazer isso comigo.  
Tenho consciência de ser autêntica  
e procuro superar todos os dias minha própria personalidade,  
despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto,  
pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.*

*(Cora Coralina, Não tenho medo de envelhecer)*

No processo de organização do material empírico, que demandou diversas retomadas das gravações (em áudio e em vídeo) e a transcrição de algumas interações, chamou-nos a atenção a recorrência de enunciados proferidos pelas mulheres alfabetizadas que mobilizam ideias, representações, conceitos, regras, procedimentos e princípios matemáticos em diferentes modos de gerir o tempo: tomar decisões que envolvem prazos; lidar com situações que demandam identificar horários e datas em diferentes representações; resolver problemas em que é preciso calcular e comparar durações; memorizar e rememorar fatos passados e prever eventos futuros; e narrar vivências do tempo presente na relação com outros tempos. Por isso, diante do volume de material empírico de que dispomos, ocorreu-nos focalizar os eventos de apropriação de práticas de numeramento, os quais envolvem o tempo como grandeza mensurável e são confrontados com outras tantas referências ao tempo, sendo estas reiteradas nas enunciações dessas mulheres ou a elas dirigidas, conforme registramos na produção do material empírico e identificamos nos quadros que construímos.

Transitar pelos padrões de medida de tempo apresenta desafios conceituais e operacionais para as alfabetizadas em processo de envelhecimento, mobiliza memórias, arquétipos, interdiscursos (identificados nos eventos de apropriação de práticas de

numeramento relacionadas às medidas de tempo), além de outras oportunidades, nas quais testemunhamos manifestações sobre relações geracionais, processos de envelhecimento e expectativas em relação à vida escolar. Nesse sentido, observamos contribuições das ideias e das representações matemáticas para a expressão de angústias, de perspectivas, de expectativas e de modos de gestão do tempo, assumidos por essas mulheres alfabetizadas na EJA.

É vislumbrando possibilidades de tecer nossa análise, de modo a entrelaçar essas dimensões das práticas de numeramento relacionadas às medidas de tempo, para discutir oportunidades e interdições à constituição de mulheres em processo de envelhecimento de baixa escolaridade, pobres, negras, como mulheres de aprendizagem e conhecimento, vivência e cultura, memória e esquecimento, direito e expectativa, que focalizamos os eventos em que essas estudantes se veem às voltas com sistemas de medição de tempo, como, por exemplo, aqueles em que elas lidam com a consideração, a localização, a leitura, a avaliação e o registro de prazos de validade. Nesses eventos que se mostraram instigantes e, de certa forma, divertidos<sup>80</sup>, as mulheres se posicionam ao prestarem ou solicitarem informações, analisarem situações ou exporem e defenderem argumentos, por meio dos quais elas veiculam valores, mobilizam interdiscursos e se inserem em relações de poder. A dinâmica sempre responsiva dos jogos enunciativos que se conformam nesses posicionamentos produz identidades individuais e sociais dessas mulheres em processo de escolarização e reinvenção do envelhecimento.

Os eventos que foram analisados nesta tese poderiam ter sido identificados a partir dos marcadores sociais e relacionais que são tensionados nas interações. Todavia, ocorreu-nos identificá-los, na relação com os conteúdos matemáticos observados, por uma decisão estética de produção de texto, a qual se justifica por nossa preocupação, identificada com a proposta metodológica da etnografia, de caracterizar e explorar analiticamente a historicidade desses eventos, marcados por uma intenção pedagógica da professora e que, dado o contexto escolar, se conectam. Isso não significa que empreendemos análises *dos* conteúdos matemáticos que permeiam esses eventos, ou que tivéssemos o seu ensino ou sua aprendizagem como o objeto principal de nossa reflexão. Todavia, do ponto de vista das possíveis repercussões deste trabalho, para subsidiar a reflexão de professoras/es na EJA, consideramos que a proposição de um modo de compreender a relação com a matemática escolar pode contribuir para que essa/e

---

<sup>80</sup> Remetendo-nos a Umberto Eco (1985), não julgamos os eventos “divertidos” apenas porque nos tenham feito rir (embora isso tenha acontecido). “Divertir não significa di-verter, desviar dos problemas”, adverte Eco no pós-escrito a *O Nome da Rosa*, defendendo que a diversão faz com que a pessoa “aprenda algo sobre o mundo ou algo sobre a linguagem” (p. 23).

educadora/e acesse, por essa via, os modos de significação das/os estudantes e os seus modos de constituir-se nessas relações.

Por isso, nos três eventos selecionados para análise – 1. “*Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’*”; 2. “*Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado, uai... Seis... Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!*”; e 3. “*Nós dois tá com a cabecinha branquinha, né?*” –, procuramos analisar como aquelas mulheres se posicionam discursivamente e manifestam suas (in)disposições de engajamento nas práticas matemáticas, ensaiam avaliações das atividades escolares e de suas (im)possibilidades de êxito nas mesmas, ou elaboram concepções sobre matemática e sobre seu aprendizado, seu uso, sua importância na vida escolar e social, tensionando conhecimentos socialmente valorizados e os modos como se costuma (ou não) considerar pessoas em processo de envelhecimento, pouco escolarizadas (em especial, mulheres pobres), como mulheres de aprendizagens e conhecimentos, vivências e culturas, memórias e esquecimentos, direitos e expectativas.

As interações que reproduzimos ao longo deste capítulo se instituem a partir das vivências, das interdições e das estratégias à constituição de mulheres em processo de envelhecimento de baixa escolaridade e pobres, quando se veem às voltas com sistemas de medição de tempo, em especial, diante da leitura de prazos de validade. A análise das interações que vamos proceder compõe o nosso esforço de compreender o processo discursivo de apropriação de práticas de numeramento escolares orientadas pela abordagem do discurso, proposta por Fairclough (2001, p. 90), que considera “o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais”. Por isso, aos enunciados proferidos durante os eventos analisados articulam-se outros enunciados, proferidos em outras situações discursivas que registramos em nosso material empírico, de modo a contribuir para a compreensão das posições assumidas e da configuração dessas enunciações como constituintes dos processos de apropriação de práticas de numeramento escolares por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA.

#### 4.1 “Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’”: relações pragmáticas nas práticas de leitura de prazos de validade por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA

O evento que abre nossa análise nesta tese aconteceu na aula do dia 8 de agosto de 2018, data em que estavam presentes, na sala de aula, as alfabetizadas: Ana Maria, Aparecida, Dona Cecília, Dona Joana, Dona Terezinha, Dona Zélia, Edilsea e Olga. A professora Vanessa informou que ela começaria a trabalhar com assuntos do “*dia a dia*” das mulheres. Ela levou para a sala de aula folhas em que estava impressa a foto do rótulo de um bolo de banana industrializado (Figura 13) e distribuiu uma para cada estudante.

Figura 13 – Foto do rótulo do bolo de banana impresso na folha distribuída pela professora



Fonte: Material didático produzido pela professora para a aula do dia 08/08/2018.

Em seguida, a professora colou alguns envelopes no quadro e dentro de cada um deles havia a indicação de um tipo de informação do rótulo que as estudantes deveriam identificar: marca, validade, ingredientes, imagem, informações nutricionais, fabricação, código de barras, nome da empresa e nome do produto.

O primeiro elemento do gênero discursivo rótulo, sorteado por Edilsea para estudo naquela turma, conforme a dinâmica proposta pela professora, foi a validade (Figura 14).

Figura 14 – Edilsea retira o primeiro envelope do quadro contendo a informação validade



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 08/08/2018.

A interação transcrita no Quadro 11 tem origem numa dinâmica planejada e estabelecida pela professora para proceder uma análise metalinguística do gênero discursivo rótulo. Foi para explicitar o conjunto de informações que esse texto veicula (porque interessa a quem o produz ou a quem o consome, e/ou para atender às exigências legais) que a professora colou no quadro vários envelopes; no interior de cada um deles, havia uma ficha com o nome de um dos elementos que figuram num rótulo. “*Lendo rótulos*” foi o título dado pela professora para a atividade. A ordem em que tais elementos seriam contemplados na discussão seria aleatória, dependendo da escolha cega, feita por uma estudante convocada a ir ao quadro para escolher um envelope (sem saber que ficha ele continha).

Quadro 11 – “*Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’*”

| Aula do dia 08 de agosto de 2018<br>Quarta-feira – 08h às 10h – 49º dia de observação de aula<br>Tempo de gravação: 01:05:04 até 01:05:55 (Duração: 51s) |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Tempo de aula</i>                                                                                                                                     | <i>Participante</i>         | <i>Fala</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 01:05:04                                                                                                                                                 | <b>Vanessa (professora)</b> | <i>Então, olha só, dentro desses cartõezinhos aqui...</i><br>[Aponta para os envelopes que estão colados no quadro.]<br><i>... estão as características do rótulo. Então, a gente vai tirar, cada hora uma vai escolher, pra gente falar sobre cada uma, tá? Então a Edilsea vai escolher primeiro.</i><br>[Empurra a cadeira de rodas até o quadro e Edilsea retira um envelope, pega o papel que estava dentro dele e faz a leitura.] |
| 01:05:15                                                                                                                                                 | <b>Edilsea (53 anos)</b>    | <i>Validade.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 01:05:20                                                                                                                                                 | <b>Vanessa (professora)</b> | <i>Validade. Então, todo produto que a gente vai comprar... aí é produto alimentício, né? ... que a gente alimenta. Todos os produtos têm validade, tá? Então, nós vamos registrar aí no caderno. Vocês conseguem identificar qual que é a validade desse produto? Desse bolo de banana?</i><br>[Cada estudante começa a procurar a informação na folha impressa que havia recebido.]                                                   |

|          |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----------|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01:05:20 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Qual que é a validade?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 01:05:21 | Edilsea<br>(53 anos)        | <i>Oito dias.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 01:05:22 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Oito dias. Olha aí onde está escrito a validade.</i><br>[Levanta a folha do rótulo e aponta a data de validade para mostrar às outras estudantes que não conseguiram localizar a informação.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 01:05:23 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Está escrito assim: 'fabricado em...' E a 'validade: oito dias'. Isso aí deve ser um bolo caseiro, né? Oito dias, tá? Então, nós vamos registrar cada característica. Vou colocar o título aí: 'Lendo rótulos'. Todo mundo entende o que é rótulo?</i><br>[Escreve o título no quadro. Ninguém respondeu à pergunta da professora, porque começaram a copiar o título que estava no quadro.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 01:05:25 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Então, a primeira coisa que a gente viu aí é a validade. Todo produto alimentício e até os outros, eles têm lá validade. Por que é importante ter validade no produto?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 01:05:26 | Dona Joana<br>(63 anos)     | <i>Pra gente não consumir algo estragado.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 01:05:27 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Vocês têm hábito de ver a validade dos produtos que vocês compram?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 01:05:28 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Eu tenho. Mas, vou falar a verdade, eu não sei olhar não.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 01:05:29 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Não sabe não, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 01:05:29 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>Eu olho.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 01:05:30 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Eu peço pra olhar pra mim.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 01:05:31 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Geralmente, a validade, ela vem uma data. Esse aqui tá diferente.</i><br>[Aponta para o prazo de validade do rótulo do bolo de banana.]<br><i>Aqui tá a validade: oito dias. Então, eu tenho que olhar a data de fabricação. Então, vamos supor que o meu produto seja fabricado hoje. Hoje é dia oito. Aí, tem que contar oito dias pra frente, que é a validade dele. Mas, geralmente, a validade vem em número, por exemplo, vamos supor que eu comprei o biscoito hoje e aí vai tá escrito lá assim: 'válido até...' Aí, vamos supor 'dois de dezembro de dois mil e dezoito'.</i><br>[Escreve a data no quadro: '02/12/2018'.]<br><i>Até quando eu vou poder consumir esse produto? Dia dois; o doze representa aqui qual mês? Vocês sabem?</i> |
| 01:05:34 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>Dois?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 01:05:35 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Doze.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 01:05:36 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>Ah! Dezembro, uai.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 01:05:37 | Vanessa<br>(professora)     | <i>É o último mês.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 01:05:37 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>É, uai!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 01:05:38 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Então, ele dura até dez de dezembro de dois mil e dezoito.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 01:05:39 | Edilsea<br>(53 anos)        | <i>Ah! Não dura isso tudo não!</i><br>[Declara em tom de galhofa, sugerindo que independente da durabilidade do produto, seu consumo seria efetuado em prazo mais curto do que sua validade.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 01:05:40 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Não dura não, né? ...</i><br>[Parecendo entender a brincadeira de Edilsea.]<br><i>Ou ele pode ficar no supermercado até essa data, né? E é muito sério isso, a gente realmente tem que tá ligado nisso. Quando a gente não consegue olhar, a gente pede alguém. Mas logo vocês vão conseguir olhar.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 01:05:41 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>Eu gosto de olhar principalmente enlatado.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

|          |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|----------|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 01:05:43 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’</i>                                                                                                                                                                         |
| 01:05:44 | Vanessa<br>(professora)     | <i>É, tem que ficar de olho, porque o produto da promoção já está quase vencendo.</i>                                                                                                                                                                               |
| 01:05:45 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>Tem o leite.</i>                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 01:05:45 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Leite é mais perecível. Tem produto que vence mais rápido, igual o leite, os produtos que a gente chama perecível, né? Rapidinho eles vão vencer.</i>                                                                                                            |
| 01:05:47 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>É.</i>                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 01:05:48 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Então, o nosso produto aí, a validade dele é de oito dias, né? Então nós vamos anotar aí. Se o bolo tivesse sido fabricado hoje, eu ia poder comer ele até que dia?</i>                                                                                          |
| 01:05:49 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Hein?</i>                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 01:05:50 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Esse bolo é válido por oito dias. Então, imagina que ele foi fabricado hoje. Eu posso comer ele até que dia?</i><br>[Aparecida parece estar pensando na pergunta da professora, porque olha fixamente para o quadro; mas Dona Joana é quem responde a pergunta.] |
| 01:05:51 | Dona Joana<br>(63 anos)     | <i>Até terça-feira.</i>                                                                                                                                                                                                                                             |
| 01:05:52 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Oito dias pra frente vai dar que dia? ... Dia dezesseis. Vamos ver que dia que vai dar isso.</i>                                                                                                                                                                 |
| 01:05:53 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>Vai dar na quinta-feira que vem.</i>                                                                                                                                                                                                                             |
| 01:05:54 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Isso.</i>                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 01:05:55 | Aparecida<br>(56 anos)      | <i>Eu sou boa na soma. Isso é mamão com açúcar.</i>                                                                                                                                                                                                                 |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 08/08/2018.

### **“Pra gente não consumir algo estragado”**

A primeira enunciação da professora a respeito desse elemento (validade) enfatiza a necessidade e a universalidade do registro do prazo de validade dos produtos em seu rótulo, destacando, principalmente, aqueles que são do ramo alimentício (*“Validade. Então, todo produto que a gente vai comprar... aí é produto alimentício, né? ... que a gente alimenta. Todos os produtos têm validade, tá?”*).

Depois de estabelecer a validade como elemento obrigatório no rótulo de todos os produtos, a professora Vanessa, dentro de seu projeto de análise textual, volta sua intervenção pedagógica para a habilidade de localização dessa informação no texto<sup>81</sup>. Para isso, pergunta às estudantes se elas conseguiam identificar o prazo de validade do bolo de banana que estava

<sup>81</sup> O Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), criado com o objetivo de “produzir informações inéditas no Brasil que servissem para fomentar e qualificar o debate público sobre a qualidade da educação, sua adequação às demandas da contemporaneidade, seu impacto na vida das pessoas e no desenvolvimento do país” (RIBEIRO; LIMA; BATISTA, 2015, p. 11), através de um questionário detalhado, procura verificar a diversidade de práticas de leitura, escrita e cálculo em que pessoas jovens e adultas se engajam em seu cotidiano, “por meio das quais podem exercitar e desenvolver suas habilidades de alfabetismo” (RIBEIRO; FONSECA, 2015, p. 55). Entre as habilidades básicas funcionais avaliadas pelo Inaf, a localização corresponde “à capacidade de identificar, em um texto, uma ou múltiplas informações, que podem estar expressas de modo literal ou não” (ibidem, p. 60).

escrito no rótulo. Imediatamente (após um segundo da pergunta da professora), Edilsea, que era alfabetizada nesse sistema de registro de datas (numérico-verbal: 08 dias), localiza a informação e faz a leitura da resposta esperada pela professora (“*Oito dias*”).

A resposta de Edilsea, correta e imediata, poderia ser analisada como um indício de *apropriação* desse sistema de registro de datas, caso estivéssemos adotando um conceito de apropriação, comum no discurso pedagógico, que o relaciona “à ideia de desempenho e realização de ações bem-sucedidas pelo indivíduo” (SMOLKA, 2000, p. 32). A preocupação da professora, ao possibilitar que todas as estudantes tenham condições de apresentar respostas como a de Edilsea, de certa forma, reitera essa perspectiva.

Com efeito, ao perceber que identificar no rótulo e fazer a leitura do prazo de validade poderia não ser um exercício fácil para todas as estudantes, a professora levanta a folha na frente da turma para mostrar a localização da informação naquele texto (“*Olha aí onde está escrito a validade.*”). Aventamos, inicialmente, a hipótese de que a necessidade desse procedimento de auxílio para a localização dessa informação no rótulo pudesse ter sido consequência do modo como o rótulo estava impresso na folha que foi entregue às estudantes, uma vez que as informações contidas nele estavam escritas com letras pequenas, dificultando sua visualização pelas estudantes que apresentavam limitações visuais, em razão da idade ou de outros problemas de saúde. Essa hipótese pode nos ter imediatamente ocorrido em função de nossa frequente preocupação com a produção de materiais didáticos que atendam às necessidades de pessoas com limitações visuais, como é o caso de muitas/os estudantes em processo de envelhecimento.

Entretanto, a professora, em sua intervenção para auxiliar na identificação da informação, não se limita a apontá-la na folha que usa de modelo, para que as estudantes a localizassem em suas folhas pela referência *geográfica* (Figura 15) que assim oferecia. Ela informa também com que recursos dos sistemas linguísticos essa informação é veiculada, ou seja, ela se preocupa em dar dicas sobre o estilo do texto: “*Está escrito assim: ‘fabricado em...’ E a ‘validade: oito dias’*”.

Figura 15 – Com o auxílio da professora, as estudantes localizam o prazo de validade no rótulo impresso do bolo de banana industrializado



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 08/08/2018.

Em seguida, Vanessa abandona a análise textual e convoca as estudantes à produção de uma inferência, a partir da interpretação da informação: “*Isso aí deve ser um bolo caseiro, né? Oito dias, tá?*”. A professora, provavelmente, faz referência à sua avaliação da pouca durabilidade do produto, que ela relaciona a um conhecimento de que, na produção caseira, na sua grande maioria, os produtos teriam um prazo de validade menor por não possuírem substâncias ou se submeterem a processos artificiais de conservação, ao contrário da produção industrial, que precisa garantir uma durabilidade maior dos seus produtos – levando em consideração o processo de produção, de transporte e de exposição desses produtos.

O comentário de Vanessa sobre a natureza do bolo de banana (“*Isso aí deve ser um bolo caseiro*”) sugere que ela suponha um conhecimento compartilhado por suas interlocutoras, que estariam familiarizadas com a prática cultural de fazer bolos caseiros e com os limites de sua conservação no tempo. Essa suposição pode ter levado em consideração a avaliação da professora sobre as condições e demandas sociais, familiares e financeiras de suas alunas ao longo de suas histórias de vida (de mulheres, com filhos criados, muitas com netos, que, quando possível, produziam bolos e quitandas para o consumo doméstico e que, mais raramente, teriam condições financeiras para comprar esse tipo de produto industrializado, ainda mais na quantidade necessária para alimentar toda a família). Segundo Britto da Motta (1999, p. 210), as condições socioeconômicas de mulheres em processo de envelhecimento podem estar diretamente associadas à classe social e aos arranjos familiares a que estão submetidas e que vivenciam: “ser velha pode significar viver em grande pobreza, ou até na miséria, mesmo para aquelas originalmente de classe média, por tratar-se de uma geração de escassa participação no mercado de trabalho e, portanto, com poucos recursos pessoais de sobrevivência”.

Nessa direção, portanto, o comentário da professora Vanessa mobiliza na interação um conhecimento que se supõe compartilhado, relacionado a uma prática cultural (PINO, 2000; 2004), neste caso, a prática cultural das estudantes de preparação de bolos caseiros e – eventualmente – de compra de bolos industrializados.

As estudantes não manifestam acordo ou desacordo com aquele comentário; assim, podemos garantir se elas compreenderam ou não sua intenção. Elas apenas não se engajaram na discussão do argumento, até porque as atenções, naquele momento, estavam voltadas para a tarefa técnica de localizar a informação no texto. Porém, não se pode negar que ali se estabeleceu um exercício de abordagem do texto que atendia ao propósito pedagógico declarado da atividade (intitulada pela professora como “*Lendo rótulos*”): trabalhar com algo que ela julgava ser familiar (“*do dia a dia*”) no cotidiano das estudantes (ou que poderia, de certa forma, contribuir para o): identificar as informações contidas nos rótulos dos produtos.

Esse propósito, entretanto, sucumbe à dinâmica escolar da atividade e às intenções didáticas de uma atividade em um curso de alfabetização ligadas ao exercício do registro escrito. São essas intenções, tacitamente pactuadas entre as participantes, que fazem todas se preocuparem com a proposição do registro (“*Então, nós vamos registrar cada característica. Vou colocar o título aí: ‘Lendo rótulos’.*”) e com sua execução, o que tira o foco da resposta que deveriam dar à professora sobre a compreensão do que seja rótulo.

Essa indagação (“*Todo mundo entende o que é rótulo?*”), no entanto, parece indicar que a professora Vanessa considera a possibilidade de as estudantes não compreenderem o termo rótulo, ou sua função nos produtos, ou mesmo não o terem identificado fora de seu suporte genuíno (uma vez que lhes foi apresentado por meio de uma cópia impressa em papel sulfite, desvinculado da embalagem do respectivo produto). Vanessa, então, após ter estabelecido o tópico da análise textual (“*Então, a primeira coisa que a gente viu aí é a validade.*”), reitera considerações sobre a prática discursiva que estabelece as características do gênero rótulo (“*Todo produto alimentício e até os outros, eles têm lá validade.*”) e procura encaminhar a discussão para a *prática social* que definiria a universalidade do registro do prazo de validade em todos os produtos (“*Por que é importante ter validade no produto?*”).

Se a pergunta da professora faz referência a um cuidado (ou exigência) do gênero discursivo rótulo, a resposta de Dona Joana assume o leitor presumido como o protagonista, ao justificar a importância de tal informação, ou do acesso a ela, na tomada de decisão sobre (não) consumir determinado produto: “*Pra gente não consumir algo estragado*”. Nesse sentido, Dona Joana declara aderir a uma prática social que submete sua decisão de consumo de produto alimentício a uma informação veiculada por escrito, em detrimento do exame visual (ou olfativo, ou por paladar, por exemplo) desse produto. Dessa forma, Dona Joana se apropria do

(e reproduz o) discurso construído e estabelecido por certos grupos culturais (PINO, 1993) que desaconselham o consumo de produtos com prazo de validade vencido.

***“Eu tenho. Mas, vou falar a verdade, eu não sei olhar não”***

Também é adesão a uma prática social hegemônica (conferir importância à leitura do prazo de validade antes da efetivação ou não da necessidade ou do desejo da compra de algum produto) o que ecoa na pergunta da professora sobre o costume das estudantes, agora como sujeitos da prática e da oração gramatical, de *localizar, ler e considerar* – que é o que a professora parece identificar como “*ver*” – a validade: “*Vocês têm o hábito de ver a validade dos produtos que vocês compram?*”

Dona Terezinha, porém, dissocia essas três atividades que a professora parece ter condensado no verbo “*ver*”. Ela afirma *considerar* a validade, mas confessa não saber *ler* essa informação (e, talvez, nem sequer *localizá-la* no rótulo): “*Eu tenho. Mas, vou falar a verdade, eu não sei olhar não*”. Essa dissociação denuncia interdições sofridas pela Dona Terezinha ao longo da vida, as quais se estabelecem por sua condição de analfabeta nesse sistema de registro de datas, como consequência de sua exclusão por razões econômicas e culturais do sistema escolar quando criança ou adolescente: “*Meus pais não estudou e não sabia ler. Eles não deixava a gente entrar na aula, porque dizia que ia aprender a escrever carta pros namorados, sabe? Então, só os homens estudou... Mas, mesmo assim, não dava para estudar muito, porque eles trabalhava na roça.*”. A situação econômica de extrema pobreza, vivenciada na infância, na juventude e até na vida adulta, antes da conquista da aposentadoria, relatada à pesquisadora durante a entrevista (“*Eu já passei tanta fome que tudo que me dá vontade de comer, eu como mesmo. Pode tá caro, mas se me deu vontade de comer, eu vou comer. Tem dia que me dá vontade comer aquelas bexigas que parece mortadela, aquelas fininhas, compridinhas: é tipo um salame. Era dezenove reais, eu falei: ‘Eu vou comprar, eu tô com fome. Eu tô com vontade.’ Aí comprei.*”) também a impediu de desenvolver protocolos de compra dos próprios produtos nos estabelecimentos comerciais, por viver, principalmente de doações. Entre esses protocolos, figura “*o hábito de ver a validade dos produtos*”.

Isso nos remete à complexidade das relações com o texto e com as práticas discursivas de uma maneira geral, pois elas não se restringem a um conjunto de possibilidades sintáticas e semânticas, visto que são decisivamente configuradas a partir da dimensão pragmática dessas práticas de leitura e de produção de textos (orais, escritos ou gestuais, verbais, simbólicos ou icônicos).

Consideramos as dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas das práticas de numeramento, em conformidade com a perspectiva adotada por Maria Fonseca (2020), quando identifica e analisa interações discursivas de processos de apropriação de práticas de numeramento em contextos de aprendizagem de matemática em diferentes escolas da EJA. Fonseca mostra como essas dimensões coexistem e são mobilizadas por pessoas jovens e adultas em seus esforços de significação das práticas de numeramento escolares. No desenvolvimento desse argumento, para fins analíticos, Fonseca relaciona o conhecimento e a consideração das regras técnicas que regem as relações entre os elementos do léxico, os procedimentos e mesmo os conceitos matemáticos à dimensão sintática. A abordagem da dimensão semântica tensiona estudos e práticas pedagógicas que analisam ou procuram promover os processos de significação da linguagem matemática, atribuindo a esses processos uma perspectiva que se volta quase que exclusivamente para a função denotativa da linguagem (matemática). Por fim, a dimensão pragmática concebe o funcionamento da linguagem, dos conceitos e dos processos matemáticos, de acordo com os usos e as intenções dos sujeitos nas interações discursivas que os utilizam ou contemplam. Intenções e usos são também parametrizados pelas condições e referências socioculturais dos sujeitos e, junto com elas, conformam seus modos de relação com o texto.

Nessa perspectiva, o modo como a Dona Terezinha interfere na pergunta da professora Vanessa alerta para relações pragmáticas com o texto, que parecem que tinham escapado à professora em relação ao “*hábito*” de leitura dos prazos de validade: que algumas mulheres não eram alfabetizadas nesse sistema de registro de datas (“*Eu não sei olhar não.*” – Dona Terezinha; “*Faço compra com a minha filha, mas é ela que olha a data de validade.*” – Dona Cecília); que outras mulheres não chegaram a fazer as próprias compras, pois não tiveram condições financeiras suficientes para isso, sendo dependentes do auxílio de outras pessoas e/ou instituições religiosas e/ou programas sociais, situação que, na maioria das vezes, fez com que elas confiassem que suas/eus benfeitoras/es não fariam doações de produtos que não pudessem ser consumidos, ou abdicassem desse critério de consumo, ou, ainda, nem tivessem essa preocupação (“*Minha irmã começou a me ajudar. Ela chegou aqui de noite e viu que eu tava sem nada dentro de casa, não tinha nada, na lata não tinha nada... Ela falou assim: ‘Océ junta sua roupa e vamos lá pra casa.’*” – Dona Irene); que outras delas, por sua vez, dependiam de algum familiar para comprar o que precisavam, cabendo a este estabelecer os critérios para seleção dos produtos a adquirir ou o exercício dos critérios eventualmente acordados entre elas e o comprador (“*Eu não sei nada, eu não faço compra, é minhas menina que faz. A minha lista é grande.*”; “*De primeira, os marido que saía de manhã no sábado e trazia um saco cheio nas costas, esses é que era bom. Ele vai lá, ele faz compra, né? ... Traz um saco de mantimento,*

*mulher não punha a mão não... Era assim.*” – Dona Idalina); que outras mulheres compravam ou consumiam (ou usavam) os produtos de acordo com sua marca, preço, aparência, textura, aroma ou com a própria necessidade, desconsiderando, assim, restrições impostas pelo prazo de validade (“*Olhar a marca e o preço é fatal*” – Edilsea); e, mesmo, que algumas das mulheres alfabetizadas (no sistema de registro de datas) desse grupo não teriam o costume de conferir esses prazos de validade, porque confiariam na responsabilidade e no compromisso das/os proprietárias/os e/ou das/os funcionárias/os dos estabelecimentos comerciais de não exibirem nas prateleiras produtos que não pudessem ser consumidos (“*Esse supermercado aqui é ótimo. Você encontra tudo de bom que você quer.*” – Dona Joana).

Essas (im)possibilidades da relação com o texto que veicula a data de validade, de certa forma, interditam (porque inviabilizam, dispensam, ou relativizam) a essas mulheres – em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA – a leitura dos prazos de validade dos produtos (localização do registro, apropriação dos sistemas linguísticos que os expressam, uso e avaliação da informação veiculada). Essa interdição, todavia, também compõe essa prática de numeramento (leitura de prazos e datas de validade) protagonizada por aquelas mulheres e estabelece as condições de sua apropriação por elas como um modo próprio de constituir (ou não) o “*hábito de ver a validade dos produtos*”.

### **“Eu peço pra olhar pra mim”**

Na sequência da interação, Dona Terezinha reitera a dissociação entre o domínio dos códigos e a compreensão dos sistemas de escrita da validade, de um lado, e a prática de leitura, de outro. Com efeito, se a resposta da professora (“*Não sabe não, né?*”) sugere que ela não estaria tão surpresa com o fato de Dona Terezinha (e, possivelmente, outras estudantes da turma que silenciam diante de sua pergunta) não saber “*olhar*” a validade, a réplica de Dona Terezinha confronta a possível conclusão de que ela estaria completamente distanciada daquela prática de leitura. Dona Terezinha explicita sua tática (CERTEAU, 1998) para acesso e uso pragmático dessa informação: “*Eu peço pra olhar pra mim*”.

O posicionamento discursivo que Dona Terezinha assume desafia a lógica escolar que supõe a impossibilidade de participação na prática de leitura àqueles que não dominam o sistema de escrita utilizado. A esse raciocínio estão associados não só uma concepção de prática de leitura, mas também modos de ver o mundo e de valorar habilidades que sustentam essa concepção e, conseqüentemente, as práticas escolares de ensino da leitura (SOARES, 2001). Ao aventar a possibilidade de pedir a uma pessoa (talvez, mais jovem do que ela, ou que ela suponha que domine as habilidades requeridas; talvez funcionária/o do estabelecimento ou

outro/a consumidor/a) e manifestar sua disposição de fazê-lo, Dona Terezinha, a despeito de sua incapacidade de “*olhar*” a validade do produto que compra, reitera o valor que atribui ao acesso àquela informação, seu conhecimento de que tal informação é veiculada naquele suporte, sua compreensão do que aquele texto comunica, sua capacidade de avaliá-lo e de usá-lo, bem como seu reconhecimento da posição que assume naquela interação, ao anunciar sua inserção e seu modo de participação naquela prática social.

A professora, por sua vez, opera didaticamente visando a apropriação dos aspectos estilísticos e sua semântica, que subsidiariam a compreensão dos modos de registro da validade nos rótulos dos produtos. Isso evidenciado, por exemplo: em suas intervenções, ao explicar como os registros dessas datas poderiam aparecer nas embalagens, apresentando os recursos linguísticos que são utilizados para esse fim (“*Geralmente, a validade, ela vem uma data. Esse aqui tá diferente. Aqui tá a validade: oito dias. Então, eu tenho que olhar a data de fabricação.*”); ao propor exemplos com uma data hipotética de fabricação do bolo – que não estava registrada no rótulo impresso na folha de papel entregue às estudantes – para que elas calculassem a data de vencimento (“*Então, vamos supor que o meu produto seja fabricado hoje. Hoje é dia oito. Aí, tem que contar oito dias pra frente, que é a validade dele.*”); ou, ainda, propondo, também por hipótese, um outro rótulo, de outro produto, em que a validade fosse registrada de outra forma, para ensinar como decodificar esse registro e seu significado (“*Mas a validade vem em número, por exemplo, vamos supor que eu comprei o biscoito hoje e aí vai tá escrito lá assim: ‘válido até...’ Aí vamos supor ‘dois de dezembro de dois mil e dezoito’. Até quando eu vou poder consumir esse produto?’”).*

O empenho da professora em manter uma estrutura fiel aos princípios da prática de numeramento escolar revela uma preocupação semântica e sintática, que supõe que estudar um rótulo de bolo de banana facilitaria a compreensão dos aspectos tipicamente escolares relacionados aos prazos de validade (localização no texto, sistema de escrita, leitura e decodificação, cálculos e estimativas). Por outro lado, há também uma dimensão pragmática que orienta sua proposta de atividade – que é a busca de uma situação (“*do dia a dia*”) de identificação e leitura de rótulos, supostamente familiar àquelas estudantes adultas e em processo de envelhecimento.

É, portanto, no âmbito de uma aula planejada numa perspectiva atrelada, de certa forma, à escolarização da leitura (com atividades de análise metalinguística e exercícios em contextos fictícios) que a professora Vanessa manifesta seu reconhecimento daquelas estudantes como mulheres de aprendizagem: “*Mas logo vocês vão conseguir olhar*”. Todavia, aderindo à valorização da dimensão pragmática daquela prática de leitura, pautada na interação por Dona Joana (“*Pra gente não consumir algo estragado.*”), por Aparecida (“*Eu olho.*”), por Dona

Terezinha (“*Eu peço pra olhar pra mim.*”) e por Edilsea (“*Ah! Não dura isso tudo não!*”), a professora, ao reiterar a maior relevância do acesso à informação veiculada pelo texto em relação à técnica de decodificá-lo (“*E é muito sério isso, a gente realmente tem que tá ligado nisso. Quando a gente não consegue olhar, a gente pede alguém.*”), confirma o protagonismo daquelas estudantes na condução da interação. Além disso, na proposição de suas réplicas às intervenções delas (“*Não dura não, né?*”; “*É, tem que ficar de olho.*”; “*Leite é mais perecível.*”), também as reconhece como mulheres produtores de conhecimento e de cultura.

Considerar as participantes da pesquisa como mulheres de aprendizagem e conhecimento implica reconhecer esse grupo cultural de mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, como um grupo capaz de apropriar-se de novos conhecimentos (incluindo os conhecimentos escolares) ao atribuir-lhes novos significados (PINO, 2000; OLIVEIRA, 2001), confrontando-os com conhecimentos que mobilizam e que produzem na interação. A apropriação “não é uma operação simples, que possa ser reduzida a um mero processo de aprendizagem” (PINO, 1993, p. 22), ela está relacionada ao problema da significação e de como os sujeitos interpretam, participam e se posicionam em determinada situação social (escolar ou não) para aprender e *tornar seu* os valores, as regras e os conhecimentos socialmente valorizados (SMOLKA, 2000).

Considerar a aprendizagem e a produção de conhecimento no âmbito escolar, como processos de apropriação de práticas discursivas escolares, está em sintonia com o que se tem observado nos estudos sobre a aprendizagem das pessoas adultas e em processo de envelhecimento (VEJA; BUENO; BUZ, 1995; BRITTO DA MOTTA, 1998; OLIVEIRA, 2001; DEBERT, 2004; BALTES *apud* NÉRI, 2006). Tais estudos assumem que o nível de competência cognitiva dessas pessoas não é determinado apenas por sua idade cronológica ou como produto do seu desenvolvimento biológico ou comportamental, mas é influenciado por uma série de fatores relacionados à saúde (física e psicológica) e por questões ligadas à história social e cultural dos indivíduos e dos grupos a que pertencem ou de que participam. Esses fatores, assim, parametrizam, potencializam, interditam ou relativizam o processo de apropriação de práticas sociais, entre elas os modos de conhecer escolares (em especial, as práticas de numeramento escolares), protagonizados por essas mulheres alfabetizadas na EJA.

A aprendizagem, desse modo, produzida no confronto do conhecimento do outro (escolar) com o conhecimento próprio das estudantes, regido por intenções pragmáticas de quem ensina e de quem aprende. Essas intenções são informadas pelas referências culturais que forjaram a produção do conhecimento, seus modos de expressão, seus usos e sua inserção nas práticas escolares. Nesse sentido, o próprio ato de ensinar e de se dispor a aprender a ler os

prazos de validade supõe a consideração de modos de inserção desse conhecimento em diferentes campos culturais.

A proposição das réplicas e as intervenções feitas por aquelas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, por sua vez, revelam sua condição de mulheres produtoras de conhecimento. A partir dos protagonismos que elas assumem na interação, em relação à importância da leitura dos prazos de validade dos produtos e das táticas para acessá-la, essas mulheres evocam o conhecimento que “já existe na sociedade em forma de produções e práticas sociais” (PINO, 2004, p. 448), re-significam-nos e os *tornam próprios*. Nesses processos, elas operam, inclusive no discurso, um assumir-se como mulheres de conhecimentos sobre prazos de validade, que foram produzidos e utilizados por pessoas de outros grupos culturais ou por outras pessoas do mesmo grupo cultural. Por isso produzem enunciações em que se colocam como mulheres das práticas sociais que envolvem a leitura dos prazos de validade: “*Pra gente não consumir algo estragado.*”; “*Eu tenho [hábito de ver o prazo de validade].*”; “*Eu olho.*”; “*Eu peço pra olhar pra mim.*”; “*Eu gosto de olhar principalmente enlatado.*”; “*Eu falo...*”; “*Eu sou boa na soma.*”

***Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’***

Nesta atividade escolar, através da mediação da professora Vanessa, as estudantes Aparecida, Dona Joana, Dona Terezinha e Edilsea procuram compreender significados (semânticos e pragmáticos) atribuídos ao prazo de validade do bolo de banana e, a partir deles, produzem novos discursos e/ou reiteram discursos já estabelecidos. Os conhecimentos mobilizados e produzidos por essas mulheres, e que se expressam no seu discurso, emergem da relação dialética estabelecida entre elas e “um outro”, que parametriza o que elas elegem para ser conhecido (neste caso, os sistemas de registro do prazo de validade em rótulos, instituídos e adotados socialmente, portanto definidos pelos conhecimentos e intenções pragmáticas dos grupos sociais que os produzem e utilizam), conforme nos indicam os estudos de apropriação baseados na corrente histórico-cultural (PINO, 1993; 2000; 2004; SMOLKA, 2000). Esses estudos nos ajudam a compreender que o ato de conhecer dessas mulheres é “uma atividade de natureza semiótica” (PINO, 2004, p. 450), portanto, é uma produção social “de muitos ‘outros’, os quais se constituem por isso mesmo em guias na atividade de conhecer” (PINO, 2004, p. 458).

Nessa direção, consideramos que a aprendizagem do conhecimento socialmente produzido sobre “*ver*” (localizar, ler e considerar) os prazos de validade dos produtos é um bem cultural de que essas mulheres, alfabetizadas na EJA, apropriam-se não apenas naquela

aula, mas ao longo da vida, em eventos que protagonizam ou testemunham, relacionados a prática social e que convocam naquela interação. Nesse movimento de apropriação, as mulheres produzem significados próprios na relação dialética entre os valores e as intenções pragmáticas que ali se confrontam.

Com efeito, assim como Edilsea, ao ler a informação no rótulo (“*Oito dias.*”) e avaliar a razoabilidade de um exemplo hipotético (“*Ah! Não dura isso tudo não!*”), ou como Dona Joana, ao se prontificar a esclarecer o uso que se faz dessa leitura (“*Pra gente não consumir algo estragado.*”) e se dispor a utilizar a informação do prazo de validade para calcular até que dia o bolo de banana a que se referia o rótulo poderia ser consumido – entrando, assim, na “ordem do discurso” estabelecida na prática de numeramento proposta (“*Até terça-feira.*”) –, Aparecida também demarcará sua relação com essa prática de numeramento afirmando sua adoção (“*Eu olho.*”) e dando, na sequência, não apenas demonstrações de seu domínio do sistema e da avaliação de seu próprio êxito (“*Ah! Dezembro, uai.*”; “*É, uai!*”; “*É.*”; “*Vai dar na quinta-feira que vem.*”; “*Eu sou boa na soma. Isso é mamão com açúcar.*”), como também do conhecimento e da avaliação pragmáticos de seu uso e relevância: “*Eu gosto de olhar principalmente enlatado.*”; “*Tem o leite.*”

Também Dona Terezinha, ao explicitar um uso pragmático que a faz avaliar a necessidade da leitura do prazo de validade, ainda que ela não saiba fazê-lo, mais uma vez, demarca essa dissociação entre possuir a técnica e fazer o uso, que traz o exemplo mais forte da supremacia do aspecto pragmático sobre os aspectos sintático e semântico: “*Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’*”. Dona Terezinha faz essa indicação da “*promoção*” por ser essa uma prática com a qual ela (uma mulher idosa, alfabetizada na EJA, viúva, sozinha e responsável pelas próprias compras, após já ter vivido condições de extrema pobreza) frequentemente se depara, ao entrar nos estabelecimentos comerciais e visualizar cartazes (ou imagens em folhetos) grandes, coloridos e chamativos, mostrando ao consumidor os produtos que tiveram uma redução em seus preços. Nesse sentido, para Dona Terezinha, saber ou não ler o prazo de validade não a impede de reconhecer e participar da prática comercial, empreendida por esses estabelecimentos, de retirar do estoque e das prateleiras produtos (talvez, em grande quantidade) com prazos próximos da data de vencimento, e lhes dar destaque na loja, colocando-os, assim, “*em promoção*”. Em entrevista cedida à pesquisadora, Dona Cecília também reitera sua opinião sobre o funcionamento dos supermercados e o cuidado que se deve ter com produtos vencidos: “*porque no supermercado, às vezes, eles coloca coisas vencidas. A gente tem que ficar esperto.*”

Se considerarmos a articulação “entre o discurso e a estrutura social” (ou, de modo mais geral, “entre a prática social e a estrutura social”) estabelecendo, assim, uma relação dialética

(FAIRCLOUGH, 2001, p. 91), podemos inferir que Dona Terezinha, ao expressar sua tática, provoca uma dissociação das práticas de ensino e de aprendizagem tipicamente escolares que restringem a apropriação a questões apenas semântica e sintática, e não consideram conhecimentos, valores, táticas e habilidades construídos pelas mulheres em diferentes fases de seu processo de envelhecimento, pobres, viúvas e estudantes na EJA, produzidos e apropriados por elas em outros espaços sociais. Nessa direção, o discurso assumido por Dona Terezinha articula novas significações em relação aos processos de aprendizagem, convocando um diálogo entre a prática escolar de leitura de prazos de validade e a prática comercial com a qual ela tem mais intimidade. Com efeito, esse posicionamento, reitera como o discurso pode contribuir para a compreensão das “‘identidades sociais’ e das ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’” (ibidem) e como a aprendizagem está radicalmente imersa em processos coletivos, tendo a apropriação de práticas de numeramento – que, como práticas sociais são produzidas pelo mundo e por elas mesmas – o efeito de, por sua vez, também produzir a elas mesmas e o mundo.

Ao tornar próprio, tornar seu e significar aquilo que lhe foi apresentado ao participar da prática de numeramento escolar (SMOLKA, 2000), Dona Terezinha, ressignifica não apenas as dimensões sintáticas e semânticas que envolvem o registro de prazos de validade, mas também sua condição de mulher idosa e analfabeta diante do sistema de registro de datas. Essa abordagem relacional do processo de apropriação de práticas de numeramento escolares nos indica a emergência de uma mulher em processo de envelhecimento, pobre, viúva e alfabetizanda na EJA que se posiciona ativamente e (re)estrutura as práticas escolares, não se sujeitando a ser posicionada, conformada ou inferiorizada por elas, como indica Fairclough (2001), ao considerar a constituição dialética do sujeito que ora se coloca como um agente ativo nas práticas discursivas, ora se apresenta como um efeito ideológico das condições sociais e das relações de poder.

Nesse sentido, as posições assumidas nesse jogo interlocutivo contribuem para que possamos ver o discurso não somente como socialmente constituído, mas também como socialmente constitutivo, pois “contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

A sequência dessa interação indica, de um lado, os esforços empreendidos pela professora no sentido de ensinar as estudantes a identificar e a ler os prazos de validade dos produtos; e, de outro, o tensionamento dessa intenção de aculturação exercido pela fala da Dona Terezinha, que, referenciada na prática social de compra de produtos, convoca, em seu

movimento de apropriação da prática de letramento de leitura de prazos de validade, a tática de pedir o auxílio de outras pessoas. Com efeito, esse posicionamento discursivo não expressa apenas questões individuais, mas é condicionado por estruturas sociais mais amplas, em uma relação entre o discurso e a prática social.

A relação entre discurso e prática social também pode ser observada no material empírico produzido por SOUZA (2008) em sua tese de doutorado, na qual a autora analisa a produção de jogos de verdade nas práticas de numeramento realizadas por mulheres e homens que trabalham em uma Associação de Catadores de Papel e Material Reciclável, em Governador Valadares, considerando as relações de gênero e as diferentes matemáticas que eles produzem e mobilizam. Para a produção do material empírico, a pesquisadora coordenou algumas oficinas para essas catadoras e esses catadores, estudantes na EJA, com objetivo de abordar questões referentes ao trabalho na Associação.

Em uma dessas oficinas, a pesquisadora supracitada intencionou alertar o grupo de catadoras e de catadores sobre os perigos de se consumirem produtos com prazos de validade expirados. A partir desse propósito, ela promoveu atividades que favorecessem a leitura dos prazos de validade dos produtos e oportunizassem uma reflexão sobre o assunto. No entanto, ela percebeu que, nas relações que aquelas mulheres e aqueles homens constroem, as habilidades de leitura dos números ou do cálculo sobre prazos de validade não figuravam a questão mais importante. Embora as mulheres, principalmente, recorressem à mesma tática utilizada pela Dona Terezinha de pedir o auxílio de outra pessoa (provavelmente, alfabetizada no sistema de registro de datas) para ler a data de validade dos produtos, a decisão de consumi-los ou não, em especial, quando se tratava de remédios, não dependia apenas do acesso àquela informação veiculada pelo texto: “*se passa [na esteira] um remédio, eu peço: ‘ô fulano lê aqui pra mim’, aí olho se tá vencido, se não tá... Aí penso e, às vezes, eu tomo*” (SOUZA, 2008, p. 272).

Vemos, portanto, duas diferentes relações com a informação que o texto da validade expressa. Dona Terezinha sugere a consideração da proximidade da data de vencimento dos produtos em sua decisão sobre sua compra e, conseqüentemente, seu consumo (“*Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’*”). Entretanto, a decisão das catadoras de pegar ou não o remédio na esteira (de triagem do lixo), e de vir a consumi-lo (“*Aí penso e, às vezes eu tomo.*”) ou ministrar em um filho, por exemplo, tem outras condicionantes, determinadas por necessidades outras daquelas mulheres da Associação de Catadoras e Catadores, e não mediada pelas disponibilidades e restrições interpostas pela prática da aquisição pela compra. Essa possibilidade de “*ler*” os prazos de validade, mas não

ser interdita por eles para o consumo e o uso dos produtos, se torna real quão mais vulneráveis são as populações: *“as relações são outras, a vida é outra”* (SOUZA, 2008, p. 273).

Portanto, o confronto entre as práticas sociais do cotidiano e as práticas escolares, nos eventos protagonizados pelas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, estudantes do Instituto ABC de Barroso, e pelas catadoras de material reciclável de Governador Valadares, leva-nos a considerar e a refletir sobre a dimensão dialética das relações entre prática social e prática discursiva. Se há um movimento de constrangimento do discurso imposto pela prática escolar (saber ler o prazo de validade de um produto), também há uma autonomia dessas mulheres – alfabetizadas na EJA e das catadoras da Associação – para (re)significar essa prática a partir do modo como a vida é produzida e como as relações são estabelecidas (FAIRCLOUGH, 2001).

#### **4.2 “Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado uai... Seis... Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!”: localização, integração, elaboração e apreciação nas práticas de leitura de mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA**

Na sessão anterior, analisamos processos de apropriação de práticas de numeramento protagonizados por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, no contexto de um estudo metalinguístico do gênero discursivo rótulo, a partir de um texto desse gênero reproduzido em uma folha sulfite, ou seja, fora do seu suporte genuíno. A análise nos permitiu confrontar a relação dialética entre as práticas sociais do cotidiano e as práticas escolares que constituem as (e são constituídas pelas) posições e identidades sociais dessas mulheres. Durante a atividade escolar, observamos que, além de ressignificar as dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas que envolvem o registro e a leitura de prazos de validade, essas estudantes também conferem diferentes sentidos à sua condição de mulheres em processo de envelhecimento numa situação de alfabetização escolar.

Após trabalhar com o rótulo de um bolo de banana industrializado, impresso em uma folha de atividades escolares, a professora Vanessa permanece com a proposta de trabalhar com o gênero discursivo rótulo. No entanto, na aula do dia 13 de agosto de 2018, o conjunto de informações que esse texto veicula passa a ser estudado em seu suporte genuíno, embora a situação estabelecida na sala de aula fosse ainda uma situação essencialmente didática, em que a leitura dos rótulos era, a princípio, motivada e propiciada exclusivamente pela intenção didática da atividade. Com essa intenção, a professora Vanessa dirige-se ao almoxarifado do Instituto ABC, pega alguns produtos alimentícios que ficam guardados na despensa escolar e os distribui às estudantes presentes na sala de aula.

Os produtos alimentícios foram distribuídos pela professora da seguinte maneira: a dupla formada pelas irmãs Dona Joana e Dona Terezinha recebeu um pacote de macarrão; Ana Maria e Dona Irene receberam uma garrafa de óleo de cozinha; Dona Zélia e Olga receberam um pacote de canjiquinha; Dona Idalina recebeu um pacote de feijão; e, Dona Cecília e Edilsea receberam uma caixa de aveia. No decorrer da atividade, a professora pede que as estudantes identifiquem alguns elementos contidos nos rótulos desses produtos – tipo de produto, marca, prazo de validade e quantidade do produto –, e os escrevam em seus respectivos cadernos (Figura 16).

Figura 16 – As estudantes analisam os rótulos nas embalagens dos produtos



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 13/08/2018.

Embora a atividade planejada pela professora envolva a habilidade de localizar essas informações no texto, a marca e o prazo de validade são as características dos rótulos que mais desencadeiam diálogos, dúvidas, tensionamentos e posicionamentos discursivos entre as estudantes e a professora da turma. Isso tem como justificativa o fato de existir um apelo dessas mulheres pela apropriação da prática de leitura e escrita desse sistema linguístico de registro de datas, ainda que a apropriação do sistema alfabético também lhes seja um desafio, como pode ser observado no Quadro 12.

Quadro 12 – “É igual fazer arroz, feijão e carrão.”

| Aula do dia 13 de agosto de 2018<br>Segunda-feira – 08h às 10h – 51º dia de observação de aula<br>Tempo de gravação: 1:35:10 até 1:45:50 (Duração: 10min40s) |                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Tempo da aula</i>                                                                                                                                         | <i>Participante</i>           | <i>Fala</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 1:35:10                                                                                                                                                      | <b>Dona Idalina (74 anos)</b> | <i>Ô, gente! Pra quem não sabia era nada, até que nós tá sabendo... Eu no meu caso, eu tô sabendo é bem.</i>                                                                                                                                                                                                                  |
| 1:35:16                                                                                                                                                      | <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Tá, ih! Aprende todo dia, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1:35:24                                                                                                                                                      | <b>Dona Cecília (91 anos)</b> | <i>Tem muitas conta que é difícil.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 1:35:27                                                                                                                                                      | <b>Dona Idalina (74 anos)</b> | <i>Ô, gente! Mas fala a verdade, né? ... Não precisa das conta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 1:35:32                                                                                                                                                      | <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>[Inaudível.] ... A questão é prática, né? ... Quando a gente faz uma coisa... Quando a gente faz uma coisa várias vezes, a gente vai pegando prática, né? ... Por exemplo, coisas que cês fazem no dia a dia, acaba que..., coisas que cês faz todo dia, acaba que vai aprendendo e depois vai fazendo automático, né?</i> |
| 1:35:49                                                                                                                                                      | <b>Dona Cecília (91 anos)</b> | <i>É.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 1:35:49                                                                                                                                                      | <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Mas tem que aprender, né? ... Pra gente poder dar conta de resolver os problemas da vida.</i>                                                                                                                                                                                                                              |
| 1:35:56                                                                                                                                                      | <b>Dona Idalina (74 anos)</b> | <i>É igual fazer arroz, feijão e carrão.<br/>[Gargalha e algumas estudantes sorriem.]</i>                                                                                                                                                                                                                                     |

|         |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:35:57 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Carrão? Carrão é macarrão?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 1:34:01 | <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>Macarrão.</i><br>[Olha para a pesquisadora e gargalha.]<br><i>Ah, gente!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 1:34:07 | <b>Vanessa (professora)</b>     | [Levanta uma embalagem de caixa de aveia na frente da turma.]<br><i>Ninguém mais lembrou de trazer não, lembrou?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1:34:07 | <b>Dona Zélia (61 anos)</b>     | <i>Não.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 1:34:11 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Eu vou achar.</i><br>[Entrega a embalagem da caixa de aveia para Dona Cecília e Edilsea.]<br><i>Cês duas vão usar esse.</i>                                                                                                                                                                                                                                                      |
|         |                                 | [Vanessa sai da sala de aula. Enquanto isso, as estudantes fazem alguns comentários, mas, por causa do barulho de alguns carros que passavam perto da janela da sala de aula onde estávamos, não foi possível ouvi-los. Em seguida, a professora volta com alguns produtos alimentícios, segurando-os com ambas as mãos.]                                                           |
| 1:35:06 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Ó! O nome do óleo é o nome do Instituto ABC.</i><br>[Gira a garrafa de óleo que está segurando. No rótulo está escrito 'ABC'. Gargalhada de Dona Idalina e sorrisos de Dona Irene. Sem demora, Vanessa entrega um produto para cada dupla de estudantes.]                                                                                                                        |
| 1:35:33 | <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>O bom é que cada dia nós faz uma coisa diferente.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 1:35:34 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>É, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 1:35:36 | <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>É muito bom!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1:35:40 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Essa semana vou trazer uma surpresa pra vocês...</i><br>[Apaga o quadro e Dona Terezinha que estava no banheiro, volta para sua carteira ao lado da Dona Joana.]<br><i>Agora, nós vamos analisar os rótulos aí, tá? Cada uma vai analisar o seu rótulo aí... Então, vamos lá! Colocando aí: 'lendo rótulo' ...</i><br>[Escreve o título da atividade no quadro: 'Lendo Rótulo'.] |
| 1:36:24 | <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | [Pergunta à Dona Joana:]<br><i>Cê trouxe macarrão?</i><br>[Refere-se ao macarrão que estava na mesa de Dona Joana.]                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1:36:27 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Cês lembram quais informações que...</i><br>[Dona Terezinha, Dona Joana e a professora gargalham.]<br><i>Eu peguei ali na despensa.</i>                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1:36:32 | <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>Ah!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1:36:35 | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Dá pra fazer uma sopa pra nós, depois...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 1:36:39 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Vamos lá...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 1:36:40 | <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>É pra escrever aquilo lá, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1:36:41 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>É, 'lendo rótulo'. Nós vamos ler esses rótulos aí que cês tão na mão.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 1:36:54 | <b>Dona Cecília (91 anos)</b>   | <i>Copiar lá ou cá?</i><br>[Dúvida que ocorreu pelo fato de a professora ter dividido o quadro em duas partes, separando uma parte para anotar as informações dessa atividade, pois outra parte do quadro estava ocupada com problemas matemáticos propostos à turma naquele mesmo dia, em atividade anterior a essa.]                                                              |
| 1:37:09 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>A senhora vai copiar lá e a cá...</i><br>[Ao dizer: "a cá", aponta para o caderno de Dona Cecília.]<br><i>Terminou aí, Ana? ...</i><br>[Dirige-se à mesa de Ana Maria para auxiliá-la.]<br><i>Então, o que que a gente encontra no rótulo mesmo? ... Vamos ver se ocês lembram.</i>                                                                                              |

|         |                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|---------|----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:37:15 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos) | <i>A validade?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 1:37:16 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Validade, que mais?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1:37:19 | <b>Dona Joana</b><br>(64 anos)   | <i>Vencimento.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 1:37:22 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Vencimento, validade, mais o quê?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 1:37:29 | <b>Edilsea</b><br>(53 anos)      | <i>Propriedades, calorias...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1:37:29 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Esses valores nutricionais.</i><br>[Edilsea gargalha.]<br><i>Mais o quê? ... Eu vou falar igual eu falo no primeiro ano: "Nós já estudamos isso..."</i><br>[Algumas estudantes sorriem.]                                                                                                                                                                                                               |
| 1:37:53 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | <i>É...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 1:37:54 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos) | [Pega o pacote de feijão com as mãos e faz uma pergunta, sem direcioná-la à professora ou a alguma estudante:]<br><i>Onde que eu acho o rótulo aqui, meu Deus?</i>                                                                                                                                                                                                                                        |
| 1:37:56 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Por todo lado. O rótulo é todas as informações, né? ... Todas as informações do produto.</i><br>[Pega o pacote de feijão das mãos de Dona Idalina para mostrá-lo à turma e as outras estudantes observam atentamente a demonstração da professora.]<br><i>Isso que eu quero saber: quais informações que a gente tem nos produtos? A Dona Joana falou 'validade'. Mais o quê que a gente encontra?</i> |
| 1:38:11 | <b>Dona Cecília</b><br>(91 anos) | [Dirige-se à Edilsea e pergunta:]<br><i>Cê leu a validade?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 1:37:14 | <b>Edilsea</b><br>(53 anos)      | <i>Eu não li não... Valor nutricional.</i><br>[Segura a caixa de aveia com as mãos e começa a observá-la.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1:37:15 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Os valores nutricionais.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 1:37:17 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | <i>A marca.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 1:37:17 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>A marca, muito bem... [Inaudível.] Os ingredientes...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1:37:31 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | <i>É pra escrever aqui 'macarrão'?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 1:37:35 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>O que que é, né? O que que é o produto. Todo mundo copiou aquilo ali?</i><br>[Aponta para o título que está registrado em um dos lados do quadro.]<br><i>A gente vai colocando e vocês vai identificando aí, tá? Primeira coisa que eu quero que vocês identifica aí...</i><br>[Dona Joana e Dona Terezinha apontam para o quadro para silabar o que está escrito.]<br><i>...é a marca.</i>            |
| 1:37:54 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | <i>Marca do macarrão?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1:37:55 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Qual que é a marca do macarrão aí?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1:38:00 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | [Pronuncia uma a uma as sílabas da marca do macarrão:]<br><i>A-má-lia.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1:38:03 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Quais outras marcas de macarrão têm?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 1:38:06 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | <i>Ah, você sabe que eu não sei não.</i><br>[Coloca a mão no rosto e olha para a professora.]<br><i>Tem o talharim...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1:38:18 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>A mais famosa é a Amália, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1:38:21 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | <i>É... É Amália.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

|         |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:38:29 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Então cês vão registrar aí...</i><br>[Aponta para o quadro.]<br><i>Vocês vão colocar 'marca' e, na frente da marca, vocês vão colocar 'Amália'.<br/>Qual que é a marca da canjiquinha?</i><br>[Aponta para o pacote de canjiquinha que entregara para Dona Zélia e para Olga.] |
| 1:38:29 | Dona Zélia<br>(61 anos)     | [Segura o pacote de canjiquinha com as mãos e pergunta à professora:]<br><i>Esse aqui mesmo?</i>                                                                                                                                                                                  |
| 1:38:30 | Vanessa<br>(professora)     | <i>É o que tá maior aí.</i>                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 1:38:32 | Dona Zélia<br>(61 anos)     | <i>Este aqui.</i><br>[Aponta para a palavra que está registrada na embalagem com as letras maiores.]                                                                                                                                                                              |
| 1:38:33 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Isso, ó....</i><br>[Aponta para a marca da canjiquinha.]<br><i>Pereira.</i>                                                                                                                                                                                                    |
| 1:38:34 | Dona Zélia<br>(61 anos)     | <i>Pereira.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 1:38:35 | Vanessa<br>(professora)     | <i>É a marca da canjiquinha. Então vocês vão anotar...</i><br>[Dirige-se ao quadro para mostrar o registro da palavra 'marca' no quadro.]<br><i>'Marca' e colocar 'Pereira' ... E do feijão?</i><br>[Dirige-se à carteira de Dona Idalina.]                                       |
| 1:38:42 | Dona Idalina<br>(74 anos)   | <i>Sei lá. Tô olhando aqui.</i><br>[Observa atentamente o pacote de feijão.]                                                                                                                                                                                                      |
| 1:38:44 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Tem Pereira também, feijão.</i><br>[Refere-se à marca do feijão Pereira.]                                                                                                                                                                                                      |
| 1:38:50 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Geralmente a marca, ela vem em destaque, né?</i>                                                                                                                                                                                                                               |
| 1:38:54 | Dona Idalina<br>(74 anos)   | <i>Aqui?</i><br>[Aponta para o nome da marca do feijão.]                                                                                                                                                                                                                          |
| 1:38:54 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Isso. Vamos lá!</i><br>[Aponta para o nome da marca e auxilia Dona Joana a fazer a leitura.]                                                                                                                                                                                   |
| 1:38:55 | Dona Idalina<br>(74 anos)   | <i>Lo-re-do.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 1:39:01 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Isso, Loredó.</i>                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1:39:03 | Dona Idalina<br>(74 anos)   | <i>Lo-redo.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 1:39:03 | Vanessa<br>(professora)     | <i>É a marca do feijão.</i>                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 1:39:03 | Dona Joana<br>(63 anos)     | <i>É pra escrever 'Santa Amália'? Não, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                    |
| 1:39:04 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Pode ser só 'Amália'.</i>                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1:39:08 | Dona Idalina<br>(74 anos)   | <i>É pra escrever? É pra escrever 'feijão'?</i>                                                                                                                                                                                                                                   |
| 1:39:11 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Primeiro escreve a 'marca', depois vocês vão colocar na frente.</i>                                                                                                                                                                                                            |
| 1:39:16 | Dona Idalina<br>(74 anos)   | <i>A marca é isso aqui, né?</i><br>[Aponta para o nome da marca no pacote de feijão, dirigindo a pergunta à professora, mas não obtém resposta.]                                                                                                                                  |
| 1:39:18 | Vanessa<br>(professora)     | [Pergunta à Dona Cecília e observa o que ela escreveu no caderno:]<br><i>Qual que é a marca da farinha aí? ... 'Quaker'. Isso aqui que a senhora pôs, né?</i><br>[Aponta para o nome da marca na embalagem da caixa de aveia.]                                                    |
| 1:39:24 | Dona Cecília<br>(91 anos)   | <i>É.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 1:39:25 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Quaker, isso.</i>                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1:39:26 | Dona Terezinha<br>(63 anos) | <i>Já puis.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                   |

|         |                                 |                                                                                                                                                               |
|---------|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:39:36 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b> | <i>A marca já puis.</i>                                                                                                                                       |
| 1:39:36 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b> | <i>Qual que é a marca do óleo, Dona Irene?</i><br>[Gira a garrafa do óleo que está na mesa de Dona Irene até encontrar a marca.]                              |
| 1:39:41 | <b>Dona Irene<br/>(78 anos)</b> | <i>'ABC'.</i>                                                                                                                                                 |
| 1:39:42 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b> | <i>Isso, 'ABC'.</i><br>[Sorri, após ouvir a resposta de Dona Irene.]                                                                                          |
| 1:39:46 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b> | <i>Macarrão com ovos.</i>                                                                                                                                     |
| 1:39:47 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b> | <i>Fabricado aqui no ABC.</i><br>[Acrescenta em tom jocoso.]                                                                                                  |
|         |                                 | [Vanessa espera cada estudante escrever em seu caderno a marca do produto e, em seguida, pede para que elas escrevam o nome do produto que estão analisando.] |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 13/08/2018.

**“O bom é que cada dia nós faz uma coisa diferente... É muito bom!”**

A longa transcrição que reproduzimos acima (Quadro 12) descreve uma interação que durou cerca de 4 minutos e que tem início com uma avaliação positiva feita por Dona Idalina em relação ao próprio processo de aprendizagem, após a atividade de matemática, proposta pela professora Vanessa, de resolução de problemas envolvendo as operações de adição e subtração. Depois de resolver os exercícios no quadro e corrigir os registros das estudantes em seus respectivos cadernos, indo de carteira em carteira, Vanessa prepara a turma para o início de outra atividade de leitura de rótulos, conferindo se as estudantes, conforme um combinado anterior, tinham se lembrado de trazer embalagens para a aula (“*Ninguém mais lembrou de trazer não, lembrou?*”). Como elas se esqueceram (“*Não.*”), a professora vai ao almoxarifado da Instituição (“*Eu vou achar.*”) e busca alguns produtos alimentícios que estavam armazenados lá para a merenda escolar e para montar as sextas básicas que são distribuídas aos alunos e à comunidade.

Após distribuir um produto para cada dupla de estudantes (apenas Dona Idalina recebe um produto para trabalhar sozinha), Vanessa informa à turma que a próxima atividade do dia seria continuar analisando rótulos, mas, agora, na própria embalagem do produto (“*Agora, nós vamos analisar os rótulos aí, tá?*”). Como mostramos na seção anterior, na atividade da véspera, em que se iniciou o trabalho pedagógico da professora com o gênero discursivo rótulo, toda a turma analisou o mesmo rótulo impresso em folha sulfite de um bolo de banana industrializado e, à medida que as informações eram identificadas no texto, antes de serem registradas individualmente por cada estudante em seu respectivo caderno, elas eram discutidas coletivamente na turma. Entretanto, na atividade analisada nesta seção, numa situação de laboratório de sala de aula, a professora propôs que o exercício de localizar, identificar e tentar

fazer a leitura das informações contidas em diferentes rótulos, agora em suas respectivas embalagens, fosse realizado em dupla (conforme a distribuição dos produtos feita pela professora) ou individualmente (no caso de Dona Idalina), cada qual analisando o rótulo de um produto diferente: *“Agora, nós vamos analisar os rótulos aí, tá? Cada uma vai analisar o seu rótulo aí.”*

Embora muitas discussões e dúvidas tenham ocorrido entre as componentes de cada dupla e a professora, ou entre as estudantes que estavam sentadas mais próximas na sala de aula, o auxílio da professora<sup>82</sup> a cada estudante, individualmente, principalmente em relação à leitura e ao registro das palavras e dos números, e as demonstrações e explicações feitas por ela para todas as mulheres da turma foram desencadeadores de posicionamentos discursivos das estudantes que, assumindo-se como mulheres de aprendizagem, também se colocavam como mulheres de conhecimento, de vivência e de cultura, de memória e de esquecimento. Nesse processo, a própria ação da professora que, em muitas explicações para uma dupla ou uma estudante convocava a atenção de toda a turma e, principalmente, a recorrente preocupação com o aprender das colegas, que se observa nas estudantes desta turma e em muitos relatos de interações de sala de aula da EJA – mais frequentemente, mas não exclusivamente, entre estudantes adultas/os e idosas/os do que entre estudantes jovens (cf. FARIA, 2007; SCHNEIDER, 2010; SIMÕES, 2010; SOUZA e FONSECA, 2010; FONSECA, 2021) – contribuem para o estabelecimento de uma dinâmica coletiva de apropriação de práticas de

---

<sup>82</sup> Identifica-se a disposição da professora em auxiliar as estudantes em diversas enunciações desta interação: *“Cês duas vão usar esse.”; “Então, vamos lá! Colocando aí: ‘lendo rótulo’.”; “Vamos lá.”; “A senhora vai copiar lá e a cá.”; “Terminou aí, Ana?”; “Então, o que que a gente encontra no rótulo mesmo?”; “Mais o quê? ... Eu vou falar igual eu falo no primeiro ano: ‘Nós já estudamos isso.’”; “Isso que eu quero saber: quais informações que a gente tem nos produtos? ... Mais o quê que a gente encontra?”; “A marca, muito bem.”; “O quê que é, né? O quê que é o produto?”; “Todo mundo copiou aquilo ali?”; “A gente vai colocando e vocês vai identificando aí, tá?”; “Quais outras marcas de macarrão tem?”; “A mais famosa é a Amália, né?”; “Vocês vão colocar ‘marca’ e, na frente da marca, vocês vão colocar ‘Amália’. Qual que é a marca da canjiquinha?”; “É o que tá maior aí.”; “Isso, ó.”; “Então vocês vão anotar... ‘Marca’ e colocar ‘Pereira’ ... E do feijão?”; “Geralmente a marca, ela vem em destaque, né?”; “Isso, vamos lá!”; “Isso, Loreda.”; “É a marca do feijão.”; “Pode ser só Amália.”; “Primeiro escreve a ‘marca’, depois vocês vão colocar na frente.”; “Qual que é a marca da farinha aí? ... ‘Quaker’. Isso aqui que a senhora pôs, né?”; “Quaker, isso.”; “Qual que é a marca do óleo, Dona Irene?”; “Isso, ‘ABC’.”; “Mais o quê que a gente encontra aí no rótulo? Vamos pôr a validade.”; “Agora a validade? Cada uma vai procurar pra mim a data do seu produto.”; “Essa aí, tá aqui... Tá aqui: ‘validade’.”; “Vou procurar.”; “Macarrão? Dois erres.”; “Aí é massa com ovos.”; “‘Macarrão’ não tá escrito não, porque eles trocam por ‘massa’, mas nós conhece macarrão, né? ... Então, é assim que escreve ‘macarrão’, quer ver? ‘M, a, ma, ca, c, a, r, r, a, o’.”; “Achou, Dona Idalina?”; “Não, ‘validade’ a senhora já escreveu, agora cê vai pôr o número.”; “Aqui.”; “Vamos ver a validade do óleo aí, se tá vencido, Dona Irene?”; “Onde que a gente vai achar a validade?”; “Aqui, ó! ... Tá vendo? Esse tá pretinho, ó.”; “Vamos ver a data da canjiquinha.”; “Então, a senhora vai colocar ‘validade’.”; “Não, é porque o da senhora é dois mil e dezenove.”; “Não, o dezoito.”; “Escreve dois mil e dezenove.”; “É, agora é a validade.”; “Achou?”; “Agora, a validade é aqui, ó! ... alá.”; “Não, só a data mesmo”; “Não, a senhora já escreveu aqui.”; “Olha só, vamos analisar aqui então... Então, seis é que mês?”; “Cês entendem quando tem um número?”; “Isso. Então isso cês entendem.”; “Então, vamos entender agora, ó.”; “É só a senhora associar, se a senhora não guarda na..., de cabeça, é só a senhora fazer, ó.”; “Só a senhora ir contando até chegar, ir falando o mês e pondo os dedos, entendeu?”; “Todo mundo pôs a data? A validade?”; “Não, ó.”; “Aqui, ó.”; “É. Lá em cima é fabricação.”; “Mas a senhora não pôs o seis não.”*

numeramento, mesmo numa atividade, a princípio, individual, ou com um texto específico para cada dupla (“*O que você está achando de nós?*”; “[A turma] *Tá evoluindo.*”; “*Nós estamos chegando lá.*”; “*Ó, gente! Pra quem não sabia era nada, até que nós tá sabendo.*”; “*Nós tamo aprendendo, não tá?*”; “*Até que a gente tá aprendendo bem.*”). A disposição dessas mulheres para um aprendizado coletivo integra a cultura daquela sala de aula (CASTANHEIRA, *et al.*, 2001; GREEN *et al.*, 2005; BLOOME, 2012) e compõe os modos de constituição delas mesmas como mulheres aprendizes, mulheres de conhecimento, mulheres que vivenciam e produzem cultura, mulheres que, pragmaticamente, recordam e esquecem.

Essa disposição para o aprendizado coletivo, que se relaciona à preocupação com o aprendizado umas das outras, manifesta-se também na avaliação de Dona Idalina, provocada pela entrega dos produtos que seriam analisados na atividade, mas agora voltada ao trabalho didático planejado e elaborado pela professora: “*O bom é que cada dia nós faz uma coisa diferente... É muito bom!*” Esse tipo de avaliação do trabalho pedagógico não é incomum entre essas mulheres, alfabetizadas na EJA, que estudam no Instituto ABC. Ao longo do trabalho de campo e das entrevistas realizadas, identificamos, nas interações e nos posicionamentos discursivos das participantes da pesquisa, avaliações como essas, permeadas: por elogios, agradecimentos e outros tipos de reflexões positivas; por enunciados que veiculam discursos de baixa autoestima; por críticas à própria *performance* enquanto aprendizes, ou avaliações positivas de seu próprio desempenho ou do desempenho da turma, e, muitas vezes, pedidos para que a professora expresse sua avaliação a esse respeito; além de observações, nem sempre elogiosas, sobre o material didático, eventualmente seguidas de sugestões de aprimoramento.

É nesse sentido que identificamos, como produção de conhecimento e como participação na construção do trabalho pedagógico daquela escola, as enunciações<sup>83</sup> registradas ao longo de todo o material empírico deste estudo, nas quais essas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, avaliam: as aulas (“*Hoje a aula foi muito boa!*”; “*Nunca tivemos uma aula assim.*”; “*A aula teve boa demais.*”; “*Estava muito gostosa a aula.*”; “*O bom é que cada dia nós faz uma coisa diferente.*”; “*É muito bom!*”); as atividades e os materiais didáticos (“*Um pouco difícil.*”; “*Eu vou esperar, porque a letra [impressa na folha de atividades] é muito miudinha pra enxergar.*”; “*Atividade é meio chatinha.*”; “*Isso é mamão com açúcar.*”); os conteúdos escolares (“*Português é muito complicado.*”; “*Tem conta que é*

---

<sup>83</sup> O termo *enunciação* refere-se aqui “à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador (aquele que fala ou escreve), tendo em vista um enunciatário (aquele para quem se fala ou se escreve)” (ASSIS, 2014, p. 99). Segundo Bakhtin (2006), “a enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um ‘horizonte social’. Há sempre um interlocutor, ao menos potencial” (p.17).

*difícil.*”; “*Tem umas conta mais difícil também, aquela de levar pra cima, aquela eu não acho muito boa não. Eu gosto dessa outra que é mais fácil: a de somar. Mas essa aqui: vai um e volta pra baixo; essa eu já não sou muito amante dessa conta não.*”; “*Matemática não é difícil não.*”); as habilidades e o desempenho das colegas da turma e de si mesmas (“*Uma gosta de colorir [Dona Idalina] e a outra gosta de apagar o quadro [Dona Cecília].*”; “*A de noventa anos: rápida no raciocínio, na matemática... Enquanto você pensa, a outra já deu a resposta... A outra já vai colando.*”; “*Eu sou a mais burra da sala.*”; “*Só eu que tô ficando pra trás.*”; “*Pra quem não sabia nada, eu, no meu caso, tô sabendo bem.*”; “*Esse ano, pelo menos, eu sinto que eu aprendi bem.*”); a professora e a relação pedagógica (“*Ela está boa pra ensinar nós.*”; “*Tô aprendendo, porque a professora é boa.*”; “*A professora é uma ótima pessoa, atenciosa, carinhosa e muito dedicada... Até fico emocionada ao falar dela.*”; “*A professora dá com tudo, ela dá, assim, com garra mesmo. Sei lá, o jeito que a Vanessa dá aula, você não tem como discordar das aulas dela, porque ela põe carinho em tudo.*”; “*A professora também é uma beleza. Ela é muito boazinha, eu gosto dela.*”); e sua relação com a escola, e, em especial com aquela escola (“*Aqui eu encontrei uma família, eu tô aprendendo e fiz amizade.*”; “*Eu gosto do Instituto. Lá é uma beleza.*”; “*Estudar no ABC me ajuda também na depressão.*”; “*Estudar no ABC me ajuda muito.*”; “*Gosto muito da escola, é uma beleza! Gosto muito... A escola me ajuda no dia a dia.*”).

No jogo interlocutivo que se instaura entre mulheres em processo de envelhecimento, estudantes na EJA, e as/os educadoras/es, nos processos de apropriação de práticas de numeramento escolares (incluindo as relações com a professora, a pesquisadora, o diretor do Instituto ABC, o material didático, etc.), essas mulheres interagem numa esfera da convivência humana que envolve “não apenas as *aulas de Matemática*, como também a produção, a veiculação e a utilização de materiais de destinação didática e/ou prescritiva para esses processos” (FONSECA, 2001, p. 177, destaque da autora), bem como as funções e a importância da escola para esse público de mulheres em processo de envelhecimento. Posicionamentos discursivos de estudantes da EJA, avaliando sua experiência de vida escolar nessa nova oportunidade de inserção nela e, implicitamente, ou às vezes explicitamente, elaborando opiniões sobre como a escola para pessoas jovens, adultas e idosas deve ser e o que deve proporcionar a suas e seus estudantes, são identificados em diversos estudos<sup>84</sup> empíricos que se valem de observações de sala de aula e/ou de entrevistas.

---

<sup>84</sup> Para citar apenas trabalhos no campo da educação matemática, vejam-se, por exemplo, enunciados destacados nas pesquisas de Fonseca (2001), Cabral (2007), Faria (2007), Lima (2007), Ferreira (2009), Schneider (2010), Silva (2013), Grossi (2014), Miranda (2015), para citar apenas trabalhos no campo da educação matemática.

De modo especial, a dissertação de mestrado de Cibelle Lima (2007) (que analisa práticas de numeramento de alunas e alunos da EJA, forjadas na relação dessas/es estudantes com materiais didáticos utilizados durante as aulas de matemática de que participaram) e o artigo escrito por Cibelle Lima e Maria Fonseca (2018) (sobre o ensino e a aprendizagem de matemática e sobre as relações pedagógicas que os conformam e viabilizam, analisados a partir de posições discursivas que estudantes da EJA assumem em interações de sala de aula) contemplam os sujeitos da EJA, posicionando-se e assumindo-se “como sujeitos de sua escolarização, elaborando juízos sobre a ação educativa de que participam” (LIMA; FONSECA, 2018, p. 3). Além disso, as pesquisas supracitadas constataram, em seus estudos, que as avaliações elaboradas e explicitadas por sujeitos da EJA sobre sua experiência escolar presente recaem também sobre:

[...] as escolhas de docentes, as estratégias que adotam e as relações pedagógicas que estabelecem em sua prática profissional [os quais] contribuem para viabilizar ou interditar processos de apropriação de práticas de numeramento que conformam as relações dos sujeitos com o meio em que vivem (LIMA; FONSECA, 2018, p. 19).

Não se pode confundir, porém, as disposições avaliativas dos sujeitos daquelas pesquisas, assim como a disposição analítica de Dona Idalina e de suas colegas, com a mera apreciação de uma prestação de serviço por usuários. A preocupação dessas mulheres, como se observa não raro na EJA, é com os processos e as relações de ensino e aprendizagem que envolvem educandas e educadoras. O plural na formulação dos enunciados (“*Nunca **tivemos** uma aula assim.*”; “*O bom é que cada dia **nós** faz uma coisa diferente.*”; “*Ela está boa pra ensinar **nós**.*”; “*Ô, gente! Pra quem não sabia era nada, até que **nós** tá sabendo...*”, por exemplo) sugere que essas mulheres consideram tais processos e relações em sua dimensão social.

A disposição que identificamos nessas mulheres de considerar os processos e as relações de ensino e aprendizagem em sua dimensão social parece reforçar um posicionamento que assume e reitera seu pertencimento e sua participação ativa em um determinado grupo social, neste caso, o grupo social de mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA. Esse posicionamento as incentiva e as autoriza a avaliar, compartilhar e contribuir com o conhecimento, com a aula, com a professora e com as colegas da turma, naquela sala de aula da EJA, em diversas oportunidades e, em especial, naquelas que engendram processos de apropriação das práticas de numeramento escolares. Desse modo, aquela sala de aula também se constitui como um espaço sociocultural coletivo produzido nas/pelas (con)vivências entre as estudantes (GREEN *et al.*, 2005; BLOOME, 2012).

Essa constituição coletiva da turma, característica cultural daquela sala de aula, também é reiterada nas aulas em que a professora Vanessa tem como objetivo avaliar o rendimento escolar de cada estudante para atribuir-lhe um conceito, seja por meio de avaliações ou atividades – orais ou por escrito – sobre os conteúdos escolares das disciplinas trabalhadas em sala de aula. Em especial, nas aulas destinadas às avaliações por escrito dos conteúdos de matemática, havia uma expectativa social – da professora (*“Não pode conversar no momento da avaliação.”*; *“Não posso ajudar mais.”*; *“Não pode colar.”*), da pesquisadora (*“Não pode colar, hein?”*; *“Não pode dar a resposta; Dona Zélia precisa tentar fazer a questão.”*), das estudantes (*“Estamos piores do que as crianças.”*; *“Ah, não pode falar não!”*; *“Ih, soprei.”*; *“Eu acho que eu não chego nessa meta não.”*; *“Eu fiz de cabeça aqui, mas não sei se tá certo não.”*; *“Não pode ficar nervosa, porque assim ela não aprende.”*; *“Quando eu chegar aos noventa, eu faço rápido.”*) e da própria dinâmica de uma sala de aula num dia de avaliação individual da aprendizagem – de que as mulheres em processo de envelhecimento e alfabetizadas na EJA fariam as avaliações de modo individual e independente, sentadas em fileiras, em silêncio, sem consultar o caderno ou algum material didático, a professora ou as colegas da turma, pedindo (ou dando) respostas das questões (*“cola”*). Na verdade, essa expectativa social acontece não apenas nas avaliações de matemática destinadas às e aos estudantes da EJA, mas também nas avaliações de outras disciplinas escolares dirigidas às e aos estudantes de outras modalidades de ensino e em outras faixas etárias.

No entanto, nessas aulas de avaliação dos conteúdos de matemática, observamos estudantes e professora (inclusive a pesquisadora) burlando ou fraudando as normas e os valores socialmente estabelecidos e valorizados em um sistema “rigoroso” de avaliação, como acontece nos exames para concursos ou para ingresso nas universidades, por exemplo. Presenciamos: a professora e a pesquisadora auxiliando as estudantes no preenchimento do cabeçalho e na resolução das questões das avaliações; estudantes olhando e permitindo olhar as avaliações umas das outras; estudantes conferindo respostas, esclarecendo dúvidas e discutindo respostas entre si; estudantes auxiliando umas às outras, principalmente quando não recordavam os conteúdos; estudantes falando as respostas das questões em voz alta, sussurrando ou fazendo gestos com as mãos; estudante fazendo a avaliação em pé por estar sentindo dores no peito; estudantes atendendo o telefone celular durante a avaliação; estudantes aconselhando ou advertindo umas às outras; comentários da professora sobre as dificuldades mais comuns das estudantes; conversas entre as estudantes sobre assuntos que não correspondem aos conteúdos abordados nas avaliações de matemática (por exemplo: a falta de respeito do governador do

estado de Minas Gerais por não pagar o salário dos professores<sup>85</sup>; levantar da cama cedo para estudar; como fazer compras no supermercado e pagar por elas; pagamento de boletos e dívidas; relações entre familiares; falta de oportunidades escolares na infância e na juventude; votação no primeiro turno das eleições presidenciais<sup>86</sup>; instrumentos metodológicos utilizados pela pesquisadora para registrar as aulas; o uso de calculadora para resolver as operações; etc.). Os modos como essas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriam-se dos valores, das crenças, das regras e dos comportamentos associados aos (e presumidos nos) rituais de avaliação de rendimento escolar individual dos aprendizes, transgridem e tensionam expectativas sociais (SMOLKA, 2000), refletindo ou obrigando uma ressignificação dos propósitos pedagógicos e institucionais da avaliação de desempenho individual, jogando com eles, num processo compartilhado de avaliação dos seus diferentes modos de apropriação coletiva das práticas escolares (entre elas as práticas de conhecer).

### ***“É igual fazer arroz, feijão e carrão”***

No início da interação discursiva que institui este evento (Quadro 12), a professora confirma, novamente, o protagonismo dessas estudantes como sujeitos de aprendizagens,

---

<sup>85</sup> Após ouvir uma conversa entre o diretor do Instituto, a professora da turma e a pesquisadora sobre a greve das/os professoras/es e das/os servidoras/es no Estado de Minas Gerais, Aparecida expõe sua opinião sobre o assunto, enquanto espera a professora explicar a próxima questão da avaliação de matemática: *“É uma falta de respeito do governador não pagar o salário dos professores.”* Aparecida solidariza-se não apenas com a situação financeira da sua professora, mas, de modo geral, posiciona-se contra o governo estadual por não estar efetuando regularmente o pagamento dos salários das/os professoras/es da rede. Diante da sua condição de ex-funcionária da Prefeitura Municipal e por já ter vivenciado períodos de atraso salarial, ocasionando situações de restrições financeiras e dificuldades no sustento familiar, Aparecida nomeia esse atraso de *“falta de respeito”*. Esse atraso salarial está diretamente relacionado à funesta administração pública que o Brasil enfrentara no ano de 2018, como consequência da crise social, econômica e política que o Brasil sofreu após o golpe de estado que destituiu a Presidenta Dilma Rousseff em 2016.

<sup>86</sup> Com a perspectiva de que *“escola não é só ler e escrever”*, um dos projetos sociais desenvolvidos pelo/no Instituto ABC, no período das eleições municipais e presidenciais, em parceria com o Cartório Eleitoral Municipal, é o *“Comunidade Cidadã”*. O projeto tem como objetivo ensinar as/os estudantes a utilizarem a urna eletrônica e orientá-las/os sobre como devem proceder e o que devem levar no dia da votação. Durante o período eleitoral, as estudantes treinaram seus votos hipotéticos em uma urna eletrônica cedida pelo Cartório Eleitoral e em uma urna de papelão construída pelo zelador do Instituto, produziram uma *“cola eleitoral”* para não se confundirem no dia da votação, treinaram a assinatura dos seus nomes completos e posicionaram-se a favor ou contra o ato de votar (*“Ó, beleza! Então eu não preciso mais votar.”*), as/os candidatas/os (*“Mas a gente não sabe quem é que é um, né, Terezinha?”*) e o resultado das eleições (*“Que o Bolsonaro faça um bom governo.”*; *“Eu achei que o Lula ia ganhar as eleições.”*; *“Eu não votei no Bolsonaro, mas acho que ele vai ganhar. Se ele ganhar os impostos altos que pago vão diminuir, as mulheres vai ficar em casa sem trabalhar e os homens vai assumir as despesas de casa.”*). Em uma das conversas sobre o assunto, Dona Rosa disse à pesquisadora que votou *“durante muito tempo”*, mas parou quando começou a se sentir constrangida por ser uma mulher idosa e ter prioridade no dia da votação; segundo a estudante: *“As pessoas não entendem isso”*. Dona Joana, em vários momentos, disse que não conhecia *“os candidatos e seus números”*. Edilsea compartilhou com a turma que gostou de votar e que *“foi bom apertar as teclas”*. Além disso, comentou com a pesquisadora que pediu ao zelador do Instituto para baixar no celular dela um aplicativo de urna eletrônica para treinar seus votos em casa. Entusiasmada, acrescentou, ainda, que conseguiu assinar o nome completo no dia da votação, mas ficou *“tímida”* quando reconheceu os mesários da sua seção e percebeu que eles estavam observando o modo como ela assinara no papel.

capazes de apropriarem-se de novos conhecimentos escolares – e não escolares – (“*Tá, ih! Aprendendo todo dia, né?*”). No entanto, ao mesmo tempo em que Dona Idalina faz uma autoavaliação positiva sobre o próprio processo de apropriação dos conteúdos escolares (“*Eu no meu caso, eu tô sabendo é bem.*”), ela dispensa a necessidade de resolver e registrar as operações de acordo com os algoritmos da adição e da subtração que são ensinados e valorizados no ambiente escolar (“*Ô gente! Mas fala a verdade, né? ... Não precisa das contas.*”). Tal dispensa pode ter sido provocada pela avaliação feita por Dona Cecília, ao afirmar que “*tem muitas conta que é difícil*”, ou por Dona Idalina, ao considerar que seu sucesso na lida com as “*contas*” nas atividades cotidianas a exime, de certa forma, da necessidade de operar e registrar por escrito as operações aritméticas, mesmo quando inseridas numa prática de numeramento escolar. Apesar de considerar determinadas operações matemáticas difíceis de serem resolvidas, Dona Cecília, em entrevista cedida à pesquisadora, declara o seu “*gosto*” e o quanto se sente desafiada por esse tipo de atividade: “*Eu gosto muito de fazer conta. Teve um dia que eu quase furei o caderno de tanto futicar, porque a conta não dava certo. Quando ela [a professora] passa conta pra fazer na sala de aula, eu acerto; mas ela passa conta mais forte.*”

A professora acode respondendo antes à preocupação de Dona Cecília com a dificuldade das contas do que ao desdém de Dona Idalina em relação à relevância de efetuá-las (por escrito). Vanessa manifesta-se valorizando a repetição (de ações, técnicas, métodos e procedimentos) na/da prática social como parte essencial do processo de apropriação também das práticas de numeramento escolares, isentando, assim, as estudantes da apropriação imediata de práticas escolares de registro, na aposta de que um treinamento ao longo do tempo lhes traga o domínio da habilidade operatória e do registro escolar das operações (“*A questão é prática, né? ... Quando a gente faz uma coisa várias vezes, a gente vai pegando prática, né? ... Por exemplo, coisas que cês fazem no dia a dia..., coisas que cês faz todo dia, acaba que vai aprendendo e depois vai fazendo automático, né?*”). Porém, após Dona Cecília citar que “*tem muitas conta que é difícil*” e concordar com a afirmação da professora sobre a repetição na/da prática social (“*É.*”), Vanessa insiste no argumento da relevância do conhecimento escolar para as demandas do dia a dia (“*Mas tem que aprender, né? ... Pra gente poder dar conta de resolver os problemas da vida.*”), reproduzindo o discurso construído e estabelecido socialmente, e muito reiterado no campo da educação matemática e no discurso escolar de modo geral, que justifica e reforça a escola (e o conteúdo que ela veicula) como sendo capaz de proporcionar conhecimentos e aprendizagens que possam auxiliar na resolução de problemas cotidianos (cf. KNIJNIK *et al.*, 2012).

Apesar de a professora não citar ou fazer afirmações diretas sobre ser a escola a instância em que a aprendizagem das contas se efetiva, o jogo interlocutivo sugere a atribuição desse papel à escola, pois quando Dona Idalina minimiza o modo escolar de resolver e registrar as operações (“*Não precisa das contas.*”), ela incita a réplica da professora sobre a necessidade de apropriação desse modo escolar de calcular (“*Mas tem que aprender, né?*”). A réplica que ecoa o discurso e, toma os conhecimentos valorizados e ensinados na/pela escola como ferramentas de solução de situações e problemas cotidianos, busca justificar o “processo de ensino e aprendizagem da Matemática, particularmente se esse processo se dá no contexto escolar” (FONSECA, 2007, p. 84).

O tensionamento desse argumento do aporte do conhecimento escolar para as práticas cotidianas, o qual vemos com frequência nas salas de aula da EJA, também é abordado em diversos estudos<sup>87</sup> no campo da educação matemática, principalmente os que trabalham na linha da etnomatemática (entre os quais há um número significativo de estudos que se desenvolvem na ou sobre EJA). Em diversos estudos nesse campo, contemplam-se enunciações que nos levam a considerar as relações de poder que se estabelecem no conflito entre os saberes cotidianos das/os estudantes e os saberes escolares legitimados socialmente. É o que identificamos em enunciados: da professora Vanessa em outras aulas (“*O interessante das horas, nem é a gente escrever, porque a gente, no nosso dia a dia, a gente não fica escrevendo hora, né?*”; “*Esse trem de registrar tá por fora, né? ... A gente não fica anotando hora no papel, fica? A gente olha no relógio, né? ..., pra gente saber identificar, né?*”); das mulheres participantes desta pesquisa também em outras aulas (“*Falamos as palavras, mas não sabemos escrever.*”; “*Na cabeça até que não sumiu, mas passar pro papel.*”; “*A gente sabe olhar a hora, mas não faz a atividade.*”); de professoras que aparecem em outras pesquisas (“*Pois é. [risos]... Só que isso aqui não é a vida real. [risos]... É um faz de conta, então você [finge que] tem dinheiro pra pagar*” (SIMÕES, 2019, p. 119); “*Eu pensei que [o uso da fita métrica] era da vida de todo mundo, igual é da minha.*” (SIMÕES, 2010, p. 136)); e de estudantes da EJA de outros estudos (“*Eu calculo um monte de coisa... Tudo que eu vou fazer é calculado. Mas como é que faz com a matemática?*” (MIRANDA, 2015, p. 211); “*Porque agora, no momento, tu não vai utilizar uma matemática que o professor está passando*” (SCHNEIDER, 2010, p. 125); “*Ô Márcia, eu consigo medir quantos metros quadrados tem essa parede. Mas eu não*

---

<sup>87</sup> Para ver alguns exemplos, cf.: DUARTE, 1986; CARRAHER *et al.*, 1988; CARVALHO, 1995; FONSECA, 2001, 2004, 2007, 2015, 2017, 2019; D’Ambrósio, 2002; FARIA, 2007; CABRAL, 2007, 2015; SOUZA, 2008; FERREIRA, 2009; SCHNEIDER, 2010; SIMÕES, 2010, 2019; VASCONCELOS, 2011; KNIJNIK *et al.*, 2012; BRITO, 2012; SILVA, 2013; MENDONÇA, 2014; SCHNEIDER; FONSECA, 2014; SILVA; FONSECA, 2014; MIRANDA, 2015; SIMÕES; FONSECA, 2015; MIRANDA; FONSECA, 2017; BRITO; FONSECA, 2017, 2018; MENDONÇA; FONSECA, 2017, 2020; LIMA; FONSECA, 2018; LIMA, 2020.

*sei o que está aí no quadro*” (SIMÕES, 2010, p. 136)). Neste trabalho e nos estudos desenvolvidos pelo GEN, consideramos que a valorização desses saberes possui mais relação com as intencionalidades que os mobilizam, as circunstâncias e agentes que os legitimam e os jogos de poder nos quais se confrontam do que com questões de natureza epistemológica e mesmo de utilidade prática, real ou hipotética.

Entretanto, o argumento da aprendizagem por repetição citado pela professora é apropriado por Dona Idalina, que o reforça rememorando (e mobilizando) um exemplo associado a práticas protagonizadas por mulheres em processo de envelhecimento, aposentadas, dedicadas ao lar e ao cuidado da família: *“É igual fazer arroz, feijão e macarrão”*. A comparação proposta por Dona Idalina mobiliza a prática social de preparar arroz, feijão e macarrão como uma lembrança (jamais esquecida) que ela recupera ou ativa no jogo interlocutivo em resposta ao argumento da professora Vanessa de que a prática diária conduziria ao domínio dos procedimentos por automatismo. Nesse sentido, sua intervenção nos remete à consideração de uma outra estudante da EJA, Luduvina (39 anos de idade), participante da pesquisa de doutorado de Fonseca (2001)<sup>88</sup>, que, discorrendo sobre as reminiscências da matemática escolar, mobilizadas por ela e por suas/eus colegas naquela nova oportunidade de vivência escolar, sugere que as lembranças mobilizadas nas aulas de matemática estariam restritas *“àquilo que nós estamos fazendo ali todos os dias”* (p. 196)<sup>89</sup>.

Ao referir-se à prática social rotineira de preparar arroz, feijão e macarrão – no lar ou no trabalho – Dona Idalina remete suas interlocutoras à experiência cotidiana delas e da maior parte dos brasileiros que vivem restrições financeiras ou se encontram em situações econômicas de pobreza. Comer arroz, feijão e macarrão, e, no caso dessas mulheres, preparar esses alimentos para seu consumo, de sua família ou de outras pessoas é uma prática frequente, tanto pelas tradições alimentares da população brasileira, quanto por esses alimentos serem considerados relativamente mais acessíveis seja por meio da compra, seja por doações, por serem itens da cesta básica brasileira.

De modo efetivo, as restrições financeiras às quais a maior parte daquela turma se via submetida puderam ser identificadas e observadas nas tomadas de decisões e nos posicionamentos discursivos que aquelas mulheres assumiam na sala de aula e/ou na entrevista que cederam à pesquisadora. Em sua maioria, essas mulheres recebem apenas um salário

---

<sup>88</sup> Em sua tese, FONSECA (2001) discute enunciações de reminiscências da matemática escolar por alunas/os da Educação Básica de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA) como estratégia discursiva de inclusão naquela instituição.

<sup>89</sup> Na tese de Fonseca (2001), a avaliação de Luduvina é tensionada pela ativação pelas/os estudantes da EJA de muitas reminiscências que se referem aos diferentes conteúdos de pouca utilização na vida cotidiana, tais como os nomes dos termos e das propriedades das operações e da simbologia associada à Teoria de Conjuntos.

mínimo e precisam ajudar no (ou até assumir o, ou receber ajuda para o) sustento da casa, com o pagamento das despesas pessoais e familiares (“*Eu pagava as contas de casa e fazia compra... Até hoje sou eu quem faz a despesa de casa.*” – Dona Cecília; “*Eu pago o aluguel, mas minha filha me ajuda muito. Meus filhos me ajuda a pagar as contas*” – Olga); também auxiliam financeiramente as/os filhas/os e as/os netas/os quando precisam (“*Ó! Sinceramente, não sei se eu fiz certo ou se fiz errado, separou meus filhos tudo e, hoje, levei tudo pra minha casa, criei neto*” – Dona Idalina); e, ainda, compram os próprios medicamentos que não são disponibilizados pela Farmácia Popular da cidade (“*Eu tomo muitos remédios e eles são muito caros.*” – Dona Joana).

Portanto, fazer alusão ao preparo de arroz, feijão e macarrão vai além de dar um exemplo desprezioso de uma habilidade qualquer que se adquire com a repetição diária: Dona Idalina espera das interlocutoras uma compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 1997), que supõe que suas interlocutoras compartilham hábitos alimentares, composição da cesta básica<sup>90</sup>, restrições financeiras, responsabilidades e domínio do preparo dos alimentos e desses alimentos, e lembranças do aprendizado e da obrigação desse preparo, o que confere ao seu exemplo um efeito de sentido que pode, inclusive, valer-se da (sugestão de) maior perícia das alunas do que da professora, para a execução de tal tarefa.

A adoção de uma corruptela da palavra macarrão na referência à prática culinária supostamente dominada pelas estudantes cumpre o papel de provocar o estranhamento da professora, explicitado em sua dúvida sobre o significado da expressão “*carrão*”: “*Carrão? Carrão é macarrão?*” Ao encurtar a palavra *macarrão* e expressá-la por “*carrão*”, Dona Idalina, em tom jocoso, define uma estratégia de uso da linguagem, de modo a causar um efeito estético (produzido na métrica da frase que passa a ser composta por três palavras dissílabas e oxítonas: “*arroz, feijão e carrão*”) e também um efeito de *territorialidade* do discurso<sup>91</sup>, ao restringir a comunicação plena às usuárias de um *dialeto* específico de um grupo social, ao qual pertencem as estudantes e não a professora e a pesquisadora, como sugere o sorriso que Dona

---

<sup>90</sup> Dois anos após a ocorrência deste evento, nos anos de 2020 e 2021, a compra dos alimentos que compõem a cesta básica brasileira (em especial, o arroz) e, conseqüentemente, o preparo e o consumo desses alimentos pelas famílias de baixa renda foram ameaçados. Diante do cenário econômico do País, no período da pandemia provocada pela Covid-19, esses produtos sofreram a maior alta na inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (TRISOTTO, 2020). O aumento das exportações brasileiras desses alimentos, a valorização do dólar ante o real e também a pressão doméstica durante a pandemia impulsionaram, por exemplo, o consumo do arroz, acarretando mudanças nas refeições de uma parcela significativa da população brasileira com a diminuição ou até a inexistência desse alimento à mesa.

<sup>91</sup> Mobilizamos aqui o conceito de territorialidade do discurso, no sentido que lhe atribui Adelino (2018), referenciando-se em Sack (2011). Para Adelino, a territorialidade é constituída por ações empreendidas por sujeitos que buscam assegurar a legitimidade de seu pertencimento a um determinado espaço – inclusive a um “espaço discursivo” – e causar efeitos de sentido sobre as ações dos outros.

Idalina esboça ao olhar para a pesquisadora, após explicar o significado de “carrão”: “*Ah, gente!*”.

Essa estratégia de territorialização do discurso também está presente no material empírico da dissertação de Vasconcelos (2011), que teve como objetivo analisar práticas de numeramento de pessoas adultas, camponesas, estudantes na EJA, e como essas práticas informam e refletem as tensões entre os universos urbano e do Campo, no contexto escolar. Em entrevista concedida a Vasconcelos, Dona Celina (53 anos de idade), mulher camponesa e estudante na EJA, fala sobre as funções que desempenhara na escola e em outros espaços:

**Pesquisadora:** *O que a senhora faz lá?*

**Celina:** *A gente planta manaíba.*

**Pesquisadora:** *O que é manaíba?* [Perguntei curiosa].

**Celina:** *Uai, rama de mandioca!* [Risos].

**Pesquisadora:** *Por que que a senhora não disse que era mandioca, Celina? Mandioca eu sei o que é* [Risos].

**Celina:** *Por isso mesmo, se eu falasse mandioca você saberia* [Risos] (VASCONCELOS, 2011, p. 84).

No decorrer da entrevista, conforme nos apresenta Vasconcelos (2011), Dona Celina ocupa uma posição no jogo interlocutivo com a intenção de preservar o “território do saber”, em algumas oportunidades excluindo a pesquisadora desse território, também como estratégia de resistência, em resposta às desigualdades nas relações de valorização dos conhecimentos da vida cotidiana e da vida no Campo. Nessa mesma perspectiva é que vemos Dona Idalina na sala de aula do Instituto ABC, assim como Dona Celina, no Assentamento 1º de Junho, buscar oportunidades de assumir posições de sujeito de conhecimento e de cultura, até mesmo ao tripudiar da ignorância das agentes do conhecimento escolar (professora, pesquisadora), de modo que “as relações de saber e não saber continuam engendrando não apenas a riqueza da diversidade, mas também as tensões da desigualdade” (VASCONCELOS, 2011, p. 84).

Com efeito, os posicionamentos discursivos das mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, não raro das/os estudantes da EJA de modo geral, manifestam tensionamentos, desigualdades, níveis de exclusão e de vulnerabilidades aos quais foram ou continuam sendo submetidas, em algumas situações de forma implícita e em outras de forma mais explícita. Essas formas de restrições – que se estabelecem como desconforto, constrangimento, desprestígio, proibição, impedimento, afronta, coação ou repressão para as estudantes, interpostas pelas estruturas sociais, pelos sujeitos com quem convivem e, algumas vezes, autoimpostas – emergem não apenas pela situação de mulheres excluídas da educação escolar, mas também por suas condições históricas de vida e pelo modo como lidaram e ainda lidam com essas condições (FONSECA, 2019). São, assim, tensionamentos causados pelos

diferentes modos de interdições que essas mulheres sofreram ao longo da vida que ouvimos ecoar nas posições que aquelas alfabetizadas na EJA assumem quando são orientadas pela professora a ler e a escrever, em seus respectivos cadernos, os nomes dos produtos e das marcas registradas nos rótulos das embalagens<sup>92</sup>.

**“Pois é ... E o macarrão? Sumiu?”**

Com efeito, uma vez instadas pela professora a se manifestarem sobre o que pode ser encontrado no rótulo de um produto, a condição de mulheres pouco letradas nesse gênero expressa-se nas dificuldades para: reconhecer as informações contidas no texto ou que fazem referência a ele (“Sei lá, tô olhando aqui.”; “A marca é isso aqui, né?”; “Ah, você sabe que eu não sei não.”); localizar tais informações (“Aqui?”; “Marca do macarrão?”; “Esse aqui mesmo?”; “Este aqui.”); lê-las, ainda que silabando as palavras (“Lo-re-do.”; “Lo-redo.”; “Amá-lia.”); e registrá-las com maior destreza (“É pra escrever aquilo lá, né?”; “Copiar lá ou cá?”; “É pra escrever? É pra escrever feijão?”; “É pra escrever aqui ‘macarrão’?”; “É pra escrever ‘Santa Amália’? Não, né?”; “Já puis.”; “A marca já puis.”).

A tática retórica (CERTEAU, 1998) de Dona Idalina, então, é buscar uma “orientação divina” para esclarecer sua dúvida sobre o texto: “Onde que eu acho o rótulo aqui, meu Deus?”, conferindo à cena uma dramaticidade discursiva, que a execução dessa tarefa escolar não demandava. Apesar de Dona Idalina não dirigir o seu questionamento à professora ou a alguma estudante da turma, seu expediente provoca o efeito desejado e Vanessa se mobiliza para respondê-la.

Talvez, a professora tenha considerado que a ausência da estudante na aula em que o trabalho pedagógico com a leitura de rótulos teve início poderia estar limitando suas condições de atendimento à tarefa proposta. Mas, além disso, responder à pergunta de Dona Idalina também seria uma oportunidade para reforçar o significado, a função e a localização dos elementos típicos de um texto desse gênero discursivo, na embalagem (“Por todo lado. O rótulo é todas as informações, né? ... Todas as informações do produto.”), visto que, no evento anterior, as estudantes silenciaram-se diante da pergunta da professora sobre o que era rótulo (“Todo mundo entende o que é rótulo?”). Desse modo, a enunciação de Dona Idalina, ainda

---

<sup>92</sup> “É, ‘lendo rótulo’. Nós vamos ler esses rótulos aí que cês tão na mão.”; “Todo mundo copiou aquilo ali?”; “A gente vai colocando e vocês vai identificando aí, tá? Primeira coisa que eu quero que vocês identifica aí.”; “Qual que é a marca do macarrão aí?”; “Então cês vão registrar aí... Vocês vão colocar ‘marca’ e, na frente da marca, vocês vão colocar ‘Amália’.”; “Então, vocês vão anotar.”; “‘Marca’ e colocar ‘Pereira’ ... E do feijão?”; “Pode ser só ‘Amália’.”; “Primeiro escreve a ‘marca’, depois vocês vão colocar na frente.”; “Quaker é a marca da farinha aí?”; “Qual que é a marca do óleo, Dona Irene?”

que realizada num enunciado na primeira pessoa do singular (“*Onde que eu acho o rótulo aqui, meu Deus?*”), coletiviza-se por meio da resposta que induz na interlocutora (que se escondia na divindade do seu vocativo).

A atividade escolar analisada nesta seção, se comparada à que analisamos na seção anterior, além de proporcionar que as estudantes analisem diferentes rótulos e identifiquem as informações desse tipo de texto em seus suportes genuínos, também oportuniza a essas mulheres a possibilidade de estimularem os sentidos da visão e do tato. A chance de segurar as embalagens (com os produtos) nas mãos, manuseá-las, observá-las mais de perto ao aproximá-las dos olhos, admirá-las, questioná-las, fazer referências à marca ali registrada e a outros tipos ou marcas do mesmo produto (“*Tem o talharim.*”; “*É Amália.*”; “*Pereira.*”; “*Tem Pereira também, feijão.*”; “*ABC.*”) e desejar consumir o produto que ela conserva (“*Dá pra fazer uma sopa pra nós, depois.*”), amplia, pela experiência sensorial e o que ela desencadeia, o processo de apropriação do gênero discursivo por essas mulheres, quando *tornam seu* não só o acesso às informações que essas embalagens veiculam e aos códigos (escritos e numéricos) que apresentam, mas também *tornam seu* o direito ao acesso ou ao desejo de acesso e de transformação e uso dos produtos manipulados. Ao se apropriarem das práticas escolares e assumirem um posicionamento de pertencimento e de participação na prática social (SMOLKA, 2000; BRITO; FONSECA, 2017), as estudantes se veem autorizadas a questionar e a tensionar, inclusive, o modo como as informações aparecem registradas nos rótulos das embalagens.

Para subsidiar essa discussão sobre a referida prática de apreciação do texto, destacamos, da sequência da interação, no Quadro 13, o jogo interlocutivo que se estabelece entre Dona Joana e a professora Vanessa sobre como o nome do produto é registrado no rótulo do macarrão:

Quadro 13 – “*Pois é ... E o macarrão? Sumiu?*”

| Aula do dia 13 de agosto de 2018<br>Segunda-feira – 08h às 10h – 51º dia de observação de aula<br>Tempo de gravação: 1:39:46 até 1:47:36 (Duração: 07min50s) |                             |                                                                                                  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Tempo da aula</i>                                                                                                                                         | <i>Participante</i>         | <i>Fala</i>                                                                                      |
| 1:39:46                                                                                                                                                      | Dona Joana<br>(63 anos)     | <i>Macarrão com ovos.</i>                                                                        |
| 1:46:42                                                                                                                                                      | Dona Joana<br>(63 anos)     | <i>Uai, tá errado isso aqui, uai.</i><br>[Tenta ler alguma informação na embalagem de macarrão.] |
| 1:46:45                                                                                                                                                      | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>O quê?</i>                                                                                    |
| 1:46:57                                                                                                                                                      | Dona Joana<br>(63 anos)     | <i>Dois erres... Ésse, né? ... Vanessa? Dois ésses, né? Macarrão, né?</i>                        |
| 1:47:07                                                                                                                                                      | Vanessa<br>(professora)     | <i>Macarrão? Dois erres.</i>                                                                     |

|         |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:47:13 | <b>Vanessa (professora)</b> | [Esclarecendo para Dona Joana por que a palavra destacada na embalagem do “Macarrão” tinha ss]<br><i>Aí é massa com ovos.</i><br>[Aponta para o pacote de macarrão.]                                                                                           |
| 1:47:14 | <b>Dona Joana (63 anos)</b> | <i>Pois é ... E o macarrão? Sumiu?</i>                                                                                                                                                                                                                         |
| 1:47:16 | <b>Vanessa (professora)</b> | <i>‘Macarrão’ não tá escrito não, porque eles trocam por ‘massa’, mas nós conhece macarrão, né? ... Então, é assim que escreve ‘macarrão’, quer ver?</i><br>[Escreve a palavra “macarrão” no caderno de Dona Joana.]<br><i>M, a, ma, ca, c, a, r, r, a, o.</i> |
| 1:47:36 | <b>Dona Joana (63 anos)</b> | [Olha para o caderno de Dona Terezinha que está ao seu lado.]<br><i>Eu puis ‘furadinho’.</i><br>[Ambas escreveram ‘macarrão’.]                                                                                                                                 |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 13/08/2018.

Ao comparar o que estava grafado na embalagem – “massa com ovos” – com o nome do produto conhecido por ela e que registrara em seu caderno – “macarrão” –, Dona Joana percebe uma incoerência e logo a denuncia: “*Uai, tá errado isso aqui, uai.*” O erro foi identificado na diferença entre as consoantes repetidas num registro e no outro (“*Dois erres... Ésse, né? ... Vanessa? Dois ésses, né? ... Macarrão, né?*”). Em seguida, a professora esclarece que a palavra no rótulo identificada por Dona Joana era “massa” (da expressão “massa com ovos”).

Esclarecida a questão da grafia, o questionamento de Dona Joana mobiliza outra habilidade identificada na literatura sobre alfabetismo como do âmbito da apreciação ou avaliação do texto (RIBEIRO; FONSECA, 2015). A estudante questiona a não existência da palavra macarrão no rótulo da embalagem do produto (“*Pois é ... E o macarrão? Sumiu?*”), mostrando-se indignada com a traição que representa aquele texto desobedecer à regra que ela havia identificado, que é a de os rótulos trazerem o nome (genérico) do produto.

A explicação da professora Vanessa sobre o uso das palavras “macarrão” e “massa” sugere a referência aos diferentes (e intencionais) usos sociais dos recursos lexicais e aos interesses e às tradições a que atende o uso de cada uma dessas expressões: “*Macarrão não tá escrito não, porque eles trocam por massa.*”; “*nós conhece macarrão, né?*”. A apropriação de um gênero discursivo, assim, supõe mais do que identificar as informações que ele disponibiliza; supõe também desvendar os modos como a linguagem é utilizada na prática social (FAIRGLOUGH, 2001) por pessoas e agentes que mobilizam esses nomes em diferentes situações (produtoras/es, vendedoras/es, compradoras/es, consumidoras/es ou cozinheiras/os). É essa compreensão da pragmática da linguagem que ecoa na galhofa de Dona Joana ao declarar o modo como registrara o nome do produto em seu caderno: “*Eu puis furadinho*”.

A indignação de Dona Joana em relação a como nomear o produto alimentício nos desperta para possibilidades analíticas do pragmatismo da linguagem inspirado nas investigações filosóficas de Wittgenstein (CONDÉ, 2004). O significado do nome do produto

para quem o utiliza, o comercializa, o consome ou o toma como instrumento de trabalho (como quem elabora um cardápio, redige um menu, ou cria uma peça publicitária) é determinado pelo seu uso. Desse modo, a disposição de nomear o produto de “*macarrão*”, “*massa com ovos*”, “*talharim*” ou “*furadinho*” e as possibilidades de atribuir sentidos a essas expressões não estão relacionadas à ideia de saber qual expressão é a mais correta ou fiel à intenção meramente descritiva do enunciado, mas compõem as diferentes práticas sociais em que se mobilizam tais expressões, estando, pois, constringidas pelos respectivos contextos (as “formas de vida”), além de susceptíveis ao questionamento e à denúncia das interdições que eles podem acarretar.

**“*Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!*”**

O desconforto de Dona Joana causado pela divergência entre os registros “*macarrão*” e “*massa*”, no seu caderno e na embalagem do produto, respectivamente, vai ser, todavia, potencializado por outra avaliação que ela fará do texto impresso na embalagem daquele produto, durante o estudo do prazo de validade. O Quadro 14, a seguir, traz os enunciados que antecederam e os que sucederam a interação apresentada no Quadro 13, anteriormente mostrado (que aparece agora sombreada em cinza escuro no Quadro 14), de modo a indicar o contexto em que a nova avaliação foi produzida.

Quadro 14 – “*Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!*”

| <b>Aula do dia 13 de agosto de 2018</b><br><b>Segunda-feira – 08h às 10h – 51º dia de observação de aula</b><br><b>Tempo de gravação: 1:45:50 até 1:54:46 (Duração: 08min56s)</b> |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Tempo da aula</i>                                                                                                                                                              | <i>Participante</i>             | <i>Fala</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1:45:50                                                                                                                                                                           | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Mais o quê que a gente encontra aí no rótulo? Vamos pôr a validade...</i><br>[Bate no pacote de feijão que está na mesa de Dona Idalina.]<br><i>Agora a validade? Cada uma vai procurar pra mim a data do seu produto.</i>                                                               |
| 1:46:11                                                                                                                                                                           | <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>Agora é a validade.</i><br>[Olha para o quadro para copiar a palavra ‘validade’ em seu caderno.]                                                                                                                                                                                         |
| 1:46:15                                                                                                                                                                           | <b>Vanessa (professora)</b>     | [Observa que Edilsea está procurando a data de validade na embalagem da farinha de aveia.]<br><i>Essa aí, tá aqui... Tá aqui: ‘validade’ ...</i><br>[Aponta para a data impressa na embalagem e mostra para Dona Cecília e para Edilsea.]<br><i>‘Onze, do doze, de dois mil e dezoito.’</i> |
| 1:46:32                                                                                                                                                                           | <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | [Faz um pedido à professora:]<br><i>Me ajuda a achar a validade primeiro?</i>                                                                                                                                                                                                               |
| 1:46:36                                                                                                                                                                           | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Vou procurar...</i> [Inaudível.]<br>[Dirige-se à mesa de Dona Idalina, pega o pacote de feijão com as mãos e começa a procurar a data de validade na embalagem.]                                                                                                                         |
| 1:46:42                                                                                                                                                                           | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Uai, tá errado isso aqui, uai.</i><br>[Tenta ler alguma informação na embalagem de macarrão.]                                                                                                                                                                                            |
| 1:46:45                                                                                                                                                                           | <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>O quê?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                               |

|         |                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:46:57 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | [Aponta para a informação no pacote de feijão, mostra para Dona Idalina e lê:]<br><i>'Fabricação' ... e ... 'Validade: dezessete, do um, de dois mil e dezenove'.</i>                                                                                                                                        |
| 1:46:57 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | <i>Dois erres... Ésse, né? ... Vanessa? Dois ésses, né? Macarrão, né?</i><br>[Dona Joana identifica os dois esses na palavra "Massa" que está escrita na embalagem.]                                                                                                                                         |
| 1:47:07 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Macarrão? Dois erres.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1:47:12 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos) | <i>Tem que pôr a validade dele também?</i><br>[Faz a pergunta para que a professora a auxilie na identificação, mas Vanessa está acompanhando o que fazem Dona Joana e Dona Terezinha. Dona Idalina pega o pacote de feijão com as mãos e o aproxima dos olhos para tentar encontrar a data de validade.]    |
| 1:47:13 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | [Responde à Dona Joana:]<br><i>Aí é massa com ovos.</i><br>[Aponta para o pacote de macarrão.]                                                                                                                                                                                                               |
| 1:47:14 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | <i>Pois é ... E o macarrão? Sumiu?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 1:47:16 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>'Macarrão' não tá escrito não, porque eles trocam por 'massa', mas nós conhece macarrão, né? ... Então, é assim que escreve 'macarrão', quer ver?</i><br>[Escreve a palavra macarrão no caderno de Dona Joana.]<br><i>'M, a, ma, ca, c, a, r, r, a, o'.</i>                                               |
| 1:47:36 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)   | [Olha para o caderno de Dona Terezinha que está ao seu lado.]<br><i>Eu puis 'furadinho'.</i><br>[Ambas escreveram 'macarrão'.]                                                                                                                                                                               |
| 1:47:40 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos) | [Pergunta à professora:]<br><i>Como que eu vou pôr a validade aqui?</i><br>[Em seguida, olha para Dona Cecília e pergunta:]<br><i>Tem que pôr a validade?</i>                                                                                                                                                |
| 1:47:48 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Achou, Dona Idalina?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 1:47:49 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos) | <i>Tem que pôr a validade e escrever aqui?</i><br>[Aponta para o caderno, segurando o pacote de feijão com uma das mãos.]                                                                                                                                                                                    |
| 1:47:51 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | <i>Não, 'validade' a senhora já escreveu, agora cê vai pôr o número: 'dezessete do um, de dois mil e dezenove'.</i>                                                                                                                                                                                          |
| 1:47:59 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos) | <i>Ah, tá.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 1:48:00 | <b>Vanessa</b><br>(professora)   | [Dirige-se à mesa de Dona Cecília e observa a data de validade que ela escrevera no caderno.]<br><i>'Um do doze, de dois mil e dezoito'. Só que dois mil e dezoito tem zero, né?</i><br>[Apaga o número 218 que a Dona Cecília escrevera.]<br><i>... Aqui...</i><br>[Dirige-se ao quadro e escreve: '2018'.] |
| 1:48:08 | <b>Dona Cecília</b><br>(91 anos) | <i>Ah, tem zero, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

|         |                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------|---------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:48:10 | Vanessa<br>(professora)   | <p><i>A farinha ainda não venceu... Vamos ver a validade do óleo aí, se tá vencido, Dona Irene? ...</i></p> <p>[Dirige-se à mesa de Dona Irene e pega a garrafa de óleo que estava em cima da mesa.]</p> <p><i>Onde que a gente vai achar a validade? ...</i></p> <p>[Procura a data no produto e quando a encontra mostra para Dona Irene e para Ana Maria.]</p> <p><i>Aqui, ó! ... Tá vendo? Esse tá pretinho, ó.</i></p> <p>[Refere-se à cor forte em que a data estava registrada na embalagem do produto.]</p> <p><i>A fabricação... e a validade: 'sete do sete de dois mil e dezoito'. Sete de? ... Julho? Ah, esse óleo aqui tá vencido: sete do sete de dois mil e dezoito. Sete de julho, julho já foi, de dois mil e dezoito. Então, ele já tá vencido...</i></p> <p>[Olha para Ana Maria e para a pesquisadora. Em seguida, ajuda Ana Maria e Dona Irene a registrarem a data no caderno.]</p> <p><i>Vamos ver a data da canjiquinha...</i></p> <p>[Dirige-se à mesa de Dona Zélia, pega o pacote de canjiquinha com as mãos e procura a data de validade do produto.]</p> <p><i>Dezoito de dezembro de dois mil e dezoito. Então, a senhora vai colocar: 'validade'.</i></p> <p>[Aponta para a palavra 'validade' que está registrada no quadro.]</p> |
| 1:50:48 | Dona Idalina<br>(74 anos) | <p>[Dirige-se à professora:]</p> <p><i>Eu acho que eu fiz errado, olha aqui.</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 1:50:55 | Vanessa<br>(professora)   | <p>[Aproxima-se da mesa de Dona Idalina e pega o caderno dela com as mãos.]</p> <p><i>'Dezessete do um...' Não, é porque o da senhora é dois mil e dezenove.</i></p> <p>[Refere-se ao ano de vencimento do produto que Dona Idalina havia registrado no caderno.]</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1:51:01 | Dona Idalina<br>(74 anos) | <i>Ah, então tem que tirar o dezessete?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 1:51:04 | Vanessa<br>(professora)   | <p><i>Não, o dezoito.</i></p> <p>[Dona Idalina registrara em seu caderno que o feijão venceria no ano de 2018, por isso Vanessa apaga o número 18.]</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 1:51:05 | Dona Idalina<br>(74 anos) | <i>Dezoito.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 1:51:06 | Dona Joana<br>(63 anos)   | <p>[Pergunta à professora:]</p> <p><i>Tem que escrever a validade?</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 1:51:10 | Vanessa<br>(professora)   | <p><i>Escreve dois mil e dezenove...</i></p> <p>[Aponta para o caderno de Dona Idalina.]</p> <p><i>É, agora é a validade.</i></p> <p>[Responde a pergunta de Dona Joana.]</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1:51:25 | Dona Joana<br>(63 anos)   | <p>[Olha para Dona Terezinha segurando o pacote de macarrão com as mãos:]</p> <p><i>A validade...</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1:51:34 | Vanessa<br>(professora)   | <p><i>Achou? ...</i></p> <p>[Dirige-se à mesa de Dona Zélia para ajudá-la e Olga observa atentamente a data de validade registrada no pacote de canjiquinha.]</p> <p><i>Agora a validade é aqui, ó! 'Vinte e cinco, tracinho, de junho...' Junho é seis, 'tracinho', alá...</i></p> <p>[Aponta para o número 2018 que está registrado no quadro.]</p> <p><i>'De dois mil e dezoito'.</i></p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 1:52:11 | Dona Joana<br>(63 anos)   | <i>Agora é validade.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 1:52:11 | Dona Irene<br>(78 anos)   | <p><i>Aqui, ó ...</i></p> <p>[Tenta chamar a professora.]</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 1:52:15 | Dona Joana<br>(63 anos)   | <p>[Mostra a data de validade do macarrão para Dona Joana.]</p> <p>[Inaudível.] ... Ó!</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 1:52:16 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Não, só a data mesmo.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 1:52:18 | Dona Joana<br>(63 anos)   | <i>Só a data?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 1:52:19 | Vanessa<br>(professora)   | <i>'Seis do três de dois mil e ...' [Inaudível.]</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

|         |                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:52:23 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)     | <i>Não vai escrever 'validade' não?</i><br>[Tenta chamar a professora com a pergunta.]                                                                                                                                                                                                                       |
| 1:52:25 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Não, a senhora já escreveu aqui...</i> [Inaudível.]<br>[Levanta o pacote de canjiquinha e o mostra para a turma.]<br><i>Olha só, vamos analisar aqui então. A canjiquinha que a Dona Zélia e a Olga tá olhando, tá escrito assim: 'vinte e cinco do seis'. Então, seis é que mês?</i>                     |
| 1:53:00 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Junho.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1:53:02 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Ju-nho, né? Cês entendem quando tem um número?</i><br>[Dona Idalina balança a cabeça afirmativamente.]<br><i>Quando tiver assim: doze... Por exemplo, doze do um, vai ser que mês?</i>                                                                                                                    |
| 1:53:10 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Doze do um? ... Janeiro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1:53:11 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Isso, doze do dois?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 1:53:14 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Fevereiro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 1:53:19 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Então, cada número até doze representa um mês.</i><br>[Dona Idalina levanta da cadeira.]<br><i>Doze do doze, por exemplo? Que mês que é?</i>                                                                                                                                                              |
| 1:53:22 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Dezembro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 1:53:23 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Isso. Então, isso cês entendem.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 1:53:25 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Eu não entendo não.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 1:53:26 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)     | <i>Entende sim.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1:53:27 | <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Entende sim...</i><br>[Dona Terezinha gargalha.]                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 1:53:29 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Então, vamos entender agora, ó.</i><br>[Dirige-se à mesa de Dona Terezinha.]<br><i>Macarrão é seis do três, que mês que é?</i>                                                                                                                                                                            |
| 1:53:33 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Três?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 1:53:34 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>É só a senhora associar, se a senhora não guarda na..., de cabeça, é só a senhora fazer, ó...</i><br>[Começa a contar os dedos das mãos de acordo com os meses do ano.]<br><i>Janeiro, fevereiro...</i><br>[Dona Idalina vai ao banheiro e no caminho dá tchau para as outras mulheres com uma das mãos.] |
| 1:53:41 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)     | <i>Março.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1:53:41 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Então...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 1:53:42 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Março.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 1:53:42 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>O três vai ser março. Então, por exemplo, do quatro...</i><br>[Conta novamente os dedos das mãos de acordo com os meses do ano.]<br><i>Janeiro... Ó... Um janeiro, fevereiro dois, março três, abril?</i>                                                                                                 |
| 1:53:53 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Quatro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 1:53:53 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Então, quando tiver quatro é mês de abril. Só a senhora ir contando até chegar, ir falando o mês e pondo os dedos, entendeu?</i><br>[Dona Terezinha balança a cabeça afirmativamente.]                                                                                                                    |
| 1:54:01 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)     | <i>Entendi, só não compreendi.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 1:54:01 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Entendeu, mas não compreendeu?</i><br>[Sorri para Dona Joana.]<br><i>Todo mundo pôs a data? A validade?</i>                                                                                                                                                                                               |

|         |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------|---------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1:54:10 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b> | <i>Vamos lá, é.... Tem que pôr o 'zero, o seis, o três...' Três mesmo? Já passou a validade, uai?</i><br>[Pega o lápis com uma das mãos e com ele aponta para a data de vencimento impressa no rótulo.]                                             |
| 1:54:21 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b> | <i>Não, ó...</i><br>[Aponta para a data de vencimento no pacote de macarrão.]<br><i>'Seis do três de dois mil e vinte'. Só vai vencer no ano de dois mil e vinte.</i>                                                                               |
| 1:54:26 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b> | <i>Cadê o? ...</i><br>[Observa fixamente o pacote de macarrão que está segurando.]                                                                                                                                                                  |
| 1:54:27 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b> | <i>Aqui, ó...</i><br>[Pega o pacote de macarrão com as mãos para mostrar a data para Dona Joana.]<br><i>Seis...</i>                                                                                                                                 |
| 1:54:28 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b> | <i>Só isso aqui?</i><br>[Refere-se a data de vencimento do produto.]                                                                                                                                                                                |
| 1:54:29 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b> | <i>É. Lá em cima é fabricação.</i><br>[Refere-se a outra data que está registrada na embalagem do produto, mas está distante da data de vencimento.]                                                                                                |
| 1:54:30 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b> | <i>Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado uai.</i><br>[Refere-se ao modo como a data está registrada na embalagem. Gargalhada de Dona Terezinha.]<br><i>Seis... Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!</i> |
| 1:54:44 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b> | <i>Mas, a senhora não pôs o seis, não.</i>                                                                                                                                                                                                          |
| 1:54:46 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b> | <i>Pois é, ó! Tá tão errado que até esqueci do seis...</i>                                                                                                                                                                                          |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 13/08/2018.

O que antes parecia apenas uma enunciação de uma identificação de erro – por não ter a palavra *macarrão* registrada no rótulo da embalagem do produto (“*Uai, tá errado isso aqui, uai.*”) –, altera-se para uma enunciação de uma avaliação (indignada) da estudante que, tendo se apropriado do gênero discursivo rótulo, e, após localizar, ler e escrever em seu caderno o prazo de validade do macarrão, posiciona-se e se vê autorizada a analisar a efetividade dos textos impressos nas embalagens, aferindo o modo como as informações aparecem registradas ali e ensaiando uma prescrição: “*Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado uai...*” Com efeito, é reconhecendo a distinção entre as informações *data de fabricação* e *prazo de validade*, e considerando a relação entre elas, que Dona Joana emite seu parecer sobre o modo como essas informações de intenção métrica são apresentadas na embalagem do macarrão: “*... ele não tá falando direito não.*”

No enfrentamento de textos, inclusive daqueles que mobilizam ideias, argumentos e representações matemáticas, é necessário colocar em ação diferentes habilidades funcionais de leitura. O desenvolvimento metodológico da avaliação que subsidia a construção do Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf) organizou essas habilidades em quatro grupos: localizar informações, integrar informações, elaborar texto e avaliar o texto (RIBEIRO; FONSECA,

2015)<sup>93</sup>. A convocação dessas habilidades está relacionada ao tipo de texto, mas principalmente, à intenção pragmática da leitura.

O gênero rótulo, ainda que veicule intenções de seduzir o consumidor, é um texto informativo, até mesmo em atendimento às normas legais. Supostamente, caberia ao leitor localizar informações, boa parte delas registradas em sistemas de códigos matemáticos (datas, prazos, medidas de massa, capacidade e outras, porcentagens e outros índices, etc), estabelecer algumas relações entre elas (por exemplo, entre a data de fabricação e um prazo de validade dado por uma medida de intervalo de tempo) e realizar algumas elaborações (por exemplo, para concluir se o produto ainda está dentro da validade).

Entretanto, a atividade pedagógica, com a intenção não apenas da leitura dos rótulos, mas também da caracterização do gênero discursivo, e a apropriação desse gênero que Dona Joana protagoniza lhe autorizam a extrapolar essas habilidades e dedicar-se à avaliação daquele texto (Figura 17). Nessa avaliação, Dona Joana “elabora uma ideia própria” (RIBEIRO; FONSECA, 2015, p. 65) sobre o modo como as informações da data de fabricação e do prazo de validade deveriam estar dispostas no texto (“*Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado uai...*”) e demarca, além disso, a apropriação de um outro gênero: a carta reivindicatória (“*Eu vou mandar uma carta prá lá.*”). De certo modo, pode-se aventar ainda que também o domínio das habilidades de localizar o prazo de validade no rótulo do produto e o aprendizado da sintaxe do sistema de registro no qual ele vem grafado autorizam a mobilização das outras habilidades de integração de informações, a elaboração a partir delas e a avaliação da adequação, da eficiência e da honestidade do texto. Nesse sentido, a apropriação dessa prática de numeramento concorre para que Dona Joana, atuando como sujeito de aprendizagem, reconheça-se como sujeito de conhecimento e de vivência e assuma a si mesma como sujeito de direitos.

---

<sup>93</sup> A matriz de habilidades desenvolvida pelo Inaf tem como objetivo produzir e analisar dados para a composição de um perfil dos níveis de alfabetismo da população brasileira (RIBEIRO; FONSECA, 2015). Essa matriz distingue: *habilidades funcionais e habilidades elementares*. As habilidades elementares avaliam a capacidade dos indivíduos de: reconhecer letras, algarismos e sinais gráficos usuais; ler números e palavras fluentemente; reconhecer o tipo ou a finalidade de textos e seus instrumentos; e, registrar informações por escrito. São, porém, as habilidades funcionais que contemplam as relações que indicam as condições de o sujeito *funcionar* numa sociedade grafocêntrica. Tais habilidades caracterizam-se pela capacidade dos indivíduos de localizar no texto diferentes tipos de informações (textuais ou numéricas), “expressas de modo literal ou não” (p. 60), integrar tais informações, elaborar textos próprios a partir delas e avaliar seu texto ou texto alheio.

Figura 17 – Dona Joana observa a embalagem do macarrão



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 13/08/2018.

Dessa forma, nossa análise focaliza essas mulheres que, em processo de envelhecimento, tornam-se alfabetizadas na EJA, buscando compreender as relações que estabelecem com as diferentes práticas de letramento que protagonizam, tensionam, ou com as quais se solidarizam. Nesse movimento, essa análise destaca, em especial, práticas de letramento que envolvem a lida com sistemas de representação associados às ideias matemáticas – a que chamamos práticas de numeramento –, protagonizadas por Dona Joana e por outras estudantes dessa turma e muitas/os outras/os estudantes de outras turmas da EJA. Nesse exercício analítico, buscamos promover uma “compreensão das relações matemáticas como práticas culturais, estabelecidas na dinâmica das lutas sociais, com certas intenções, e em atendimento aos interesses de grupos em disputa” (FONSECA, 2017, p. 112), e, assim, compreender interesses e disposições dessas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, reconhecidas aqui como um grupo cultural.

Com efeito, a relação que Dona Joana e as outras mulheres da turma vão estabelecendo com o gênero discursivo rótulo, agora em seu suporte genuíno, vai ecoar nos diferentes modos como elas se apropriam e lidam (sintaticamente, semanticamente e pragmaticamente) com o sistema de datação registrado nos rótulos das embalagens dos produtos e vice-versa.

Nesse sentido, o processo de apropriação da leitura do sistema de datação que subsidia o registro do prazo de validade foi iniciado na atividade com o rótulo do bolo de banana

reproduzido numa folha impressa, ainda que a relação pedagógica estabelecida pela ação da professora e das estudantes tenha gerado uma discussão anterior, sobre o uso da informação *data de validade*, tirando, assim, o foco dos meios para decodificá-la. Nessa nova oportunidade de lidar com rótulos, agora em seu suporte genuíno, aquelas neoleitoras são convocadas a ficarem atentas às datas (de fabricação ou de extinção do prazo de validade) grafadas ali (“*Agora a validade? Cada uma vai procurar pra mim a data do seu produto.*”). Essa atenção, ainda que provocada por uma instrução da professora, é regida pelos modos como aquelas mulheres *tornam próprio* e significam a prática de leitura dos rótulos de produtos alimentícios. Assim, as ações dessas mulheres frente a esses textos adquirem múltiplos significados e diferentes sentidos “*em si, para os outros e para si*” (PINO, 2000, p. 65).

Na seção anterior, identificamos que os múltiplos significados produzidos na prática de leitura do prazo de validade de um determinado produto foram sendo constituídos a partir das condições de vida das estudantes e do modo como elas confrontam (ou se solidarizam com) essa informação e se posicionam ativamente na prática social<sup>94</sup>. Ou seja, mais do que o modo de proceder à leitura dos prazos de validade, o que foi tematizado pelas alfabetizandas naquela aula foi a relevância dessa prática de leitura e as condições de cada uma para assumi-la. Nesta seção, entretanto, a apropriação do sistema de escrita de datas, desvendando os recursos e a sintaxe dessa representação, assume um papel de destaque nos modos de produção de significados, e legitimam sua disposição de assumir diferentes ações sobre o texto, tais como procurar no texto aquela informação e informações correlatas, avaliar a adequação do registro e reivindicar a revisão do texto por seus autores, entre outras: “*Me ajuda a achar a validade primeiro?*” “*Só a data?*”; “*Ah, tem zero, né?*”; “*Eu acho que eu fiz errado, olha aqui.*”; “*Ah, então tem que tirar o dezessete?*”; “*Eu não entendo não.*”; “*Entendi, só não compreendi.*”; “*Vamos lá, é ... Tem que pôr o ‘zero, o seis, o três...’ Três mesmo?*”; “*Cadê, o?*”; “*Só isso aqui?*”; “*Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado uai.*”; “*ele não tá falando direito não.*”; “*Pois é, ó! Tá tão errado que até esqueci do seis.*”

Com efeito, no evento analisado na seção anterior, a relevância e o uso do sistema de representação de datas – aspecto pragmático –, são mais contemplados na interação do que o domínio dos aspectos sintáticos desse mesmo sistema. Contudo, nesta seção, observamos que a discussão pragmática sobre o uso e sobre a relevância do prazo de validade acaba incentivando uma preocupação (e uma disposição) das estudantes para se apropriarem dos aspectos sintáticos

---

<sup>94</sup> Quando Dona Terezinha adverte que “*Quando tem, às vezes, promoção, eu falo: ‘Ah! Mas, quando que isso aqui vai vencer?’*”; ou quando, na pesquisa de Souza (2008), uma das mulheres participantes confessa que “*... se passa [na esteira] um remédio, eu peço: ‘ô fulano lê aqui pra mim’; aí olho se tá vencido, se não tá... Aí penso e, às vezes, eu tomo.*”

e semânticos do registro desse sistema, como se observa na identificação dos vários enunciados em que a preocupação com o prazo de validade é tematizada: *“Tem que pôr a validade dele também?”*; *“Tem que pôr a validade?”*; *“Tem que escrever a validade?”*; *“Como que eu vou pôr a validade aqui?”*; *“Tem que pôr a validade e escrever aqui?”*; *“Não vai escrever ‘validade’ não?”*. Preocupação e disposição levam essas mulheres a se empenharem para que o funcionamento do sistema de códigos e o significado dos símbolos que compõem aquele registro possam ser por elas compreendidos: *“Ah, tem zero, né?”*; *“Eu acho que eu fiz errado, olha aqui.”*; *“Ah, então tem que tirar o dezessete?”*; *“Dezoito.”*; *“Doze do um? ... Janeiro.”*; *“Três?”*; *“Vamos lá, é ... Tem que pôr o ‘zero, o seis, o três...’ Três mesmo?”*; *“Cadê, o?”*; *“Só isso aqui?”*.

Assim como os aspectos sintáticos apontados acima, também aspectos semânticos concorrem para a compreensão daquele registro de datas: é uma preocupação semântica que inspira o critério classificatório de Dona Joana e a faz demandar que a data de fabricação do produto e a data em que expira sua validade estejam registradas uma próxima à outra, com o intuito de facilitar o estabelecimento da relação entre elas (*“Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó!”*). Desse modo, o conjunto das dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas que envolvem a relação que Dona Joana e as outras mulheres da turma estabelecem com a leitura de rótulos as institui como um grupo diferenciado de leitoras, se considerarmos os modos pelos quais outros grupos de pessoas lidam com esse mesmo gênero discursivo (consumidoras/es alfabetizadas no sistema de registro de datas, vendedoras/es, fabricantes, produtoras/es, repositoras/es de supermercado, publicitárias/os, etc.).

Portanto, a apropriação da prática de numeramento de leitura de datas, incluindo o registro do prazo de validade e, a compreensão da relação entre data de fabricação e prazo de validade de um produto, faz com que essas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, alterem a prática de leitura do texto e o modo como encaram essa prática de letramento. Nessa apropriação, as estudantes se posicionam e se autorizam a atuarem sobre o texto, mobilizando desde as habilidades elementares exigidas pela leitura do gênero até habilidades mais complexas, como a ação de avaliar o texto (*“Só isso aqui?”*; *“Isso tá errado uai.”*; *“Cadê o?”*; *“Pois é, ó! Tá tão errado”*), elaborar uma crítica sobre ele (*“Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó!”*) e conquistar um modo de intervenção objetiva nesse texto, a partir da escrita de: uma carta para a/o fabricante do produto, reivindicando uma revisão e apontando como o texto deveria ser (*“Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!”*). Essas habilidades, portanto, reiteraram o nosso argumento de que a apropriação de práticas de numeramento é uma dimensão da apropriação das práticas de letramento.

Em especial, no evento em questão, vemos como a apropriação da prática de leitura desse sistema de códigos matemáticos – que compõem o registro de uma data, a compreensão das relações semânticas entre as informações relacionadas à temporalidade que controla as possibilidades de consumo e a identificação das intencionalidades (por vezes divergentes) de sua escrita e de sua leitura – possibilitam que Dona Joana e suas colegas aportem à prática de letramento de leitura do gênero discursivo rótulo outros elementos, outros desafios e outras possibilidades, que, como mulheres de aprendizagem e de conhecimento, elas imprimem à relação e à ação que assumem com e sobre o texto.

***“Já passou a validade, uai?”***

A apropriação dos códigos, dos símbolos, dos procedimentos e das regras que parametrizam o registro e a leitura dos prazos de validade não acontece de modo isolado, apenas num processo individual de significação de aspectos sintáticos e semânticos que envolvem a leitura e o registro desse sistema linguístico de datação. Todavia, num esforço de significação dessa prática de numeramento escolar, essas dimensões coexistem entre si, além de concorrerem com disputas, tensões, ações, intenções e memórias, marcadamente pragmáticas, mobilizadas pelas participantes desta pesquisa: mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA. As significações produzidas emergem da regularidade dos usos desse conhecimento (ideias, funções, registros orais e escritos, memórias...) nos diversos contextos que essas estudantes vivenciaram e ainda vivenciam ao longo da vida, os quais foram/são marcados por interdições em razão das histórias pessoais, e, principalmente, das exclusões sociais de diversas ordens, em especial das que determinam sua não participação nas *formas de vida* escolares e das que são consequência disso.

Nas entrevistas, essas mulheres relataram várias dessas interdições e exclusões que vivenciaram:

*“Só que eu dei hepatite e minha mãe me tirou da escola. Eu não pude continuar.”*  
(Ana Maria, 56 anos).

*“Toda a vida gostei bastante de estudar. Mas, depois, me faltou oportunidade. Eu estudei quando era criança... Mas, naquele tempo, o aperto de vida não deixou a gente continuar.”* (Aparecida, 56 anos).

*“Como a gente morava na roça e lá não tinha escola, eu não estudei. Os meus irmãos estudou, meu pai não deixou os meninos sem estudar. As mulheres não podia, mas os homens sim.”* (Dona Cecília, 91 anos).

*“Na época que a gente foi criado, não tinha aula.”* (Dona Idalina, 74 anos).

*“A professora queria me bater na sala e eu não aceitei. Falei: ‘Não’. Eu voltei pra trás, vim embora e nunca mais fui na sala dela; nunca mais eu fui. Fiquei quieta aqui e não fui mais na escola não.”* (Dona Irene, 78 anos).

*“Meus pais não estudou e não deixou a gente estudar... Nem quando eu era criança estudei; minha mãe não deixava não.”* (Dona Joana, 63 anos).

*“Eu nunca estudei, porque eu ficava com a minha mãe em casa, sabe? Minha mãe era muito doente; eu não largava ela não.”* (Dona Leonídia, 73 anos).

*“Eu não tinha vontade de estudar, porque eles falava que mulher não estudava, que era só homem.”* (Dona Terezinha, 64 anos).

*“Depois, não teve jeito de estudar, porque não tinha ninguém que puxava pra gente, né?”* (Dona Zélia, 61 anos).

*“Eu não sei por que não fui pra escola. Porque eles não me puseram?”* (Edilsea, 53 anos).

*“Eu parei de estudar, porque minha mãe morreu, aí parei de estudar; nem fui na escola mais não.”* (Olga, 73 anos).

Ao longo desse evento, identificado num contexto escolar, mas também nos diversos usos que fazem (ou que testemunham) das medidas de tempo (em especial, dos prazos de validade), as mulheres em processo de envelhecimento acessam lembranças e reminiscências<sup>95</sup>, ao mobilizarem regras, procedimentos, formatos de registro numérico, unidades e instrumentos desse sistema de medida, com o objetivo de atender e adequar-se às diversas situações e contextos que demandam (o uso de) esse tipo de conhecimento. Memórias e esquecimentos que permeiam as relações estabelecidas com as práticas de numeramento escolares contempladas na sala de aula de matemática da EJA não são forjadas e nem repercutem apenas no contexto escolar; memórias e esquecimentos atravessam as relações dialógicas que ocorrem nas diversas esferas da vida social, constituindo aquelas mulheres como sujeitos sociais (de aprendizagem, de cultura, de conhecimento, de direito) e sendo (re)constituídos na ação de lembrar e de esquecer que elas protagonizam. Nessa direção, no processo de apropriação de práticas de numeramento escolares, ao se posicionarem como mulheres de aprendizagem e se assumirem nesse processo como mulheres de cultura, de conhecimento e de direito, essas estudantes também se apresentam e se colocam como sujeitos de memória.

Na seção anterior, o estudo do rótulo impresso de um bolo de banana industrializado desencadeou posicionamentos, disputas e tensionamentos discursivos das (e entre as) estudantes sobre prazos de validade e, de certo modo, incitou a disposição das mulheres em processo de envelhecimento para continuarem se apropriando desse modo de representação das

---

<sup>95</sup> Embora as palavras *lembranças* e *reminiscências* sejam palavras sinônimas, consideramos que as expressões “lembrança ou recordação” sugerem características mais precisas do objeto ou conhecimento ou situação que está sendo evocado, enquanto as “reminiscências” sugerem lembranças momentâneas que permeiam o discurso presente, sem obrigatoriamente incorrer sobre ele (HALBWACHS, 1990, 2004).

medidas de tempo, bem como de suas funcionalidades e intencionalidades. Na atividade que analisamos nesta seção, portanto, há uma continuidade do processo de apropriação, mas, agora, a partir da análise de diferentes tipos de rótulos de produtos alimentícios em suas respectivas embalagens. A predisposição das estudantes em relação aos prazos de validade desses produtos aparece já no início da atividade, pois, após serem provocadas pela professora Vanessa (“*Cês lembram quais informações que*”; “*Então, o que que a gente encontra no rótulo mesmo? ... Vamos ver se ocês lembram.*”), acionaram suas lembranças referentes ao conteúdo da aula anterior e indicaram a “*validade*” ou o “*vencimento*” como a primeira informação do rótulo que deveria ser identificada e analisada.

Existe “um processo de *seleção* prévio à formação de memórias, que determina quais informações serão armazenadas e quais não” (IZQUIERDO, 1989, p. 94, destaque do autor). Nesse sentido, na memória das/os recordadoras/es “fica o que significa” (CHAUÍ, 1994, p. 22). Com efeito, apesar de as alfabetizadas indicarem outras informações que os rótulos veiculam (“*Propriedades, calorias.*”; “*Valor nutricional.*”; “*A marca.*”) e iniciarem a atividade localizando, fazendo a leitura e registrando no caderno o nome da marca dos produtos, podemos inferir que a conferência do prazo de validade é uma prática de leitura de rótulo em embalagens que ficou armazenada na memória das estudantes e uma das que mais contribuiu para que elas produzissem significados, o que se refletiria na prioridade da lembrança dessa informação como conteúdo obrigatório dos rótulos: “*A Dona Joana falou ‘validade’.*”

Além disso, como aquela aula em que o gênero discursivo rótulo foi trabalhado (e o prazo de validade tematizado) aconteceu cinco dias antes, com apenas uma aula entre aquela e esta, na qual novamente a professora propôs a leitura de rótulos, poderíamos considerar que essa sequência didática favorecera a manifestação das memórias mais recentes daquelas mulheres sobre esse assunto. No entanto, embora a distinção entre “memória imediata”, “memória recente” e “memória remota” seja uma das classificações habituais que se utiliza na abordagem da rememoração, Izquierdo (1989) adverte que não há “evidências reais” de que seja possível, do ponto de vista neurológico, uma classificação de “*tipos de memória*”<sup>96</sup> para representar processos diferentes de memorização. Do nosso ponto de vista, também não nos interessa classificar a lembrança das práticas de leitura da “*validade*” ou do “*vencimento*” dos

---

<sup>96</sup> De acordo com Izquierdo (1989), em relação ao tempo decorrido entre o momento em que algo é apreendido e o instante em que é mobilizado pelo indivíduo, a memória pode ser classificada em “imediata (segundos e minutos), recente (horas ou poucos dias) e remota (semanas, meses, anos)” (p. 93). Além disso, há autores que categorizam a memória como “declarativa (“saber que”) e de procedimentos (“saber como”); ou semântica (vgr., a linguagem e outros códigos) e episódica (memória de eventos ou episódios); ou em “hábitos” e “memórias”, como se um hábito não fosse por definição, uma memória” (p. 94). Ainda para Izquierdo (1989), essas classificações não podem ser claramente comprovadas, porque “não há evidências consistentes de que os diversos *tipos de memória* correspondam a representações neuronais diferentes” (ibidem).

produtos apenas como uma manifestação da memória recente da aula anterior, uma vez que, como vimos, tomadas de decisão dessas mulheres na vida social, permeadas e parametrizadas pela leitura de prazos de validade, foram mencionadas (ou omitidas) naquelas aulas, como práticas anteriores àquela abordagem escolar.

Interessa-nos, nesse exercício de focalizar mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento, tomar a memória como um dos elementos constituintes dos usos da linguagem e esta como “instrumento socializador da memória” (BOSI, 1994, p. 56). Uma vez que as lembranças emergentes da “trama sincrônica da existência social atual” são traduzidas na linguagem (HALBWACHES, 1990, p. 8), assumimos a existência de uma razão pragmática para que elas sejam mobilizadas. Embora as relações funcionais canônicas da matemática escolar – conceitos, propriedades, termos, procedimentos, regras, formas de registro – não raro pareçam escapar a essas alfabetizadas na EJA (“*Ah, tem zero, né?*”; “*Eu acho que eu fiz errado, olha aqui.*”; “*Ah, então tem que tirar o dezessete?*”; “*Eu não entendo não.*”; “*Entendi, mas não compreendi.*”; “*Pois é, ó! Tá tão errado que até esqueci do seis.*”), o que observamos foi que elas adotam uma atitude pragmática, ao selecionarem e mobilizarem as memórias que possam efetivamente contribuir para o processo de significação e, assim, de apropriação das práticas de numeramento escolares: “*Mas fala a verdade, né? ... Não precisa das conta.*”; “*É igual fazer arroz, feijão e carrão.*”; “*Dá pra fazer uma sopa pra nós, depois.*”; “*Eu puis ‘furadinho’.*”; “*Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó.*”

É também uma ação pragmática da memória que faz com que Dona Joana não restrinja o seu exercício de leitura à decodificação da data de validade ali registrada. A memória informa a apropriação do sistema de registro – que envolve associar o segundo número registrado ao mês – e também a elaboração de uma avaliação da condição do produto e a disposição de denunciar sua inadequação: “*Tem que pôr o zero, o seis... O três... Três mesmo? Já passou a validade, uai?*” Essa avaliação será reconsiderada, diante da intervenção da professora, a seguir, alertando-a de que era preciso conferir também o ano. Mas, tanto a primeira avaliação quanto a necessidade de reconsiderá-la, apontam para nós o entrelaçamento das dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas da prática de leitura, bem como a ação da memória (e do esquecimento) sobre elas.

É o mesmo entrelaçamento dessas dimensões e a ação da memória sobre eles que vimos no evento anterior, quando Dona Terezinha, embora não tivesse ainda se apropriado dos códigos, dos símbolos, dos procedimentos, das regras e, talvez, do próprio formato do registro de datas (dia/mês/ano), remete-se a uma função pragmática da prática de leitura dessa informação, ao advertir que, quando o produto está em promoção, é preciso verificar se ele não

está com o prazo de validade próximo demais do vencimento. É também como um exercício de recorrer à memória e tematizá-la, numa perspectiva pragmática, que vemos as intervenções de Dona Terezinha e de suas colegas, em uma das aulas que ocorreu no primeiro semestre de 2018, em que a proposta pedagógica da professora Vanessa era explorar, ainda que brevemente, as características e os elementos que compõem o gênero discursivo calendário<sup>97</sup>. Naquela aula, Dona Terezinha e as outras estudantes da turma reconheceram a relevância e a funcionalidade do sistema de medição do tempo, ao identificarem as informações que compõem um calendário e mobilizarem suas lembranças e reminiscências (algumas delas joviais e outras nem tão aprazíveis assim) referentes às datas significativas para essas mulheres em processo de envelhecimento<sup>98</sup>.

É por considerarmos a ação pragmática das lembranças, das reminiscências e dos esquecimentos nos processos de produção de significados e na diversidade das condições de significação que nos referimos aqui à sua mobilização nessas oportunidades de aprendizado escolar para discutirmos a apropriação de práticas de numeramento escolares por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA. Lembranças, reminiscências e esquecimentos, informados por suas vivências e marcas socioculturais, entretanto, são também respostas à dinâmica das práticas escolares de que participam e precisam ser compreendidas como categoria relacional – como o são as práticas de numeramento das quais se apropriam –; afinal, “se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar” (BOSI, 1994, p. 54).

---

<sup>97</sup> O estudo referente ao gênero discursivo calendário aconteceu no dia 05 de março de 2018, no primeiro dia de observação da pesquisadora. Naquela aula, a professora entregou uma folha sulfite para cada estudante contendo um calendário impresso referente ao mês de março. Em anexo, encontra-se o calendário utilizado pela professora e em apêndice encontra-se a transcrição da interação discursiva que ocorreu na sala de aula e que subsidia nosso argumento sobre o conhecimento pragmático das estudantes sobre o sistema de datação.

<sup>98</sup> Algumas enunciações das (e entre as) estudantes sobre a marcação do tempo feita pelo calendário, por outros instrumentos de medida e pela memória: “*Olhava pra cima e era meio dia, né?*”; “*A folhinha, ué!*”; “*Fevereiro tem vinte e oito [dias].*”; “*Tem uns [meses] que têm trinta e um.*”; “*Tem [feriado], dia trinta.*”; “*Eu fazia aniversário, mas é que eu faço aniversário duas vezes.*”; “*Parece que foi ontem e tá aí de novo.*”; “*Eu casei em novembro. Eu tive o meu primeiro filho, eu acho que com uns dois meses.*”; “*Antigamente, tinha muito casamento arranjado.*”; “*Abril pra mim já é uma data especial, porque foi o meu casamento.*”; “*A melhor coisa que me marcou, que eu fui muito feliz, foi o dia que nasceu a minha primeira filha.*”

### **4.3 *Nós dois tá com a cabecinha branquinha, né?*: aprendizagens, conhecimentos, vivências, culturas, memórias, esquecimentos, direitos e expectativas na apropriação de práticas de numeramento por mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA**

Nas seções anteriores, buscamos compreender como mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriam-se de práticas de numeramento escolares, focalizando, em especial, interações ocorridas na sala de aula em que elas narram e protagonizam práticas associadas à leitura e à escrita do sistema linguístico de datação usado no registro de prazos de validade em rótulos de embalagens. Essas estudantes, ao se posicionarem discursivamente sobre o uso, a disponibilidade, o acesso e a relevância desse tipo de informação e ao dedicarem sua ação intelectual ao reconhecimento, à análise e/ou à utilização dos recursos lexicais e da sintaxe de que esse sistema se vale, produzem significados que transitam entre práticas escolares e práticas de outros contextos da vida social. Os significados produzidos, por sua vez, constituídos numa situação de alfabetização escolar, também constituem as alfabetizadas, porque oportunizam e configuram modos de essas mulheres assumirem – pelo que dizem e pelo que calam – sua condição de mulheres de aprendizagens e de conhecimentos, de vivências e de culturas, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas.

Nos eventos narrados naquelas seções, embora a ação pedagógica se volte para a promoção do domínio dos aspectos sintáticos e semânticos do sistema de representação dos prazos de validade, são as questões pragmáticas envolvidas nas práticas de escrita e leitura da informação estampada nas embalagens que provocam e incentivam essas mulheres a buscarem uma compreensão do funcionamento do sistema e do significado do registro produzido com os símbolos que o compõem. Com efeito, a privação dessa compreensão, ditada por sua condição socioeconômica, que se reflete também na exclusão do sistema escolar, interditou-as, ao longo de muitos anos, no exercício do direito ao acesso e à eventual consideração da informação “*prazo de validade*” ou “*data de vencimento*” em suas tomadas de decisão como consumidoras. Por essa razão, estar na escola e apropriar-se do modo como ela mobiliza, estrutura, ensina e lida com o gênero discursivo rótulo, de certa forma, também as habilita à compreensão e ao questionamento das condições de produção desse texto em atendimento às normas e exigências legais da sociedade quantocrata, industrializada e capitalista em que vivem.

De modo especial, a abordagem escolar conferida à leitura dos prazos de validade proporcionaria às estudantes, mesmo que tardiamente, a possibilidade de entrar em estabelecimentos comerciais (acompanhadas ou sozinhas), retirar da gôndola um produto, fazer

a leitura das informações registradas na embalagem, e, eventualmente, considerá-las em sua decisão de efetuar a compra ou de consumir o produto.

Nesse sentido, esta seção delinea-se na intenção de refletirmos sobre as mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento escolares como uma possibilidade de conquista e validação de direitos, oportunizada pela aquisição de códigos e símbolos que envolvem o sistema linguístico de datação, em particular, aqueles que envolvem prazos de validade. Após trabalhar com a leitura do rótulo impresso de um bolo de banana industrializado e criar uma situação de laboratório de sala de aula em que as estudantes analisaram diferentes tipos de rótulos de produtos que estavam no almoxarifado do Instituto, a professora Vanessa propõe a possibilidade de observar e fazer a leitura dos prazos de validade de determinados produtos dentro de um supermercado.

***“Porque não presta atenção nesses produtos. Tem validade também, né?”***

A proposta pedagógica de visitar um supermercado aconteceu na aula do dia 20 de agosto de 2018. Naquela manhã, na primeira parte da aula, Vanessa trabalhou com as estudantes algumas das diversas informações que aparecem na conta de luz; enquanto as estudantes escreviam em seus respectivos cadernos o valor que deveria ser pago pelo consumo da energia elétrica, a professora convidou as estudantes para, juntas, irem até o supermercado que fica próximo à sede do Instituto ABC: *“Vamos?”*.

Com exceção de Ana Maria e Dona Rosa, as outras estudantes presentes na sala de aula prontamente aceitaram o convite da professora: Dona Cecília, Dona Irene, Dona Joana, Dona Terezinha, Dona Zélia, Edilsea e Olga. Ana Maria não foi ao supermercado, por não gostar e não ter o hábito de sair da sede do Instituto no período de aula; Dona Rosa, entretanto, não acompanhou a turma, porque sofrera um acidente doméstico e estava com um dos pés enfaixado, impossibilitando, assim, a sua locomoção.

Contudo, antes de efetivamente, saírem da sala de aula, a professora Vanessa sugeriu a elaboração coletiva de uma lista de produtos cujo prazo de validade elas gostariam de *“olhar”* no supermercado. A transcrição da interação em que se discutem os produtos que constariam nessa lista encontra-se no Quadro 15.

Quadro 15 – “Porque não presta atenção nesses produtos. Tem validade também, né?”

| Aula do dia 20 de agosto de 2018                                             |                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Segunda-feira – 08h às 10h – 54º dia de observação de aula                   |                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 2º vídeo da filmagem - Tempo de gravação: 20:37 até 26:10 (Duração: 5min33s) |                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Tempo de aula                                                                | Participante                                     | Fala                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 20:37                                                                        | Vanessa (professora)                             | Na semana passada, acho que foi na semana retrasada, a gente fez o estudo dos rótulos, lembra?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 20:46                                                                        | Dona Zélia (61 anos)                             | Lembro.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 20:49                                                                        | Vanessa (professora)                             | A gente viu data de validade, o nome do produto. Eu queria que a gente fosse lá no mercado, pra gente fazer na prática, porque houve algumas falas que: ‘Ah, eu não consigo ver a validade.’ ‘Eu peço alguém pra ver pra mim.’ ... Que a gente pudesse ir lá no mercado pra ver se a gente consegue olhar as validades. O que que cês acham?                                                                                        |
| 21:05                                                                        | Edilsea (53 anos)                                | Só se for agora.<br>[Gargalha.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 21:07                                                                        | Vanessa (professora)                             | Da gente ir lá? Vamos? ... Aí, o que que vai acontecer? Eu vou colocar aqui no quadro alguns produtos que a gente vai olhar. Por exemplo: arroz... Cês me falam aí, que produtos cês querem olhar a validade? Vamos pôr uns quatro tipos de produto pra não ficar muito... muito extenso. Aí, a gente vai tentar procurar a validade. Pode ser? Que que cês querem que a gente coloca?                                              |
| 21:33                                                                        | Edilsea (53 anos)                                | Enlatado, é ...                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 21:33                                                                        | Vanessa (professora)                             | Vamos variar então, né? Põe enlatado...                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 21:41                                                                        | Edilsea (53 anos)                                | Aqueles... Sachê, também?<br>[Dirige seu olhar para pesquisadora e, em seguida, para a professora.]<br>Sachê é bom, pode pôr também.                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 21:42                                                                        | Dona Terezinha (64 anos)                         | Pode pôr arroz, né?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 21:42                                                                        | Vanessa (professora)                             | O arroz... Coisas que a gente costuma comprar mais, né?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 21:45                                                                        | Dona Terezinha (64 anos)                         | É.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|                                                                              |                                                  | [A professora Vanessa apaga o quadro.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 21:56                                                                        | Dona Cecília (91 anos)                           | Tem que levar o caderno?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 21:59                                                                        | Vanessa (professora)                             | Nós vamos levar pra gente anotar, né?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 22:00                                                                        | Dona Cecília (91 anos)                           | Hein?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 22:00                                                                        | Vanessa (professora)                             | Nós vamos levar pra gente anotar. Primeiro que vou colocar aqui ó, podem anotar aí...<br>[Dirige-se ao quadro e escreve o título da atividade: ‘Vencimento de produtos’.]<br>O bom que nós vai no sol um cadinho...<br>[As estudantes copiam o título da atividade em seus respectivos cadernos.]<br>Mas, qualquer coisa, uma leva o caderno, né? ... Quando a gente voltar, a gente anota. O que que cês querem olhar lá, me fala? |
| 22:36                                                                        | Dona Zélia (61 anos)                             | O arroz, o fubá, né, Tereza?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 22:39                                                                        | Dona Terezinha (64 anos)                         | É.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 22:40                                                                        | Vanessa (professora)                             | O arroz que todo mundo come.<br>[Dirige-se ao quadro e escreve a palavra ‘arroz’.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 22:42                                                                        | Dona Terezinha (64 anos)<br>Dona Zélia (61 anos) | Feijão.<br>[As estudantes falam juntas.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

|       |                           |                                                                                                                                                                                                                      |
|-------|---------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 22:43 | Vanessa<br>(professora)   | <i>O feijão.</i><br>[Dirige-se ao quadro e escreve a palavra 'feijão'.]                                                                                                                                              |
| 22:44 | Dona Joana<br>(63 anos)   | <i>Açúcar.</i>                                                                                                                                                                                                       |
| 22:47 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Que mais?</i>                                                                                                                                                                                                     |
| 22:48 | Dona Joana<br>(63 anos)   | <i>Açúcar.</i>                                                                                                                                                                                                       |
| 22:49 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Açúcar?</i><br>[Dirige-se ao quadro e escreve a palavra 'açúcar'.]                                                                                                                                                |
| 22:52 | Dona Zélia<br>(61 anos)   | <i>Tem café, né?</i>                                                                                                                                                                                                 |
| 23:01 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Vamos pôr enlatado? O que que cês costumam comprar em enlatado?</i>                                                                                                                                               |
| 23:04 | Dona Joana<br>(63 anos)   | <i>Só massa de tomate.</i>                                                                                                                                                                                           |
| 23:06 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Ah, é! A massa de tomate.</i><br>[Dirige-se ao quadro e escreve 'massa de tomate'.]                                                                                                                               |
| 23:19 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Mais alguma coisa?</i>                                                                                                                                                                                            |
| 23:24 | Dona Zélia<br>(61 anos)   | <i>Macarrão, né?</i>                                                                                                                                                                                                 |
| 23:27 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Macarrão?</i><br>[Dirige-se ao quadro e escreve a palavra 'macarrão'.]                                                                                                                                            |
| 23:27 | Dona Zélia<br>(61 anos)   | <i>É... Né, Tereza?</i>                                                                                                                                                                                              |
| 22:35 | Edilsea<br>(53 anos)      | <i>Leite? Essas coisas assim? ... Leite, né?</i>                                                                                                                                                                     |
| 23:37 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Leite, né? ... Leite, porque o leite é perecível, né? ...</i><br>[Dirige-se ao quadro e escreve a palavra 'leite'.]<br><i>Leite...</i>                                                                            |
| 23:46 | Dona Cecília<br>(91 anos) | [Olha na direção do quadro e pergunta à professora:]<br><i>Isso aí tudo é pra escrever?</i>                                                                                                                          |
| 23:48 | Vanessa<br>(professora)   | <i>É. Pode pôr um debaixo do outro. Quando a gente voltar, a gente registra.</i>                                                                                                                                     |
| 23:56 | Dona Cecília<br>(91 anos) | <i>Ah, tá.</i>                                                                                                                                                                                                       |
| 23:56 | Vanessa<br>(professora)   | <i>A Seia leva o caderno pra nós, ela anota.</i><br>[Edilsea sorri. Em seguida, Vanessa olha para a pesquisadora e pergunta:]<br><i>Mais alguma coisa?</i>                                                           |
| 24:23 | Flávia<br>(pesquisadora)  | [Inaudível]...                                                                                                                                                                                                       |
| 24:24 | Vanessa<br>(professora)   | <i>É mesmo. Vamos pôr um...? Sabonete?</i><br>[Dirige-se ao quadro e escreve a palavra 'sabonete'.]                                                                                                                  |
| 24:29 | Edilsea<br>(53 anos)      | <i>Sabonete, shampoo...</i><br>[Olha para a pesquisadora e a adverte:]<br><i>Porque não presta atenção nesses produtos. Tem validade também, né?</i><br>[Levanta as sobrancelhas e volta o seu olhar para o quadro.] |
| 24:37 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Não, só os produtos que a gente come, né? ... Esses que a gente usa de...</i><br>[Dirige-se à mesa de Olga e de Ana Maria para auxiliá-las com o registro das palavras.]                                          |
| 25:02 | Edilsea<br>(53 anos)      | [Olha para a pesquisadora e pergunta:]<br><i>Gostou do meu batom novo?</i>                                                                                                                                           |
| 25:04 | Flávia<br>(pesquisadora)  | <i>Você tá chique.</i><br>[Edilsea sorri.]                                                                                                                                                                           |
| 25:41 | Edilsea<br>(53 anos)      | [Pergunta à professora:]<br><i>Vai ser na mesma folha?</i><br>[Acaricia a folha do caderno que está em cima da mesa.]                                                                                                |
| 25:45 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Oi?</i>                                                                                                                                                                                                           |

|       |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 25:47 | <b>Edilsea<br/>(53 anos)</b>    | <i>Vai ser na mesma página? Na mesma folha?</i><br>[Pega o estojo em que carrega lápis e caneta e o coloca sobre o caderno.]<br><i>Eu vou levar tudo, porque caso precise...</i><br>[Dirige-se à pesquisadora e pergunta:]<br><i>Será que eu levo celular?</i><br>[Gargalha.]                                                              |
| 26:06 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b> | [Olha na direção de Ana Maria e faz o convite:]<br><i>Vamos lá com a gente? Esquentar um solzinho.</i><br>[Ana Maria movimenta a cabeça negativamente e recusa o convite da professora.]<br><i>Não vai, não?</i>                                                                                                                           |
| 26:10 | <b>Edilsea<br/>(53 anos)</b>    | [Inaudível] ... e eu vou fazer uns flashes.<br>[Sorri. Em seguida, fecha o estojo que está em sua mesa e o movimenta sobre o caderno, ajustando-o.]<br><i>Outro dia, eu tava lembrando do dia que a gente foi no Geraldo do Guede [supermercado], na farmácia... Podia... Nem se ela [a professora] tivesse adivinhado.</i><br>[Gargalha.] |
|       |                                 | [A professora Vanessa passa uma atividade para Ana Maria e Dona Rosa que não irão ao supermercado. Em seguida, sai da sala de aula com as outras mulheres e juntas caminham até o supermercado que fica próximo à sede do Instituto ABC.]                                                                                                  |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 20/08/2018.

A proposta pedagógica elaborada pela professora Vanessa de visitar um supermercado para “olhar” o prazo de validade dos produtos escolhidos pelas estudantes (“*Cês me falam aí, que produtos cês querem olhar a validade? Vamos pôr uns quatro tipos de produto pra não ficar muito... muito extenso. Aí, a gente vai tentar procurar a validade. Pode ser? Que que cês querem que a gente coloca?*”) institui-se a partir de memórias das aulas anteriores em que as mulheres relataram (ou silenciaram) suas dificuldades, interdições e estratégias ao apropriarem-se da leitura e do registro dos prazos de validade em rótulos de embalagens; memórias que se constituem relacionadas não só às dimensões sintáticas e semânticas dessa prática leitura, mas, de modo especial, à sua dimensão pragmática. A conformação da atividade proposta por Vanessa, todavia, reflete sua percepção de que foi, afinal, essa informação, entre tantas contidas num rótulo, a que mais desencadeou diálogos, dúvidas, tensionamentos e posicionamentos discursivos entre as estudantes da turma e delas com a professora. A menção ao posicionamento discursivo assumido pelas estudantes nas aulas anteriores em relação às práticas de leitura do prazo de validade (“... *porque houve algumas falas que: ‘Ah, eu não consigo ver a validade.’ ‘Eu peço alguém pra ver pra mim.’*”) justifica a proposição de continuidade da sequência didática que se vai arquitetando para a promoção da apropriação das habilidades de leitura e compreensão de textos no gênero discursivo rótulo.

A nova intervenção pedagógica, contudo, visa agora proporcionar outra situação e outro ambiente de leitura desse tipo de texto, para além da sala de aula do Instituto ABC: “*Eu queria que a gente fosse lá no mercado, pra gente fazer na prática.*”. A localização e a leitura dos

prazos de validade nas embalagens de produtos à sua escolha, entre os que jazem nas gôndolas de um supermercado, ainda que não se configure numa situação real de compra, é uma atividade que possibilita a essas estudantes o enfrentamento dos desafios da leitura dos códigos, dos símbolos e da estrutura de registro dessas datas, numa simulação muito mais próxima dessa situação “*na prática*”. Além disso, oportuniza a essas mulheres, em processo de envelhecimento e com trajetórias de vida marcadas por exclusões sociais e restrições econômicas, o exercício da conjugação de mais um critério de tomada de decisão na eventual compra ou no consumo de determinados produtos a partir de uma informação impressa no rótulo. Esse exercício, porque prepara para (ou mesmo porque simula) a situação de compra, de certa forma, possibilita o cumprimento do desejo (e do direito) de poder entrar num supermercado, tomar nas mãos qualquer produto, explorar sua embalagem, buscar nela informações que atendam às indagações de sua intenção de consumo, de sua curiosidade diletante ou de uma interação lúdica com as colegas.

O pensamento social dominante nas culturas política, econômica e pedagógica, segundo o qual a alfabetização é considerada um dos pilares dessas culturas (GALVÃO; DI PIERRO, 2012) e o letramento (nele incluído o numeramento) escolar, uma “*precondição* para a humanidade e a cidadania” (ARROYO, 2017, p. 107, destaque crítico do autor<sup>99</sup>), segregam e excluem as pessoas que não tiveram acesso à escolarização quando crianças ou adolescentes. Submetidas às condições e às repercussões desse pensamento, aquelas mulheres – em processo de envelhecimento, negras, empobrecidas, oprimidas; que trabalharam na roça, em casas de família, em pequenos comércios, fizeram doces, costuraram, lavaram roupa e o chão de escolas para sobreviverem; analfabetas e consideradas iletradas e *inumeradas*<sup>100</sup> por padrões de avaliação relacionados a uma ideia de “alfabetismo funcional”<sup>101</sup> – assumem a EJA não como *promotora* de sua humanidade, mas sim como uma instância de *vivência e manifestação* de sua condição de mulheres de direitos e, desse modo, como oportunidade “para que se reconheçam e se afirmem sujeitos de direitos. Sujeitos de dignidade humana” (ibidem).

Portanto, é com essa perspectiva que consideramos a atividade proposta pela professora de ir ao supermercado, ainda que para verificar o prazo de validade de produtos pré-

---

<sup>99</sup> Arroyo critica essa perspectiva sintetizada nas expressões “educação *para* a cidadania” ou “educação *para* a humanização” (ARROYO, 2017, p. 107, destaques do autor).

<sup>100</sup> O termo *inumeradas* vem da expressão em inglês *innumeracy*, para descrever o analfabetismo numérico como uma incapacidade de tratar confortavelmente as noções fundamentais de número e possibilidades (FERREIRA, 2009). Em inglês, a expressão é utilizada por Jhon Allen Paulos em seu livro *Innumeracy: Mathematical illiteracy and its consequences*.

<sup>101</sup> A ideia de alfabetismo funcional se relaciona ao que Magda Soares chama de conceito liberal ou funcional de letramento: “sendo o uso das habilidades de leitura e escrita para o *funcionamento* e a *participação* adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania” (SOARES, 2001, p. 74, destaques nossos).

determinados, uma atividade escolar que resgata direitos que foram negados a essas mulheres ao longo da vida: o direito de caminhar pelos setores de um supermercado; o direito de apreciar os produtos antes de comprá-los ou consumi-los; o direito de tocar nos produtos que são exibidos nas gôndolas; o direito de localizar e analisar as informações das embalagens; o direito de verificar preços e promoções; o direito de sugerir receitas a partir de determinados produtos; o direito de desejar produtos e utensílios que gostariam de adquirir; o direito de criar e simular peças publicitárias de propaganda de produtos e até do próprio estabelecimento comercial; o direito de usufruir de um espaço público para buscar informação, criar, expressar opiniões e desejos, divertir-se na relação lúdica com as companheiras e com o conhecimento.

De fato, a escolarização pode (e deveria empenhar-se em) proporcionar às/aos estudantes a possibilidade de entrar, frequentar e participar de espaços públicos e/ou privados e o sentimento de pertencimento às tramas que se engendram nesses ambientes, como nos narram Dona Cecília, Dona Joana e Dona Terezinha:

*“Um dia cheguei no banco, a moça que trabalhava lá me pediu pra assinar com a minha impressão digital. Eu falei: ‘Não, agora eu já sei ler e já sei escrever o meu nome’. Ela duvidou: ‘Eu não acredito.’ Eu falei: ‘Já, quer ver?’ Ela respondeu: ‘Vou trazer o papel procê escrever.’ Ela saiu da mesa do atendimento, trouxe um papel e eu escrevi. Ela ficou surpresa.”* (Dona Cecília, 91 anos).

*“Se eu não soubesse ler, igual eu aprendi na escola, eu tava enrolada, porque, ontem, eu fui no banco receber e o cartão tava vencido. Ai, tentaram me atender, mas eu falei que queria falar com o gerente. Ele me acompanhou até no caixa e falou que eu podia receber.”* (Dona Joana, 63 anos).

*“Aqui em Barroso, eu sabia apanhar o ônibus direitinho. Mas quando voltava pra cá, eu ia pro ponto de ônibus em Barbacena [cidade próxima a cidade de Barroso] e ficava olhando as pessoas daqui de Barroso na fila. Eu pegava e comprava a passagem daquela pessoa da fila, que eu conhecia, aí voltava pra Barroso... Agora não, depois que eu comecei a estudar não. Agora eu sei, né? ... Assim, igualzinho, Transur [empresa de ônibus que faz viagens de Barroso para a cidade de Barbacena], e também o lá de Dores [cidade próxima a cidade de Barroso], São Vicente [empresa de ônibus que também viagens de Barroso para a cidade de Barbacena]. Se fosse antigamente eu não sabia. Ai, assim, eu já sei, sabe?”* (Dona Terezinha, 64 anos).

A incorporação da disposição pedagógica de promover o acesso a esses ambientes e práticas, muitas vezes, volta-se para espaços valorizados como equipamentos culturais – teatros, museus, exposições de arte, concertos musicais, entre outros –, em geral, frequentados por uma parcela restrita da sociedade, de melhor condição econômica, alto nível de instrução escolar, habitantes de grandes centros urbanos. Mas, aqui, queremos destacar a contribuição da experiência escolar na conquista de espaços que são considerados “populares”, teoricamente “disponíveis”, de “fácil acesso” à população “de modo geral”, mas interpõem um conjunto de restrições que inibem e constroem a entrada, a frequência e a participação na diversidade de

possibilidades de interação, de negociação e de produção de significados, que tais espaços (como o de um supermercado, por exemplo) oportunizariam.

Com efeito, a prática de entrar em um supermercado (de grandes redes ou um estabelecimento de pequeno porte) não é uma prática comum (ou um direito assegurado) a todas as pessoas, de todos os gêneros, de todas as raças ou etnias, de todas as classes socioeconômicas, de todas as faixas etárias ou de todos os níveis de escolaridade. A exclusão, a ausência ou o silenciamento desse tipo de prática social pode ser observado ao longo da vida de muitas/os estudantes da EJA, como foi o caso de Dona Irene, antes de iniciar seu processo de escolarização na EJA. De acordo com o diretor da Instituição, quando Dona Irene começou a frequentar a sala de aula na EJA, no Instituto ABC, ela não possuía documentos pessoais, não sabia a própria idade e era sustentada por entidades religiosas que a mantinham com cestas básicas mensais, revelando, assim, as condições de vulnerabilidade, de extrema pobreza e de exploração que a estudante vivenciara ao longo da vida.

Da entrevista cedida à pesquisadora, destacamos diversos excertos em que Dona Irene relata dificuldades, sofrimentos e desafios que marcaram sua vida: *“Não comia. Mas pra sair pra ir na lenha eu tomava só um gole de café. Oê acredita que um dia eu tomei o café e comi um pedacinho de pão e me deu saúde? Assim, eu fiquei animada. Aí, na hora que eu alimentei o café e comi o pão, me deu aquela coragem de pegar o pano pra fazer a rodilha pra ir embora.”*; *“Meu irmão fica aqui em casa, ele me ajuda aqui. Ainda é bom que ele ainda me ajuda também aqui, né? Porque se não fosse isso, como é que eu ia fazer? Aí, ele me ajuda. Então, ele começou me ajudando aqui, comprando alimento pra mim.”*; *“Eu torcia pra ela dois tachos de roupa, eu não tava nem aguentando, porque eu tive anemia e aquela roupa tava me pesando... Ela me dava trinta reais só, uai?”*; *“Ele começou a fazer coisa errada comigo, pegava meu cartão, levava pra casa dele e me dava um pouco de dinheiro... Aí, o povo do banco já começou a achar que ele tava fazendo coisa errada comigo.”*

Ao iniciar seu processo de escolarização, o Instituto, na pessoa de seu diretor, providenciou a documentação pessoal de Dona Irene e a auxiliou no requerimento do Benefício Assistencial ao Idoso<sup>102</sup>, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do Município, visto que a estudante tinha idade suficiente para fazer esse tipo de solicitação. Além disso,

---

<sup>102</sup> O Benefício Assistencial ao Idoso foi instituído pela Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) – Lei nº 8.742/1993 e, diferentemente da aposentadoria ou auxílio-doença, por exemplo, é a garantia de um salário mínimo mensal ao cidadão com idade igual ou superior a 65 e que não possui renda suficiente para manter a si mesmo, nem de ser sustentado por sua família, conforme os critérios dispostos na legislação. É um benefício concedido pela Assistência Social e não pela Previdência, sendo assim, não há necessidade de contribuição com o INSS para adquirir esse direito. Apesar de sua importância, muitas pessoas não conhecem esse tipo de Benefício, não sabem como ele funciona e nem como fazer para requerê-lo.

conforme o relato do diretor, ele também acompanhou Dona Irene, no banco, no dia em que ela recebeu seu primeiro Benefício de Prestação Continuada (BPC)<sup>103</sup>:

*“Saindo do banco com ela e com o salário dela que estava num envelope, ela me disse que tinha o sonho de ir num lugar e me pediu para levá-la. Perguntei onde era, mas ela não me respondeu. Ela disse que me mostraria o local. Entramos no carro e ela me guiou pelo caminho. Quando entramos na rua do Zé Orlando [nome do dono de um supermercado da cidade], ela me pediu para parar e me disse que o sonho dela era entrar no supermercado, pegar os produtos nas prateleiras e fazer a primeira compra. Quando vi que ela estava com medo de tocar nos produtos, não aguentei e comecei a chorar. Ela fez a primeira compra”* (LUCIANO, em entrevista à pesquisadora em 21/12/2018).

Para Dona Irene, assim como para o público geral da EJA, a escolarização passou a ser “um itinerário, uma *porta de emergência* para um viver digno, menos indigno” (ARROYO, 2017, p. 110, destaque do autor). Apesar de não usar a expressão *porta de emergência*, é essa a referência que identificamos no depoimento do diretor do Instituto, quando discorre sobre o modo como testemunha o processo de escolarização de Dona Irene: “*A escola dá sentido pra Dona Irene... Ela vem pra viver... Essa é a verdade. Se não fosse a escola, ela, talvez, não estaria aqui entre nós.*” Para pessoas jovens, adultas e idosas que não tiveram a oportunidade da escolarização na infância ou na adolescência, voltar a estudar é uma estratégia que lhes possibilita não apenas o enfrentamento da exclusão diante do domínio da leitura, da escrita, das regras, das normas e dos procedimentos matemáticos convencionados socialmente, mas “reorientar sua subjetividade e conduta para fazer frente aos padrões culturais” (GALVÃO; DI PIERRO, 2012, p. 26).

O desejo e a predisposição das mulheres, alfabetizadas na EJA, por reorientar sua conduta para o atendimento a um padrão cultural de relação com o texto rótulo de embalagem – padrão que orienta o consumidor a considerar, localizar, fazer a leitura do prazo de validade, e avaliar essa informação para deliberar sobre a compra, a ingestão ou o uso de determinadas mercadorias – são manifestados no engajamento e na participação das estudantes durante a construção coletiva da lista de produtos que elas se propõem a consultar no supermercado: “*Pode pôr arroz, né?*”; “*O arroz, o fubá, né, Tereza?*”; “*Feijão.*”; “*Açúcar.*”; “*Tem café, né?*”; “*Só massa de tomate.*”; “*Macarrão, né?*” Ao sugerirem mercadorias que, geralmente, compõem a cesta básica brasileira ou que são relativamente mais acessíveis por meio da compra ou de doações, as estudantes elaboram coletivamente uma lista de produtos – arroz, feijão, açúcar, café, fubá e macarrão – que, além de expressar a alimentação típica das/os brasileiras/os,

<sup>103</sup> Benefício de Prestação Continuada (BPC) é o nome dado à assistência financeira para a pessoa idosa. O valor do pagamento sempre será de um salário mínimo, sendo reajustado anualmente; mesmo que o segurado tenha feito alguma contribuição ao INSS, nunca lhe é concedido uma assistência que ultrapasse esse valor.

também revelaria a restrita condição econômica experienciada por essas mulheres ao longo da vida.

Entusiasmada com a proposta da atividade, Edilsea, a despeito do desafio adicional que a locomoção lhe impõe, uma vez que os espaços públicos nem sempre dispõem de boas condições de acessibilidade, prontamente aceita o convite da professora (“*Só se for agora.*”) e manifesta o seu interesse de voltar<sup>104</sup> ao supermercado: “*Outro dia, eu tava lembrando do dia que a gente foi no Geraldo do Guede<sup>105</sup>, na farmácia... Podia [voltar]... Nem se ela [a professora] tivesse adivinhado.*” A prontidão e o interesse pela atividade podem ser observados também no engajamento da estudante ao sugerir produtos que pertençam a outros gêneros – industrializado, perecível e cosmético – e não apenas aos alimentos da cesta básica: “*Enlatado.*”; “*Sachê é bom, pode pôr também.*”; “*Leite? Essas coisas assim? ... Leite, né?*”; “*Sabonete, shampoo.*” Valendo-se das sugestões de Edilsea, Dona Joana especifica o único tipo de enlatado que utiliza: “*Só massa de tomate*”; e, o modo como a professora adere a sugestão da estudante (“*Ah, é! A massa de tomate.*”) indica-nos o reconhecimento de que o consumo desse produto é uma prática compartilhada por estudantes e professora, como o é para boa parte da população brasileira<sup>106</sup>.

A sugestão de incluir na lista produtos enlatados ou que venham embalados em sachês (“*Aqueles... Sachê, também?*”) pode ser interpretada como uma maior predisposição de Edilsea para a compra e pelo consumo de produtos industrializados e de fácil preparo, relacionada à sua condição de mulher cadeirante, pois o preparo de alguns alimentos pode demandar esforços corporais perigosos ou, ainda, que ela não consiga realizar. Assim, as respostas das alunas à demanda de uma tarefa escolar vão se configurando como oportunidade de manifestação de seus modos de vida e, nesse sentido, como exercício de apropriação dessa prática escolar (FONSECA, 2019).

Os primeiros produtos inseridos na lista pelas estudantes são todos do gênero alimentício; a introdução de produtos de higiene pessoal parece atender à sugestão da

<sup>104</sup> Na aula do dia 23 de abril, durante o primeiro semestre letivo de 2018, a professora Vanessa também propôs que as estudantes fossem ao mesmo supermercado para conferir e registrar o preço de alguns produtos que coletivamente elas escolheram. Naquela manhã, Edilsea foi quem alertou as colegas e a professora sobre a importância de observar a marca e o preço das mercadorias: “*Olhar a marca e o preço é fatal.*” Além disso, emitiu sua opinião sobre a facilidade e a praticidade de se comprarem produtos prontos ou de fácil preparo para serem consumidos: “*Se tem tudo pronto, pra que fazer?*”

<sup>105</sup> Refere-se a um supermercado local, cujo nome é Supermercado Almeida, mas popularmente é conhecido pelo nome de seu proprietário (Geraldo) e pelo nome do bairro em que está localizado (Guedes).

<sup>106</sup> “As mudanças dos hábitos de consumo da população brasileira têm contribuído para a expansão da demanda de alimentos processados, dentre os quais estão os derivados de tomate. O consumo de tomate processado no Brasil aumentou no período de 1995 a 2010, tendo um aumento significativo de 56% de 2002 para 2008, graças ao aumento de renda da população, substituição dos produtos in natura pelos processados em função da busca do consumidor por conveniência” (BARACAT, 2018, p. 20).

pesquisadora (“*É mesmo. Vamos pôr um? Sabonete?*”). Todavia, a possibilidade de aventar outros tipos de gêneros que são comercializados dentro de um supermercado incentiva Edilsea a adicionar outros produtos de higiene pessoal à lista (“*Sabonete, shampoo...*”) e a alertar as companheiras para a negligência ou o desconhecimento em relação à consideração dos prazos de validade desses produtos, quando de sua compra ou seu consumo. Desse modo, não apenas reitera a função pragmática da prática de numeramento em foco (leitura de prazos de validade), como também salienta a intenção pedagógica da atividade: “*Porque não presta atenção nesses produtos. Tem validade também, né?*”.

Com efeito, compradoras/es ou consumidoras/es, em geral, eximem-se da responsabilidade de avaliar as condições de uso de um produto de higiene pessoal a partir da data-limite de seu vencimento e, por isso, desconsideram a imposição de restrições exercida por esse tipo de informação que aparece registrada nas embalagens dos produtos, em cumprimento às normas e regras regulamentadas pela Anvisa<sup>107</sup> – talvez porque suas características observáveis (cor, aroma, textura) só venham a sofrer modificação muito tempo após vencido o prazo de validade. Em contrapartida, consideram outras informações e/ou outras condições no momento da compra ou uso desse tipo de produto: aparência, textura, aroma, marca, preço, funcionalidade, eficácia, quem indicou, afeto, necessidade ou simplesmente o desejo pela compra ou pelo uso.

Ao indicar o shampoo e ter sua sugestão rejeitada pela professora (“*Não, só os produtos que a gente come, né?*”), Edilsea pede a opinião da pesquisadora sobre a cor do cosmético que está usando nos lábios: “*Gostou do meu batom novo?*”. Em seguida, volta sua atenção e preocupação para o material que deverá levar para o supermercado (“*Eu vou levar tudo, porque caso precise...; “Será que eu levo celular?”; “... e eu vou fazer uns flashes.”*”), em razão de ser a estudante responsável pelo registro dos prazos de validade, conforme o direcionamento da professora (“*A Séia leva o caderno pra nós, ela anota.*”). A designação de Séia (Edilsea) para o cumprimento dessa missão deve-se ao fato de ela ser alfabetizada, portanto, aquela que teria certo domínio dos códigos e símbolos do sistema linguístico de datação para um registro mais fiel da informação identificada nos rótulos, que seria retomada na sala de aula. A responsabilidade pelo registro desses prazos explica o questionamento e a preocupação da estudante sobre o modo como os nomes dos produtos e seus respectivos prazos de validade

---

<sup>107</sup> A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) é uma agência autônoma, vinculada ao Ministério da Saúde, e tem como função regular e fiscalizar a produção e o consumo de produtos submetidos à vigilância sanitária. Ela atua no controle sanitário de produtos nacionais e internacionais, tais como: agrotóxicos, alimentos, cosméticos, medicamentos, tabaco, entre outros.

deveriam ser escritos em seu caderno: “*Vai ser na mesma folha?*”; “*Vai ser na mesma página? Na mesma folha?*”.

No exercício da tomada de decisão pela compra, pelo consumo ou pelo uso de determinados tipos de produtos, sejam eles alimentícios ou de higiene pessoal, as dimensões sintáticas, semânticas e pragmáticas que envolvem a prática de numeramento (configurada na referência à consideração, à identificação, à leitura, e, neste caso, à cópia do registro de prazos de validade no caderno, desenvolvidas, primeiramente, nas atividades em sala de aula e, depois, dentro de um supermercado) despertam a curiosidade das estudantes por – e o direito ao acesso a – esse tipo de informação nas embalagens dos produtos. A apropriação dessa prática de numeramento propicia a essas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, o exercício do direito de poder entrar num supermercado, tomar um produto nas mãos, observar seu rótulo e decidir sobre a compra, sem a necessidade e o constrangimento de demandar o auxílio de outras pessoas (familiares ou repositores de prateleiras, por exemplo); quando solicitado o auxílio, ele deve ser utilizado apenas para validar a decisão pela compra ou uso dos produtos desejados. Dona Rosa, por exemplo, quando foi ao supermercado com a turma pela primeira vez<sup>108</sup>, comentou com a pesquisadora sobre o desconforto que sentia ao entrar dentro do estabelecimento e perceber que algumas pessoas estavam observando (e filmando, no caso da pesquisadora) sua tentativa de fazer a leitura e o registro do preço de alguns produtos, sendo ela uma mulher já idosa, de “*cabeça branca*”:

**Dona Rosa:** *Ah, boba! A gente fica com vergonha.*

**Pesquisadora:** *De quê?*

**Dona Rosa:** *Pessoa fica vendo uma pessoa velha igual eu, né?*

**Pesquisadora:** *Que isso? Povo sente é orgulho. Eu fico super orgulhosa.*

**Dona Rosa:** *Eu fico com vergonha... [Inaudível]... A gente de cabeça branca...*

**Pesquisadora:** *Mas a senhora tá aprendendo.*

**Dona Rosa:** *Ah, meu Deus do céu, minha filha! É bondade docês! Mas a gente fica com vergonha... A gente deu muita bobeira, né? ... Nossa Senhora! A gente não ter aprendido... Eu não aprendi isso não [olhar o preço e registrá-lo].*

**Pesquisadora:** *Mas, agora, tem que aproveitar, Dona Rosa.*

**Dona Rosa:** *Pois então... [Inaudível]... E vim aqui pra escola.*

**Pesquisadora:** *É isso mesmo! (DIÁRIO DE CAMPO, 23/04/2018).*

Além disso, a apropriação da prática de numeramento, de leitura e registro de prazos de validade permite que essas mulheres – em sua maioria, pobres ou em condições econômicas restritas – estejam munidas de outros argumentos, diferentes da indisponibilidade de recursos financeiros, para devolverem os produtos à gôndola, sem constrangimentos, ao avaliarem que

<sup>108</sup> Assim como Edilsea, a primeira visita de Dona Rosa ao supermercado, junto com a professora Vanessa e com as colegas da turma, aconteceu no dia 23 de abril de 2018. Naquele dia, todas as estudantes que foram ao supermercado levaram uma folha e um lápis para o registro dos valores dos produtos.

eles não atendem às suas exigências enquanto consumidora... e não o contrário. Nessa direção, a possibilidade de legitimar a dispensa de determinados produtos com base nas informações contidas nos rótulos de suas embalagens (como o prazo de validade, por exemplo), e não necessariamente por seu preço, seria um dos argumentos apropriados e utilizados pelas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, como tática retórica (CERTEAU, 1998).

**“Da cerveja, cês não quer tirar a validade não?”**

Na longa sequência discursiva (cuja transcrição apresentamos no Quadro 16) que ocorreu durante a atividade proposta pela professora – de consulta dos prazos de validade de mercadorias disponíveis nas gôndolas de um supermercado –, observamos as estudantes da turma de alfabetização na EJA vivenciando processos de significação e forjando modos de apropriação de práticas de numeramento escolares, práticas de numeramento da vida social, práticas de consumo e práticas relacionadas ao processo de envelhecimento.

Quadro 16 – “Da cerveja, cês não quer tirar a validade não?”

| Aula do dia 20 de agosto de 2018                                              |                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Segunda-feira – 08h às 10h – 54º dia de observação de aula                    |                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 3º vídeo da filmagem - Tempo de gravação: 00:18 até 16:37 (Duração: 16min19s) |                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <i>Tempo de aula</i>                                                          | <i>Participante</i>      | <i>Fala</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 00:18                                                                         | Vanessa (professora)     | [As estudantes, a professora e a pesquisadora entram no supermercado e dirigem-se ao setor de cereais e grãos. O primeiro produto retirado da gôndola de cereais e observado por elas é o pacote de arroz. Ao perceber as dificuldades das estudantes para enxergar o prazo de validade do produto, porque ora aproximavam o pacote de arroz dos olhos e ora apertavam os olhos para conseguir enxergar, a professora Vanessa orienta algumas mulheres:]<br><i>Viu, Dona Olga e Dona Zélia? Aqui, ó... É pequenininho, tá vendo?</i><br>[Aponta para a data de validade que está registrada na embalagem do produto.]<br><i>Olha a validade: dezoito do quatro de dois mil e dezenove.</i> |
|                                                                               |                          | [Em seguida, as estudantes analisam o prazo de validade do feijão e seguem para a gôndola onde ficam os açúcares.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 02:35                                                                         | Vanessa (professora)     | <i>Açúcar... Vamos ver o açúcar. Qual açúcar que vocês costumam comprar?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 02:39                                                                         | Dona Terezinha (64 anos) | <i>Ah, eu compro é o adoçante, né?</i><br>[Dona Terezinha sorri.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 02:42                                                                         | Vanessa (professora)     | <i>Ah, é! Açúcar não te pertence. Pode pegar qualquer um então.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 02:45                                                                         | Dona Terezinha (64 anos) | <i>Açúcar, às vezes, eu compro aqueles pacotinho pequeno.</i><br>[Abre as mãos para indicar o tamanho do pacote de açúcar que é habituada a comprar.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 02:48                                                                         | Vanessa (professora)     | <i>Vamos ver esse aqui então.</i><br>[Vai até a gôndola e pega um pacote de açúcar de um quilo.]<br><i>Vamos lá, vamos caçar aí, gente!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

|       |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 02:51 | Edilsea<br>(53 anos)        | [Olha para Dona Terezinha e comenta:]<br><i>Vou te falar: o pequeno você vai ter é prejuízo, porque vai acabar rápido.</i>                                                                                                                                                                                   |
| 02:54 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Não, mais é que...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 02:57 | Edilsea<br>(53 anos)        | [Interrompe a explicação de Dona Terezinha.]<br><i>E é mais barato nada.</i>                                                                                                                                                                                                                                 |
| 02:59 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Não, é porque eu uso o adoçante, só ele... Só quando vai visita...</i>                                                                                                                                                                                                                                    |
| 03:07 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Aí, procura aí... Geralmente é pequenininho também.</i><br>[Dirige-se a Dona Terezinha, apontando a gôndola em que estavam os pacotes de açúcar, orientando-a a procurar o registro do prazo de validade do produto.]                                                                                     |
| 03:11 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | [Retira um pacote de açúcar da gôndola e começa a procurar o registro da data de validade na embalagem.]<br><i>Aqui... Dois...</i>                                                                                                                                                                           |
| 03:21 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Não.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 03:21 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Duzentos... Como é que é? Vinte e três.</i>                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 03:24 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Isso. Dia, né? ... Vinte e três do...?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 03:26 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Do... Cinco.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 03:28 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Do cinco de dois mil e...?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 03:29 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>Vinte.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 03:31 | Edilsea<br>(53 anos)        | <i>Nossa!</i><br>[Parece surpresa ao ouvir o ano em que o açúcar irá vencer.]<br><i>Dois mil e vinte, até lá...</i>                                                                                                                                                                                          |
| 03:35 | Flávia<br>(pesquisadora)    | <i>Pode falar, até lá você já acabou com o pacote de açúcar, né, Dona Séia?</i><br>[Edilsea gargalha.]                                                                                                                                                                                                       |
| 03:40 | Edilsea<br>(53 anos)        | [Levanta os dedos de uma das mãos e inicia a contagem.]<br><i>Dezoito, dezenove, vinte... Até lá, o mundo já acabou!</i>                                                                                                                                                                                     |
| 03:48 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Aqui, esse aqui tá diferente, olha...</i><br>[Aproxima-se das estudantes com um pacote de açúcar, de outra marca, e mostra-o para Dona Cecília.]<br><i>Esse aqui tá assim, ó ...</i><br>[Aponta para o registro do prazo de validade na embalagem do produto.]<br><i>Válido até... Até que mês, ó...?</i> |
| 03:57 | Dona Cecília<br>(91 anos)   | <i>De junho.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 03:58 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Julho de dois mil e...?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 04:01 | Dona Cecília<br>(91 anos)   | <i>Vinte, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 04:01 | Vanessa<br>(professora)     | <i>De dois mil e vinte. Tá vendo? Esse já tá diferente.</i>                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 04:05 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>É... É porque é outra marca, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 04:07 | Vanessa<br>(professora)     | <i>É.</i><br>[Devolve o pacote de açúcar para a gôndola.]<br><i>Varia de marca, né? ... Aqui, ó ... Válido até julho de dois mil e vinte. Então, eu posso consumir ele até julho de dois mil e vinte.</i>                                                                                                    |
| 04:15 | Dona Terezinha<br>(64 anos) | <i>É.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 04:19 | Vanessa<br>(professora)     | <i>Qual que é o próximo aí, ô, Dona Fotógrafa?</i><br>[Refere-se à Edilsea que está mexendo no celular. Dona Terezinha gargalha.]                                                                                                                                                                            |
| 04:23 | Edilsea<br>(53 anos)        | <i>Peraí, oi? ... Pode ser os enlatados... Nem anotou aqui, ó!</i><br>[Aponta para o caderno que está no seu colo.]                                                                                                                                                                                          |

|       |                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-------|------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 04:30 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>A massa de tomate.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 05:05 | <b>Dona Zélia</b><br>(61 anos)     | [Dirige-se à pesquisadora e faz o seguinte comentário:]<br><i>Eu vou vim quarta-feira e comprar uma garrafa aqui pra mim.</i><br>[Refere-se a garrafa térmica para colocar café.]<br><i>Eu saio um pouquinho lá da aula e ocês deixa.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 05:24 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | [Observa Dona Cecília e Olga procurarem a data de validade na lata de massa de tomate.]<br><i>Acharam?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 05:26 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Tá aqui?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 05:28 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | [Pega a lata da massa de tomate que está nas mãos de Olga e começa a procurar a data de validade do produto.]<br><i>Vamos ver se a gente acha.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 05:30 | <b>Dona Cecília</b><br>(91 anos)   | <i>Essa aí, eu não enxergo não.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 05:33 | <b>Flávia</b><br>(pesquisadora)    | <i>Tá aqui embaixo, ó ...</i><br>[Aponta para o fundo da lata que está nas mãos de Dona Cecília.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 05:34 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Ah, é! Alá... Enlatado, geralmente é no fundo, ó...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 05:38 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Va...</i><br>[Tenta ler a informação na embalagem do produto.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 05:41 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)     | <i>Val...</i><br>[Tenta ler a informação na embalagem do produto.]<br><i>Validade.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 05:44 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Validade não tá escrito tudo, tá vendo, ó....?</i><br>[Mostra a abreviatura da palavra validade registrada na embalagem do produto.]<br><i>Vê-a-ê já é validade. Qual que é?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 05:49 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Oito?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 05:50 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Oito do quê?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 05:51 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Do cinco.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 05:51 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Do mês cinco de...? ... Dois mil e...?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 05:54 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Dois mil e vinte.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 05:56 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Então, alá. O dia? Dia oito. Do mês de...?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 05:59 | <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | <i>Cinco.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 06:01 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>O mês cinco é ... Maio, ó...</i><br>[Utiliza os dedos das mãos para fazer a contagem dos meses do ano.]<br><i>Janeiro, fevereiro, março, abril e maio... E o ano só tá o vinte, então a gente já sabe que é dois mil e vinte. Anotou?</i><br>[Dirige-se à Edilsea e repete a data de vencimento da massa de tomate]<br><i>Oito de maio de dois mil e vinte.</i><br>[Enquanto isso, Dona Cecília coloca a lata da massa de tomate na gôndola.]<br><i>Qual que é o próximo?</i><br>[Aproxima-se da cadeira de rodas de Edilsea e faz a leitura do próximo nome da lista de produtos que está registrada no caderno.]<br><i>Leite.</i> |
| 06:19 | <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)     | <i>Leite nós estamos em falta.</i><br>[Gargalha.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 06:22 | <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Nós vamos olhar leite de caixinha?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 06:26 | <b>Flávia</b><br>(pesquisadora)    | <i>Por que nós estamos em falta, Dona Joana?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

|       |                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------|-------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 06:28 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | <i>As vacas emagreceram.</i><br>[Gargalha junto com a pesquisadora.]                                                                                                                                                                                                                                                             |
|       |                                     | [As estudantes seguem pelos corredores do Supermercado até o setor de frios. Durante o caminho, ao ver Dona Terezinha tentando fazer a leitura do prazo de validade de uma embalagem de adoçante líquido, no setor de produtos para dietas de restrição de açúcar, a professora muda sua trajetória e aproxima-se da estudante.] |
| 06:31 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>Fevereiro de dois mil e um.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 06:47 | <b>Dona Terezinha<br/>(64 anos)</b> | <i>Eu sempre compro aqui, porque aqui é mais barato.</i><br>[Gargalha e coloca a embalagem do adoçante na gôndola.]                                                                                                                                                                                                              |
| 06:48 | <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>Ah, é?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 07:00 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | <i>O prato é cinco e trinta cada um, se ocês quiser almoçar.</i><br>[Gargalha.]                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 07:15 | <b>Dona Terezinha<br/>(64 anos)</b> | [Pega um escorredor de louças e procura seu preço.]<br><i>Trinta e nove e cinquenta.</i><br>[Sorri.]                                                                                                                                                                                                                             |
| 07:18 | <b>Flávia<br/>(pesquisadora)</b>    | <i>Escorredor? ... E esse é bom, porque ele é de aço, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 07:21 | <b>Dona Terezinha<br/>(64 anos)</b> | <i>É.</i><br>[Coloca o escorredor de louças na gôndola.]                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 07:32 | <b>Dona Cecília<br/>(91 anos)</b>   | [Para no corredor e cumprimenta o dono do supermercado.]<br><i>Nós dois tá com a cabecinha branquinha, né? ...</i><br>[Passa a mão nos cabelos do dono do supermercado.]<br><i>Até que enfim eu passei a mão na cabeça de um homem hoje.</i><br>[Dona Cecília, Dona Terezinha, Olga e o dono do supermercado gargalham.]         |
| 07:51 | <b>Flávia<br/>(pesquisadora)</b>    | <i>É?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 07:53 | <b>Dona Cecília<br/>(91 anos)</b>   | [Olha na direção da pesquisadora e comenta:]<br><i>Passei a mão na cabeça.</i><br>[A pesquisadora gargalha.]<br><i>Passei a mão na cabecinha dele, tadinho. Ele é bonzinho.</i>                                                                                                                                                  |
| 08:03 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | [Interrompe a euforia de Dona Cecília.]<br><i>Como é que chama o troço? Esqueci.</i>                                                                                                                                                                                                                                             |
| 08:04 | <b>Flávia<br/>(pesquisadora)</b>    | <i>O quê?</i><br>[Mostra para Dona Cecília a localização da professora e das outras estudantes.]                                                                                                                                                                                                                                 |
| 08:14 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | [Chama a pesquisadora.]<br><i>Deixa eu te mostrar correndo aqui.</i>                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 08:15 | <b>Flávia<br/>(pesquisadora)</b>    | <i>O quê?</i><br>[Dona Joana puxa a pesquisadora pelo braço para que ela a acompanhe até o setor dos produtos de limpeza.]                                                                                                                                                                                                       |
| 08:19 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | <i>Esse aqui, ó ...</i><br>[Retira da gôndola uma embalagem contendo um produto para limpar pisos.]                                                                                                                                                                                                                              |
| 08:21 | <b>Flávia<br/>(pesquisadora)</b>    | <i>O Ajax?</i><br>[Refere-se ao nome da marca do produto. Sua embalagem é transparente, permitindo ver a cor do líquido]                                                                                                                                                                                                         |
| 08:24 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | <i>É... Será que é o azul ou o branco que é bom? Tem o azul, o verde e branco.</i>                                                                                                                                                                                                                                               |
| 08:31 | <b>Flávia<br/>(pesquisadora)</b>    | <i>Esse aqui é limpeza rápida.</i><br>[Aponta para a embalagem que contém o produto líquido na cor branca.]<br><i>Esse aqui é de eliminar gordura.</i><br>[Aponta para a embalagem que contém o produto líquido na cor verde.]<br><i>Vai muito também do cheiro, né?</i>                                                         |
| 08:37 | <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | <i>Ah, tá... Esse aqui é pra passar no piso, ó...</i><br>[Retira da gôndola a embalagem do produto que contém o líquido na cor azul.]<br><i>Esse aqui também.</i><br>[Indica a embalagem que contém o líquido na cor branca.]                                                                                                    |

|       |                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------|---------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 08:52 | Flávia<br>(pesquisadora)  | É.                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|       |                           | [Dona Joana arruma os produtos de limpeza na gôndola e, junto com a pesquisadora, dirige-se até o corredor onde ficam diversos tipos de leite, local em que a professora e as outras estudantes já estavam.]                                                                             |
| 09:07 | Vanessa<br>(professora)   | <i>De dois mil e dezoito. Então, tá vendo? Ele ainda vence esse ano, porque leite é mais perecível. Ele estraga mais rápido, né? ... E depois que abre também não pode deixar muito tempo, né? ... Ele fechadinho, cê pode deixar até dezembro. Agora, depois que abriu, já era, né?</i> |
| 09:23 | Edilsea<br>(53 anos)      | <i>Aí, tem que tomar.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                |
|       |                           | [As estudantes caminham até o setor de produtos de higiene pessoal.]                                                                                                                                                                                                                     |
| 10:00 | Dona Cecília<br>(91 anos) | <i>E a cerveja? Ninguém quer olhar a validade não?</i>                                                                                                                                                                                                                                   |
| 10:03 | Flávia<br>(pesquisadora)  | <i>Oi?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 10:04 | Dona Cecília<br>(91 anos) | <i>Da cerveja?</i><br>[Gargalha junto com a pesquisadora.]                                                                                                                                                                                                                               |
| 10:07 | Flávia<br>(pesquisadora)  | <i>Aqui, Vanessa, ó!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 10:08 | Olga<br>(73 anos)         | <i>Cerveja?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 10:09 | Dona Cecília<br>(91 anos) | <i>Da cerveja, cês não quer tirar a validade não?</i>                                                                                                                                                                                                                                    |
| 10:12 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Uai, nós vai na cerveja. Cadê a cerveja?</i>                                                                                                                                                                                                                                          |
| 10:13 | Dona Cecília<br>(91 anos) | <i>Tem cerveja ali.</i><br>[Indica com as mãos a localização da gôndola onde ficam as bebidas alcólicas.]                                                                                                                                                                                |
| 10:15 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Vamos lá então, uai... A senhora quer ver da cerveja, vamos olhar da cerveja então.</i>                                                                                                                                                                                               |
| 10:24 | Dona Cecília<br>(91 anos) | [Acaricia com as mãos um fardo de cerveja em lata.]<br><i>Da cerveja tá difícil, porque é pacote grande.</i>                                                                                                                                                                             |
| 10:27 | Flávia<br>(pesquisadora)  | <i>Ali tem a lata, ó ...</i><br>[Mostra com uma das mãos as latas de cerveja avulsas, fora do fardo.]                                                                                                                                                                                    |
| 10:32 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Tem? Ali tem...</i><br>[Aponta para as mesmas latas que a pesquisadora indicou.]<br><i>Anota aí, Séia, cerveja.</i>                                                                                                                                                                   |
| 10:42 | Dona Cecília<br>(91 anos) | <i>Vou tirar aqui pra nós ver.</i><br>[Retira uma lata de cerveja da gôndola e rapidamente procura o prazo de validade no fundo da lata. Olga aproxima-se de Dona Cecília para tentar ver o registro. Dona Cecília aperta os olhos para tentar enxergar a data de validade do produto.]  |
| 10:57 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Dona Cecília vai tomar uma cerveja.</i>                                                                                                                                                                                                                                               |
| 10:59 | Edilsea<br>(53 anos)      | <i>Uai, eu não sabia que ela gostava não.</i>                                                                                                                                                                                                                                            |
| 11:01 | Dona Zélia<br>(61 anos)   | <i>Ê, Dona Cecília, vai tomar uma cerveja, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                       |
| 11:02 | Dona Cecília<br>(91 anos) | [Observa o fundo da lata de cerveja.]<br><i>Aqui não...</i><br>[Refere-se ao local em que procura o prazo de validade.]<br><i>Eu não tô achando não.</i>                                                                                                                                 |
| 11:03 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Olha no fundo. Às vezes, tá no fundo, geralmente no fundo.</i>                                                                                                                                                                                                                        |
| 11:06 | Dona Cecília<br>(91 anos) | [Observa, novamente, o fundo da lata de cerveja.]<br><i>Não, não tá não.</i>                                                                                                                                                                                                             |
| 11:07 | Vanessa<br>(professora)   | <i>Tá, alá.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 11:08 | Dona Cecília<br>(91 anos) | <i>Ah, tá.</i><br>[Aproxima dos olhos o fundo da lata de cerveja.]                                                                                                                                                                                                                       |

|       |                          |                                                                                                                                                                                                                              |
|-------|--------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 11:09 | Vanessa (professora)     | <i>Bem pititiquinho.</i><br>[Pega a lata de cerveja das mãos de Dona Cecília para fazer a leitura do prazo de validade.]                                                                                                     |
| 11:09 | Dona Cecília (91 anos)   | <i>Mas tá tão miudinho.</i>                                                                                                                                                                                                  |
| 11:11 | Vanessa (professora)     | <i>Vamos ver.... Essa aqui não tem nem escrito 'validade'. Ela só tá o número, ó....</i><br>[Mostra para Dona Cecília a data impressa na lata.]<br><i>Dezesseis, anota aí, Séia, do doze de dois mil e dezoito.</i>          |
| 11:24 | Dona Cecília (91 anos)   | <i>Dezoito, né?</i>                                                                                                                                                                                                          |
| 11:24 | Vanessa (professora)     | <i>É. Tem que beber rápido, porque vence agora.</i><br>[Edilsea gargalha.]                                                                                                                                                   |
| 11:26 | Dona Cecília (91 anos)   | <i>Vence agora. Tem que beber tudo, né?</i><br>[Gargalha junto com a professora.]                                                                                                                                            |
| 11:58 | Dona Joana (63 anos)     | [Enquanto as estudantes e a professora voltam a caminhar pelo Supermercado até o setor de produtos de higiene pessoal, Dona Joana sugere outro produto:]<br><i>Suquinho...</i>                                               |
| 12:00 | Vanessa (professora)     | <i>Suco? Vamos olhar o suco. Põe suco aí, Séia.</i>                                                                                                                                                                          |
| 12:10 | Dona Joana (63 anos)     | [Para na frente da gôndola em que ficam as caixas de suco e os elogia.]<br><i>Os sucos são todos bons.</i>                                                                                                                   |
| 12:12 | Vanessa (professora)     | <i>Então vamos ver a validade.</i><br>[Retira uma caixa de suco de goiaba da gôndola.]                                                                                                                                       |
| 12:13 | Dona Joana (63 anos)     | <i>Esse aí não. Esse aí eu não gosto.</i>                                                                                                                                                                                    |
| 12:14 | Vanessa (professora)     | <i>Qual que a senhora gosta?</i>                                                                                                                                                                                             |
| 12:15 | Dona Joana (63 anos)     | <i>Eu gosto de maracujá.</i><br>[Dirige-se à gôndola e retira uma caixa de suco de maracujá. Em seguida, a professora mostra para Dona Joana a localização do prazo de validade na embalagem e pede que ela faça a leitura.] |
| 12:38 | Dona Terezinha (64 anos) | [Retira uma garrafa plástica de suco da gôndola e pergunta à professora:]<br><i>Onde que tá nesse aqui?</i>                                                                                                                  |
| 12:43 | Flávia (pesquisadora)    | <i>Aqui ó ...</i><br>[Indica com uma das mãos a localização do prazo de validade na embalagem do produto.]<br><i>Na tampa.</i>                                                                                               |
| 12:44 | Dona Terezinha (64 anos) | <i>Ah, tá... Doze, vinte, né? ... Vinte...</i>                                                                                                                                                                               |
| 13:02 | Dona Terezinha (64 anos) | <i>Eu gosto muito de comprar esse aqui.</i><br>[Levanta a garrafa do suco e mostra-o para a professora.]                                                                                                                     |
| 13:02 | Vanessa (professora)     | <i>Ah, tá! Porque mistura, né?</i>                                                                                                                                                                                           |
| 13:02 | Dona Joana (63 anos)     | <i>Esse aqui é melhor do que aquele em pó.</i><br>[Levanta a caixa do suco de maracujá que está segurando.]                                                                                                                  |
| 13:07 | Dona Terezinha (64 anos) | <i>Esse aqui é bom, é só pôr um pouco na água, Dona! E pronto!</i>                                                                                                                                                           |
| 13:09 | Dona Joana (63 anos)     | <i>Hein?</i>                                                                                                                                                                                                                 |
| 13:09 | Dona Terezinha (64 anos) | <i>Esse aqui.</i><br>[Sacode o suco que está na garrafa plástica.]                                                                                                                                                           |
| 13:09 | Vanessa (professora)     | <i>Vocês sabiam que esses sucos aí, eles têm muito açúcar?</i>                                                                                                                                                               |
| 13:12 | Dona Joana (63 anos)     | <i>Tem?</i><br>[Parece surpresa com a informação.]                                                                                                                                                                           |
| 13:13 | Vanessa (professora)     | <i>Tem. Muito açúcar. O ideal é a gente tomar... É até comparado com o refrigerante, o nível de açúcar... Bom é tomar natural mesmo.</i>                                                                                     |
| 13:24 | Dona Joana (63 anos)     | <i>Ah, mas... natural é difícil.</i>                                                                                                                                                                                         |

|       |                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------|-----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|       |                       | [Edilsea pede as estudantes para se juntarem no corredor do supermercado para tirar uma foto. A estudante retira o celular do estojo e tira uma foto da turma. Em seguida, a professora tira uma foto de Edilsea junto com as outras mulheres. Depois direciona as estudantes para o setor de produtos de higiene pessoal] |
| 14:44 | Vanessa (professora)  | <i>Que sabonete que cês usam?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 14:47 | Edilsea (53 anos)     | <i>Francis.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 14:49 | Vanessa (professora)  | <i>Francis? ...</i><br>[Repete a pergunta para que mais estudantes a respondam.]<br><i>Quais que cês usam, gente, sabonete?</i>                                                                                                                                                                                            |
| 14:59 | Dona Joana (63 anos)  | <i>Eu uso Palmolive.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 15:02 | Vanessa (professora)  | <i>Palmolive?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 15:03 | Dona Joana (63 anos)  | <i>É.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 15:04 | Vanessa (professora)  | <i>Procura aí pra nós a data de vencimento.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 15:08 | Dona Joana (63 anos)  | [Dona Cecília pega um sabonete pequeno e Dona Joana faz um comentário.]<br><i>Peguei um grande. Eu gosto é do grande.</i>                                                                                                                                                                                                  |
| 15:11 | Vanessa (professora)  | <i>Geralmente sabonete é pititinho...</i><br>[Refere-se ao tamanho do registro da informação do prazo de validade na embalagem do produto.]                                                                                                                                                                                |
| 15:13 | Dona Joana (63 anos)  | <i>Eu gosto é do grande.</i><br>[Refere-se ao tamanho do sabonete.]                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 15:14 | Vanessa (professora)  | <i>Do grande? ... Minha vó usava esse também. Vê se a senhora acha aí a data de vencimento...</i><br>[Entrega uma embalagem de sabonete para Dona Joana.]<br><i>Geralmente vem na pontinha...</i><br>[Pega o sabonete que Olga está segurando.]<br><i>Protex que a senhora usa, Dona Olga?</i>                             |
| 15:24 | Olga (73 anos)        | <i>Uhum!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 15:25 | Edilsea (53 anos)     | <i>O Protex é bom também.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 15:30 | Dona Joana (63 anos)  | <i>Três de dois mil.</i><br>[Aponta com o dedo indicador da mão esquerda para a data de vencimento na embalagem do produto e mostra para a pesquisadora.]                                                                                                                                                                  |
| 15:35 | Flávia (pesquisadora) | <i>É... Março de dois mil e vinte.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 15:39 | Dona Joana (63 anos)  | <i>Março, né? ... De dois mil e vinte.</i><br>[Pronuncia melodicamente a data de validade do produto e balança o corpo para dançar.]<br><i>E vamos tomar banho! E vamos tomar banho! Ê, ê, ê..</i><br>[Gargalha junto com Olga.]                                                                                           |
| 16:03 | Vanessa (professora)  | <i>Mais o que que falta? Macarrão?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 16:03 | Edilsea (63 anos)     | <i>Macarrão?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 16:04 | Vanessa (professora)  | <i>Então vamos procurar o macarrão.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 16:06 | Dona Joana (63 anos)  | <i>Vamos ver ... Esmalte.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 16:09 | Vanessa (professora)  | <i>Esmalte? Olha esmalte então, Dona Joana. Olha a data aí do esmalte. Será que tem data de vencimento o esmalte?</i><br>[Retira um frasco de esmalte da gôndola.]<br><i>Tem, alá... Junho de dois mil e vinte.</i>                                                                                                        |
| 16:24 | Edilsea (53 anos)     | <i>Ah! Vamos ver o preço das fraldas descartáveis, porque eu tenho um chá de fralda pra ir.</i>                                                                                                                                                                                                                            |

|       |                         |                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------|-------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 16:29 | Vanessa<br>(professora) | <i>Ah, é? Qual que cê gosta?</i><br>[Empurra a cadeira de rodas de Edilsea até o corredor onde ficam as fraldas descartáveis.]<br><i>Mamãe gosta da Mônica, vamos ver. Aqui, ó ...</i><br>[Retira da gôndola um pacote grande de fraldas.] |
| 16:34 | Edilsea<br>(53 anos)    | <i>Nossa, isso tudo?!</i><br>[Refere-se ao preço do pacote de fraldas.]                                                                                                                                                                    |
| 16:37 | Vanessa<br>(professora) | <i>Cinco e setenta.</i>                                                                                                                                                                                                                    |
| 16:37 | Edilsea<br>(53 anos)    | <i>Tem que ser uma menor.</i><br>[Refere-se ao tamanho do pacote de fraldas.]                                                                                                                                                              |
|       |                         | [Em seguida, as estudantes caminham até o setor de massas para verificar o prazo de validade do macarrão.]                                                                                                                                 |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 20/08/2018.

Optando por trazer toda essa sequência como um único bloco, queremos mostrar, em primeiro lugar, a transgressão do roteiro inicial da atividade, acordado na sala de aula (quando foi elaborada a lista de produtos cujo prazo de validade as estudantes iriam pesquisar no supermercado). Esse roteiro não é completamente ignorado, mas o conjunto de produtos contemplados é acrescido daqueles pelos quais viram surgir seu interesse quando trafegavam pelos corredores do supermercado, interesse que possui relação direta com seus hábitos de consumo (“*Ah, eu compro é o adoçante, né?*”; “*Suquinho.*”), com suas curiosidades em relação aos produtos (“*E a cerveja, ninguém quer olhar a validade não?*”; “*Vamos ver ... Esmalte.*”) e com o modo como neles atua a definição (e o registro) da validade (“*Onde que tá nesse aqui?*”; “*Vence agora. Tem que beber tudo, né?*”).

De certo modo, o fato de serem mais velhas do que a professora e estarem num outro território, diferente da sala de aula, também as autoriza a essa transgressão, que é, mais do que consentida, incentivada pela professora, aderindo às disposições das alunas e assumindo na interação o papel de uma personagem contaminada pela curiosidade e o entusiasmo das estudantes (“*Uai, nós vai na cerveja. Cadê a cerveja?*”<sup>109</sup>).

Além disso, também no desempenho da atividade proposta pela professora, vemos que, ao mesmo tempo em que as estudantes, alfabetizadas na EJA, mobilizam sistemas de codificação, símbolos e significados que estruturam, parametrizam e são utilizados na representação dos prazos de validade, elas também contemplam, manifestam, se solidarizam, acolhem, usufruem, postergam e tensionam as condições do próprio processo de envelhecimento, em especial, as condições inerentes ao envelhecimento feminino. Nesse sentido, a partir dos tensionamentos protagonizados pelas alfabetizadas, que se posicionam não somente como mulheres de aprendizagens, mas também como mulheres de conhecimentos,

<sup>109</sup> Em diversas oportunidades, identificamos enunciações em que a professora Vanessa desconsidera a concordância verbal como uma estratégia retórica, que a faz assumir uma personagem que conquistaria a intimidade das estudantes por uma identificação estilística com seu discurso.

de cultura, de vivências, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas, consideramos atravessamentos e deslocamentos no processo de envelhecimento, vivenciado por essas mulheres nessa etapa da vida, numa situação de alfabetização escolar.

Durante a leitura e a avaliação dos prazos de validade dos produtos, as estudantes exibem conhecimentos apropriados ao longo da vida, expõem desejos e desfrutam das possibilidades que lhes são oportunizadas e autorizadas pelo envelhecimento. No entanto, esses conhecimentos, desejos e possibilidade também evidenciam restrições dos corpos envelhecidos, como as limitações visuais e os problemas relacionados à diabetes, por exemplo. Assim, saberes e restrições próprios da vida vivida, manifestam-se quando, dentro do supermercado, as estudantes tomam os produtos nas mãos e fazem alguma inferência sobre eles ou a partir deles, para detalhar receitas, fazer propagandas, entreter-se, relembrar situações, revelar preferências e prazeres, mas também sinalizar interdições ou dificuldades.

Além disso, as estudantes também nos contam (ainda que implicitamente) sobre suas vivências familiares e laborais, em especial, sobre suas vivências (como) domésticas. Essas narrativas, todavia, também são conformadas por interdições e exclusões sofridas por essas mulheres ao longo da vida, relacionadas a condicionantes socioeconômicos, às desigualdades de gênero, às questões étnicas e ao nível de escolaridade. Assim, diversas vivências e interdições, que não emergiram quando elaboravam a lista de produtos na sala de aula, manifestam-se quando as estudantes, embora imbuídas da intenção de aprendizagem de um conhecimento apresentado pela escola (o sistema de registro de datas), posicionam-se (ou silenciam-se) como mulheres de conhecimento e cultura, manifestando: interesses e curiosidades por produtos de utilidade e cuidados domésticos (“*Eu vou vim quarta-feira e comprar uma garrafa aqui pra mim.*”; “*Trinta e nove e cinquenta [escorredor de louças].*”; “*Ah, tá... Esse aqui é pra passar no piso, ó.*”); critérios, informações e preferências na compra e no consumo de determinados produtos (“*Eu sempre compro aqui, porque aqui é mais barato.*”; “*O prato é cinco e trinta cada um, se ocês quiser almoçar.*”; “*Aí, tem que tomar [leite após ser aberto].*”; “*Eu gosto muito de comprar esse aqui [garrafa plástica de suco].*”; “*Esse aqui [caixa de suco] é melhor do que aquele em pó.*”; “*Esse aqui [garrafa plástica de suco] é bom, é só pôr um pouco na água, Dona, e pronto.*”; “[Sabonete] *Francis.*”; “*Eu uso [sabonete] Palmolive.*”; “*Peguei um [sabonete] grande. Eu gosto é do grande.*”; “*O [sabonete] Protex é bom também.*”); e conhecimentos que extrapolam aqueles que são veiculados na escola e no próprio comércio, como por exemplo, quando Dona Joana relaciona a escassez de leite no supermercado com o emagrecimento das vacas (“*Leite nós estamos em falta... As vacas emagreceram.*”).

A manifestação de sua apreciação sobre os produtos e a avaliação da possibilidade de sua compra ou de seu consumo, contestando ou reiterando representações estereotipadas do envelhecimento feminino, difundidas por perspectivas elitistas, machistas, racistas e etaristas, tensionam e diversificam os modos de representar, repensar e vivenciar essa etapa da vida. A intervenção das estudantes na atividade proposta no contexto escolar, mas que é desenvolvida em outro território, lhes permite encontrar no tempo presente novas vivências ou novas significações para suas vivências. É nessa perspectiva que nos ocorre considerar a manifestação de seu interesse e de sua preocupação, bem como do acesso e da permissão que conquistaram: para cuidar do corpo e da aparência (“*é porque eu uso o adoçante, só ele...*”; “*Vamos ver ... Esmalte.*”); para frequentar comemorações e outros eventos da vida social (“*Ah! Vamos ver o preço das fraldas descartáveis, porque eu tenho um chá de fralda pra ir*”; “*Outro dia, eu tava lembrando do dia que a gente foi no Geraldo do Guede, na farmácia... Podia [voltar].*”); ou para consumir (e revelar que consome) bebidas alcoólicas (“*Da cerveja, cês não quer tirar a validade não?*”; “*Ê, Dona Cecília, vai tomar uma cerveja, né?*”; “*Uai, eu não sabia que ela gostava não.*”)

Nesse sentido, essas manifestações que veiculam possibilidade de novas vivências e novas formas de liberdade são também modos de superação de privações e proibições vivenciadas por essas mulheres em diversas etapas da vida, contrariando, como observa Debert (2004, p. 14), a associação direta que se faz entre velhice e perdas: “A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal”. Além disso, sobrepõem-se à visão de que a mulher idosa ou em processo de envelhecimento, “tem a vivência de quem não desperta interesse, não recebe convites, de que é ‘diferente’. É a sensação de quem se sente à margem, exatamente porque, material ou simbolicamente, está posto à margem mesmo” (BRITTO DA MOTTA, 2018, p. 89, destaque da autora).

Com efeito, conduzida pela busca do prazer e da satisfação pessoal, Dona Cecília (91 anos) se interessa (e convoca as colegas a esse interesse) pela identificação do prazo de validade da cerveja (“*Da cerveja, cês não quer tirar a validade não?*”), o que, de certo modo, provoca a surpresa (“*Uai, eu não sabia que ela gostava não.*”), a curiosidade (“*Cerveja?*”) e galhofas entre as estudantes (“*Ê, Dona Cecília, vai tomar uma cerveja, né?*”). A enunciação de Dona Cecília produz efeitos em suas interlocutoras, induzindo reações, inclusive, na pesquisadora, que se surpreende com o interesse daquela mulher idosa (“*Oi? ... Aqui, Vanessa, ó!*”) e da professora, que se entusiasma com esse interesse (“*Vamos lá então, uai... A senhora quer ver da cerveja? Vamos olhar da cerveja então.*”).

Entretanto, ao mesmo tempo em que Dona Cecília, uma mulher de noventa e um anos de idade, apresenta entusiasmo por protagonizar uma prática de numeramento de leitura do prazo de validade da cerveja (“*Tem cerveja ali... Vou tirar aqui pra nós ver.*”) (Figura 18), – porque a propõe, está conquistando as habilidades necessárias para desempenhá-la e porque lhe atribui um sentido próprio –, ela se depara com (e enfrenta) as limitações do corpo envelhecido, as quais impedem que ela enxergue a informação na embalagem: “*Aqui não... Eu não tô achando não.*”; “*Não [a validade], não tá não.*”; “*Mas tá tão miudinho.*”

Figura 18 – Dona Cecília retira o latão de cerveja da gôndola



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 20/08/2018.

Para localizar a informação no rótulo do produto, Dona Cecília aproxima dos olhos o fundo da lata – como havia acabado de aprender enquanto buscavam a localização do registro do prazo de validade da massa de tomate (Figuras 19 e 20) – e conta com a ajuda de Olga (73 anos) que, a despeito de ser evangélica, aproximou-se da colega e se dispôs a auxiliá-la a encontrar e a ler a data de validade na lata da cerveja (Figuras 21).

Figura 19 – Dona Cecília faz a leitura do prazo de validade na embalagem da massa de tomate



Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 20/08/2018

Figura 20 – Dona Cecília faz a leitura do prazo de validade na embalagem da cerveja



Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 20/08/2018.

Figura 21 – Dona Cecília e Olga se aproximam da lata de cerveja



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 20/08/2018.

As primeiras cervejas que Dona Cecília localizou na gôndola estavam embaladas em fardos de 12 “latões” (lata de 473mL), reunidas numa embalagem plástica. Dona Cecília até aventa a possibilidade de manusear um fardo completo de cervejas para fazer a leitura do prazo de validade (“*Da cerveja tá difícil, porque é pacote grande.*”). Entretanto, encontrando as latas avulsas, toma nas mãos apenas uma lata do produto e nos permite testemunhar sua apropriação da prática de leitura do prazo de validade não apenas em sua dimensão sintática – ao buscar o registro do prazo de validade numa face plana exterior da lata de cerveja, exibindo habilidades associadas ao manejo da embalagem para localização da informação no texto rótulo, e ao associar os números lidos pela professora (“*Dezesseis, anota aí, Séia, do doze de dois mil e dezoito.*”) à sua função no texto –, mas também em sua dimensão semântica e pragmática, operando com o significado daqueles números (“*Dezoito, né?*”) e considerando, em tom de pilhéria, a consequência dessa informação: “*Vence agora. Tem que beber tudo, né?*”

O chiste de Dona Cecília reitera que o discurso, como nos adverte Fairclough (2001, p. 91), “é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. Em seu argumento, o autor distingue três aspectos dos efeitos construtivos do discurso:

O discurso contribui em primeiro lugar para a construção do que variavelmente é referido como identidades sociais e posições de sujeito para os sujeitos sociais e os tipos de eu. [...] Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. Terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Dona Cecília não comprará (ao menos naquele dia) aquela cerveja e nem suas colegas a beberão (nem uma lata e muito menos toda!). Mas a observação jocosa que ela enuncia demarca a transgressão de uma identidade social de “velhinha recatada”, construindo, pois, para si e para mulheres em processo de envelhecimento, uma nova identidade social de mulher de direito ao lazer, ao consumo e ao prazer. O engajamento das colegas nesse discurso, expresso nos comentários que ajudam a constituir a cena, estabelece, em outros termos, a relação social que conecta alunas e professora, sujeitos e pesquisadora, colegas alfabetizadas, ou consumidoras em envelhecimento. Além disso, toda a interação provocada pelo interesse de Dona Cecília em verificar o prazo de validade da cerveja contribui para a construção (e a desconstrução) de sistemas de conhecimento e crença sobre o consumo de cerveja, sobre sua conservação, sobre atitudes de consumidoras, sobre comportamento de mulheres em processo de envelhecimento, negras, pobres e alfabetizadas na EJA.

Apesar das restrições que o processo de envelhecimento impõe a certas capacidades físicas, parece que, para essas mulheres que se dispuseram a se alfabetizar nessa fase da vida,

aquele processo também permite novas formas de liberdade que se unem a novos valores, novos comportamentos, novos desejos, novas percepções de mundo e de si, novas reflexões sobre a vida, novos posicionamentos, novas conquistas, novos sonhos e novos projetos de vida. Nessa direção, o envelhecimento passa a ser uma fase da vida em que as mulheres se sentem autorizadas, inclusive, a transgredir o que é socialmente dito e esperado da condição de mulheres em processo de envelhecimento. Com efeito, Dona Cecília, mesmo apresentando limitações visuais para fazer a leitura de prazos de validade e reconhecendo discursivamente sua condição de mulher envelhecida, marcada na aparência física pela cor de seus cabelos (*“Nós dois tá com a cabecinha branquinha, né?”*), sente-se autorizada tanto a sugerir o consumo de uma lata de cerveja, como a acariciar os cabelos de um homem que não é de suas relações pessoais (o proprietário do estabelecimento), em um ambiente público, sendo observada por várias pessoas e ainda fazer um comentário, propositadamente de duplo sentido: *“Até que enfim eu passei a mão na cabeça de um homem hoje.”*

De certa forma, ao fazer galhofa com o consumo de cerveja ou sobre carícias numa pessoa do sexo oposto, Dona Cecília, mesmo sofrendo as agruras do corpo envelhecido e as implicações físicas, psicológicas, sociais e culturais que elas trazem consigo, parece exercer o que Debert (1994, 2004), Barros (1998) e Britto da Motta (1998, 2002) chamam de “novas formas de liberdade”. Ter conquistado a marca de 91 anos parece dispensá-la de atender aos padrões impostos socialmente e permite que ela experimente o seu tempo. Subvertendo a lógica do que é ser “velha”, Dona Cecília e muitas mulheres em processo de envelhecimento assumem o tempo presente com a oportunidade que ele lhes proporciona: de emancipação de certas responsabilidades e de vários compromissos; de alforria dos preceitos que se estabelecem sobre as mulheres; de direito à diversão e de empoderamento, ainda que não estejam imunes aos ditames do corpo envelhecido (GEROLAMO, 2019).

De fato, os ditames do corpo envelhecido (como a limitação das capacidades visuais) podem, sim, interditar ou excluir essas mulheres alfabetizadas de práticas de numeramento (escolares ou de outras instâncias da vida social) como as que engendram o registro e a leitura do sistema de códigos para expressão de prazos de validade. Ao longo da atividade no supermercado, não foi somente Dona Cecília que manifestou dificuldades decorrentes de baixa visão, mas observamos várias colegas protestarem suas limitações visuais que as impedia de visualizar os registros ou as levava a se confundirem, devido ao tamanho ou ao formato das

letras e dos algarismos e ao pouco realce da informação<sup>110</sup>: “*Tá aqui?*”; “*Essa aí, eu não enxergo não.*”; “*Aqui não... Eu não tô achando não.*”; “*Mas tá tão miudinho.*”; “*Não [a validade], não tá não.*”; “*Dezoito, né? Duzentos... Como é que é? Vinte e três.*” Em atenção a essa dificuldade<sup>111</sup> visual das estudantes, a professora, a pesquisadora e mesmo algumas colegas se mobilizam para auxiliá-las quando as percebem trazendo as embalagens próximas aos olhos ou as afastando para melhor enxergá-las: “*Viu, Dona Olga e Dona Zélia? Aqui, ó... É pequenininho, tá vendo?*”; “*Aí, procura aí... Geralmente é pequenininho também.*”; “*Vamos ver se a gente acha.*”; “*Tá aqui embaixo, ó ...*”; “*Ah, é! Alá... Enlatado, geralmente é no fundo, ó.*”; “*Validade não tá escrito tudo, tá vendo, ó?*”; “*Vê-a-éle, já é validade. Qual que é?*”; “*Olha no fundo. Às vezes, tá no fundo, geralmente no fundo.*”; “*Bem pititiquinho.*”; “*Vamos ver... Essa aqui não tem nem escrito ‘validade’. Ela só tá o número, ó ...*”; “*Aqui ó ... Na tampa.*”; “*Aqui, esse aqui tá diferente, olha...*”; “*Esse aqui tá assim, ó ...*”; “*De dois mil e vinte. Tá vendo? Esse já tá diferente.*”; “*Vamos lá, vamos caçar aí, gente!*”

Na trama discursiva, assim como Dona Cecília e as outras estudantes da turma, Dona Terezinha também sinaliza como o processo de significação das práticas de numeramento escolares não é um processo neutro, nem está dissociado de vivências socioculturais ou de outras condições relacionadas ao processo de envelhecimento. Diante da proposta da professora Vanessa de analisar o prazo de validade do açúcar (“*Açúcar... Vamos ver o açúcar. Qual açúcar que vocês costumam comprar?*”), Dona Terezinha, imediatamente, anuncia que se abstém do consumo do produto, substituindo-o pelo adoçante dietético, esperando a compreensão de suas interlocutoras, que sabem que ela tem diabetes<sup>112</sup>: “*Ah, eu compro é o adoçante, né?*” No

<sup>110</sup> A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) é também responsável pelas normas e regulamentações relativas à rotulagem de embalagens. A agência estabelece que é vedado ao texto do rótulo “utilizar vocábulos, sinais, denominações, símbolos, emblemas, ilustrações ou outras representações gráficas que possam tornar a informação falsa, incorreta, insuficiente, ou que possa induzir o consumidor a equívoco, erro, confusão ou engano, em relação à verdadeira natureza, composição, procedência, tipo, qualidade, quantidade, validade, rendimento ou forma de uso do alimento” (RDC n. 259/2002). Segundo a ANVISA, o prazo de validade deve ser informado de maneira clara, precisa e colocado em local legível na embalagem.

<sup>111</sup> Limitação da visão não é uma dificuldade exclusiva de pessoas em processo de envelhecimento. Essa deficiência pode ocorrer em outras fases da vida – como a infância e juventude, por exemplo – como consequência de questões genéticas ou de problemas de saúde. Todavia, a presbiopia (ou “vista cansada”) “costuma mostrar seus primeiros sintomas entre 38 e 50 anos de idade e, de acordo com o Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO) atinge 100% da população a partir dos 55 anos”. Disponível em: [www.opticanet.com.br](http://www.opticanet.com.br). Acesso em: 14 abr. 2021.

<sup>112</sup> A pesquisa realizada em 2019, pela Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) do Ministério da Saúde, em todas as capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, mostrou que “a frequência de adultos que referiram diagnóstico médico de diabetes foi de 7,4%, sendo maior entre as mulheres (7,8%) do que entre homens (7,1%). Em ambos os sexos, a frequência dessa condição aumentou intensamente com a idade e diminuiu com o nível de escolaridade.” (VIGITEL BRASIL, 2020, p. 100). Além disso, a pesquisa também mostrou que a frequência de adultos com diabetes que declaram tratamento medicamentoso da doença “foi de 89,3%, sendo ligeiramente maior em mulheres (90,8%) do que em homens (87,4%)” (ibidem, p. 103). A pesquisa tem como objetivo monitorar os principais determinantes das doenças crônicas no Brasil e, desse modo, apoiar a formulação de políticas públicas que promovam o enfrentamento dessas doenças e uma melhor qualidade de vida para a população brasileira.

entanto, o fato de não consumir açúcar e comprá-lo “*só quando vai visita...*” em sua casa, não impede a estudante de verificar seu prazo de validade, mas também aguça sua curiosidade para ir sozinha até a gôndola de produtos dietéticos, tomar nas mãos um adoçante líquido de sua preferência e verificar seu prazo de validade (Figura 22).

Figura 22 – Dona Terezinha faz a leitura do prazo de validade do adoçante



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 20/08/2018.

Ao enunciar que utiliza o adoçante (ao invés do açúcar) e dirigir-se à seção onde se encontrava esse produto – que não constava na lista elaborada na sala de aula – para fazer a leitura de seu prazo de validade, Dona Terezinha contesta a universalidade da prática social de consumo do açúcar, de certa forma suposta durante a elaboração daquela lista. Sua disciplina em relação a essa privação sugere uma preocupação em cultivar a saúde, que, conforme advertem Vilhena e Novaes (2009, p. 86), impõe-se como um “verdadeiro estilo de bem viver” nessa fase da vida. Uma sociedade que, de certo modo, valoriza e reverencia a cultura da juventude como uma virtude em si mesma, em uma concepção de produtividade, e a longevidade como um *bem* a ser conquistado e mantido, responsabiliza, especialmente, as mulheres, pelo *cuidado*<sup>113</sup> com sua saúde e também com a própria aparência (BRITTO DA MOTTA, 1996; DEBERT, 2004; MENDONÇA; FERREIRA, 2014). Todavia, a relação entre *cuidado* e *envelhecimento* – assim como a relação entre *cuidado* e outras etapas e situações da vida – é intermediada pela condição financeira das pessoas nessa fase da vida, como denunciam a gargalhada e o comentário de Dona Terezinha, quando justifica para a professora por que,

<sup>113</sup> Nos estudos que desenvolvem sobre relações de gênero, educação matemática e discurso, Souza e Fonseca (2010) destacam a força produtiva do enunciado “Mulher cuida melhor... mas precisa ser cuidada” como um “discurso conservador que produz culturalmente o que é masculino e o que é feminino, e o que é do *masculino* e o que concerne *ao feminino*” (p. 74).

apesar de morar distante, opta por comprar o adoçante que consome naquele estabelecimento: *“Eu sempre compro aqui, porque aqui é mais barato.”*

A preocupação com a saúde, entretanto, está submetida não apenas às condições financeiras, mas também àquelas outras ordens. Quando Dona Joana decide fazer a leitura do prazo de validade do suco de caixinha (*“Suquinho.”*) e declara sua preferência pelo suco vendido pronto para beber em embalagem tetrapak (*“Esse aqui é melhor do que aquele em pó.”*), advertida pela professora sobre o alto teor de açúcar que esse tipo de suco contém e de que deveria dar preferência ao consumo de sucos naturais, sua reação não é de aquiescência, mas de interposição de um outro critério definidor de sua decisão de consumo: a praticidade (*“Ah, mas... natural é difícil.”*).

Outros condicionantes decorrentes da vivência doméstica de compra e consumo de produtos alimentícios e de sua avaliação também parametrizam o argumento de Dona Terezinha para comprar o açúcar em pacotes de 1kg: *“Açúcar, às vezes, eu compro aqueles pacotinho pequeno. Não, é porque eu uso o adoçante, só ele... Só quando vai visita...”*. Mesmo advertida pela colega Edilsea de que essa opção não era a melhor do ponto de vista econômico (*“Vou te falar, o pequeno você vai ter é prejuízo, porque vai acabar rápido.”*; *“E é mais barato nada.”*), Dona Terezinha não parece inclinada a mudar de prática, esboçando, inclusive uma reação ao argumento da colega, embora não tenha conseguido concluí-lo: *“Mas é que...”* O fato de comprar um *“pacotinho pequeno”* de açúcar, além de remeter à questão do diabetes, também nos faz refletir sobre outra condição do processo de envelhecimento: o viver sozinha.

Dona Terezinha é uma mulher viúva, independe financeiramente e que morava sozinha quando o trabalho de campo foi realizado, fazendo parte dos 13,7% do total de pessoas idosas que moram sozinhas no Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (2010). Não consumindo açúcar, Dona Terezinha não quer comprar muito; na possibilidade (e no desejo) de receber visitas, Dona Terezinha precisa comprar ao menos *“aqueles pacotinho pequeno”*.

Cabe observar, por fim, que, embora Dona Terezinha tenha expressado, nos eventos analisados nas seções anteriores, dificuldades para identificar e compreender o funcionamento do sistema de códigos que registra os prazos de validade (*“Eu não sei ler não”*; *“Eu peço pra olhar pra mim.”*; *“Eu não entendo não.”*), a estudante revela certo conhecimento sobre a produção textual do gênero rótulo, quando reconhece que as informações que ele veicula podem aparecer grafadas diferentemente nas embalagens. Com efeito, após analisar dois pacotes de açúcar de marcas distintas e com registros distintos em relação à informação prazo de validade, Dona Terezinha justifica: *“É ... É porque é outra marca, né?”*. Nesse sentido, vemos que a apropriação da prática de numeramento de leitura e registro dos prazos de validade que essa

estudante e suas colegas protagonizam mobiliza hipóteses de leitura não necessariamente contempladas na abordagem escolar, mas configuradas a partir de outras relações com os textos, oportunizadas pelas práticas sociais de escolha e compra de produtos.

Portanto, consideramos que a observação dessa atividade escolar, desenvolvida por Vanessa e suas alunas, dentro de um supermercado, permite-nos compreender não apenas como práticas de numeramento de leitura e registro de prazos de validade são apropriadas “*na prática*”, em atendimento à intenção pedagógica da professora, mas, sobretudo, ajuda-nos a perceber as condições do envelhecimento feminino, constituindo e sendo constituídas nesses processos de apropriação.

***“Tem doce diet, mas eu não gosto de doce diet. Eu gosto do verdadeiro... Chocolate é a melhor coisa que tem na vida... Mais melhor é o que não é diet.”***

Fechamos este capítulo de análise com um trecho final da atividade desenvolvida no supermercado, em que Dona Joana, literalmente, assume e protagoniza o papel de modelo publicitária, promovendo encenações de *merchandising* com os produtos do estabelecimento (Figura 23).

Figura 23 – Dona Joana faz propaganda do supermercado



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 20/08/2018.

A transcrição da interação apresenta-se reproduzida no Quadro 17.

Quadro 17 – “*Tem doce diet, mas eu não gosto de doce diet. Eu gosto do verdadeiro... Chocolate é a melhor coisa que tem na vida... Mais melhor é o que não é diet.*”

| <b>Aula do dia 20 de agosto de 2018</b>                                            |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Segunda-feira – 08h às 10h – 54º dia de observação de aula</b>                  |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>3º vídeo da filmagem - Tempo de gravação: 18:40 até 21:42 (Duração: 3min2s)</b> |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <i>Tempo de aula</i>                                                               | <i>Participante</i>             | <i>Fala</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 18:40                                                                              | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Vocês perceberam que a gente não achou nenhum produto vencido?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 18:42                                                                              | <b>Dona Cecília (91 anos)</b>   | <i>É, não achou nenhum, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 18:44                                                                              | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Nenhum, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 18:44                                                                              | <b>Dona Cecília (91 anos)</b>   | <i>É.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 18:46                                                                              | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Não pode, aí. O mercado, ele é responsável.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 18:48                                                                              | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | [Com um tom de voz mais elevado e entusiasmado, a estudante também movimenta seu corpo, suas mãos, modifica as feições do seu rosto para fazer uma avaliação do supermercado. As estudantes, a professora e a pesquisadora sorriem.]<br><i>Esse supermercado aqui é ótimo. Você encontra tudo de bom que você quer.</i>                                                                                                                     |
| 18:53                                                                              | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Seu Geraldo [dono do supermercado] vai contratar a senhora pra fazer a propaganda.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 18:56                                                                              | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>É. Ele pode me contratar que eu faço propaganda pra ele...</i><br>[Observa as gôndolas ao seu redor e novamente posiciona-se como ‘garota propaganda’ do supermercado e anuncia outro produto:]<br><i>Principalmente as panelas preta são ótimas pra cozinhar.</i><br>[Algumas estudantes, a pesquisadora e a professora gargalham.]                                                                                                     |
| 19:03                                                                              | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>A senhora compra sempre nesse mercado?</i><br>[A professora assume uma personagem de entrevistadora ou repórter na trama. Por isso, faz um gesto com uma das mãos parecendo estar segurando um microfone e aproxima-se de Dona Joana para entrevistá-la.]                                                                                                                                                                                |
| 19:06                                                                              | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Não, ainda não.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 19:08                                                                              | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>E como que a senhora tá fazendo propaganda dele?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 19:09                                                                              | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Não, eu tô fazendo propaganda dele, porque...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 19:10                                                                              | <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | [Começa a participar da cena e posiciona-se como freguesa do supermercado. Aproxima-se de Dona Joana e a empurra levemente para falar no ‘microfone’ que a professora finge estar segurando.]<br><i>Ó! Eu posso fazer, eu posso falar, porque eu compro sempre aqui.</i><br>[Neste instante, Vanessa mantém a encenação de estar segurando um microfone e finge apontá-lo para Dona Terezinha. Vanessa, Flávia e Dona Terezinha gargalham.] |
| 19:17                                                                              | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | [Continua encenando uma propaganda:]<br><i>As panelas, elas são ótimas de cozinhar. Você pode lavar elas só com a bucha, não precisa o Bombril, não gruda... Então, é um produto ótimo... Os pratos também...</i>                                                                                                                                                                                                                           |
| 19:32                                                                              | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Então fala assim: ‘Venha conhecer o Almeida!’</i> [Refere-se ao nome do supermercado]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 19:34                                                                              | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | [Finge estar segurando um microfone.]<br><i>Venha conhecer o Almeida!</i><br>[Todas as estudantes gargalham.]<br>[Dona Joana prossegue na encenação:]<br><i>Os pratos também são ótimos. Ele é ... Tem Duralex...</i> [Refere-se a uma marca de pratos.]<br><i>Vocês pode escolher o que vocês quiser.</i>                                                                                                                                  |
| 19:46                                                                              | <b>Dona Zélia (61 anos)</b>     | <i>Eu vou comprar uma garrafa pra mim.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|       |                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 19:49 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Tô achando que o Seu Geraldo vai te contratar...</i><br>[Sorri.]<br><i>Pronto? Mais alguma coisa?</i><br>[Caminha com algumas estudantes até a saída do supermercado.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 19:55 | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | [Quando passa pelo setor de doces do supermercado, olha para a câmera que a pesquisadora está segurando e anuncia outro produto.]<br><i>Os doces também tem várias marcas...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 19:58 | <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>Mas você não pode não, porque você é diabética.</i> [Deixa a entonação da encenação e fala em tom de repreensão]<br>[Edilsea gargalha.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 20:00 | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Os doces são ótimos.</i><br>[Sorri.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 20:04 | <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Fala assim: “Tem doce diet.”</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 20:05 | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Tem doce diet...</i> [Fala na entonação da propaganda, mas acrescenta um comentário em tom de confissão] <i>mas eu não gosto de doce diet. Eu gosto do verdadeiro... Chocolate é a melhor coisa que tem na vida... Mais melhor é o que não é diet.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 20:20 | <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>Pra saúde tem que ser ... Pra saúde tem que ser diet.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 21:21 | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | [Quando passa em frente da gôndola onde fica a aveia, dirige-se à pesquisadora, mas confunde o nome dela com o da professora.]<br><i>Viu, ô Vanessa?</i><br>[E prossegue na entonação de quem faz uma propaganda:]<br><i>Você pode colocar... Por exemplo, o leite, coloca a banana, morango se quiser e bate no liquidificador. Se não quiser, põe no prato, massa com garfo, pode comer que é ótimo para saúde, é uma maravilha, tá?</i><br>[Continua andando pelo corredor em direção a saída do supermercado na frente da pesquisadora. Em seguida, levanta o dedo indicador da mão direita como se estivesse fazendo uma recomendação:]<br><i>E serve pra uma refeição, entendeu?</i> |
| 21:42 | <b>Flávia (pesquisadora)</b>    | <i>Entendi.</i><br>[Gargalha.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| 21:43 | <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Pois é.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 20/08/2018.

O jogo cênico é iniciado, após a professora fazer um fechamento da atividade destacando que, naquele estabelecimento, elas não tinham encontrado produtos com o prazo de vencimento expirado (*“Vocês perceberam que a gente não achou nenhum produto vencido?”*), e reiterando a responsabilidade ética que se espera de um supermercado para com suas/eus freguesas/es (*“Não pode, aí. O mercado, ele é responsável.”*). Inicialmente, Dona Cecília é quem apoia e confirma a conclusão da professora: *“É, não achou nenhum, né?”* Todavia, Dona Joana dispara uma série de “peças publicitárias”, provocando risos e gargalhadas entre as estudantes, a professora e a pesquisadora, por sua gesticulação, a mudança no seu tom de voz e a locução de um texto, acompanhada de expressões faciais de quem avaliava e testemunhava a qualidade do supermercado e dos produtos que ali eram comercializados: *“Esse supermercado aqui é ótimo. Você encontra tudo de bom que você quer.”*

A professora Vanessa entra no jogo sugerindo que o dono do supermercado deveria contratá-la para fazer propaganda. Dona Joana não se faz de rogada, aderindo à ideia da professora, declarando-se disponível, caso o convite lhe fosse feito: *“É. Ele pode me contratar*

*que eu faço propaganda pra ele...*” Dona Joana elabora seu texto utilizando estratégias de comunicação e *marketing*, modulando, inclusive, a pronúncia das palavras (por exemplo, pronunciando a primeira sílaba de “você” e os êsses finais de vários substantivos e adjetivos no plural, como não é usual na comunicação íntima da região), quando recomenda determinados produtos, indica como devem ser lavados e louva sua praticidade ou durabilidade e, ainda, descreve uma receita para a pesquisadora e a incentiva a experimentá-la. Para isso, vale-se da sua vivência (como) doméstica ao buscar nas gôndolas os utensílios que ela conhece ou, possivelmente, utiliza em casa: *“Principalmente as panelas preta são ótimas pra cozinhar.”*; *“As panelas, elas são ótimas de cozinhar. Você pode lavar elas só com a bucha, não precisa o Bombril, não gruda... Então, é um produto ótimo... Os pratos também.”*; *“Os pratos também são ótimos. Ele é ... Tem Durablex.”*; *“Vocês podem escolher o que vocês quiser.”*; *“Os doces também tem várias marcas.”*; *“Você pode colocar... Por exemplo, o leite, coloca a banana, morango se quiser e bate no liquidificador. Se não quiser, põe no prato, massa com garfo, pode comer que é ótimo para saúde, é uma maravilha, tá?”*

Desse modo, assumindo o papel de uma modelo publicitária, ainda que numa encenação teatral, Dona Joana tensiona o papel e as expectativas de uma mulher envelhecida em uma sociedade patriarcal, etarista, hierarquizada pelas gerações, preconceituosa, individualista, regulada por modelos biomédicos “que caracterizam a velhice como doença” (BRITTO DA MOTTA, 2018, p. 92). Essa sociedade marginaliza e invisibiliza a pessoa envelhecida, especialmente as mulheres, caracterizando-as como improdutivas, supondo-as tímidas ou inadequadas para a exposição pública e julgando que elas não saberiam, não teriam coragem, não teriam poder de convencimento e não deveriam expressar-se, porque estão fora do padrão de beleza e saúde, ou sem capacidades cognitivas e emocionais para se (re)inventarem ou (re)criarem para si papéis diferentes.

As enunciações de Dona Joana também se deixam permear por outros interdiscursos relacionados às práticas comerciais, às condições socioeconômicas que ela e as colegas vivenciam e às condições físicas do próprio envelhecimento. De acordo com Fairclough (2001, p. 130), os discursos relacionados à prática comercial podem ser ligados à democratização substancial da sociedade, mas também “estão ligados de maneira controvertida aos processos de marquetização e especificamente à aparente mudança no poder dos produtores para os consumidores, que é associado ao consumismo e às novas hegemonias a ele atribuídas”. Dona Joana se autoriza a assumir o papel de uma “consumidora modelo”, criando um *script* que incorpora essas relações de poder, na indução ao consumo, mas, ao mesmo tempo, as submete à crítica, justamente pelo caráter teatral que a cena assume.

Durante a cena de propaganda das mercadorias, observamos que a escolha dos produtos para a criação dos anúncios é feita a partir dos hábitos alimentares de Dona Joana e da prática social da estudante (que ela sabe que é compartilhada com as colegas e que supõe compartilhada com as “telespectadoras”) de cozinhar, de lavar louças e de preparar e servir refeições.

A entrada na cena de Dona Terezinha, irmã de Dona Joana, desautorizando-a do papel de protagonista da propaganda, sob a alegação de que Dona Joana não tem o hábito de comprar naquele supermercado, parece-nos menos empenhada em restituir credibilidade ao “comercial”, do que em conquistar para si aquele papel: “*Ó! Eu posso fazer, eu posso falar, porque eu compro sempre aqui.*” – diz Dona Terezinha ao “microfone” que a professora Vanessa desloca para ela –. Mesmo envolvendo uma disputa, a reivindicação de Dona Terezinha reitera a avaliação, assumida pela irmã, de que mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, podem assumir esse papel público, glamuroso e midiático, não passando despercebidos os olhares que ambas, por vezes, dirigem à câmera da pesquisadora.

A personagem assumida por Dona Joana, entretanto, ao retomar o protagonismo da cena, além de lhe permitir tensionar os estereótipos socialmente colocados para mulheres envelhecidas, também lhe oportuniza transgredir discursos sobre condições, restrições e cuidados de saúde que se espera que as pessoas em processo de envelhecimento assumam. Sendo diabética, ela produz uma série de enunciados sobre as delícias dos alimentos doces, enquanto faz propaganda daqueles que são vendidos no supermercado: “*Os doces são ótimos.*”; “*Chocolate é a melhor coisa que tem na vida...*”

Essa nova personagem, mais sincera do que a primeira (que fazia propaganda de um estabelecimento que ela não frequentava) é também tolhida por Dona Terezinha que a censura, explicitando a inadequação daquela recomendação de consumo, por um problema de saúde: “*Mas ocê não pode não, porque ocê é diabética.*” A responsabilização individual pela própria saúde é uma imposição que se tem reforçado nas sociedades capitalistas a todas as pessoas; impõe-se, porém, de forma mais incisiva, às mulheres, em especial àquelas em processo de envelhecimento. Essa obrigação respalda o argumento de Dona Terezinha que, mais uma vez, busca interromper a encenação de Dona Joana e reiterar o *cuidado com a saúde* como um comportamento esperado e responsável de pessoas diabéticas que buscam um envelhecimento saudável: *Pra saúde tem que ser ... Pra saúde tem que ser diet.*

A professora Vanessa não quer interromper a encenação de Dona Joana, mas, assumindo o papel de “diretora da cena”, sugere que a estudante adeque seu discurso à responsabilidade com o cuidado da saúde: “*Fala assim: Tem doce diet.*” No entanto, mesmo se solidarizando com a informação dada pela professora (“*Tem doce diet ...*”), Dona Joana logo a rejeita para expor suas preferências e declarar o que lhe causa mais prazer: “*... mas eu não gosto de doce*

*diet. Eu gosto do verdadeiro... Chocolate é a melhor coisa que tem na vida... Mais melhor é o que não é diet.”*

Todavia, ao retomar o turno da fala, Dona Joana encampará o argumento do cuidado com a saúde, sugerindo uma receita a ser feita com aveia (que estava exposta na gôndola) e reforçando sua recomendação com a alegação de se tratar de um alimento saudável: *“Você pode colocar... Por exemplo, o leite, coloca a banana, morango se quiser e bate no liquidificador. Se não quiser, põe no prato, massa com garfo, pode comer que é ótimo para saúde, é uma maravilha, tá?”*

Nas tomadas de decisão que envolvem a escolha dos produtos e o modo como os anúncios seriam criados e apresentados, Dona Joana mobiliza práticas de numeramento hegemônicas, ao descrever a receita e indicar que ela pode substituir uma refeição, como fazem os protocolos de dietas. Modos de ordenação (*“Por exemplo, o leite, coloca a banana, morango se quiser e bate no liquidificador. Se não quiser, põe no prato, massa com garfo...”*), precisão e estimativa (*“E serve pra uma refeição...”*), presentes no discursivo “receita”, e que são veiculados como valores na matemática escolar, são frequentemente tensionados pelas vivências dessas/es alfabetizandas/os, em especial, pela experiência das mulheres com o preparo de alimentos e refeições. Com efeito, Dona Cecília questiona a necessidade de observação da precisão das receitas, quando é convidada, pela professora Vanessa, a ensinar o preparo dos canudos<sup>114</sup> doces às colegas, produto que a estudante fazia para vender na cidade e que fizeram dela a *“Tioca<sup>115</sup> do canudo”* (Figura 24).

---

<sup>114</sup> Canudo é um tipo de doce em que, tradicionalmente, é feita uma casca de farinha de trigo no formato de um cilindro ou cone e, em seguida, ela é recheada com doce de leite e envolta no açúcar.

<sup>115</sup> De acordo com Dona Cecília, Tioca é o apelido que ela carinhosamente ganhou de seu pai quando nasceu: *“Foi o meu pai, tadinho. Quando eu nasci, ele tá assim: ‘Ai que gracinha, a Tioquinha.’ ... Eu era miudinha, ele falou assim: ‘Eu vou chamar ela de Tioquinha.’ E ficou isso aí.”*

Figura 24 – Dona Cecília ensina as colegas a fazer canudos de doce de leite



Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora do registro em vídeo do dia 22/03/2028.

**Dona Cecília (91 anos):** *Dá bastante negocinho...*

[Refere-se à quantidade de canudos que a massa produzirá.]

**Luciano (diretor):** *É, dá uai.*

**Vanessa (professora):** *Dá muito.*

**Nelinho (auxiliar de serviços gerais):** *Já pode esquentar o óleo?*

**Dona Cecília (91 anos):** *Pode.*

**Vanessa (professora):** *E o óleo tem que ser mais quente?*

**Dona Cecília (91 anos):** *Não, depois eu levo uma massinha lá pra experimentar se tá bom.*

**Vanessa (professora):** *Ah, tá! A senhora experimenta lá.*

**Dona Cecília (91 anos):** *É.*

**Dona Leonídia (73 anos):** *Já tem trinta pronto...*

[Conta a quantidade de canudos que já estavam enrolados nas latas de alumínio em formato de cilindro].

**Dona Cecília (91 anos):** *Trinta?*

**Vanessa (professora):** *Já tem trinta?*

**Dona Leonídia (73 anos):** *Trinta e um com esse.*

[Olhou para a professora e coloca no tabuleiro o canudo que a Dona Cecília acabara de enrolar].

...

**Dona Zélia (61 anos):** *Rapidinho ela faz.*

**Aparecida (56 anos):** *E rende muito, né?*

**Dona Joana (63 anos):** *Rende.*

**Aparecida (56 anos):** *E ela não gastou um pacote de farinha não.*

**Dona Terezinha (64 anos):** *É.*

...

**Dona Cecília (91 anos):** *Quantas cascas que cês acha que vai dar isso aí?*

**Dona Leonídia (73 anos):** *Ah, vai dar bastante, porque na hora que eu contei já tinha trinta e ela ainda pôs aqui, né?*

**Dona Cecília (91 anos):** *Uhum.*

**Nelinho (auxiliar de serviços gerais):** *Deve chegar nuns cinquenta.*

**Dona Cecília (91 anos):** *Hum?*

**Nelinho (auxiliar de serviços gerais):** *Deve chegar nuns cinquenta.*

**Vanessa (professora):** *Eu vou falar setenta.*

**Dona Leonídia (73 anos):** *Cinquenta e três já tem.*

**Vanessa (professora):** *É porque ela falou ontem.*

**Luciano (diretor):** *Ah, é?*

[Dona Cecília olha para a massa que ainda está na mesa e não foi enrolada.]

**Dona Cecília (91 anos):** *Aqui deve dar quase trinta outra vez.*

**Vanessa (professora):** *Ela falou que dá uns setenta, né, Dona Cecília?*

**Dona Cecília (91 anos):** *Setenta, né?*

Nos trechos<sup>116</sup> transcritos acima, ao preparar canudos a partir de sua vivência laboral de produção de canudos de doce de leite para comercializá-los, Dona Cecília e suas/eus interlocutoras/es mobilizam práticas de numeramento que escapam à precisão e ao rigor da matemática que se ensina na escola e do que se espera do discursivo “receita”: “*Dá bastante negocinho...*”; “*Não, depois eu levo uma massinha lá pra experimentar se [o óleo] tá bom.*”; “*E rende muito, né?*”; “*E ela não gastou um pacote de farinha não.*”; “*Ah, vai dar bastante, porque na hora que eu contei já tinha trinta e ela ainda pôs aqui, né?*”; “*Aqui deve dar quase trinta outra vez.*”

Essa alternância entre reiteração e contestação, valorização e desdém, lembrança e esquecimento, submissão e empoderamento, nas posições assumidas em relação aos discursos hegemônicos, em especial àqueles que conformam práticas de numeramento escolares, compõe os modos como Ana Maria, Aparecida, Dona Cecília, Dona Idalina, Dona Irene, Dona Joana, Dona Leonídia, Dona Rosa, Dona Terezinha, Dona Zélia, Edilsea e Olga se apropriam dessas práticas.

Ao longo das análises empreendidas nesta tese e nos inúmeros eventos que compõem o diário de campo da pesquisadora e que não caberiam neste trabalho, identificamos essas mulheres, alfabetizadas na EJA, posicionando-se discursivamente diante do conhecimento escolar, ora se solidarizando com ele e ora tensionando-o, levando em consideração as condições de envelhecimento às quais estão submetidas, os direitos que lhes foram ou são negados e aqueles conquistados ou a conquistar, as dificuldades socioeconômicas e as desigualdades de gênero e raça com as quais precisaram lidar ou se subordinar ao longo da vida. Essas estudantes, além de se assumirem como mulheres de aprendizagens, ao se inserirem (ou serem inseridas) no processo de escolarização e participarem de processos de apropriação e significação das práticas de letramento escolares (nelas inseridas as de numeramento), também se reconhecem e se posicionam como mulheres de conhecimentos, de vivências, de culturas, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas, quando evocam, mobilizam e

---

<sup>116</sup> Os trechos foram retirados da transcrição da aula do dia 22 de março de 2018. Naquela manhã, Dona Cecília foi a “*professora da turma*” e ensinou as colegas a fazerem canudos doces. Na aula, a estudante ensinou a fazer a massa dos canudos, enrolá-la em cilindros pequenos de alumínio para, em seguida, fritar os canudos e recheá-los com doce de leite. Durante a aula, Dona Cecília conta que iniciou a produção e venda de canudos quando se tornou arrimo de família e precisou sustentar os filhos até se aposentar: “*E com isso eu paguei o ... Eu paguei o meu INPS, com negócio de canudo.*”

atualizam práticas sociais e culturais em que se envolveram, que protagonizaram ou testemunharam, e que as constituíram.

Com base no exposto, finalizamos as nossas análises certas de que ficamos na intersecção de diversas realidades, visto que: investigamos mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento escolares. Além disso, para finalizar, trazemos um excerto de Bosi (1994, p. 39) que vai ao encontro do que vivenciamos ao longo desta pesquisa: “Fiquei na intersecção dessas realidades: colhi memórias de velhos”, trecho este que nos é bastante familiar neste momento, pois colhemos sim, memórias, mas ousamos ir além, colhemos expectativas, direitos, esquecimentos, culturas, interdições, histórias de sofrimento e de superação, vivências, conhecimentos e aprendizagens.

## CODA

### NA CERTEZA DE QUE NÃO TERMINAMOS POR AQUI...

*Falô que é remédio e móde comê, eu tenho medo, Flávia. Eu sou bem concentrada...  
O Dilércio [seu marido] fica assim: 'Que olhação nessa lata.'  
Eu falo assim: 'Eu tenho que olhar, senão eu como trem vencido, eu morro.'  
Ele fica assim: 'Creindeuspadre, ó! '...  
Às vezes, um doce, uma coisa, uma massa de tomate...  
Eu fico caçando.  
Ele fica assim: 'Cê vai comprar ou cê vai ler ela primeiro?'  
Eu falo: 'Eu tenho que olhar o que que eu tô levando.  
Porque, às vezes, tá vencido.'  
Enlatado, esses vidros que eu compro, gelatina...  
Até suco eu fico olhando...  
Ele fica uma giriza.  
Ele fica com uma raiva quando tá me esperando.  
Ah, eu sou bem observadora.*

*(Aparecida, 56 anos, na aula do dia 03/10/2018)*

Na *coda* desta tese, na certeza de que não terminamos por aqui, buscamos reforçar as reflexões que (des)construímos ao longo deste trabalho sobre mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, apropriando-se de práticas de numeramento escolares. É exatamente nesse processo de apropriação que vemos essas alfabetizadas se posicionarem e se assumirem como mulheres de aprendizagens e de conhecimentos, de vivências e de culturas, de memórias e de esquecimentos, de direitos e de expectativas.

Encerram, portanto, este trabalho: o comentário da estudante Aparecida sobre sua ação de considerar a relevância da (e *tornar sua* a) leitura do prazo de validade na tomada de decisão pela compra ou consumo de determinados produtos; o trecho da interação que ocorreu na sala de aula, na manhã do dia 22 de agosto de 2018, após a ida das estudantes ao supermercado; a fala de Dona Joana que dá título a esta tese: “*Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó! Isso tá errado, uai... Seis... Eu vou mandar uma carta prá lá, que ele não tá falando direito, não!*”

As três interações apontam o caminho que escolhemos trilhar ao longo deste trabalho investigativo: tomar os conceitos de envelhecimento e de apropriação de práticas de numeramento, em sua dimensão sociocultural e relacional, produzidos discursivamente e permeados por

marcadores sociais (de classe, de gênero, de raça, de referências culturais, e geracional) nas práticas sociais em que se engendam.

No trecho da aula do dia 22 de agosto, reproduzido no Quadro 18, as estudantes registram, em seus respectivos cadernos, os prazos de validade dos produtos que foram verificados no supermercado, incluindo aqueles que foram acrescidos à lista a partir da curiosidade, da preferência e do desejo de algumas estudantes daquela turma.

Quadro 18 – “A gente come aquele arroz o ano inteiro. Ele não sai da validade não? Pila, soca no pilão...”

| <b>Aula do dia 22 de agosto de 2018</b>                                                 |                            |                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Quarta-feira – 8h às 10h – 54º dia de observação de aula</b>                         |                            |                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>2ª gravação da filmadora. Tempo de gravação: 12:56s até 14:00 (Duração: 01min4s)</b> |                            |                                                                                                                                                                                                                                            |
| 12:56                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | Ô, Vanessa, mas eu não tô interrompendo a sua aula não, só uma perguntinha.                                                                                                                                                                |
| 13:00                                                                                   | Vanessa<br>(professora)    | Todas que a senhora quiser.                                                                                                                                                                                                                |
| 13:01                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | Por exemplo, o lavrador, ele planta arroz...                                                                                                                                                                                               |
| 13:06                                                                                   | Vanessa<br>(professora)    | Hum?                                                                                                                                                                                                                                       |
| 13:07                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | A gente come aquele arroz o ano inteiro. Ele não sai da validade não? Pila, soca no pilão...                                                                                                                                               |
| 13:12                                                                                   | Dona Leonídia<br>(73 anos) | Ele não sai não, porque ele tá na casca, Idalina.                                                                                                                                                                                          |
| 13:14                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | É?                                                                                                                                                                                                                                         |
| 13:15                                                                                   | Dona Leonídia<br>(73 anos) | É.                                                                                                                                                                                                                                         |
| 13:16                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | É, porque...                                                                                                                                                                                                                               |
| 13:17                                                                                   | Dona Leonídia<br>(73 anos) | [Interrompe a fala de Dona Idalina.]<br>Ele tano na casca, ele não estraga não.                                                                                                                                                            |
| 13:20                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | Feijão, a gente colhe o feijão...                                                                                                                                                                                                          |
| 13:23                                                                                   | Vanessa<br>(professora)    | Quando armazena direitinho, né?                                                                                                                                                                                                            |
| 13:23                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | Mas, por exemplo, o meu marido. A gente cuía arroz, cuía feijão, cuía..., tudo. Ele plantava de tudo. Ele plantava verdura lá na horta.                                                                                                    |
| 13:34                                                                                   | Vanessa<br>(professora)    | Mas quanto tempo mais ou menos que a senhora demorava pra consumir, um ano? Ou mais?                                                                                                                                                       |
| 13:36                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | É uma coisa... É ... Quase um ano.<br>[Embora tenha dito “quase um ano”, Dona Idalina abre as mãos para indicar que não saberia precisar o tempo.]                                                                                         |
| 13:41                                                                                   | Vanessa<br>(professora)    | Mas olha a validade do arroz aqui, olha. Nós tamo no mês de agosto, não tamo? A gente pode comer esse arroz que tá no mercado até dia vinte do um do ano de dois mil e dezenove. Então vai dar quase um ano que a gente pode consumir ele. |
| 13:57                                                                                   | Dona Leonídia<br>(73 anos) | Mas o arroz com casca você pode guardar ele dois, três anos, que ele não estraga não, porque meu pai cuía muito mantimento, sabe?                                                                                                          |
| 14:00                                                                                   | Dona Idalina<br>(74 anos)  | É, o Zé também cuía.<br>[Refere-se ao seu esposo.]                                                                                                                                                                                         |

Fonte: Transcrição da gravação da aula do dia 22/08/2018.

Ao longo desta tese, embora as mulheres manifestem certa disposição para *tornar próprios* e significar os códigos e os símbolos que envolvem a habilidade de leitura e escrita de prazos de validade, observamos o modo como elas tensionam esse processo ao vivenciá-lo na prática social de que participam (seja numa atividade escolar de sala de aula ou na tomada de decisão para a compra ou para o consumo de determinados tipos de produtos).

Nessa perspectiva, observamos que essas estudantes mobilizam ações pragmáticas na leitura de prazos de validade (“*Eu falo assim: ‘Eu tenho que olhar, senão eu como trem vencido, eu morro’.*”; “*Eu fico caçando.*”; “*Até suco eu fico olhando.*”; “*Mas eu não tô interrompendo a sua aula não*”; “*Eu vou mandar uma carta prá lá.*”), assumindo e confrontando seus conhecimentos, suas vivências culturais e seus arranjos familiares, elaborados por meio de suas memórias e de seus esquecimentos ao longo da vida (“*Falô que é remédio e móde comê, eu tenho medo*”; “*Porque, às vezes, tá vencido.*”; “*Às vezes, um doce, uma coisa, uma massa de tomate.*”; “*Enlatado, esses vidros que eu compro, gelatina.*”; “*Por exemplo, o lavrador, ele planta arroz.*”; “*Ele não sai não, porque ele tá na casca.*”; “*Ele tano na casca, ele não estraga não.*”; “*Feijão, a gente colhe o feijão.*”; “*O Dilércio fica assim: ‘Que olhação nessa lata.’*”; “*Ele fica uma giriza.*”; “*Ele fica com uma raiva quando tá me esperando.*”; “*Mas, por exemplo, o meu marido. A gente cuía arroz, cuía feijão, cuía..., tudo. Ele plantava de tudo. Ele plantava verdura lá na horta.*”; “*Quase um ano.*”; “*Mas o arroz com casca você pode guardar ele dois, três anos, que ele não estraga não, porque meu pai cuia muito mantimento, sabe?*”; “*É, o Zé também cuia.*”; “*Mas eles tinha que pôr tudo aí, ó!*”; “*Isso tá errado, uai...*”; “*Ele não tá falando direito, não!*”), de modo a tornar própria, tornar sua, essa prática, constituindo-a e se constituindo nela (“*Eu falo assim.*”; “*Eu tenho medo.*”; “*Eu tenho que olhá o que que eu tô levando.*”; “*Eu sou bem concentrada...*”; “*Eu fico caçando.*”; “*Eu fico olhando.*”; “*Ah, eu sou bem observadora.*”; “[*Eu tenho*]só uma perguntinha.”; “*Eu vou mandar uma carta prá lá.*”).

Ações pragmáticas são protagonizadas por aquelas mulheres: quando Aparecida, a despeito da impaciência do marido, insiste em falar, olhar e ficar olhando, caçar, observar, em atendimento à sua preocupação com as condições de consumo de produtos que ela avalia de maior risco (remédios e alimentos); ou quando Dona Idalina manifesta na sala de aula, interrompendo o curso da interação, sua dúvida em relação ao prazo de validade dos mantimentos de produção própria e quando Dona Leonídia, subsidiada por sua vivência, responde ao questionamento da colega, mesmo antes de a professora encaminhar seu argumento; ou, ainda, quando Dona Joana avalia o texto no rótulo do macarrão, identifica e se exaspera com o que ela considera um erro e se dispõe a agir visando sua correção. Por isso, ao destacar essas enunciações nesta coda e ao longo deste trabalho, queremos focalizar a dimensão

pragmática dos processos de apropriação de práticas de numeramento escolares, de modo especial, aqueles que envolvem a consideração, a relevância, os aspectos técnicos, a avaliação e as repercussões da leitura e da escrita do sistema linguístico de datação usado no registro de prazos de validade que são veiculados em rótulos.

Nessas ações, aquelas mulheres em processo de envelhecimento, pobres, negras, excluídas do sistema escolar quando crianças, adolescentes e mesmo quando adultas, inseridas em diversos tipos de arranjos familiares, mas que quase sempre são regidos pelas marcas de uma sociedade desigual, patriarcal, machista e etarista, elaboram, por meio de memórias e esquecimentos, suas vivências e referências culturais, produzindo conhecimentos e compartilhando aprendizagens: Aparecida elege produtos de maior risco para exercer o cuidado da verificação de sua validade; Dona Idalina pergunta a si mesma, à professora e às colegas sobre o controle da validade em produtos que não trazem essa informação impressa; Dona Leonídia resgata não apenas sua vivência de produtora de mantimentos, mas também o argumento que autoriza e garante seu consumo por um longo período; Dona Joana avalia o texto escrito por outrem, relacionando informações sobre fabricação e validade, e mobiliza seu conhecimento da função de outro gênero (carta) para agir sobre aquele texto.

Agindo pragmaticamente na relação com o texto, as participantes desta tese constituem aquela prática de leitura e se constituem nela, colocando-se não só como mulheres dos verbos que enunciam (temer, ser, falar, olhar, comer, morrer, caçar, comprar, levar, fazer com que a esperem, interromper, perguntar, plantar, colher, pilar, socar, guardar, mandar uma carta...), mas como mulheres dos conhecimentos que elaboram e convocam, das aprendizagens que compartilham, das vivências que narram e atualizam, da cultura que produzem e na qual se inserem, das memórias e dos esquecimentos que tecem, acalentam, intimam ou interditam, dos direitos que reivindicam e que usufruem, assim como das expectativas do que se permitem desejar, do que se dispõem a realizar, do que se lhes impõe temer.

Em nosso exercício investigativo, buscamos nos posicionamentos discursivos assumidos por aquelas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, destacar as ações e disposições por meio das quais se apropriam das práticas de leitura e escrita que veiculam uma informação sobre marcação de tempo – práticas que envolvem não só habilidades técnicas, mas que se constituem também da preocupação em relação a usufruir (ou não), considerar (ou não), ser parametrizada (ou não) por esse tipo de informação. Habilidades e preocupações compõem os modos como essas mulheres acolhem (*tornam seu*) o discurso sobre a relevância desse tipo de informação, tensionam o seu *valor* na sociedade (capitalista, industrializada e quantificada) em que vivem e prospectam um futuro na tomada de decisão pela compra ou pelo consumo de determinados tipos de produtos.

Por isso, a enunciação de Dona Joana nos parece tão exemplar em relação aos processos vividos naquela turma de alfabetização na EJA. Ela explicita acolhimento, tensão e prospecção em relação ao texto “prazo de validade”, protagonizando uma dinâmica de apreciação e empoderamento que a faz analisar a efetividade do que estava impresso na embalagem, reivindicar seu direito de consumidora e intervir sobre o texto, emitindo uma prescrição e convocando outras práticas de escrita e leitura para agir sobre o texto lido. Como Dona Joana, vimos Aparecida, Dona Idalina, Dona Leonídia e as outras estudantes daquela turma apropriarem-se de ideias, argumentos e representações matemáticas para (e ao) enfrentar aquele e outros textos, avaliá-los, tensionar sua forma, seus propósitos ou sua eficácia, e, assim, solidarizam-se, contrapõem-se ou desdenham de sistemas, intenções e repercussões das práticas de numeramento escolares.

Em seu breve e indignado enunciado, Dona Joana estabelece uma ação social sobre o texto e institui a si e as colegas daquela turma como sujeitos sociais. Ela convoca e produz conhecimentos; insere-se em determinada cultura, tensionando suas marcações; atualiza e prospecta novas vivências; lida com lembranças e omissões da memória, ao selecionar o que deve (ou não) ser lembrado e esquecido; coloca-se como mulher de direito, ao reivindicar o respeito de consumidora; e apresenta-se como sujeito de aprendizagem daquela informação. Isso nos permite falar de apropriação de práticas matemáticas, tomadas por nós como práticas discursivas e socioculturais, a que chamamos de práticas de numeramento, não apenas como uma mera aprendizagem de conteúdos escolares, mas também como um processo que constitui essas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, como sujeitos sociais e que é por elas constituído.

Foi com essa mesma perspectiva que consideramos importante abrir este trabalho com as vozes das “passageiras da manhã”, pedindo a elas que se apresentassem e narrassem suas trajetórias de vida, para, desse modo, anunciar um esforço de desinvisibilizá-las, a fim de ouvir aquelas vozes que falam de si nos modos como se posicionam no (e se dispõem ao) processo de apropriação de práticas de numeramento escolares. As narrativas que compõem os depoimentos dados nas entrevistas, mas que ecoam nos diversos enunciados que essas mulheres proferiram nas muitas interações em sala de aula, que analisamos ou não nesta tese, contam uma história que cada uma “extraíu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador” (BOSI, 1994, p. 91).

Com esta tese, buscamos corresponder, de alguma forma à sacralidade das posições discursivas que testemunhamos, procurando compreender de modo coerente, responsável e afetivo os processos de apropriação de práticas de numeramento escolares que aquelas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, protagonizaram.

Por isso, a fim de subsidiar nossas análises, apresentamos no capítulo 1, os estudos que investigam processos de envelhecimento, em especial, aqueles que abordam o envelhecimento feminino; os trabalhos que contemplam a relação entre envelhecimento e educação; e os que discutem apropriação de práticas discursivas de numeramento escolar. É no diálogo entre essas leituras e por considerarmos o espaço da sala de aula como um ambiente constitutivo, em que os sujeitos sociais não apenas são moldados e parametrizados por práticas discursivas *de e sobre* a matemática escolar, mas também as moldam e as parametrizam, que tomamos o estudo etnográfico da sala de aula como orientação metodológica.

Apostamos, assim, que este estudo nos ajudaria a compreender as relações que se estabeleciam naquela sala de aula da EJA, entendida como um ambiente constituído por (e nas) relações humanas complexas, determinantes nas tomadas de decisão de doze mulheres que estavam vivenciando diferentes processos de envelhecimento, num contexto de alfabetização escolar. Com efeito, assumir essa orientação metodológica, com os princípios que a sustentam, nos auxiliou a apontar, ao longo desta pesquisa, o protagonismo dessas mulheres na constituição, na transgressão e na transformação que sofreram e que produziram durante o processo de significação do conhecimento matemático escolar, de seu papel na escola e na avaliação de sua adequação às demandas e às possibilidades das práticas cotidianas.

Foi também nessa perspectiva que nos dedicamos a construir o capítulo 3 para narrar a história e o funcionamento escolar do Instituto ABC, local em que as mulheres desta tese buscam alfabetizar-se. Além disso, como pesquisadoras, narramos como cada estudante nos afetou ao longo do trabalho de campo, selecionando memórias (e esquecimentos) sobre como seus comportamentos, suas falas, suas confissões e suas ações nos atravessaram.

Os processos de significação, identificados com esta investigação, nos permitiram conhecer essas mulheres como sujeitos sociais, ocupando o espaço escolar e assumindo o papel de estudantes nos diversos posicionamentos que assumiam (falando ou calando-se) durante o desenvolvimento da proposta pedagógica da professora de trabalhar em sala de aula com o gênero discursivo rótulo. Portanto, os eventos selecionados para análise forjaram-se na historicidade de sua ocorrência naquela turma, nas tensões engendradas e nos embates culturais desencadeados pelos (e que conformaram os) processos de apropriação de práticas de numeramento escolares que envolveram as representações do sistema linguístico de datação, em especial, aqueles que se referem à leitura e ao registro de prazos de validade.

As escritas e reescritas do diário de campo, os inúmeros retornos às gravações em áudio e vídeo das atividades propostas pela professora e o meticuloso trabalho de transcrever as interações discursivas registradas naquelas mídias confrontaram-nos com a complexidade dos processos de apropriação de práticas de numeramento ali desencadeados, identificados nas

tomadas de posições discursivas assumidas no enfrentamento de habilidades relacionadas à compreensão semântica e sintática de um texto, mas principalmente, à intenção pragmática da leitura. É, portanto, nesse sentido, que assumimos a apropriação de práticas de numeramento como processos discursivos e socioculturais, uma vez que consideramos as próprias práticas de numeramento como práticas discursivas, e, como tal, práticas socioculturais.

Por isso, tomamos como eixos de nossa análise: as relações pragmáticas nas práticas de leitura de prazos de validade, de modo a destacar e a refletir sobre a dimensão dialética do confronto entre as práticas sociais do cotidiano e as práticas escolares; as habilidades de localização, integração, elaboração e apreciação envolvidas nas práticas de leitura, de modo a reiterar o argumento de que a apropriação de práticas de numeramento é uma dimensão da apropriação das práticas de letramento e buscando refletir sobre a ação pragmática das lembranças, das reminiscências e dos esquecimentos nos processos de produção de significados e na diversidade das condições de significação; e, por fim, aprendizagens, conhecimentos, vivências, culturas, memórias, esquecimentos, direitos e expectativas que configuram os processos de apropriação de práticas de numeramento daquelas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, e que as constituem, permitindo-nos conhecê-las e reconhecê-las em constituição.

O trabalho investigativo desenvolvido nesta tese compõe as produções do Grupo de Estudos sobre Numeramento (GEN), configurando-se no rol daqueles que tematizam a apropriação de práticas de numeramento (aqui, práticas matemáticas escolares) considerando-as como práticas discursivas e socioculturais e, portanto, marcadas por tensionamentos desencadeados pelo confronto de diferentes aprendizagens, de diferentes conhecimentos, de diferentes vivências, de diferentes culturas, de diferentes memórias, de diferentes esquecimentos, de diferentes direitos e de diferentes expectativas.

Esses tensionamentos emergem como uma problemática e um objeto de estudo e reflexão: para o campo do envelhecimento feminino, de modo a investigar processos de envelhecimento no ambiente escolar e na insurgência de mulheres, em sua maioria, pobres ou em condições econômicas restritas, de baixa escolaridade, em sua maioria negras e às voltas de um sistema opressor e de uma sociedade preconceituosa em relação à imagem da mulher envelhecida e que busca uma escolarização nessa fase da vida; para o campo dos estudos da alfabetização, do letramento e do numeramento, de modo a compreender diferentes processos de escolarização e de significação das práticas discursivas relacionadas à leitura e à escrita, veiculadas no ambiente escolar e fora dele; para o campo da educação matemática, que se encontra diante da necessidade de abordar práticas matemáticas e questões relacionadas ao conhecimento matemático escolar para diferentes públicos que, em geral, não se identificam

com a cultura escolar, e que, por isso, seus estranhamentos devem ser reconhecidos, acolhidos e trabalhados, tensionando, assim, os discursos sobre a hegemonia e a valorização de uma matemática universal, precisa, estática e inflexível; e para o campo da EJA, de modo a incluir-se na luta por (re)construir sentidos e (re)significar os conteúdos escolares para esses sujeitos socioculturais e geracionais que se apresentam com perspectivas, demandas, contribuições, desafios e desejos próprios em relação ao próprio processo de escolarização e que jamais podem ser esquecidos, ocultados ou apagados.

Todavia, o que percebemos é um movimento de apagamento dessas mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, tanto nas modalidades educativas (como na EJA, por exemplo), quanto nos setores da sociedade de modo geral, seja manipulando seus corpos, impedindo que (re)inventem o próprio processo de envelhecimento e a si mesmas, ou invisibilizando ou desconsiderando os projetos que almejam vivenciar nessa fase da vida e os direitos que esperam conquistar (por exemplo, o direito à aposentadoria e o direito à vacina contra a Covid-19). Esse apagamento, entretanto, é agravado, ainda mais, pelas políticas públicas, educacionais e econômicas que regem e parametrizam as tomadas de decisões na nossa sociedade em relação: a que(ais) grupo(s) etário(s) devem ser valorizado(s) e assistido(s); a que(ais) gênero(s) deve-se garantir melhores oportunidades – de trabalho e salariais, por exemplo –; para que(ais) classe(s) social(is) deve-se propor leis e benefícios; a que(ais) raça(s) deve-se defender e garantir direitos a partir de propostas sociais regulamentadas; e a que(ais) grupo(s) de pessoas deve-se assegurar leis e projetos educacionais, não como uma consideração de sujeitos em falta, mas como um direito.

Portanto, é nesse sentido que, como pesquisadoras, também nos apropriamos, *tornamos nossos* e *tornamos próprio*, o processo de significação que essas mulheres experienciaram ao longo deste trabalho, ao protagonizarem práticas de numeramento escolares, vivenciando diferentes processos de envelhecimento. Com a conclusão deste trabalho, percebemos o quanto nos apropriamos dos conceitos aqui trabalhados, das histórias de vida compartilhadas (inclusive as nossas) que atravessam as reflexões e as análises aqui empreendidas e nos constituem como mulheres que também vivenciam processos de envelhecimento.

Assim como Ana Maria, Aparecida, Dona Cecília, Dona Idalina, Dona Irene, Dona Joana, Dona Leonídia, Dona Rosa, Dona Terezinha, Dona Zélia, Edilsea e Olga, num exercício disciplinado, entusiasmado, por vezes, angustiante e intencional, também nos posicionamos e nos assumimos como pesquisadoras: de aprendizagens e de conhecimentos, ao sermos surpreendidas e confrontadas com as reflexões que apontamos e aprendemos com esta investigação, quando convocamos e compartilhamos conhecimentos e considerações com as/os autoras/es e as discussões teóricas que permearam este trabalho e, ainda, com as mulheres desta

tese, as quais, mesmo na velhice, tornaram-se (e escolheram ser) alfabetizadas na EJA; de culturas e de vivências, ao (re)produzirmos e tensionarmos as marcas culturais que significamos em nossas vivências, bem como ao atualizarmos e perscrutarmos nossa condição de pesquisadoras e educadoras em constante formação; de memórias e de esquecimentos, ao lidarmos com as lembranças, as reminiscências e os esquecimentos da vida, de nossas histórias, de histórias de pessoas próximas (ou distantes) a nós, de autoras/es e de trabalhos que compõem a seleção do que lembramos e do que esquecemos de abordar nesta tese; e de direitos e de expectativas, ao reivindicarmos e esperarmos que este trabalho promova novos olhares sobre as mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA.

Nos “encontros” que tivemos com essas mulheres e com suas histórias de vida, nos deparamos com os modos pelos quais elas lutam para sobreviver ao envelhecimento que lhes é inerente, às interdições, às privações e às exclusões que sofreram ao longo da vida, e ainda sofrem, por meio da escolarização ou da falta dela, o que muito nos (co)moveu, nos sensibilizou e nos confrontou, provocando sentimentos de repúdio frente às desigualdades sociais existentes, e ainda persistentes, na sociedade em que vivemos.

Semelhante ao modo como Éclea Bosi (1994) encerra o seu livro sobre lembranças de velhas/os, realçando o conselho do Senhor Amadeu sobre como ter tolerância para com as pessoas velhas: “Eles também trabalharam” (p. 481), encerramos esta tese, na certeza de que não terminamos por aqui, considerando e (re)afirmando que as mulheres em processo de envelhecimento, alfabetizadas na EJA, ao protagonizarem práticas de numeramento escolares: *elas também apropriaram*.

## REFERÊNCIAS

ADELINO, Paula Resende. **Práticas de Numeramento nos livros didáticos de matemática voltados para a Educação de Jovens e Adultos**. 2009. 264 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2009.

\_\_\_\_\_. **Jovens no Ensino Médio Técnico: um olhar a partir das aulas de matemática**. 2018. 174 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2018.

AGAR, Michael. An Ethnography By Any Other Name ... **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research**, v. 7, n. 4, 2006.

ALMEIDA, Cláudia Elizângela Barbosa dos Santos. **Alunos idosos na EJA: a importância da família e dos grupos de convivência no processo de escolarização**. 2012. 99 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2012.

ALMEIDA, Talita Costa de Oliveira. **A educação permanente e sua interface com as Políticas Educacionais para Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil**. 2018, 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

ANDERSON-LEVITT, Kathryn. Ethnography. In: CAMILLI, Greg; ELMORE, Patricia; GREEN, Judith L. (Orgs.). **Handbook of Complementary Methods in Education Research**, Washington, DC: American Educational Research Association/Lawrence Erlbaum Associates, 3 ed., p. 279-295, 2006.

ANVISA. AGENCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Resolução da diretoria colegiada** – RDC Nº 259, de 20 de setembro de 2002. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2002/rdc0259\\_20\\_09\\_2002.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2002/rdc0259_20_09_2002.html). Acesso em: 04 abr. 2021.

ARAUJO, Denise Alves de. **Vivência e Instrução Escolar: apropriação de conceitos matemáticos na EJA**. 2019. 285f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2019.

ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**: Revista de Educação de Jovens e Adultos. Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil, n. 11, abr., 2001, p. 9-20.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ASSIS, Juliana Alves. Enunciação/enunciado. In: **Glossário Ceale: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores**. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/enunciacao-enunciado>. Acesso em: 18 jan. 2021.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARACAT, Carime Aparecida. **Percepção do consumidor a respeito da cor do molho de tomate industrializado**. 2018. 83 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia de Alimentos, Campinas, 2018. Myriam Moraes Lins de. Testemunha de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELO, Isolda. Velhice e Mulher: Vulnerabilidades e Conquistas. **Revista Feminismos**, v. 1, p. 82-102, 2013.

BLOOME, David. Classroom Ethnography. In: GRENFELL, Michael; BLOOME, David; HARDY, Cheryl; PAHL, Kate; ROWSELL, Jennifer; STREET, Brian. **Language, Ethnography, and Education: Bridging new literacy studies and Bourdieu**. Routledge, p. 7-26, 2012.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOUDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. **Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispões sobre a Política Nacional do Idoso. Brasília, 1994.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB/11/2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. 2000. Disponível em: <[www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)>. Acesso em: 2 fev. 2016.

BRASIL. **Lei n. 10.741, de 3 de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. **Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel\\_brasil\\_2019\\_vigilancia\\_fatores\\_risco.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/vigitel_brasil_2019_vigilancia_fatores_risco.pdf). Acesso em: 21 abr. 2021.

BRITO, Ruana Priscila da Silva. **Apropriação de práticas de numeramento em um contexto de formação de Educadores Indígenas**. 2012. 268 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2012.

BRITO, Ruana Priscila da Silva; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Apropriação de Práticas Discursivas da Matemática Escolar: considerações a partir de uma experiência de formação intercultural de educadores indígenas. **Bolema**, Rio Claro/SP, v. 31, n. 58, p. 542-563, ago. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-636X2017000200542&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-636X2017000200542&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 05 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. Aldeia, Matemática e Escola Indígena: apropriação de práticas discursivas por estudantes Pataxó. **Zetetiké**, v. 26, p. 133-146, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8650482>. Acesso em: 05 fev. 2021.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Vivendo e aprendendo: os idosos na escola In: II Encontro da rede regional norte e nordeste de estado. Pesquisa Sobre a mulher e reações de gênero-redor, Natal - Rio Grande do Norte. **Anais III REDOR**, 1994.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Recontando o tempo de madureza. In: KOURY, Mauro *et. al* (Org.). **Cultura e Subjetividade**. Joao Pessoa: Ed. Universitária, 1996. p. 71-82.

BRITTO DA MOTTA, Alda. “*Chegando pra idade*”. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pangu**, n. 13, p. 191-221, 1999.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa; COIMBRA JUNIOR, Carlos. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043-04.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2021.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As idades da Mulher. **Revista Feminismos**, v. 1, p. 10, 2013.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Idade e Solidão: a velhice das mulheres. **Revista Feminismos**, v. 6, p. 88-96, 2018.

BUAES, Caroline Stumpf. **Sobre a construção de conhecimentos em interação social: uma experiência de educação financeira com mulheres idosas em um contexto popular**. 2011. 261 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CABRAL, Viviane Ribeiro de Souza. **Relações entre conhecimentos matemáticos escolares e conhecimentos do cotidiano forjados na constituição de práticas de numeramento na sala de aula da EJA**. 2007. 290 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2007.

\_\_\_\_\_. “**Nada é cem por cento**”: usos de conhecimentos matemáticos como táticas retóricas nas práticas discursivas de adolescentes atendidos pelo Centro de Referência de Assistência Social – CRAS. 2015. 219 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2015.

CAPUCHO, Vera. **Educação de Jovens e Adultos: práticas pedagógicas e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, v. 3, 2012.

CARDOSO, Cleusa de Abreu. **Atividade matemática e práticas de leitura na sala de aula: possibilidades na Educação de Jovens e Adultos**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2002.

CARRAHER, David *et al.* **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1988.

CARVALHO, Dionne Luchesi de. **A interação entre o conhecimento matemático da prática e o escolar**. 1995, 250f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

CARVALHO, Giovanna Cotta. **Papéis do contexto das questões de Matemática do ENEM: práticas de numeramento envolvidas na discussão com docentes em formação**. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2014.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Um olhar de gênero sobre as políticas educacionais**. In: FARIA, Nalu; NOBRE, Miria, *et. al.* (Orgs.). **Gênero e educação**. São Paulo: Coleção Cadernos Sempre Viva, 1999.

CASTANHEIRA, Maria Lucia; CRAWFORD, Teresa; DIXON, Carol N.; GREEN, Judith L. **Interactional Ethnography: An Approach to Studying the Social Construction of Literate Practices**. *Linguistics and Education*, Norwood-NJ, v. 11, n. 4, p. 353-400, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Editora Vozes: Petrópolis, 3 ed, 1998.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Os trabalhos da memória**. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 17-33, 1994.

CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **As teias da razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna**. Belo Horizonte: Scientia UFMG, 2004.

COSTA, Adriana Zaquia. **Idosos na EJA: contribuições a partir do periódico Psicologia: reflexão e crítica (de 2000 a 2012)**. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

COURA, Isamara Grazielle Martins. **A terceira idade na educação de jovens e adultos: expectativas e motivações**. 2007. 234 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. **Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento**. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro: UERJ, v. 9, n. 3, p. 67-87, 2006.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Ethnomathematics and its Place in the History and Pedagogy of Mathematics**. In: POWELL, A. B.; FRANKENSTEIN, M. (Org.). **Ethnomathematics: Challenging Eurocentrism in Mathematics Education**. Albany: State University of New Yorky. p. 13-24. 1997

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: elo entre as tradições e modernidade**. 2, ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DARIVA, Geisa Aparecida. **Educação e Envelhecimento: atividade intelectual na Terceira Idade**. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 33-51, mar. 1994.

\_\_\_\_\_. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-67.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DELORS, Jacques. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. In: **Educação um tesouro a descobrir**. 6. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1999.

DI PIERRO, Maria Clara di. Evolução do alfabetismo e políticas públicas de educação de jovens e adultos. In: RIBEIRO, Vera Masagão; LIMA, Ana Lúcia D'Império; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. (Org.). **Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do INAF**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 327-345.

DUARTE, Newton. **O ensino de matemática na educação de adultos**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 1<sup>st</sup> ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARIA, Juliana Batista. **Relações entre práticas de numeramento mobilizadas e em constituição nas interações entre os sujeitos da educação de jovens e adultos**. 2007. 330 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2007.

FERNANDES, Filipe Santos; GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. Metodologia de Pesquisa em Educação Matemática: éticas e políticas na inserção de novos sujeitos, cenários e conhecimento. **Perspectivas da Educação Matemática**, INMA/UFMS, v. 14, n. 34, 2021.

FERREIRA, Ana Rafaela. **Práticas de numeramento, conhecimentos cotidianos e escolares em uma turma de ensino médio da educação de pessoas jovens e adultas**. 2009. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2009.

FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sérgio. **Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Discurso, memória e inclusão: reminiscências da Matemática Escolar de alunos adultos do Ensino Fundamental**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Letramento no Brasil: habilidades matemáticas: reflexões a partir do INAF 2002**. São Paulo: Global; Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação; Instituto Paulo Montenegro, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificidades, desafios e contribuições**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. Conceito(s) de numeramento e relações com o letramento. In: LOPES, Celi Espasandin; NACARATO, Adair. (Org.). **Educação Matemática, leitura e escrita: armadilhas, utopias e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 47-60.

\_\_\_\_\_. Numeramento: usos de um termo na configuração de demandas e perspectivas da pesquisa em educação matemática de pessoas jovens e adultas. In: D'AMBRÓSIO, Beatriz; LOPES, Celi Espasandin. **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2015. v. 1, p. 257-281.

\_\_\_\_\_. Práticas de numeramento na EJA. In: CATELLI JUNIOR, Roberto (Org.). **Formação e prática na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Numeracy in Youth and Adult Basic Education: syntactic, semantic, and pragmatic dimensions of a discursive practice. **ZDM – The International Journal on Mathematics Education**, v. 52, p. 395-406, 2019. Disponível em: <https://rdcu.be/b30hk>. Acesso em: 25 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Verbete: Saber de experiência feito. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

GADOTTI, Moacir. Educação de Adultos como Direito Humano. **EJA em Debate**. Florianópolis: IFSC, vol. 1, n. 1, 2012.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

GARCIA, Silvana. **Memórias de vida de estudantes idosas em uma sociedade grafocêntrica: da ausência de escolarização ao letramento**. 2020. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho, Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais, São Paulo, 2020.

GEROLAMO, Joselene Cristina. **O tempo não para: o envelhecimento feminino como ato revolucionário**. 2019. 227f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

GREEN, Judith L.; DIXON, Carol N.; ZAHARLICK, Amy. A etnografia como uma lógica de investigação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. Tradução de Adail Sebastião Rodrigues Júnior e Maria Lúcia Castanheira. v. 42, p. 13-79, 2005.

GROSSI, Flávia Cristina Duarte Pôssas. **Os diferentes “lugares” que a escola, a leitura, a escrita e aula de Matemática têm na vida dos alunos que estão na Terceira Idade**. 2014. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2014.

HADDAD, Sérgio. Tendências atuais na Educação de Jovens e adultos no Brasil. In: **Encontro Latino-americano sobre Educação de Jovens e Adultos trabalhadores**, Olinda, 1993. Anais... Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1994. p. 86-108.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Editora Revista Dos Tribunais LTDA: São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. **Los marcos sociales de la memoria**. Universidad Central de Venezuela: Caracas, 2004.

HEATH, Shirley Brice. Ethnography in education: Defining the Essentials. In: Gilmore, Perry; GLATTHORN, Alan. A. **Children in and out of school**. Philadelphia: The Center for Applied Linguistics, p. 33-55, 1982.

INSTITUTO ABC. **Projeto Pedagógico**. Barroso, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD: síntese de indicadores 2009**. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad\\_sintese\\_2009.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/pnad_sintese_2009.pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2017-2018**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf). Acesso em: 9 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação 2019**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf). Acesso em: 9 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, v. 3, n. 6, p. 89-112, ago. 1989. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141989000200006&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000200006&lang=pt). Acesso em: 05 fev. 2021.

KACHAR, Vitória. (Org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

KALIL, Irene Rocha. **Quando a cultura do aluno entra na escola: nota sobre a construção de um círculo intercultural**. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

KNIJNIK, Gelsa; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Insubordinate analysis and creative dialogues: productivity and commitments of research. In: D'AMBRÓSIO, Beatriz; LOPES, Celi Espasandin. **Creative Insubordination in Brazilian Mathematics Education Research**. 1. ed. Raleigh, NC: Lulu Press, 2015. v. 1, p. 119-131.

KNIJNIK, Gelsa; WANDERER, Fernanda; GIONGO, Ieda Maria; DUARTE, Claudia Glavam. **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

LESNOFF-CARAVAGLIA, G. **The World of the Older Woman**. New York: Human Sciences, 1984.

LICHTENFELS, Patrícia. **As relações sociais e as Funções das Mulheres Idosas da Vila Fátima na Constelação Familiar Atual**. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LIMA, Cibelle Lana Forneas. **Estudantes da EJA e materiais didáticos no ensino de matemática**. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade em Educação, Belo Horizonte, 2012.

LIMA, Luciano Feliciano de. **Conversas sobre Matemática com pessoas idosas viabilizadas por uma ação de Extensão Universitária**. 2015. 185 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Rio Claro, Rio Claro, 2015.

LIMA, Luciano Feliciano de; PENTEADO, Miriam Godoy; SILVA, Guilherme Henrique Gomes da. *Há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender: como e por que educação matemática na terceira idade?* **Bolema** [online], vol. 33, n. 65, pp.1331-1356, 2019.

LIMA, Mariúza Pereira. **Gerontologia educacional: uma pedagogia específica para o idoso: uma nova concepção de velhice**. São Paulo: LTr, 2000.

LIMA, Priscila Coelho. **Constituição de Práticas de Numeramento em Eventos de Tratamento da Informação na Educação de Jovens e Adultos**. 2007. 114 f. Dissertação

(Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2007.

LIMA, Priscila Coelho; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Concepções de ensino de matemática e estratégias docentes: uma reflexão a partir do discurso de estudantes da EJA. Em teia, Revista de Educação Matemática e Tecnologia Iberoamericana, Pernambuco, v. 9, n. 2, 2018. Disponível em: [https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/237687/pdf\\_1](https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/237687/pdf_1). Acesso em: 06 jan. 2021.

LIMA, Raquel Monteiro Pires de. “O MEU É MAIS GRANDE”: Rotinas lúdicas de comparação nas culturas da infância e apropriação de práticas de numeramento por crianças de 3 e 4 anos em uma Escola Municipal de Educação Infantil. 2020. 163f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MACHADO, Cássia Cilene de Almeida Chalá. **O empoderamento de idosos na escolarização da EJA do núcleo de estudos da terceira idade**. 2017. 242f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017.

MADEIRA, Rosemary Modernel. **Escola e cuidado: histórias de mulheres idosas**. 2014. 296 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014.

MANGUEIRA, Rômulo Tonyathy da Silva. **Matemática no cotidiano de pessoas idosas (PIs): Memórias, saberes e práticas**. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Campina Grande, 2017.

MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MARTINS, Gizele Alves. **Habilidades numéricas básicas: escolarização e envelhecimento normal e patológico**. 2016. 75 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas, 2016.

MEHDIZADEH, S. Health and Long-Term Care Use Trajectories of Older Disabled Women. *The Gerontologist*, Washington, DC, v. 42, n. 3, p. 304-313, 2002.

MENDONÇA, Augusta Aparecida Neves de. “Fechando pra conta bater”: a indigenização dos projetos sociais Xacriabá. 2014. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MENDONÇA, Augusta Aparecida Neves de; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Indigenização de práticas de numeramento no desenvolvimento e na gestão de projetos sociais do povo indígena Xacriabá. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 01, p. 68-83, 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0020-38742017000300068&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0020-38742017000300068&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 05 fev. 2021.

\_\_\_\_\_. “A gente senta e vai escrever”: apropriação de práticas de letramento e da cultura escrita no desenvolvimento de Projetos Sociais Xakriabá. **Educação Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 24, 2020.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de; FERREIRA, Ceíça. Envelhecimento feminino, consumo, protagonismo. É a (voz da) vovozinha! **PPGCOM – ESPM, Comunicação, Mídia e Consumo**, ano 11, v. 11, n. 32, p. 119-136, set./dez., 2014. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/838>. Acesso em: 21 abr. 2020.

MIRANDA, Paula Reis de. “**O PROEJA vai fazer falta**”: uma análise de diferentes projetos educativos a partir dos discursos de estudantes nas aulas de Matemática. 2015. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2015.

MIRANDA, Paula Reis De; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Estudantes do PROEJA e o currículo de Matemática: tensões entre discursos numa proposta de integração PROEJA. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 19, p. 131-156, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/33024>. Acesso em: 05 fev. 2021.

NÉRI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em Psicologia**, Campinas: UNICAMP, v. 14, n. 1, p. 17-34. 2006.

NÉRI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. (Org.). **E por falar em boa velhice**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003.

NÓBREGA, Carmen Verônica de Almeida Ribeiro. **A alfabetização de adultos idosos: novos horizontes**. 2006. 85 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, n. 12, 1999, p. 59-73.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; Ação Educativa: São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. A pesquisa sobre idoso no Brasil: diferentes abordagens sobre educação nas teses e dissertações (de 2000 a 2009). **Acta Scientiarum Educacion**, Maringá, v. 35, n. 1, p. 79-87, jan./jun. 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Gênero na formação docente: campo de silêncio no currículo. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 102, p. 23-45, nov. 1997.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1998. p. 69-84.

PEREIRA, Jaqueline Mary Monteiro. **A escola do riso e do esquecimento: idosos na EJA.** 2010. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PINHEIRO, Geisa Aparecida Dariva. **Educação e Envelhecimento: atividade intelectual na Terceira Idade.** 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

PINO, Angel. Processos de significação e constituição do sujeito. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.1, n. 1, p. 17-24, abr. 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v1n1/v1n1a04.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

PINO, Angel. O social e o cultural na obra de Vygostsky. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 71, p. 45-78, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a03v2171.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

PINO, Angel. Ensinar-aprender em situação escolar: perspectiva histórico-cultural. **Contrapontos**, Itajaí, v. 4, n. 3, p. 439-460, set./dez. 2004. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/793/645>. Acesso em: 25 jun. 2020.

PITANO, Sandro. Verbete Sujeito Social. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

PRESTES, Z. R. **Quando não é quase a mesma coisa.** Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RIBEIRO, Vera Masagão; LIMA, Ana Lúcia D'Império; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Orgs.). **Alfabetismo e letramento no Brasil: 10 anos do INAF.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RIBEIRO, Vera Masagão; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Desenvolvimentos metodológicos do Inaf. In: RIBEIRO, Vera Masagão *et al.* (Orgs.). **Alfabetismo e Letramento no Brasil: 10 anos do INAF.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SÁ, Josinalva Rodrigues. **Licenciatura em Educação do Campo: propostas em disputa na perspectiva de estudantes do Curso de Matemática da UFMG.** 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2016.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela. (Orgs.). **Territorialidades Humanas e Redes Sociais.** Florianópolis: Insular, 2011.

SANTIAGO, Zélia Maria Arruda. **Participação de idosos em aulas de alfabetização e ressignificação da fala em espaços públicos da sociedade.** 2010. 247 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa, 2010.

SANTOS, Andréa Temponi dos; SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. De volta às aulas: ensino aprendizagem na Terceira Idade. In: NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli

Aparecida. (Org.). **E por falar em boa velhice**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003. p. 32-48.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, p. 1035-1039. nov./dez. 2010.

SANTOS, Máira Rocha. **Escolaridade e envelhecimento: panorama das políticas públicas e marco regulatório no Brasil – 1991 a 2011**. 2019. 131 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SCAGION, Matheus Pereira. **Representações sociais de pessoas idosas sobre matemática**. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2018.

SCHNEIDER, Sônia Maria. **Esse é o meu lugar... Esse não é o meu lugar: relações geracionais e práticas de numeramento na escola de EJA**. 2010. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010.

SCHNEIDER, Sônia Maria; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Práticas Laborais nas Salas de Aula de Matemática da EJA: perspectivas e tensões nas concepções de aprendizagem. **Bolema**: Rio Claro, v. 28, p. 1287-1302, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2912/291232906015.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa. **Políticas públicas e a Educação para a terceira idade: contornos, controvérsias e possibilidades**. 2010. 185 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. Idoso: um novo ator social. In: ANPED SUL, 9. 2012. Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2012.

SILVA, Daiane Marques. **A escolarização da leitura literária na alfabetização de pessoas adultas e idosas**. 2014. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SILVA, Valdenice Leitão. **Práticas de numeramento e táticas de resistência de estudantes camponeses de EJA, trabalhadores na indústria de confecção**. 2013. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2013.

SILVA, Valdenice Leitão; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Solidariedade no contexto laboral: práticas de numeramento como táticas de resistência de estudantes camponeses da EJA. **EM TEIA: Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, v. 5, p. 1-19, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/emteia/article/view/2216>. Acesso em: 05 fev. 2021.

SILVA, Fernanda Aparecida Rodrigues; PINHO, Clarice Wilken de; SOARES, Leôncio. Educação, cultura popular e educação de jovens e adultos. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 59, p. 403-416, 29 out. 2020.

SILVA, Fernanda Aparecida Rodrigues; SOARES, Leôncio. Educação de Jovens e Adultos na esfera municipal em Minas Gerais. **Educação e Pesquisa**, v. 47, mar, 2021.

SIMÕES, Fernanda Maurício. **Apropriação de práticas de letramento (e de numeramento) escolares por estudantes da EJA**. 2010. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010.

\_\_\_\_\_. **“Já li. Reli, reli, reli, reli de novo”**: apropriação de práticas de leitura e de escrita de textos matemáticos por estudantes da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA). 2019. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis; SIMÕES, Fernanda Maurício. Apropriação de práticas de numeramento na EJA: valores e discursos em disputa. **Educação e Pesquisa**, USP, v. 40, p. 517-531, 2014.

SIMÕES, Fernanda Maurício; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. Apropriação de práticas de letramento escolares por estudantes da Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, p. 869-884, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n63/1413-2478-rbedu-20-63-0869.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2021.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 1, n. 50, p. 26-40, abr. 2000.

SOARES, Leôncio. Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos. In: GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; SOARES, Leôncio; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SOARES, Leôncio; SOARES, Rafaela. O reconhecimento das especificidades da Educação de Jovens e Adultos: constituição e organização de propostas de EJA. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 22, n. 66, jun., 2014, p. 1-22.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUSA, Maria Alice Fernandes de. **A alfabetização e o letramento de jovens, adultos e idosos sob a ótica da sociolinguística educacional**. 2009. 264 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOUZA FILHO, Paulo Penha de; MASSI, Giselle Aparecida de Athayde; RIBAS, Ângela. Escolarização e seus efeitos no letramento de idosos acima de 65 anos. **Revista brasileira geriatria gerontologia [online]**, vol. 17, n. 3, p. 589-600, 2014.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes. **Gênero e Matemática(s)** – jogos de verdade nas práticas de numeramento de alunas e aluno da Educação de Pessoas Jovens e Adultas. 2008. 317 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes; FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Relações de gênero, Educação Matemática e discurso**: enunciados sobre mulheres, homens e matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, Marta Batista de. **Memória e fotografia**: uma análise das narrativas de mulheres idosas do bairro Palestina, Aracaju/SE. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2014.

SOUZA, Tereza Maria Videira Rocha de. **O significado do retorno escolar para pessoas a partir de 55 anos no mundo da cibercultura**. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2011.

STREET, Brian. What's "New" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**. Columbia: Teachers College, Columbia University, v. 5, n. 2, p. 77-99, 2003.

\_\_\_\_\_. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TODARO, Mônica de Ávila; CACHIONI, Meire. O legado de Paulo Freire sobre a velhice: história de vida e o contexto brasileiro atual. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-9, 2021.

TRICHES, Alexandre. Como fica a população idosa na Reforma da Previdência. **Administradores.com**, 17 abr. 2019. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/como-fica-a-populacao-idosa-na-reforma-da-previdencia>. Acesso em: 20 abr. 2021.

TRISOTTO, Fernanda. Por que os preços dos alimentos subiram tanto? E quando eles devem cair. **Gazeta do Povo**, set., 2020.

TURRA, Cassio; GURZENDA, Susie; CASTRO, Marcia; KIM, Sun; ANDRASFAI, Theresa; GOLDMAN, Noreen. **Reduction in the 2020 Life Expectancy in Brazil after COVID -19**. Abr. 2021. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/04/pesquisa-expectativa-harvard14abr2021.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

VALIENTE, Vanise R. Bitencourt. **Histórias de vida de mulheres idosas**: um novo espaço de aprendizagem – UNATI/UFPel, 2018. 66 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2018.

VASCONCELOS, Kyrleys Pereira. **Um estudo sobre práticas de numeramento na educação do campo**: tensões entre os universos do campo e da cidade na educação de Jovens e Adultos.

2011. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2011.

VEGA, José Luís; BUENO, Belén; BUZ, José. Desenvolvimento cognitivo na idade adulta e na velhice. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 389-403.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

VILHENA, Junia de; NOVAES, Joana de Vilhena. O corpo e suas narrativas. Envelhecimento feminino e culto ao corpo. **Psychologica**, n. 50, p. 85-96, 2009.

YASUKAWA, Keiko; ROGERS, Alan; JACKSON, Kara; STREET, Brian. **Numeracy as social practice: Global and local perspectives**. New York, NY: Routledge, 2018.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Roteiro para as entrevistas realizadas com as mulheres idosas, com a professora da turma investigada e com o diretor do Instituto ABC

#### Mulheres idosas estudantes da EJ

- Sobre a trajetória de vida:
  - 1) Quantos anos a senhora tem? Onde a senhora nasceu e cresceu? Chegou a mudar de cidade? Por quê?
  - 2) Quem foram seus pais? Eles viveram juntos? Seu pai trabalhavam fazendo o quê?
  - 3) A senhora sabe se seus pais estudaram? Sabe em qual escola eles estudaram? A senhora sabe até qual série eles estudaram?
  - 4) A senhora tem alguma lembrança de ver o seu pai ou a sua mãe estudando quando era criança? Eles liam algum livro, revista ou panfleto em casa?
  - 5) A senhora tem irmãos? Quantos? Seus irmãos trabalhavam ou trabalham? O que eles fazem?
  - 6) Seus irmãos estudaram? A senhora lembra até que série eles estudaram? Alguém cursou o Ensino Superior? Se sim, qual foi o curso?
  - 7) O que a senhora lembra sobre a sua infância? Como ela foi?
  - 8) O que a senhora lembra da sua adolescência e juventude?
  - 9) A senhora é casada ou se casou? Quantos anos a senhora tinha quando se casou?
  - 10) A senhora namorou muito tempo? Teve muitos namorados?
  - 11) Faz muito tempo que o seu esposo faleceu? (Para aqueles que falarem que são viúvas). Como a senhora se sente sem o companheiro? Gostaria de ter tido outro namorado?
  - 12) O seu casamento foi bom ou ruim? A senhora gostou?
  - 13) A senhora teve filhos? Quantos? Quem são eles? Eles vivem em Barroso?
  - 14) Como a senhora faz para visita-los?
  - 15) O que eles fazem, onde trabalham? Seus filhos estudaram? Se sim, até qual série?
  - 16) Algum deles fez curso superior? Qual curso?
- Sobre as experiências escolares e profissionais, verificar:
  - 1) A senhora estudou em algum momento da sua vida? Onde a senhora estudou?
  - 2) Alguém te levava para a escola? A senhora ia de quê para a escola?
  - 3) Por que não estudou quando era criança? (Para aquelas que falarem que não estudaram).
  - 4) A senhora tinha vontade de estudar? (Para aquelas que falarem que não estudaram).
  - 5) A senhora estudou até qual série? Por que não continuou os estudos?
  - 6) A senhora achou bom ou ruim quando parou de estudar?
  - 7) A senhora tinha caderno, caneta, lápis? Vocês compravam ou ganhavam?
  - 8) Hoje em dia, as escolas recebem livro didático, no seu tempo a senhora recebia também?
  - 9) O que a senhora lembra da escola? Tinha algum livro, mapa, globo?
  - 10) A senhora tem alguma lembrança de como eram as aulas?
  - 11) A senhora lembra dos professores? O que lembra deles?
  - 12) A senhora lembra dos colegas da escola? O que lembra deles?
  - 13) A senhora lembra de coisas que aprendeu na escola?
  - 14) Tinha tarefa para casa? Alguém ajudava a senhora a fazer? Quem?
  - 15) A senhora trabalhou em algum momento da vida? Onde a senhora trabalhou? A senhora recebia algum tipo de remuneração? Era um trabalho com carteira assinada?
  - 16) A senhora fez algum curso para se especializar em alguma coisa? A senhora trabalhou na área?
- Sobre suas atividades atuais, verificar:
  - 1) A senhora trabalha atualmente? A senhora faz alguma atividade manual ou se faz alguma coisa para passar o tempo?
  - 2) A senhora faz atividade física?

- 3) A senhora é aposentada ou pensionista? A senhora ajuda nas despesas de casa?
  - 4) A senhora é quem faz a limpeza da casa ou tem alguma ajudante?
  - 5) A senhora participa de algum grupo para idosos? A senhora ajuda a cuidar dos(as) netos(as)?
  - 6) Tem alguma coisa que a senhora gosta de fazer? E o que a senhora não gosta de fazer?
- Sobre a relação que elas estabelecem com a escola, verificar:
    1. Por que a senhora decidiu voltar a estudar?
    2. Houve algum incentivo para que a senhora voltasse para a escola?
    3. Como a senhora conheceu o Instituto ABC?
    4. A senhora gosta da escola? A escola ajuda a senhora no dia a dia? Em quê?
    5. A senhora gosta das aulas de português? O que a senhora mais gosta? O que a senhora acha mais enjoado?
    6. A senhora gosta das aulas de matemática? O que a senhora mais gosta? O que a senhora acha mais enjoado?
    7. Qual delas a senhora mais gosta?
    8. O que a senhora acha dos professores, diretores?
    9. A senhora gosta de fazer tarefas escolares? Alguém ajuda a senhora a fazer? Quem?
    10. A senhora gosta de fazer prova? Por quê?
    11. A senhora acha bom ou ruim quando não tem aula?
    12. A senhora pretende continuar estudando? Por quê? Até onde a senhora quer estudar?
    13. O que a senhora mais aprendeu na escola?

#### **Professora da turma investigada**

1. Por que você decidiu trabalhar no Instituto?
2. Você já conhecia o Instituto, já sabia como era o trabalho com a EJA?
3. Você já teve outras experiências na EJA?
4. Você quer continuar atuando na EJA? Por quê?
5. Qual o papel que você vê dessa escolaridade na vida dos alunos?
6. Como você se prepara para as aulas? Você utiliza outros livros?
7. Você toparia falar um pouquinho sobre cada aluna? Como você percebeu o desenvolvimento delas ao longo do ano? (Ana Maria, Aparecida, Dona Cecília, Dona Idalina, Dona Irene, Dona Joana, Dona Leonídia, Dona Rosa, Dona Terezinha, Dona Zélia, Edilsea e Olga)
8. Você toparia falar um pouquinho sobre você e sobre o seu trabalho durante este ano? Você gostou da experiência?
9. Se você pudesse citar alguma experiência ou momento que te marcou ou te desestabilizou durante este ano atuando da EJA, qual seria?

#### **Diretor do Instituto ABC**

1. Que papel você atribui, em particular, a esta iniciativa de criar um Instituto para essas mulheres e para as pessoas que frequentam, oferecendo escola para essas pessoas?
2. Você toparia falar um pouquinho sobre cada aluna, sobre o desenvolvimento delas ao longo deste ano? (Ana Maria, Aparecida, Dona Cecília, Dona Idalina, Dona Irene, Dona Joana, Dona Leonídia, Dona Rosa, Dona Terezinha, Dona Zélia, Edilsea e Olga)
3. Você toparia falar um pouco sobre o trabalho da professora Vanessa, especialmente nesta turma?
4. Qual a impressão que você teve desta turma ao longo deste ano? Teria alguma experiência ou momento que te marcou ou te desestabilizou durante este ano, especialmente, nesta turma?

**APÊNDICE B – Roteiro apresentado ao diretor do Instituto ABC****UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG****Proposta de projeto de doutoramento apresentada ao Instituto Amigos do Bem  
Coletivo**

**Projeto:** Apropriação de práticas de numeramento por educandas idosas da EJA

**Proponentes:** Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi (doutoranda)

Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca (orientadora)

**Objetivo:** Compreender os processos de apropriação de práticas de numeramento escolares protagonizados por mulheres idosas estudantes da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), considerando-os como instâncias de sua constituição como sujeitos de direitos, de aprendizagens e de cultura. Para isso, identificarei as expectativas em relação à escolarização das mulheres idosas já inseridas no espaço escolar; analisarei como mulheres idosas, uma vez estudantes da Educação Básica, se assumem como sujeitos de direito à aprendizagem nas atividades que desenvolvem na escola e, em especial, nas aulas de matemática; identificarei modos de apropriação das práticas de numeramento escolares por mulheres idosas, nos posicionamentos discursivos assumidos por elas nas interações que ocorrem no contexto escolar.

**Metodologia:**

- Farei uma pesquisa etnográfica, por um período de no mínimo um ano. Participando, inicialmente, de todas as aulas, talvez, por um período de 3 a 4 semanas. Em seguida, participarei apenas das aulas de matemática. Além disso, se fará necessário acompanhar outras atividades que o Instituto oferece e essas mulheres idosas participam.
- O campo da pesquisa será o Instituto ABC na cidade de Barroso, Minas Gerais.
- A turma investigada será escolhida a partir da presença de mulheres idosas que frequentam as aulas e que tenham abertura para a realização de uma investigação como esta.
- A técnica principal de investigação será a observação participante das aulas no Instituto ABC, acompanhando o trabalho pedagógico que é feito e acompanha atividades extraescolares (oficinas, datas comemorativas, passeios...).
- Entrevistas semiestruturadas deverão ser realizadas com as mulheres ao longo da pesquisa, com o professor da turma, caso seja necessário e com o fundador da instituição.
- Para isso, utilizarei três gravadores de áudio espalhados pela sala de aula, uma filmadora que estará presente apenas nas aulas de matemática e um caderno de campo que precisarei fazer algumas anotações.
- Alguns materiais produzidos por mulheres idosas estudantes durante as aulas também serão fotografados, quando acordado com as alunas.

## APÊNDICE C – Termo de Anuência

### TERMO DE ANUÊNCIA

Ao Instituto Amigos do Bem Coletivo

Ao Diretor Luciano Nogueira

Solicitamos autorização para que a doutoranda Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi, do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação da Profa. Dra. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, desenvolva com as mulheres idosas estudantes da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) desta instituição uma pesquisa para a elaboração da tese de doutorado intitulada “Apropriação de práticas de numeramento por educandas idosas da EJA”, cujo objetivo é compreender os processos de apropriação de práticas de numeramento escolares protagonizados por essas mulheres idosas, considerando-os como instâncias de sua constituição como sujeitos de direitos, de aprendizagens e de cultura.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
 Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca  
*Pesquisadora responsável*  
 mcfrfon@gmail.com

\_\_\_\_\_  
 Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi  
*Pesquisadora assistente*  
 fcdpossas@gmail.com

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

De acordo com o exposto acima, AUTORIZO as pesquisadoras Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi e Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca, do Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Universidade Federal de Minas Gerais a realizarem, nesta instituição, a pesquisa acima mencionada, no ano de 2018, de acordo com as tarefas previstas no projeto que orienta a pesquisa citada.

\_\_\_\_\_  
 Nome do(a) diretor(a) da instituição

Informações adicionais podem ser adquiridas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409-4592; e pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º ANDAR, SALA 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901 ou pelo e-mail: coep@reitoria.ufmg.br.

## APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pela professora da turma

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Professora Vanessa Almeida,

Temos o prazer em convidá-la para participar voluntariamente da pesquisa *Apropriação de práticas de numeramento por educandas idosas da EJA* que pretende investigar a relação que mulheres idosas estabelecem com a matemática escolar. Nosso objetivo é compreender como elas se apropriam das práticas matemáticas escolares ao vivenciar seu direito à educação escolar.

O motivo que nos leva a pesquisar essa questão é, principalmente, a necessidade de compreender a mulher idosa como um sujeito de direito à aprendizagem do conhecimento escolar. Como benefício, esta pesquisa pretende: contribuir para a compreensão da relação que mulheres idosas estudantes da EJA estabelecem com a escola, dando uma visibilidade maior para esse público; trazer algumas reflexões sobre a sua vivência com a matemática escolar; contribuir para os estudos que se tem feito sobre envelhecimento na educação e na educação matemática.

Para este estudo, vamos observar as alunas da sua turma no ambiente escolar e em outras atividades culturais que a instituição lhes ofereça. As observações serão registradas em um caderno de campo e as aulas serão filmadas e gravadas em áudio. Além disso, você será convidada a participar de uma entrevista que será gravada em áudio e posteriormente transcrita. O local e horário da entrevista será combinado, respeitando sua disponibilidade e preferência. Também, pretendemos fotografar, ou recolher, ou copiar, com a sua permissão, alguns materiais produzidos durante as aulas de matemática ou em outras atividades. Apenas as pesquisadoras terão acesso a esses registros.

Todo o material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos de armazenamento, transcrições e notas de campo) será utilizado exclusivamente para fins de divulgação da pesquisa. Esse material será arquivado por um período de dez anos e após esse período, todo o material será destruído. As pesquisadoras irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e em hipótese alguma a senhora será identificada em qualquer publicação que possa resultar deste estudo. A sua participação será confidencial. Apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso à sua identidade. Todavia, caso você autorize, sua identidade poderá ser divulgada.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e em qualquer momento da pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que será atendida pela pesquisadora.

É importante que você esteja ciente de que este estudo possui alguns riscos como, por exemplo, constrangimento ou desconforto ao responder ou falar alguma coisa perto da pesquisadora ou o risco de exposição com a presença da câmera de vídeo. A fim de minimizar tais riscos, a pesquisadora agirá de maneira respeitosa e ética independente das opiniões ou posicionamentos que você assumir e tomará todos os cuidados para que os procedimentos de pesquisa interfiram o mínimo possível em sua rotina. As aulas serão assistidas pelo período de um ano para que você possa se acostumar com a presença da pesquisadora e ela apenas gravará e filmará as suas falas com a sua autorização. Todas as ações da pesquisa serão comunicadas com antecedência para que você autorize sua realização ou tenha a opção de não autorizar ou interromper sua participação. Ainda assim, caso haja danos decorrentes da pesquisa, as pesquisadoras assumirão as responsabilidades pelos mesmos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Em caso de dúvidas, você pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais podem ser adquiridas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409-4592; pelo endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º ANDAR, SALA 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901 ou pelo e-mail: coep@reitoria.ufmg.br.

**Caso esteja de acordo com os termos deste consentimento, por favor, assine:**

Eu, \_\_\_\_\_,  
DECLARO que aceito participar dessa pesquisa e que estou ciente de que os dados obtidos poderão ser utilizados para fins de pesquisa científica. Além disso, eu \_\_\_\_\_ (autorizo/não autorizo) que o meu verdadeiro nome seja utilizado na divulgação desse estudo.

Local e Data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura da professora: \_\_\_\_\_.

**Pesquisadores:**

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos, da melhor maneira possível, a quaisquer questões que a participante colocar.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca  
*Pesquisadora responsável*

\_\_\_\_\_  
Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi  
*Pesquisadora assistente*

Em caso de dúvidas com relação à pesquisa e/ou aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi (pesquisadora assistente – doutoranda). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação; Programa de Pós-graduação em Educação; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP.: 31270-901; e-mail: fcdpossas@gmail.com; telefone: (32) 99951-3299. Essa pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca; e-mail: mcfrfon@gmail.com.

## APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelas mulheres estudantes

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Senhora,

Temos o prazer em convidá-la para participar voluntariamente da pesquisa *Apropriação de práticas de numeramento por educandas idosas da EJA* que pretende investigar a relação que a senhora estabelece com a matemática escolar. Nosso objetivo é compreender como você se apropria das práticas matemáticas escolares ao vivenciar seu direito à educação escolar.

O motivo que nos leva a pesquisar essa questão é, principalmente, a necessidade de compreender a mulher idosa como um sujeito de direito à aprendizagem do conhecimento escolar. Como benefício, esta pesquisa pretende: contribuir para a compreensão da relação que mulheres idosas estudantes da EJA estabelecem com a escola, dando uma visibilidade maior para esse público; trazer algumas reflexões sobre a sua vivência com a matemática escolar; contribuir para os estudos que se tem feito sobre envelhecimento na educação e na educação matemática.

Para este estudo, vamos observar as alunas da sua turma no ambiente escolar e em outras atividades culturais que a instituição lhe ofereça. As observações serão registradas em um caderno de campo e as aulas de matemática serão filmadas e gravadas em áudio. Além disso, a senhora será convidada a participar de uma entrevista que será gravada em áudio e posteriormente transcrita. A entrevista tem como propósito conhecer sua trajetória de vida, sua experiência escolar e profissional, suas atividades atuais e a relação que a senhora estabelece com a escola. Os locais e horários das entrevistas serão combinados com a senhora, respeitando sua disponibilidade e preferência. Também, pretendemos fotografar, ou recolher, ou copiar, com a sua permissão, alguns materiais produzidos pela senhora durante as aulas de matemática ou em outras atividades. Apenas as pesquisadoras terão acesso a esses registros.

Todo o material produzido na pesquisa (arquivos eletrônicos de armazenamento, transcrições e notas de campo) será utilizado exclusivamente para fins de divulgação da pesquisa. Esse material será arquivado por um período de dez anos e após esse período, todo o material será destruído. As pesquisadoras irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e em hipótese alguma a senhora será identificada em qualquer publicação que possa resultar deste estudo. A sua participação será confidencial. Apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso à sua identidade. Todavia, caso a senhora autorize, sua identidade poderá ser divulgada.

Para participar deste estudo a senhora não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A senhora será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e em qualquer momento da pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que será atendida pela pesquisadora.

É importante que a senhora esteja ciente de que este estudo possui alguns riscos como, por exemplo, constrangimento ou desconforto ao responder ou falar alguma coisa perto da pesquisadora ou o risco de exposição com a presença da câmera de vídeo. A fim de minimizar tais riscos, a pesquisadora agirá de maneira respeitosa e ética independente das opiniões ou posicionamentos que a senhora assumir e tomará todos os cuidados para que os procedimentos de pesquisa interfiram o mínimo possível em sua rotina. As aulas serão assistidas pelo período de um ano para que a senhora possa se acostumar com a presença da pesquisadora e ela apenas gravará e filmará as suas falas com a sua autorização. Todas as ações da pesquisa serão comunicadas com antecedência para que a senhora autorize sua realização ou tenha a opção de não autorizar ou interromper sua participação. Ainda assim, caso haja danos decorrentes da pesquisa, as pesquisadoras assumirão as responsabilidades pelos mesmos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a senhora. Em caso de dúvidas, a senhora pode entrar em contato com as pesquisadoras responsáveis através dos telefones e endereços eletrônicos fornecidos neste termo. Informações adicionais podem ser adquiridas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais pelo telefone (31) 3409-4592; pelo

endereço: Avenida Antônio Carlos, 6627 – Unidade Administrativa II – 2º ANDAR, SALA 2005 – Campus Pampulha, Belo Horizonte, MG – CEP: 31270-901 ou pelo e-mail: coep@reitoria.ufmg.br.

**Caso esteja de acordo com os termos deste consentimento, por favor, assine:**

Eu, \_\_\_\_\_,  
DECLARO que aceito participar dessa pesquisa e que estou ciente de que os dados obtidos poderão ser utilizados para fins de pesquisa científica. Além disso, eu \_\_\_\_\_ (autorizo/não autorizo) que o meu verdadeiro nome seja utilizado na divulgação desse estudo.

Local e Data: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura da aluna: \_\_\_\_\_.

**Pesquisadores:**

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos, da melhor maneira possível, a quaisquer questões que a participante colocar.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca  
*Pesquisadora responsável*

\_\_\_\_\_  
Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi  
*Pesquisadora assistente*

Em caso de dúvidas com relação à pesquisa e/ou aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar: Flávia Cristina Duarte Pôssas Grossi (pesquisadora assistente – doutoranda). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Educação; Programa de Pós-graduação em Educação; Campus Pampulha; Belo Horizonte, MG – Brasil; CEP.: 31270-901; e-mail: fcdpossas@gmail.com; telefone: (32) 99951-3299. Essa pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca; e-mail: mcfrfon@gmail.com.

## APÊNDICE F – Transcrição do Evento

| <b>Aula do dia 05 de março de 2018</b>                           |                                                                                                                                                                                                                 |
|------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Segunda-feira – 08h às 10h – 1º dia de observação de aula</b> |                                                                                                                                                                                                                 |
| <i>Participante</i>                                              | <i>Fala</i>                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>Hoje nós vamos começar a falar de tempo</i>                                                                                                                                                                  |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>                                       | <i>Hum, hum!</i>                                                                                                                                                                                                |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>                                    | <i>Vamos lá!</i>                                                                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>E o tempo?</i>                                                                                                                                                                                               |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>                                    | <i>Tá bom, né? Chovendo...</i>                                                                                                                                                                                  |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>É? E o tempo das... Das horas que passam? ... Como que a gente marca o tempo?</i>                                                                                                                            |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>                                    | <i>Não é no relógio não?</i>                                                                                                                                                                                    |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>No relógio... É só no relógio que a gente marca o tempo?</i>                                                                                                                                                 |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>                                       | <i>Não.</i>                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Dona Cecília (91 anos)</b>                                    | <i>É.</i>                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>Os minutos?</i>                                                                                                                                                                                              |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b>                                  | <i>O sol.</i>                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>Ah, é! Antigamente você olhava pro sol.</i>                                                                                                                                                                  |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>                                       | <i>No sol.</i>                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>                                    | <i>Olhava pra cima e era meio dia, né?<br/>[Algumas estudantes gargalham.]</i>                                                                                                                                  |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>Isso. É... Tem a manhã, a tarde, a noite, os minutos.</i>                                                                                                                                                    |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>                                    | <i>Isso.</i>                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>As horas... O dia, né? ... Quais que são os instrumentos que a gente usa pra poder saber que dia é, que horas são?</i>                                                                                       |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b>                                  | <i>A folhinha.</i>                                                                                                                                                                                              |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>                                       | <i>A folhinha, ué!</i>                                                                                                                                                                                          |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>O calendário e o?</i>                                                                                                                                                                                        |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>                                      | <i>Relógio.</i>                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>O relógio, né? ... A gente usa esses dois instrumentos. Vocês dominam esses dois instrumentos? ... O calendário? ... Todo mundo consegue, sabe olhar hora? Todo mundo entende o calendário como um todo?</i> |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b>                                  | <i>O calendário eu não sei [ler] não.</i>                                                                                                                                                                       |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                      | <i>Não?</i>                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>                                      | <i>Eu sei.</i>                                                                                                                                                                                                  |

|                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Bom! Então essa semana nós vamos falar de..., por que como que a gente chama? ... Unidade de medida de tempo. Como que a gente mede o tempo? Qual que é a importância dele na nossa vida? A gente anda cronometrado pelo tempo, né? ... Hora disso, hora daquilo, hora de ir pra escola, quantos minutos faltam. Pra quem trabalha muito, que vive mesmo em função dele, né? ... Então, essa semana nós vamos falar especificamente dessas unidades de medida do tempo e hoje vamos começar a estudar, né? ... Quem já conhece, ótimo, vai agregar o nosso trabalho e quem não conhece vai começar a desvendar o calendário.</i> |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | [Entrega um calendário, referente ao mês de março de 2018, impresso em folha sulfite para cada estudante.]<br><i>Esse calendário aqui, eu vou pedir desculpa, porque ele não é o calendário que a gente encontra no dia a dia. Eu tive que tirar ele da internet, mas todo mundo conhece calendário. No fim do ano é que eles dão muito aquelas folhinhas, né? ... Você vai na loja, ele te oferece uma folhinha.</i>                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Dona Cecília (91 anos)</b> | <i>Vai na outra...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Isso! Aí a gente fica com aquele tanto de folhinha, né? ... No final do ano e início do ano... Professora gosta de uma folhinha, fica catando em tudo enquanto é lugar. Tem que trabalhar com as crianças, né? ... Esse ano eu não consegui juntar muito não. A gente vai trabalhar o calendário e aproveitando essa questão da unidade de tempo, a gente trabalha os números, né? ... Então, a gente aprende muita coisa. Então, vamos lá!</i>                                                                                                                                                                                  |
| <b>Edilsea (53 anos)</b>      | <i>Nossa, eu ainda não tenho o calendário desse ano.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Não tem?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Edilsea (53 anos)</b>      | <i>Não... [Inaudível].</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Então, primeiro vamos explorar aí o calendário, a folhinha, né? ... Quais são os dados que a gente tem num calendário? O que que o calendário traz?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Edilsea (53 anos)</b>      | <i>Mês.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>O mês. Esse calendário é de qual mês?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>    | <i>Março.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Mês de março, não é? Geralmente o mês vem lá em cima, né? ... No alto do calendário. [Levanta o calendário na frente da turma e aponta para palavra 'março' que está grafada na parte superior.]<br/>Depois do mês a gente tem o quê?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b> | <i>Tem o?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | [Interrompe a resposta de Dona Idalina e pergunta novamente:]<br><i>O mês... Mais o que que a gente tem na folhinha?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>   | <i>Os números.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Os dias, né? ... Os dias da semana, do mês. Tem o ano de dois mil e dezoito que tá lá no alto também.<br/>[Aponta para o número '2018' que está registrado do lado direito do nome do mês.]<br/>E tem o nome aí dos dias da semana. Então, o calendário... Ele vem assim, a gente tem aqui...<br/>[Aponta para as informações que aparecem registradas no calendário do mês de março.]<br/>As colunas que fazem os dias e, em cima aqui, a gente tem os dias da semana. A semana começa lá no domingo. A gente acha que ela começa na segunda, né?</i>                                                                           |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>    | <i>Hum, hum!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Vanessa (professora)</b>   | <i>Mas ela começa no domingo. Então tem: domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado. E os números aí dos dias. Esse mês, o mês começou em qual dia da semana? Vocês conseguem identificar aí?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

|                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aparecida<br/>(56 anos)</b>                                 | <i>Na quinta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>Hum?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Aparecida<br/>(56 anos)</b>                                 | <i>Na quinta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>Na quinta-feira. Todo mundo identifica? Aqui tem o dia primeiro [Aponta para o primeiro dia que está sendo indicado no calendário.]<br/>Onde tá escrito quinta-feira, né? ... Então, dia primeiro foi quinta, a gente não teve aula. Sexta foi dia dois, tivemos aula. Aí, passou o sábado, dia três. Quatro, domingo. E hoje é dia?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Aparecida<br/>(56 anos)</b>                                 | <i>Cinco.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>                                | <i>Dia cinco.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>Isso.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|                                                                | [A professora Vanessa vai até o armário que fica na sala de aula e pega alguns potes contendo lápis de cor com diferentes cores e os distribui entre as estudantes. Em seguida, ela pede a cada estudante que circule o nome do mês que está no calendário com um lápis de cor vermelho e pinte o dia do mês com um lápis de cor azul. Neste instante, Dona Leonídia entra na sala de aula e cumprimenta as colegas da turma, a professora e a pesquisadora. Logo após, Vanessa entrega uma cópia do calendário para Dona Leonídia e explica a atividade. Sem demora, pede que as estudantes pintem o ano com um lápis de cor verde e escolham um lápis de cor para pintar o dia da semana. Durante a atividade, outra interação se inicia:] |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>Bom, o mês de março, ele tem quantos dias?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Zélia<br/>(61 anos)</b>                                | <i>Trinta e um dias.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>Trinta e um dias. Todos os meses têm trinta e um dias?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Aparecida<br/>(56 anos)<br/>Dona Leonídia<br/>(73 anos)</b> | <i>Não.</i><br>[As estudantes respondem juntas.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>Não, né? ... Tem mês que tem quantos dias?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Aparecida<br/>(56 anos)</b>                                 | <i>Trinta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Dona Leonídia<br/>(73 anos)</b>                             | <i>Vinte e nove.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Idalina<br/>(74 anos)</b>                              | <i>Fevereiro tem vinte e oito.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>E fevereiro tem quantos dias?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Leonídia<br/>(73 anos)</b>                             | <i>Vinte e oito.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Idalina<br/>(74 anos)</b>                              | <i>Vinte e nove.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>Vinte e oito. Mas, de quatro em quatro anos, é o ano bissexto que eles falam, que a gente fala, né? ... Aí tem fevereiro que tem vinte e nove. Pra quem nasceu no dia vinte e nove, né? ... Comemora o aniversário de quatro em quatro anos, bom, né? ... Fazer aniversário só de quatro em quatro anos. Então, alguns meses têm trinta dias, outros meses trinta e um dias, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Dona Leonídia<br/>(73 anos)</b>                             | <i>Tem uns que têm trinta e um.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>                                | <i>Isso. Trinta, trinta e um, e fevereiro que tem vinte e oito, geralmente, e de quatro em quatro tem vinte e nove, né? ... O calendário marca os dias, né? ... O período de um dia... Um dia tem quantas horas, vocês sabem?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

|                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dona Terezinha<br/>(64 anos)</b> | <i>Sessenta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Dona Leonídia<br/>(73 anos)</b>  | <i>Vinte e quatro horas.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>Um dia tem?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Dona Terezinha<br/>(64 anos)</b> | <i>O dia?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | <i>Doze horas.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>Não. Quando eu falo dia, é o dia e a noite. Tem vinte e?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | <i>Vinte e quatro horas.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>O dia mesmo, o dia e a noite, cada um tem o quê? Doze e Doze. Doze com Doze? Dá vinte e quatro, né? ... Então, falta a gente colorir aí, o dia da semana. Que dia da semana é hoje?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Dona Joana<br/>(63 anos)</b>     | <i>Segunda-feira.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>Segunda-feira. Todo mundo identifica aí onde está escrito segunda-feira?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Aparecida<br/>(56 anos)</b>      | <i>Sim.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>A gente olha assim, na coluna, né?</i><br>[Levanta o calendário do mês de março na frente da turma e aponta para o nome do dia da semana.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|                                     | [Enquanto as estudantes pintam o dia da semana, Vanessa sai da sala de aula e diz que pedirá ao Nelinho um calendário “de verdade”. Após alguns segundos, ela volta para a sala de aula segurando um calendário com as mãos, mas logo avisa que as informações contidas nele estavam muito pequenas. Em seguida, outro jogo interlocutivo se inicia:]                                                                                                                                     |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>Então, a gente já identificou aí, o mês, né? ... O ano. Todas essas características aí que a gente identificou são períodos. Então, a gente tem o período, né? ... As pessoas, elas é... De acordo com as necessidades de dividir o tempo, elas foram criando esses períodos. Então, a gente tem o período de um dia, a gente tem o período de uma? ... Semana. Quantos dias tem uma semana?</i>                                                                                       |
| <b>Dona Leonídia<br/>(73 anos)</b>  | <i>Sete dias.</i><br>[Outras estudantes também respondem ‘sete dias’, mas no áudio não foi possível identificá-las com clareza.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>Sete, né? ... Domingo, segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado. Sete dias. Então, a gente tem coisas que acontecem no período de uma semana, né? ... Por exemplo, as nossas aulas. Nossas aulas acontecem dentro do período da semana. De segunda a sexta, né? ... E aí tem os três dias: segunda, quarta e sexta. Aí, depois da semana, a gente tem o período de um mês, certo? São trinta ou trinta e um dias. Aí depois tem o período de um? ... Ano. São quantos meses?</i> |
| <b>Dona Leonídia<br/>(73 anos)</b>  | <i>Doze.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Vanessa<br/>(professora)</b>     | <i>Doze meses. Aí depois começa tudo de novo.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Leonídia<br/>(73 anos)</b>  | <i>É.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Aí começa a contar outro período. A primeira semana do ano, o mês de janeiro, o mês de fevereiro e começa tudo de novo, por quê? Porque as pessoas têm necessidade de medir o tempo e se organizar dentro do tempo, né? ... Tudo o que a gente vai fazer, a gente conta por aí. Igual a Dona Joana, a senhora falou que vai fazer uma cirurgia, né? ... Ai, ela contou os dias pra chegar a cirurgia, né? ... Quando a gente tá de férias. Ah! Eu vou ficar um mês de férias, né? ... A gente vai estudar tantas semanas. Então, a gente mede o tempo o tempo todo, sem perceber. Quantas horas é a nossa aula? O período de duas horas. Então, a gente fica aqui duas horas. Então, a gente mede o tempo e o calendário é o instrumento pra gente poder se orientar. Geralmente, o calendário tem cores diferentes, porque essas cores aqui estão de vermelho</i><br>[Levanta o calendário na frente da turma e aponta para a coluna que indica quais dias do mês será domingo.] |
| <b>Dona Cecília (91 anos)</b>   | <i>Domingo.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Geralmente, no calendário, os domingos têm cores diferentes. Geralmente é o vermelho e os feriados também. Esse mês tem algum feriado?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>      | <i>Tem um?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Tem, dia trinta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Dia trinta, né? ... Que começa a semana santa, não é isso? É sexta-feira da paixão. Então, eles criaram essas formas aí pra gente poder se organizar e se guiar no tempo, tá bom? É... Agora, nós vamos observar o calendário. Quantos dias já se passaram no mês de março?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>Cinco.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>  | <i>Quatro dias.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Quatro dias inteiros e a gente tá no quinto dia, né? ... Se a gente for contar, ó! ...</i><br>[Levanta o calendário na frente da turma e inicia a contagem apontando para os números que representam os dias do mês.]<br><i>Um, dois, três, quatro. E faltam quantos dias pro mês acabar?</i><br>[Neste instante, houve um silêncio na sala de aula, porque algumas estudantes pareciam estar contando os dias do calendário até chegar no final do mês de março e outras pareciam estar fazendo cálculos mentais para responder a pergunta da professora.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | [Interrompe o silêncio que estava na sala de aula:]<br><i>Vinte e oito. Vinte e sete?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>  | <i>Vinte e seis.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Se passaram...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | [Interrompe a fala da professora para fazer uma pergunta:]<br><i>O mês é trinta e um, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Isso.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>Então, trinta e um menos cinco, dá quanto?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>Vinte e nove.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Trinta e um, né? ... Como que a gente faz essa conta?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Vinte e cinco.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | [Escreve no quadro a operação: '31 - 5 =', mas não coloca o resultado.]<br><i>Se fosse o mês de trinta dias ia faltar quantos dias?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>  | <i>Hein?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>      | <i>Vinte e cinco.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Ia faltar vinte e cinco. Como é um mês de trinta e um vai faltar quanto?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |

|                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aparecida (56 anos)</b><br><b>Dona Leonídia (73 anos)</b> | [As estudantes respondem juntas e ao mesmo tempo:]<br><i>Vinte e seis.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | <i>Vinte e seus, né? Ó! Vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove, trinta, trinta e um, já passaram cinco dias. Então, faltam vinte e seis dias para o mês acabar. Falta um pouquinho, porque está no comecinho do mês. Então, tá!</i>                                                                                                                                                                                                           |
|                                                              | [A professora escreve o título da próxima atividade no quadro: 'Meses do ano'. Em seguida, pede as estudantes para copiarem o título e os nomes dos meses do ano em seus respectivos cadernos. A medida que escreve o nome de cada mês no quadro, Vanessa pergunta às estudantes se naquele mês havia alguma data comemorativa. Enquanto iniciavam o registro dos meses do ano no caderno, outro diálogo provocado pela professora iniciou-se.] |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | <i>Por que que é importante a gente saber os meses do ano?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>                               | <i>Pra gente saber, ué?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | <i>A gente fez o cartaz dos aniversários, não fez? Esse mês alguém tá fazendo aniversário aqui na sala?</i><br>[Refere-se ao cartaz com a data dos aniversários de cada estudante que está colado na parede lateral da sala.]                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>                               | <i>Eu fazia aniversário, mas é que eu faço aniversário duas vezes.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | <i>Quem mais faz aniversário duas vezes aqui? Lá na outra escola, onde dou aula à noite, o pessoal falou isso também que faz aniversário duas vezes. Nasceu num dia e registrou no outro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>                                   | <i>Coisa boa!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|                                                              | [Empolgadas e alvoraçadas com o assunto, as estudantes começam a conversar e a ter diálogos paralelos entre elas, mas não é possível compreender exatamente o que estão falando.]                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | <i>Então vamos registrar aí os meses do ano no caderno...</i><br>[Espera as estudantes copiarem, do quadro, o título: 'Meses do ano'.]<br><i>Primeiro mês, vamos ver! Janeiro.</i><br>[Escreve o nome do mês 'janeiro' no quadro.]                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>                                   | <i>Janeiro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | [Aponta para o cartaz que está colado na parede lateral da sala e que contém a data de aniversário de todas as mulheres da turma, da professora, do Nelinho e do Luciano.]<br><i>Esse mês não tem aniversariante não? Só o próximo mês, olha lá. Oh! O próximo aniversário é o meu.</i>                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>                               | <i>Você faz aniversário dia doze?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | <i>Faço. Dia doze de abril.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b>                              | <i>A minha filha é dia dezesseis de abril.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | <i>É? Somos amigas de aniversário. Minha mãe faz aniversário esse mês?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>                               | <i>A sua mãe?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | <i>Hum, hum! Dia trinta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>                               | <i>Eu tenho duas filhas que faz aniversário esse mês.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Vanessa (professora)</b>                                  | [Enquanto as estudantes registram em seu caderno o nome do mês, a professora faz a chamada.]<br><i>Então, vamos lá! O primeiro mês do ano é?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

|                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aparecida</b><br>(56 anos)<br><b>Dona Joana</b><br>(63 anos) | [As estudantes respondem juntas e ao mesmo tempo:]<br><i>Janeiro.</i>                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>Quais as datas mais significativas que têm em janeiro que a gente possa falar?</i>                                                                                                                                                                                      |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)                               | <i>Dia primeiro do ano... Dia seis, dia dos santos reis.</i>                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>Isso. Dia seis é dia da Folia de Reis que a igreja celebra.</i>                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)                               | <i>Hum, hum!</i>                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>Tem mais alguma data significativa que, assim, a gente conhece? Janeiro eu acho que não, né? ... Tem muita conta, né? ... IPTU pra pagar.</i><br>[As estudantes gargalham.]<br><i>Quem tem filho tem que comprar material escolar. IPVA. Muita coisa pra pagar, né?</i> |
| <b>Dona Joana</b><br>(53 anos)                                  | <i>É o mês que a gente paga mais coisa.</i>                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>É o mês mais apertado financeiramente.</i>                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)                               | <i>Eu também falo isso.</i>                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Aparecida</b><br>(56 anos)                                   | [Levanta da cadeira e dirige-se ao banheiro. No meio do caminho faz o seguinte comentário:]<br><i>Vou no banheiro. Deixa eu fazer igual as crianças. Eu vou no banheiro.</i>                                                                                               |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)                                | <i>É mesmo. Tem que pagar o IPTU. A gente tem que procurar na prefeitura ou eles manda pra gente?</i>                                                                                                                                                                      |
| <b>Edilsea</b><br>(53 anos)                                     | <i>Eles mandam pra gente.</i>                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)                                | <i>Eles mandam pra gente, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>Geralmente chega, né? ... Na residência.</i>                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos)                              | <i>Parece que foi ontem e tá aí de novo.</i>                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)                                  | <i>Eu tenho dois imóveis.</i>                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>Vocês pagam parcelado ou pagam tudo de uma vez só?</i>                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos)                              | <i>Eu pago tudo de uma vez.</i>                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)                               | <i>Eu pago é na loteria.</i>                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>Ah, sim!</i>                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)                               | <i>Muita coisa cê paga na loteria, conta de luz, conta de água...</i>                                                                                                                                                                                                      |
|                                                                 | [Durante o registro dos próximos meses, a professora foi na carteira de cada estudante para conferir se elas estavam copiando as palavras do quadro de maneira correta.]                                                                                                   |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)                                | <i>Eu casei em novembro.</i>                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>É, Dona Idalina? Em novembro? Há quantos anos?</i>                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)                               | <i>Eu casei em janeiro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | [Dirige-se à Dona Idalina e pergunta:]<br><i>Há quantos anos a senhora casou, a senhora lembra?</i>                                                                                                                                                                        |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)                                | <i>Eu não sei.</i>                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)                                  | <i>A senhora tinha quantos anos?</i>                                                                                                                                                                                                                                       |

|                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Eu tinha dezesseis.</i>                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Nossa! Cê casou novinha!</i>                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Ainda não tinha completo não. Deve ter quase uns..., sei lá!</i>                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>A senhora teve o primeiro filho da senhora com quantos anos?</i>                                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Eu casei em novembro. Eu tive o meu primeiro filho, eu acho que com uns dois meses.</i>                                                                                                                                                                                             |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Gente, era muito novinha, né?</i>                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)  | <i>A minha menina casou com dezesseis anos, nós teve que assinar pra ela casar.</i>                                                                                                                                                                                                    |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Sua menina casou com dezesseis?</i>                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)  | <i>Casou. Ela não tinha dezesseis ainda.</i>                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Gente, é muito novinha! Eu tô com vinte e oito e não casei.</i>                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos)  | <i>Ela já fez trinta anos. Vai fazer agora dia vinte e seus de março. O menino dela vai fazer quinze anos, no dia dez de março.</i>                                                                                                                                                    |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Gente! Olha só!</i>                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Dona Terezinha</b><br>(64 anos) | [Olha para a professora e pergunta:]<br><i>Você faz quando?</i>                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Eu faço em abril, vou fazer vinte e nove.</i>                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Edilsea</b><br>(53 anos)        | <i>Mas, antigamente, as moças casavam muito novinhas, né? ... Tem uma tia minha lá que ela casou com quinze também. Tem uma outra lá, tia do meu pai, que casou com treze.</i>                                                                                                         |
| <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)     | <i>Eu tive filho com dezoito anos.</i>                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Mas, eu não combinava com a minha madrasta. Ela me dava uma coça por dia.</i>                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Você morava com ela?</i>                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Não, a minha madrasta.</i>                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Aí a senhora ia casar pra sair de casa.</i>                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Eu não queria. A minha madrasta me dava uma coça por dia. De verdade, eu não queria casar não. O rapaz que eu namorava, que eu queria casar, ele era mais velho do que eu dois anos, sabe? Ai, apareceu um partido bom que eles falavam. Ai, meu pai fez o casamento arranjado.</i> |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>Nosso Deus do céu!</i>                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>Tá?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)     | <i>E a senhora foi feliz no casamento?</i>                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Aparecida</b><br>(56 anos)      | <i>Antigamente, tinha muito casamento arranjado.</i>                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)   | <i>É...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|                                    | [Dona Idalina continua contando sobre seu relacionamento e Dona Leonídia interrompe a conversa para tirar uma dúvida com a professora sobre uma letra que estava registrada no quadro. Em seguida, Dona Idalina continua seu relato:]                                                  |

|                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)  | <i>Quer que eu te falo pro cê? Quer dizer, meu casamento não foi ruim assim. Faltou amor, né? ... Mas, ele me deixou quatro filhos. Hoje eu tenho três, porque a outra, né? ... Me deixou uma casinha, deixou uma pensão pra mim. Depois veio os netos, bisnetos...</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Mas, antigamente, era assim mesmo.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)  | <i>Mas, se eu conhecer ele na próxima reencarnação, eu caso com ele de novo...</i><br>[Gargalhada de Dona Idalina.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Ah, é? Então, valeu a pena?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)  | <i>Valeu.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|                                   | [Após escrever os nomes de todos os meses do ano no caderno, cada estudante circula o mês em que faz aniversário, à pedido da professora. Em seguida, lhes foi pedido que consultassem suas memórias e compartilhassem com toda a turma uma data que as tenha marcado positivamente ou negativamente.]                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>É pra circular o mês do aniversário de vocês.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Aparecida</b><br>(56 anos)     | <i>Só o mês?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Só o mês.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Aparecida</b><br>(56 anos)     | <i>Não é o dia, não?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Não. É circular aqui...</i><br>[Aponta para o quadro e mostra o nome dos meses que estão registrados.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Aparecida</b><br>(56 anos)     | <i>Circular de lápis de cor?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>É. Quem faz em janeiro, circula janeiro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Aparecida</b><br>(56 anos)     | <i>Eu faço em novembro.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Dona Joana</b><br>(63 anos)    | <i>Ju-nho.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| <b>Aparecida</b><br>(56 anos)     | <i>Sá da gente?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Só.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos) | <i>Aí eu vou circular março ou abril?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Que dia que a senhora comemora?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos) | <i>Lá em casa, eles comemora é em Março.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Março? Que privilégio comemorar dois dias de aniversário.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|                                   | [A professora Vanessa espera as estudantes terminarem de circular os meses em que fazem aniversário para, em seguida, anunciar a próxima atividade.]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Pra terminar, agora nós vamos consultar as nossas memórias. Tem certas datas que marcam a vida da gente. Todo mundo tem uma data que não esquece. Uma data que marcou, não tem? Então, vocês querem falar essas datas que marcaram? Pode ser data feliz, pode ser uma data que não foi tão feliz, assim ... Deixa eu começar por mim. Deixa eu pensar numa data que marcou recente... O nascimento do meu sobrinho, ele fez três aninhos. Foi uma data, assim, muito feliz, porque é o primeiro neto, é o primeiro sobrinho. Então, assim, ele chegou cheio de...</i> |
| <b>Dona Leonídia</b><br>(73 anos) | <i>Xodó.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Vanessa</b><br>(professora)    | <i>Cheio de vida, né? ... Essa foi uma data que marcou muito. Quem quer falar uma data, assim, que lembra, assim ... Dia e que marcou?</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Dona Idalina</b><br>(74 anos)  | <i>Quinze de julho.</i>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Quinze de julho, de qual ano?</i>                                                                                                                                                                              |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>É... Essa data tem onze anos e seis meses.</i>                                                                                                                                                                 |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Onze anos? Quinze de julho. O que aconteceu? A senhora quer falar?</i><br>[Movimenta a cabeça negativamente respondendo à pergunta da professora.]<br><i>Não quer falar?</i>                                   |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Eu vou falar.</i>                                                                                                                                                                                              |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Então, eu vou ficar curiosa. Fala Dona Idalina? ... Quinze de julho, há onze anos atrás, uma data que marcou a senhora.</i>                                                                                    |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Maio pra mim não foi bom, porque eu quebrei as duas pernas.</i>                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Do ano passado?</i>                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Não, tem vinte e nove anos.</i>                                                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Ah, sim! Então, o mês de maio marcou a senhora por isso.</i>                                                                                                                                                   |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>É. Véspera do dia das mães.</i>                                                                                                                                                                                |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>O que aconteceu que a senhora quebrou?</i>                                                                                                                                                                     |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Quando eu lá ia pro serviço, o carro me atirou da bicicleta no chão. Eu ficava dez dias em casa e o resto no hospital. A [perna] esquerda eu quebrei em três lugar. A [perna] direita eu tenho seis pinos.</i> |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Então, o mês de maio. Mais alguém quer falar, uma data que marcou?</i>                                                                                                                                         |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>Eu foi dia... Se eu for falar tem muitas.</i>                                                                                                                                                                  |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Muitas, né?</i>                                                                                                                                                                                                |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>Mas, assim, dia dezesseis de abril, quando eu fui ganhar neném, eu fiquei o dia inteiro...</i>                                                                                                                 |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>De qual ano que foi?</i>                                                                                                                                                                                       |
| <b>Dona Terezinha (64 anos)</b> | <i>Ela vai fazer quarenta e um anos agora, dia dezesseis de abril.</i>                                                                                                                                            |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Abril pra mim já é uma data especial, porque foi o meu casamento.</i>                                                                                                                                          |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Foi o casamento da senhora, né? ... Foi em dois mil e?</i>                                                                                                                                                     |
| <b>Dona Joana (63 anos)</b>     | <i>Dezenove de abril, há três anos atrás</i>                                                                                                                                                                      |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Dois mil e quinze, né?</i>                                                                                                                                                                                     |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>Eu conheci uma pessoa...</i>                                                                                                                                                                                   |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Nessa data?</i>                                                                                                                                                                                                |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>   | <i>Nessa data... Mas, foi tão lindo, foi tão maravilhoso!</i>                                                                                                                                                     |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>E essas datas ficam mesmo na memória da gente. Não saem, né? ... Mais alguém? Dona Leonídia, tem alguma data que marcou a senhora?</i>                                                                         |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>  | <i>Ah, tem, boba! Sempre tem.</i>                                                                                                                                                                                 |
| <b>Vanessa (professora)</b>     | <i>Sempre tem, né?</i>                                                                                                                                                                                            |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b>  | <i>A melhor coisa que me marcou, que eu fui muito feliz, foi o dia que nasceu a minha primeira filha.</i>                                                                                                         |

|                                |                                                                                                                                                 |
|--------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>Qual data que foi?</i>                                                                                                                       |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b> | <i>Trinta de abril.</i>                                                                                                                         |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>Trinta de abril, foi uma data especial pra senhora.</i>                                                                                      |
| <b>Dona Leonídia (73 anos)</b> | <i>Trinta de julho, eu falei errado. Mas, foi muito bom! Ela vai fazer cinquenta anos agora, dia trinta.</i>                                    |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>Nossa! ... Filho é bom, né? ... E você?</i><br>[Dirige a pergunta para Edilsea.]                                                             |
| <b>Edilsea (53 anos)</b>       | <i>Com tudo, foi a chegada da Heloísa.</i><br>[Refere-se a data de nascimento da sobrinha.]                                                     |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>Chegada da Heloísa?</i>                                                                                                                      |
| <b>Edilsea (53 anos)</b>       | <i>Em outubro.</i>                                                                                                                              |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>É? Ela é vida, né? ... Criança transforma a vida da gente.</i>                                                                               |
| <b>Edilsea (53 anos)</b>       | <i>Eu a vi e pronto...</i><br>[Edilsea gargalha.]                                                                                               |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>Aí se apaixonou. A Heloísa vai fazer, sete?</i>                                                                                              |
| <b>Edilsea (53 anos)</b>       | <i>Oito.</i>                                                                                                                                    |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>Vai fazer oito já, né? ... Mais alguém quer falar?</i>                                                                                       |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>     | <i>O dia que a minha neta nasceu.</i>                                                                                                           |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>Ela vai fazer quantos anos?</i>                                                                                                              |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>     | <i>Dez.</i>                                                                                                                                     |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>Dez? Eu acho que ela parece tanto com a senhora!</i>                                                                                         |
| <b>Aparecida (56 anos)</b>     | <i>Ontem ela falou: 'É, o dia do meu aniversário tá chegando'.</i>                                                                              |
| <b>Dona Idalina (74 anos)</b>  | [Interrompe a fala da Aparecida.]<br><i>Esse relacionamento meu... [Inaudível.]</i>                                                             |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>E a Dona Cecília?</i>                                                                                                                        |
| <b>Dona Cecília (91 anos)</b>  | <i>O meu aniversário.</i>                                                                                                                       |
| <b>Vanessa (professora)</b>    | <i>O seu aniversário? ... Então, é isso! ... Quarta-feira, a gente vai falar de outra unidade de medida de tempo: que são as horas, tá bom?</i> |

## ANEXOS

### ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética na Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Apropriação de práticas de numeramento por educandas idosas da EJA

**Pesquisador:** Maria da Condição Ferreira Reis Fonseca

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 82167817.1.0000.5149

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.510.521

##### Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa tem como objetivo compreender os processos de apropriação de práticas de numeramento escolares protagonizados por mulheres idosas estudantes da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA), considerando-os como instâncias de sua constituição como sujeitos de direitos, de aprendizagens e de cultura. A escola selecionada deverá ter como alunas, na modalidade de EJA, mulheres idosas com idade igual

ou superior a 60 anos. Durante a análise, serão mobilizados os conceitos de envelhecimento, apropriação e práticas de numeramento, levando em consideração seus aspectos relacionais. Indica-se a abordagem etnográfica como orientação metodológica. Serão utilizados como técnica de pesquisa a observação participante, com gravações em áudio e vídeo, os apontamentos em caderno de campo e as entrevistas semiestruturadas.

Pretende-se, com o estudo, contribuir com novos olhares para a relação entre envelhecimento e apropriação de práticas de numeramento e como essa relação se constitui para/os estudantes que estão na Terceira Idade.

##### Objetivo da Pesquisa:

Segundo o pesquisador tem-se:

Objetivo Primário: Compreender os processos de apropriação de práticas de numeramento escolares protagonizados por mulheres idosas estudantes da Educação de Pessoas Jovens e

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005  
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901  
UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 2.510.521

Adultas (EJA), considerando-os como instâncias de sua constituição como sujeitos de direitos, de aprendizagens e de cultura.

Objetivo Secundário:

1. Identificar as expectativas em relação à escolarização das mulheres idosas já inseridas no espaço escolar.
2. Analisar como mulheres idosas, uma vez estudantes da Educação Básica, se assumem como sujeitos de direito à aprendizagem nas atividades que desenvolvem na escola e, em especial, nas aulas de matemática.
3. Identificar modos de apropriação das práticas de numeramento escolares por mulheres idosas, nos posicionamentos discursivos assumidos por elas nas interações que ocorrem no contexto escolar.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo o pesquisador tem-se:

Riscos: Os riscos são mínimos improváveis. Existe a possibilidade de riscos morais e psicológicos, uma vez que a exposição da imagem e de informações pessoais. Durante a observação e durante as entrevistas poderá acontecer algum tipo de constrangimento ou desconforto ao responder ou falar alguma coisa perto da pesquisadora ou o risco de exposição com a presença da câmera de vídeo. A fim de minimizar tais riscos, a pesquisadora agirá de maneira respeitosa e ética independente das opiniões ou posicionamentos que a pesquisa assumir e tomará todos os cuidados para que a sua presença interfira o mínimo possível em sua rotina. As aulas serão assistidas pelo período de um ano para que as pesquisadas possam se acostumar com a presença da pesquisadora e ela apenas gravará e filmará as falas com a autorização dos sujeitos investigados. Todas as ações da pesquisa serão comunicadas com antecedência para que seja autorizada sua realização ou o sujeito tenha a opção de não autorizar ou interromper sua participação. Ainda assim, caso haja danos decorrentes da pesquisa, as pesquisadoras assumirão as responsabilidades pelos mesmos. As pesquisadoras irão tratar a identidade dos sujeitos com padrões profissionais de sigilo e em hipótese alguma eles serão identificados em qualquer publicação que possa resultar deste estudo. A participação das pesquisadas será confidencial. Apenas as pesquisadoras responsáveis terão acesso à sua identidade.

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad Sl 2005  
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901  
UF: MG Município: BELO HORIZONTE  
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 2.510.521

**Benefícios:** Esta pesquisa pretende levar a escola uma visão diferenciada a respeito da temática, com uma maior compreensão sobre a relação que mulheres idosas estudantes da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) estabelecem com a escola, dando uma visibilidade maior para esse público. Trazer algumas reflexões sobre o ensino e a aprendizagem da matemática escolar voltados para pessoas idosas. Trazer algumas reflexões sobre a vivência dessas mulheres idosas com a matemática escolar. Trazer contribuições também ao campo da Educação Matemática e aos estudos sobre envelhecimento e educação, além da possibilidade de novos olhares sobre as estudantes idosas, pouco investigadas, que estão cada vez mais ativas e em maior número no espaço escolar.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Não há comentários.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados:

Projeto, parecer consubstanciado, folha de rosto, TCLE, termo de anuência e roteiro de entrevista.

**Recomendações:**

Recomendo aprovação.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o COEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                 | Arquivo                                           | Postagem               | Autor | Situação |
|--------------------------------|---------------------------------------------------|------------------------|-------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P<br>ROJETO_1049716.pdf | 18/12/2017<br>11:20:24 |       | Aceito   |

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S1 2005  
 Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901  
 UF: MG Município: BELO HORIZONTE E-mail: coep@prpq.ufmg.br  
 Telefone: (31)3409-4592

Continuação do Parecer: 2.510.521

|                                                           |                                             |                        |                                            |        |
|-----------------------------------------------------------|---------------------------------------------|------------------------|--------------------------------------------|--------|
| Outros                                                    | Roteiro_Entrevista.pdf                      | 18/12/2017<br>11:18:47 | FLAVIA CRISTINA<br>DUARTE POSSAS<br>GROSSI | Aceito |
| TGLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_Consentimento_Livre_E_Esclarecido.pdf | 18/12/2017<br>11:17:19 | FLAVIA CRISTINA<br>DUARTE POSSAS<br>GROSSI | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | Projeto_Pesquisa.pdf                        | 18/12/2017<br>11:16:44 | FLAVIA CRISTINA<br>DUARTE POSSAS<br>GROSSI | Aceito |
| Parecer Anterior                                          | Parecer_Projeto.pdf                         | 18/12/2017<br>11:16:16 | FLAVIA CRISTINA<br>DUARTE POSSAS<br>GROSSI | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores                               | Termo_Compromisso.pdf                       | 18/12/2017<br>11:15:33 | FLAVIA CRISTINA<br>DUARTE POSSAS<br>GROSSI | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura                | Termo_Anuencia.pdf                          | 18/12/2017<br>11:14:54 | FLAVIA CRISTINA<br>DUARTE POSSAS<br>GROSSI | Aceito |
| Folha de Rosto                                            | Folha_Rosto.pdf                             | 18/12/2017<br>11:13:55 | FLAVIA CRISTINA<br>DUARTE POSSAS<br>GROSSI | Aceito |
| Outros                                                    | 821678171aprovacaoassinada.pdf              | 23/02/2018<br>15:26:02 | Vivian Resende                             | Aceito |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BELO HORIZONTE, 23 de Fevereiro de 2018

Assinado por:  
Vivian Resende  
(Coordenador)

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos, 6627 2º Ad S1 2005  
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901  
UF: MG Município: BELO HORIZONTE E-mail: coep@prpq.ufmg.br  
Telefone: (31)3409-4592

## ANEXO B – Calendário referente ao mês de março de 2018

| Domingo | Segunda-feira | Terça-feira | Quarta-feira | Quinta-feira | Sexta-feira | Sábado |
|---------|---------------|-------------|--------------|--------------|-------------|--------|
|         |               |             |              | 1            | 2           | 3      |
| 4       | 5             | 6           | 7            | 8            | 9           | 10     |
| 11      | 12            | 13          | 14           | 15           | 16          | 17     |
| 18      | 19            | 20          | 21           | 22           | 23          | 24     |
| 25      | 26            | 27          | 28           | 29           | 30          | 31     |

Calendários Michel Zbinden

Fonte: Diário de campo da pesquisadora na aula do dia 05/03/2018.